

Ciscos e Traves

Uma Teoria Neo-Junguiana de Personalidade

* * *

Ciscos e Traves

Uma Teoria Neo-Junguiana de Personalidade

* * *

Michael Pierce



Copyright © 2020 Michael Pierce

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou usada de qualquer maneira sem permissão por escrito do proprietário dos direitos autorais, exceto para o uso de citações em uma análise do livro.

Tradução do livro feita por
Nicolas Kramer, ou “NicKr”.

O livro “Motes and Beams” do Michael Pierce é incrivelmente perspicaz, e poder traduzi-lo é uma honra. Também me deu a oportunidade de conversar com o autor, onde ele mesmo *autorizou* esta tradução. Eu agradeço imensamente ao Michael Pierce e todo o seu trabalho. Quem não me conhece, sou o NicKr. Tenho um canal no YouTube sobre Tipologia Junguiana, onde faço vídeos sobre a teoria e as 16 personalidades usando este livro como base.

Este livro é extremamente profundo e você talvez se sinta sobrecarregado de informações no início. Porém, afirmo que vale muito a pena, e ao longo do tempo com várias lidas você entenderá todos os conteúdos aqui contidos. Boa leitura!

https://www.youtube.com/NicKr_YT

Para Pai e Mãe, Irmãos e Irmãs,
e Hyrum

Conteúdo

Prefácio	<u>ix</u>
Introdução	<u>xiii</u>
Capítulo 1 : Objeto <i>versus</i> Sujeito	<u>3</u>
Capítulo 2 : Funções e Eixos	<u>23</u>
Capítulo 3 : Feminino <i>versus</i> Masculino	<u>45</u>
Capítulo 4 : Os Quatro Temperamentos	<u>73</u>
Capítulo 5 : Inconsciente <i>versus</i> Consciente	<u>105</u>
Capítulo 6 : Posições e Oposições	<u>128</u>
Capítulo 7 : Os Dezesesseis Tipos	<u>145</u>
7A: Tipos Monárquicos	148
7B: Tipos Democráticos	168
7C: Tipos Teocráticos	190
7D: Tipos Anárquicos	213
Capítulo 8 : Apêndices	<u>238</u>
Obras Citadas	<u>256</u>

Prefácio

No prefácio de *Tractatus Logico Philosophicus* de Ludwig Wittgenstein, o lógico austríaco nota: “é indiferente para mim se o que eu pensei já foi pensado antes de mim por outro. Mencionarei apenas que às grandes obras de Frege e aos escritos de meu amigo Bertrand Russell devo em grande medida o estímulo de meus pensamentos.” Uso exatamente essas mesmas palavras, exceto que, no meu caso, reconheço as obras de Carl Jung, Isabel Myers e seus intérpretes modernos Ryan Smith, Eva Gregersen e Sigurd Arild como os pais intelectuais de minhas ideias. Uma série de agradecimentos secundários — família extensa, se preferir — são dados no Apêndice C.

Wittgenstein fez outro comentário em seu prefácio: “Quanto mais perto do centro a flecha atingir o alvo. — Aqui estou consciente de que fiquei muito aquém do possível. Simplesmente porque meus poderes são insuficientes para lidar com a tarefa. — Que venham outros e façam melhor.” Cito aqui Wittgenstein com seriedade: estou tão confiante nos pontos fortes deste livro quanto estou ansioso em suas deficiências. Quais são essas deficiências?

Minha mãe costumava fazer grandes colchas de retalhos, por meses ou até anos de cada vez. Cada quadrado do serviço feito acabava representando uma hora, dia ou semana diferente de trabalho: eram um diário de sua vida. Este livro é muito parecido com suas colchas: agora é um trabalho de mais de três anos e, embora eu tenha me esforçado para tecê-lo em um todo, temo que seja, no final, apenas um conglomerado de retalhos de diferentes meses e humores: um casaco desgastado consertado com um pano novo, de modo que ambos foram totalmente arruinados. No entanto, devo deixar esse julgamento para o leitor, pois muitas vezes acontece que a pedra desprezada pelo construtor se torna a base importante de uma grande construção.

A parte mais ofensiva para mim é provavelmente a mais sutil para o leitor: o próprio espírito do livro como um todo. Quando comecei a escrever este livro, pretendia ser um manual muito

simples, intitulado algo como “Um Guia de Campo para Personalidades Neo-Junguianas”. Desde então, cresceu em algo mais (ou talvez menos) do que isso. Como Íon diante do filósofo Sócrates, sou forçado a perceber que minha ideia seria natimorta se não fosse pelo Pai de seu espírito: Ele dotou-o de uma vida própria, uma vida que eu não sou mais qualificado do que o leitor para compreender plenamente. Eu misturei minha tinta com intuição — talvez eu misturei demais. Sinto-me como um homem que, no meio de uma investigação de negócios para uma nobre, de repente percebe que está escrevendo uma carta de amor. Este livro é uma inesperada carta de amor à psique humana.

Estou cheio de uma apreciação pela beleza dos seres humanos, em cada destaque e sombra. Este livro é um hino disfarçado às maravilhas que vejo na humanidade. Quando olho para as estrelas e depois para a terra, fico cheio de boa vontade e um hálito refrescante enche meu espírito. Uma luz divina tenta brilhar através de mim, como brilha através das alfinetadas no céu da noite; eu acho que quer dizer, como Clemente disse aos Coríntios: “Nenhuma língua pode dizer a que altura o amor pode nos elevar. O amor nos une rapidamente a Deus. O amor lança um véu sobre inumeráveis pecados... Imploramos e imploremos à Sua misericórdia para que sejamos purgados de todas as preferências terrenas por este ou aquele homem, e sejamos achados irrepreensíveis no amor”.¹

Talvez meu desejo de amar a humanidade, tão descaradamente, esteja fora de moda; talvez nunca tenha estado realmente na moda. Como meu casaco manchado sugere, não sou um homem elegante — muitas vezes me sinto um homem fora do tempo — e sei que *pareço* fora de lugar. Tudo o que posso pedir é que o leitor seja gentil com um jovem velho apaixonado.

Em todo caso, como disse uma vez um amigo, “basta recolher estas páginas: talvez eu tenha conseguido...”²

¹ “First Epistle of Clement to the Corinthians,” ¶49-50

² Nietzsche, *Ecce Homo*, Foreword, §2 (trad. do autor)

Não julgueis, para que não sejais julgados. Porque com o juízo com que julgardes, sereis julgados; e com a medida com que medirdes, vos será medido. E por que vês o cisco no olho de teu irmão, mas não reparas na trave que está no teu? Ou como dirás a teu irmão: Deixa-me tirar o cisco do teu olho; e eis que há uma trave no teu próprio olho? Hipócrita, tira primeiro a trave do teu próprio olho; e então verás claramente para tirar o cisco do olho de teu irmão.

— Jesus of Nazareth, *Matthew* 7:1-5, KJV

A história da filosofia é em grande parte a de um certo choque de temperamentos humanos... Qualquer que seja o temperamento de um filósofo profissional, ele tenta, ao filosofar, afundar o fato de seu temperamento. O temperamento não é uma razão convencionalmente reconhecida, então ele insiste em razões impessoais apenas para suas conclusões. No entanto, seu temperamento realmente lhe dá um viés mais forte do que qualquer uma de suas premissas mais estritamente objetivas. Ele carrega as evidências para ele de uma forma ou de outra... Ele confia em seu temperamento... Ele sente que homens de temperamento oposto estão fora de sintonia com o caráter do mundo, e em seu coração os considera incompetentes e “por fora”, ...

No entanto, no fórum, ele não pode reivindicar, com base em seu temperamento, discernimento ou autoridade superior. Surge assim uma certa insinceridade em nossas discussões filosóficas: a mais forte de todas as nossas premissas nunca é mencionada.

— William James, *Pragmatism*, p. 3

...a maior parte do pensamento consciente de um filósofo é secretamente guiado e forçado a certos canais por seus instintos. Por trás de toda lógica e de sua aparente soberania de movimento também estão as valorações ou, mais claramente, as exigências fisiológicas para a preservação de um certo tipo de vida.

...os mais diversos filósofos continuam preenchendo um esquema fundamental definido de filosofias possíveis. Sob um feitiço invisível, eles sempre giram mais uma vez na mesma órbita; por mais independentes uns dos outros que possam sentir-se [ser]... algo dentro deles os conduz, algo os impele em uma ordem definida, um após o outro — a saber, a estrutura sistemática inata e a relação de seus conceitos. Seu pensamento é, de fato, muito menos uma descoberta do que um reconhecimento, uma lembrança...

— Friedrich Nietzsche, *Beyond Good and Evil*, §3 & §20

Introdução

Tenho vindo a acreditar que nossa capacidade natural de paciência e misericórdia é grandemente auxiliada por uma apreciação pelos diferentes temperamentos humanos. Muita confusão e dor, especialmente dentro de nossas próprias famílias, podem ser aliviadas quando entendemos, com clareza, que *muitas pessoas não pensam como nós*.

Todos nós já conhecemos alguém que nos irritou bastante, cujos comportamentos, ou o próprio “jeito” da pessoa, nos pareceram hostis; talvez um colega de quarto, um colega de trabalho, um superior, um pai, um irmão ou até mesmo um cônjuge. No entanto, muitas vezes temos problema para identificar o que exatamente estava “estranho” sobre a pessoa, sobre o que *especificamente* nos irritou. Damos a eles rótulos rápidos — “preguiçosos”, “indiferentes”, “julgadores” — mas esses nos parecem insuficientes e, à medida que mais evidências se acumulam, somos forçados a aceitar que a “estranheza” da pessoa é muito mais sutil do que temos linguagem para expressar. Muitas vezes, recuamos do assunto, dizendo: “Bem, todo mundo é único”, mas isso ainda não oferece explicação para *como* todos são únicos, ou *quais* outras maneiras de pensar existem, muito menos a nossa. E, na minha experiência, tal resignação, sendo vazia de conteúdo, cultiva o próprio esnobismo que procurava evitar. Enquanto não tivermos um sistema ou estrutura intencional para *contrastar* e, assim, apreciar verdadeiramente outros métodos de pensamento de maneira organizada, torna-se muito mais fácil presumir, inconscientemente, que aqueles que não pensam como nós estão atrás da curva que já contornamos. Especialmente na filosofia e na espiritualidade, descobriremos (ou melhor, reconheceremos) alguma ideia ou doutrina que ressoe perfeitamente com nosso temperamento e, supondo que todos os

homens sejam feitos à nossa imagem, trataremos ela como uma lei universal. Então somos como pinguins ensinando emas a nadar; preferimos deixar as emas se afogarem do que admitir que nossa suposta superioridade quantitativa é realmente uma diferença qualitativa.

A escolha não é *se* devemos dar um sentido ordenado à personalidade, mas *como* o faremos. Rejeitar uma compreensão mais formal da personalidade não nos impede de tipificar os outros; nós apenas persistimos em métodos primitivos de fazê-lo. Ouvi muitos argumentarem que um sistema formal de personalidade impede o próprio tipo de apreciação que busca, porque simplifica demais as coisas, forçando círculos em buracos octogonais. Tal visão pressupõe que uma apreciação cada vez mais nítida de distinção equivale a uma maior apreciação do indivíduo como tal. Mas me parece que, na prática, dar a cada indivíduo sua própria categoria individual é o mesmo que dar a todos a mesma categoria. Nós os encurralamos todos juntos e os rotulamos de “indivíduos diversos”. A individualidade na verdade se perde em si mesma, como flocos de neve em montes de neve ou blips na estática da televisão. Como disse Hegel, “quando digo ‘todos os animais’, essa expressão não pode passar por uma zoologia...”¹ Não podemos apreciar plenamente as espécies sem apreciar seus gêneros. E isso é simplesmente porque compreendemos as coisas através do contraste. Podemos olhar para dados brutos pelo tempo que quisermos; ela não terá nenhum significado até que distingamos *essa* metade *daquela*. Este é um processo árduo e repleto de erros, mas, até lá, os dados permanecem uma massa onipresente, uma distorção estática, uma desculpa para o preconceito. Nas palavras de Jung,

O ideal e o objetivo da ciência não consistem em dar a descrição mais exata possível dos fatos — a ciência não pode competir como instrumento de registro com a câmera e o gramofone — mas em estabelecer certas leis, que são apenas expressões abreviadas para os diversos processos que ainda são concebidos para serem de alguma forma correlacionados. O objetivo vai além do puramente empírico por meio do

¹ *Phenomenology of Spirit*, §20

conceito, que, embora possa ter validade geral e comprovada, será sempre produto da constelação psicológica subjetiva do investigador... A exigência de que ele veja apenas objetivamente está fora de questão, pois é impossível. Devemos ficar satisfeitos se ele não vê *muito* subjetivamente.²

O que este livro apresenta é uma teoria cognitiva, não comportamental. Quaisquer exemplos de comportamento dados neste trabalho devem revelar um processo de pensamento subjacente ou cognição *por trás* do comportamento, e não o contrário. O mesmo tipo de ação pode resultar de motivações diferentes; inversamente, ações diferentes podem ter motivações semelhantes. Mas não estou descrevendo nem a ação nem a motivação; em vez disso, estou explicando uma série de *pressupostos filosóficos fundamentais*, que fazem a mediação entre nossos motivos e ações. Como Stagner colocou: “Existem certas *variáveis intermediárias* entre o estímulo e a resposta que afetam a natureza do padrão de comportamento final.”³ Esses preconceitos filosóficos são reguladores, tecidos em nossas estratégias para manter e preservar um certo tipo de vida mental. Assim, descobri-los é enfrentar uma ameaça existencial; de fato, para ser honesto, devo ir tão longe a ponto de sugerir que quem não está chocado com esta teoria não a compreendeu.⁴

Isso não é, no entanto, porque eu afirmo (como muitos psicólogos) contornar o livre arbítrio e a individualidade dos outros. Ao contrário, não posso prever *o que* alguém fará, mas apenas *como* chegará à sua decisão. Consequentemente, o leitor deve entender que não posso (e certamente não desejo) aspirar aos padrões e tipos de precisão esperados da ciência moderna, pois a ciência moderna exige corretamente que uma entidade teorizada tenha interações previsíveis e mensuráveis com externalidades específicas, por exemplo, que demonstre padrões de sintomas

² *Psychological Types*, p. 8-9

³ *Psychology of Personality*, p. 7

⁴ Eu ia atribuir esse ditado a Niels Bohr, apenas para descobrir que, ao contrário da crença popular, não há provas concretas de que ele realmente disse isso. Veja David Mermin, *Boojums All the Way Through*, Cambridge UP (1900), p. 186-87.

mensuráveis. Mas minha teoria é explicitamente divorciada de comportamentos confiáveis ou necessários, de modo que dificilmente pode satisfazer as demandas da ciência. Como, por exemplo, a ciência pode examinar o amor de um cônjuge? Ao reduzi-lo aos seus objetos observáveis, aos seus comportamentos e sintomas, aos elementos que são (espero) reproduzíveis em qualquer laboratório padrão; por exemplo, a entrega de certos presentes, a pronúncia de certas palavras e frases, certas contrações e reflexos do rosto, certas flutuações de batimentos cardíacos, etc. Mas tais coisas são acidentais à *experiência subjetiva* do amor; disso, a ciência, sendo objetiva, não pode dizer nada em seus próprios termos. Como o Rei Leer, ele se apaixona pela postura de Goneril e Regan, e compreende totalmente mal a interioridade de Cordelia.⁵ Para citar Jung novamente,

...quanto da psicologia real do homem pode ser experimentada e observada como fatos quantitativamente mensuráveis? Tais fatos existem... Mas qualquer um que tenha examinado mais profundamente a natureza da psicologia... também terá percebido que um método experimental nunca conseguirá fazer justiça à natureza da psique humana, nem jamais projetará algo parecido com uma imagem verdadeira dos fenômenos psíquicos mais complexos.

Mas, uma vez que deixamos o domínio dos fatos mensuráveis, somos dependentes de *conceitos*, que agora devem assumir o papel de medida e número. A precisão que a medida e o número emprestam ao fato observado só pode ser substituída pela *precisão do conceito*... o conceito de sentimento [por exemplo] expressa algo característico que, embora não suscetível de medição quantitativa, mesmo assim existe de maneira palpável.⁶

No entanto, como um filósofo muito mais velho observou,

⁵ No entanto, não desejo desencorajar os esforços de teóricos (como Juan Sandoval) para superar esse problema vinculando tipo a fatores objetivos e mensuráveis, como expressões faciais. Veja *Cognitive Type* de Sandoval, Nemvus Productions (2016).

⁶ *Psychological Types*, p. 408-9

Nossa discussão será adequada se tiver tanta clareza quanto o assunto permite, pois a precisão não deve ser buscada da mesma forma em todas as discussões, mais do que em todos os produtos dos ofícios... Devemos contentar-nos, portanto, em falar de tais assuntos e com tais premissas para indicar a verdade grosseiramente e em linhas gerais, e em falar de coisas que são apenas na maior parte verdadeiras e com premissas do mesmo tipo para chegar a conclusões que não são melhores... é a marca de um homem educado procurar precisão em cada classe de coisas até onde a natureza do assunto admite; é evidentemente igualmente tolo aceitar o raciocínio provável de um matemático e exigir de um retórico provas científicas.⁷

A interioridade de Cordelia deve ser abordada de forma subjetiva; isto é, por intuição, empatia, feliz coincidência de experiências internas, etc. Idealmente, o leitor estará convencido de minhas ideias na medida em que ele veja e experimente as mesmas coisas que eu descrevo (ou tento descrever) aqui. Nisso, estamos sujeitos a erros não menos graves do que aqueles que assombram a abordagem objetiva — provavelmente, a erros ainda piores (veja o Apêndice B). No entanto, é a única abordagem que vejo capaz de abordar toda a complexidade da psicologia humana. Assim, escrevo como filósofo, ou, no máximo, como psicanalista, e *não* como psicólogo moderno e científico.

Duvido que tenha escapado ao leitor que eu mesmo tenha fortes preferências do tipo que pretendo analisar. Isso é inevitável. Devemos recorrer a uma forma de “perspectivismo”, ou seja, uma dialética e diálogo que explore nossa psicologia humana de *dentro dela*. Somos como prisioneiros, presos em celas separadas, colaborando através das paredes da planta da prisão. Este livro é minha contribuição para tal planta, mas só vem de minha própria cela e está sujeito a todas as deturpações e mal-entendidos esperados de uma perspectiva limitada e relativa. Como Jung observou de Friedrich Schiller,

...devemos lembrar que o próprio Schiller pertencia a um tipo definido e, portanto, foi compelido, mesmo a

⁷ Aristotle, *Nicomachean Ethics*, Book I, chap. 3; 1094b (p. 936, ênfase do autor)

contragosto, como eu, a fazer uma apresentação unilateral de suas ideias. As limitações de nossos pontos de vista e de nosso conhecimento são em nenhum lugar mais aparentes do que nas discussões psicológicas, onde é quase impossível para nós projetar qualquer outra imagem além daquela cujos contornos principais já estão estabelecidos em nossa própria psique.⁸

Sou mais otimista do que Jung aqui sobre nossa capacidade de descrever um ao outro; no entanto, insisto que outros livros, como este, são necessários de outras perspectivas para contrabalançar a minha. Essa admissão de insuficiência talvez seja de algum conforto para o leitor que, embora minhas convicções sejam para ele como unhas em um quadro-negro, já desenvolveu paciência suficiente para ficar comigo até aqui.

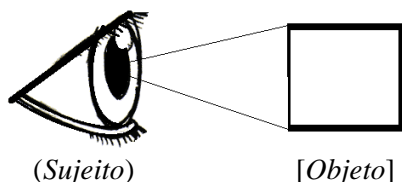
⁸ *Psychological Types*, p. 68

Cisco's Traves

Capítulo 1:

Objeto *versus* Sujeito

Carl Jung foi o inventor dos termos “introvertido” e “extrovertido”, mas deu a eles significados muito diferentes e mais profundos do que agora lhes são concedidos no nosso vocabulário comum. Hoje em dia, são essencialmente sinônimos da média de comparecimento de festas de um indivíduo. Uma definição mais técnica, mas popular, é oferecida pela empresa Myers-Briggs: o introvertido é um indivíduo que obtém sua energia estando sozinho, enquanto o extrovertido é energizado pela interação social.¹ Sejam essas definições como forem; elas não são as definições usadas neste livro.



O significado original de extroversão e introversão está centrado em suas diferentes “atitudes em relação ao objeto”. O “objeto” é qualquer coisa não identificada com o sujeito da experiência e seu aparato mental total, tanto consciente quanto inconsciente. É qualquer coisa externa, estranha ou independente do ego, identidade ou “eu”. Pois, na psicologia, deve haver um experimentador ou pensador (o sujeito), e a coisa que eles experimentam ou pensam (o objeto). Quando algo é “subjetivo”,

¹ “Onde você coloca sua atenção e obtém sua energia? Você gosta de passar tempo no mundo exterior de pessoas e coisas (Extroversão), ou em seu mundo interior de ideias e imagens (Introversão)?” (“Extraversion or Introversion,” *The Myers & Briggs Foundation website*).

é “interno” a uma pessoa, isto é, o que se passa dentro de sua cabeça, como ela experimenta o mundo, etc. Mas quando algo é “objetivo”, é “externo” a uma pessoa, isto é, aquilo que ocorre independentemente de sua mente, do mundo que ela experimenta, etc. Por exemplo, na introdução deste livro, distingi entre a experiência subjetiva do amor *versus* os sinais objetivos ou armadilhas do amor; por exemplo, pode-se sentir um amor eloquente e refinado por alguém, mas repetidamente falhar em traduzir esses sentimentos em palavras faladas ou escritas. Assim, a “atitude em relação ao objeto” é a atitude de alguém na relação geral de sujeito-objeto. Jung identificou duas dessas atitudes, chamadas extroversão e introversão:

...o destino de um indivíduo é determinado mais pelos *objetos* de seu interesse, enquanto em outro é determinado mais por seu próprio eu interior, pelo *sujeito*.²

...Um se deixa orientar pelos fatos dados, o outro reserva uma visão que se interpõe entre ele e os dados objetivos.³

...Enquanto o extrovertido apela continuamente para o que lhe vem do *objeto*, o introvertido depende principalmente do que a impressão constela no *sujeito*.⁴

Em outras palavras, a extroversão busca alinhar sua vontade⁵ com as informações recebidas dos objetos, mas a introversão procura alinhar as informações recebidas dos objetos com sua própria vontade — abstrair uma ideia do objeto e, assim, redirecionar ou reinterpretar a informação em referência a si mesmos. A extroversão privilegia os fatores objetivos, enquanto a introversão privilegia os fatores subjetivos. Em suma: orientação pelo objeto *versus* orientação pelo sujeito.

² *Psychological Types*, p. 3 (ênfases do autor)

³ *Ibid.* p. 333

⁴ *Ibid.* p. 374 (ênfases do autor)

⁵ Muitas vezes me refiro aos traços dos indivíduos (por exemplo, introversão, extroversão, percepção, julgamento, etc.) como se eles também fossem indivíduos por direito próprio, agindo, querendo, sentindo, pensando, etc. Isso é meramente por conveniência na escrita, e não significa que os traços sejam entidades sencientes.

A extroversão desvaloriza o sujeito como algo isolado do mundo. A extroversão fica desconfortável com uma ideia até que ela seja verificada com dados objetivos, isto é, dada uma base trans-subjetiva. A tendência final da extroversão é a destruição das barreiras entre as subjetividades individuais e a completa dissolução do sujeito no reino do comumente acessível, do impessoal, do não-eu. A introversão, por outro lado, desvaloriza o objeto como estranho, imprevisível e impertinente. A introversão é desconfortável com qualquer coisa que não tenha sido reconciliada ou “verificada” com seu próprio material subjetivo. Em última análise, tudo deve se tornar uma expressão do sujeito e de sua visão de mundo; a tendência final da introversão é a assimilação ou digestão de todos os objetos, de tudo o que é não-eu, no eu. A informação objetiva não tem sentido para ela até que alguma experiência ou ideia subjetiva seja encontrada ou criada para corresponder a ela. Tudo é traduzido nos termos do sujeito.

Exemplos desses princípios podem ser encontrados em toda a filosofia, e acredito que observar esses exemplos pode ajudar a completar nossa compreensão deles. Por exemplo, Ayn Rand escreveu: “enquanto os animais sobrevivem ajustando-se ao seu ambiente, o homem sobrevive ajustando seu ambiente a si mesmo.”⁶ Aqui, a atitude do animal é extrovertida, pois espera-se que o sujeito se adapte às condições do objeto. Assim, na medida em que o sujeito é a sede de sua vontade e agência, a atitude extrovertida efetivamente volta a vontade contra si mesma, para se adaptar ao mundo exterior. Mas a atitude do homem é introvertida: o sujeito é o grande motor imóvel, em cujas mãos o objeto é barro. Assim, a vontade volta-se para o meio ambiente e seus recursos, e busca refazer o mundo segundo suas próprias necessidades e desejos.

SUJEITO → *objeto*
[introversão]

sujeito ← OBJETO
[extroversão]

Nietzsche, em *The Birth of Tragedy*, pinta uma imagem impressionante dessas duas atitudes em seus extremos: “entre a arte apolínea da escultura e a arte não imagética, dionisíaca da

⁶ *For the New Intellectual*, p. 15

música...” Ele descreve como Apolo “governa a bela ilusão de o mundo interior da fantasia... nele a fé inabalável na [individualidade] e o repouso calmo do homem nele envolto recebem sua expressão mais sublime...”⁷ Isto é, até que,

...[as] emoções dionisíacas despertam e, à medida que crescem em intensidade, tudo o que é subjetivo desaparece no completo esquecimento de si mesmo... cada um se sente não apenas unido, reconciliado e fundido com seu próximo, mas como um com ele... Na canção e na dança o homem se expressa como membro de uma comunidade superior...⁸

A introversão é o sonho, onde o indivíduo entra em um reino inacessível a qualquer outra pessoa: um reino de criatividade pessoal, estabilidade e perfeição. A extroversão é a dança, onde o sonho é perturbado e uma realidade comum se precipita, como água numa bolha rompida. Com a introversão, união só é alcançada pela estranha sincronização dos sonhos de dois indivíduos e o reconhecimento, pela manhã, de que os sonhos realmente eram os mesmos (embora nenhuma confirmação objetiva possa ser obtida para isso). A extroversão é mais imediata e facilmente unificadora, mas isso é apenas porque é superficial: os corpos podem girar juntos em união, mas as profundezas de seus sonhos não são compartilhados.⁹

Até agora, consideramos a extroversão e a introversão como tendências separadas; mas, como acontece com todos os verdadeiros opostos, na prática a extroversão e a introversão representam um *ciclo de movimento*. A extroversão, em um determinado indivíduo, é em si um movimento para longe de um estado de introversão e *vice-versa*. O movimento da extroversão é como o de uma criança do interior abrigada entrando em uma metrópole e tendo todas as suas crenças pessoais desafiadas; é uma expansão, de um sonho abrigado para uma realidade

⁷ §1 (p. 33)

⁸ §1 (p. 37)

⁹ Jung dedica o capítulo 3 de *Psychological Types* para analisar “O apolíneo e o dionisíaco”. Seu tratamento é mais refinado do que o meu: embora reconheça Apolo como introvertido e Dionísio como extrovertido, ele os qualifica em termos da própria psique de Nietzsche.

cosmopolita. O movimento introvertido é como o de alguém, já há muito tempo cansado pelo barulho e agitação da cidade, voltando para sua antiga casa de campo, para meditar em paz e sossego e redescobrir o que é realmente importante. Assim como a água circula entre o lago e a nuvem, a energia psíquica circula entre a introversão e a extroversão. Eles são, nesse sentido, *um*: uma roda giratória eterna.

Extroversão e introversão são o que Jung chamou de “atitudes da consciência”. Ele então passou a introduzir outro conjunto de conceitos que denominou “funções da consciência”. O uso da palavra “atitude” por Jung é mais ou menos autoexplicativo; é “sinônimo de uma orientação *a priori* para algo definido.”¹⁰ Enquanto isso, ele descreve as funções como “uma forma particular de atividade psíquica... [assim como] uma força física pode ser considerada uma forma específica ou manifestação de energia física.”¹¹ A ideia é que a mente humana tem quatro modos ou métodos distintos pelos quais realiza suas atividades ou expressa sua energia; a estes ele denominou “sensação”, “intuição”, “pensamento” e “sentimento”. Cada uma dessas quatro funções lida com o mundo de uma maneira diferente, mas igual, e é colorida por qualquer atitude que seja simultaneamente dominante na mente.¹²

¹⁰ *Psychological Types*, p. 414

¹¹ *Ibid.* p. 436-37

¹² Esses conceitos são abordados mais amplamente no capítulo 5. Por enquanto, devemos tomar como certo o modelo: onde as funções são como correntes que se movem para norte, oeste, sul e leste, passando por águas quentes ou frias.

Isso faz um total de oito funções:

	Sensação	Intuição	Sentimento	Pensamento
Extroversão	Sensação Extrovertida (Se)	Intuição Extrovertida (Ne)	Sentimento Extrovertido (Fe)	Pensamento Extrovertido (Te)
Introversão	Sensação Introvertida (Si)	Intuição Introvertida (Ni)	Sentimento Introvertido (Fi)	Pensamento Introvertido (Ti)

Jung considerou as quatro funções básicas como espécies de duas funções ainda mais básicas, chamadas funções “irracionais” ou de “percepção” e funções “racionais” ou de “juízo”.¹³ Mais adiante neste capítulo, vou propor minha própria razão pela qual esses dois se dividem em quatro: *através* da minha própria distinção entre “denotativo” *versus* “conotativo”. Pois, embora Jung geralmente tenha descrito as funções como conceitos empíricos, *a posteriori* (isto é, fenômenos descobertos, por exemplo, gravidade ou eletromagnetismo), eu diverjo dele ao construí-los como categorias lógicas, *a priori* (por exemplo, geometria).

Jung descreveu as funções irracionais ou de percepção da seguinte maneira:

...[percepção] não denota algo contrário à razão, mas algo fora da esfera da razão... Fatos elementares pertencem a esta categoria, por exemplo, que a terra tem uma lua, que o cloro é um elemento, que a maior densidade da água é de 4 graus centígrados... Tanto a intuição quanto a sensação são funções psicológicas que alcançam sua realização funcional na percepção absoluta das ocorrências em geral.¹⁴

Em outras palavras, irracionalidade para Jung significa a percepção pura e “crua” das coisas. É quando alguém simplesmente experimenta algo sem fazer nenhum juízo

¹³ *Psychological Types*, p. 437

¹⁴ *Ibid.* p. 454-55

sobre isso. É “perceber” algo, como um fato ou padrão da natureza, antes que qualquer pensamento ou sentimento interfira e comece a defini-lo e categorizá-lo. Em suma, é mera *percepção*. Por exemplo, se sinto o cheiro de algo queimando, há duas partes da experiência: há a percepção do cheiro em si, que é seguida ou precedida por uma conclusão “racional” sobre o cheiro: por exemplo, (1) sinto cheiro de algo queimando e (2) decido que isso é ruim; ou, alternativamente, (2) decido que algo queimando é ruim e (1) reconheço o mau cheiro de algo queimando. Jung denominou o processo (2) “julgamento” ou “racionalidade”:

O racional é o razoável, o que está de acordo com a razão. Eu concebo a razão como uma *atitude* cujo princípio é moldar o pensamento, o sentimento e a ação de acordo com... [o que é] estabelecido pela experiência habitual dos fatos externos, por um lado, e dos fatos psicológicos internos, por outro... as leis da razão são aquelas leis que regem e designam a *atitude* habitual, “correta”, adaptada. Tudo é “racional” que se harmoniza com essas leis...¹⁵

Em outras palavras, o julgamento forma padrões e categorias por meio dos quais as percepções podem ser analisadas. Ele categoriza, classifica, rotula, arbitra, etc. Dá significado às percepções e, assim, estimula certas ações.

Muitas vezes assumi (como Hume) que a percepção deve vir “antes” do julgamento, de modo que suas categorias possam ser justificadas como derivadas da realidade externa. Isso foi contestado por alguns de meus amigos e colegas, que (como Kant) insistem que o julgamento é o pré-requisito para ter percepções. Até onde posso dizer, Jung foi ambíguo nesse ponto. Mas ele foi menos ambíguo sobre a relação entre extroversão e introversão, insistindo que o mundo interior do homem não é uma mera contingência do mundo exterior, mas tem existência e vida própria.¹⁶ O interior e o exterior formam um ciclo

¹⁵ Ibid. p. 458-59

¹⁶ “O mundo existe não apenas em si mesmo, mas também como me aparece... todas as funções psíquicas... têm um sujeito que é tão indispensável quanto o objeto.” (Ibid. p. 374-75)

interdependente, e acredito que é assim com a percepção e o julgamento.

Por exemplo, não vejo um objeto redondo e vermelho com uma haste e deduzo desses atributos abstratos que é uma maçã. Há muito tempo, descobri como as maçãs geralmente se parecem e, de qualquer forma, sou geneticamente programado para reconhecer alimentos; portanto, eu realmente percebo “maçã” como se *ela mesma* fosse uma qualidade abstrata, como “vermelho” ou “redondo”. Percebo a qualidade de “maçã”, isto é, “coisa – que – é – suculenta – e – que – eu – posso – comer – apenas – dando – uma – mordida.” Da mesma forma, se eu vejo uma maçã falsa, eu posso primeiro perceber a qualidade “maçã” nela, apenas para perceber que elementos individuais suficientes são *diferentes* neste objeto para garantir a formação de uma nova categoria perceptiva (ou seja, “falsa maçã, ” ou “coisa – que – parece – que – eu – posso – morder – ela – mas – quando – eu – faço – isso – tem gosto – grosseiro – e – ceroso”). A partir de então, eu começaria a perceber a “maçã falsa”, como se fosse outra simples categoria.¹⁷ E assim o ciclo gira.

Percebemos de acordo com nossos julgamentos tanto quanto julgamos de acordo com nossas percepções. Eles formam um *ouroboros* ou uma serpente que morde a própria cauda, continuamente criando e devorando a si mesma, assim como todos os organismos vivos continuamente consomem e expelem seu ambiente. Os julgamentos são formulados dentro do homem para se orientar no mundo, mas são continuamente criticados, desafiados ou apoiados pelo rio de percepções que sempre flui desse mundo. Os conteúdos da percepção são como barro molhado nas mãos de um oleiro: representam o potencial do material não trabalhado para se tornar algo definido; julgamento converte o potencial em realidade (por exemplo, em um vaso de

¹⁷ A inteligência de uma espécie pode ser medida em termos de sua capacidade de decompor e remontar suas categorias instintivas. Um touro é estúpido porque não consegue separar sua percepção de “vermelhidão” de sua percepção de “coisa para atacar”. Os atributos estão muito amarrados juntos. Não pode questionar os comandos de sua mãe terra; toma-os completamente como certos. Inteligência é *gratidão*.

cerâmica).¹⁸ No entanto, esse processo pode ser *revertido*: a argila pode ser devolvida ao mero potencial. Esta é a reavaliação, teste e crítica de um julgamento, o derretimento do vaso. Assim, o ciclo, a roda da consciência, pode girar nos dois sentidos.

Para dividir a percepção e o julgamento nas funções mais específicas de sensação, pensamento, sentimento e intuição, introduzo uma terceira dicotomia mais ou menos minha: denotativo *versus* conotativo.¹⁹ A divisão pode ser vista na tabela a seguir:

	Percepção	Julgamento
Denotativo	Sensação	Pensamento
Conotativo	Intuição	Sentimento

Ao contrário das duas dicotomias anteriores, emprego esses termos diretamente do dicionário. Denotação é o significado literal, primário ou direto de algo, separado de quaisquer sentimentos ou ideias adicionais que a palavra implica ou sugere. A conotação, por outro lado, é precisamente aqueles sentimentos ou ideias adicionais invocadas por algo, separadas do significado direto ou literal. O denotativo está preocupado com *o que está simplesmente lá*. Ele quer apreender os fatos brutos e sem decorações. Ele quer se conectar com o que simplesmente é, ou com o que é meramente *dado* a ele. Qualquer elaboração adicional

¹⁸ Compare com a noção de Aristóteles de mente passiva *versus* ativa: *De Anima*, Livro III, cap. 5; 430a (p. 591-92)

¹⁹ Akinwande e Smith mostram que Jung pelo menos insinuou essa distinção; veja “Determining Function Axes, Part 4” de Akinwande e Smith, em idrlabs.com, especialmente as notas de rodapé 1 e 8. Este mesmo artigo, junto com “The Context of Pauli’s Typings”, de Smith, mostra que Wolfgang Pauli tornou a distinção mais explícita em seu conceito de tipos “trinitários” *versus* “quaternários”. Isso me inspirou a criar minha própria dicotomia — “denotativo” *versus* “conotativo” — que considero suficientemente distinta que creditar Jung ou Pauli a ela seria enganoso, particularmente porque confundiria a nuance de Pauli com minha abordagem simplificada.

sobre esse fundamento é fornecida pelas funções conotativas, porque estas sempre se referem ao que está *além* do meramente “dado”. As funções conotativas são interpretativas: elas leem nas coisas o que não se manifesta imediatamente. A denotação lê o próprio texto, enquanto a conotação lê nas entrelinhas.

Nietzsche, ao contrastar a intuição filosófica com o empirismo estrito, fornece uma ilustração que acredito se aplicar à dicotomia denotativo/conotativo:

É como ver dois alpinistas de pé diante de um córrego selvagem da montanha que está jogando pedregulhos ao longo de seu curso: um deles salta com passos leves sobre ele, usando as rochas para atravessar, embora atrás e abaixo dele eles se arremessem nas profundezas. O outro permanece indefeso; ele deve primeiro construir para si um fundamento que levará seus passos pesados e cautelosos.

Nietzsche continua a explicar,

O que então leva o pensamento filosófico tão rapidamente ao seu objetivo? É diferente do pensamento que calcula e mede, apenas em virtude da maior rapidez com que transcende todo o espaço? Não, seus pés são impulsionados por um poder estranho e ilógico — o poder da imaginação criativa. Elevado por ele, salta de possibilidade em possibilidade...²⁰

Em outras palavras, a conotação traz para o material algo que ainda não estava lá, e isso permite que ele use o texto para atingir um objetivo ou alcançar um insight (assim como aquele alpinista que depende apenas parcialmente das rochas). A denotação, por outro lado, costuma ser mais lenta porque não introduz nada de novo na equação; *ela não usa heurísticas, instintos ou outros atalhos inconscientes*. Ela lê o que o *próprio* texto diz. Ela não pula etapas à medida que sobe, mas vai um a um, passo a passo, certificando-se de que nenhum detalhe esteja fora do lugar. Ela se recusa a tomar quaisquer detalhes como certos. Assim, o que lhe

²⁰ *Philosophy in the Tragic Age of the Greeks*, §3 (p. 40)

falta em quantidade de conclusões, compensa na qualidade de suas evidências.

Essa é uma das principais diferenças entre Freud, cujas conclusões se baseiam em longos e detalhados estudos de caso, e Jung, cujos estudos de caso são apenas um andaime para gloriosas conclusões. Tem-se a impressão de que o verdadeiro interesse de Freud eram os próprios estudos de caso, enquanto o interesse de Jung era o que os estudos de caso implicavam sobre assuntos mais grandiosos. Assim, enquanto Freud sustenta investigações longas e constantes para estabelecer um único ponto, Jung desvia-se descontroladamente para um material aparentemente não relacionado, seguindo o fio de Ariadne através do labirinto de sua própria mente.

Todas essas três dicotomias são variações do mesmo tema: isto é, o de objeto e sujeito. A extroversão, a percepção e a denotação estão todas mais preocupadas com o objeto, enquanto a introversão, o julgamento e a conotação se concentram no sujeito. O primeiro grupo é receptivo e passivo ao objeto, enquanto o segundo grupo é ativo e contributivo ao objeto, isto é, acrescenta algo de si a ele.





O *I Ching*, ou *Livro das Mutações*, segue esse mesmo padrão quando, a partir de três binários, forma oito combinações. Como explica Richard Wilhelm,

Em princípio, o Livro das Mutações era uma coleção de sinais lineares para serem usados como oráculos... os mais antigos entre eles se limitavam às respostas sim e não. Este tipo de pronunciamento oracular é também a base do Livro das Mutações. “Sim” era indicado por uma linha simples sem interrupção (—), e “Não” por uma linha quebrada ao meio (— —). No entanto, a necessidade de maior diferenciação parece ter sido sentida desde cedo, e as linhas únicas foram combinadas em pares:

— — — — — — — —

A cada uma dessas combinações foi então adicionada uma terceira linha. Assim surgiram os oito trigramas.²¹

Assim, extroversão, percepção e denotação estão relacionadas a uma certa receptividade ao objeto — o “*Yin*”, “Não” ou linha quebrada. Introversão, julgamento e conotação são o oposto, representando uma atividade contra, em direção e a despeito do objeto — o “*Yang*”, “Sim” ou linha inteira. Dada esta atribuição, as quatro funções podem ser representadas assim (observa-se que as linhas são lidas de baixo para cima):

			
[Sentimento]	[Sensação]	[Intuição]	[Pensamento]
(Sim, Sim)	(Não, Não)	(Não, Sim)	(Sim, Não)

Essas correlações com o *I Ching* se tornarão cada vez mais importantes à medida que progredirmos. Por enquanto, é suficiente notar que as quatro funções (e depois as oito) representam diferentes combinações de *Yin* e *Yang*, ou seja, de um *único binário oculto*. Podemos “construí-los” combinando percepção e denotação (duas manifestações de *Yin*) com julgamento e conotação (duas manifestações de *Yang*). Antes de fazermos isso, vamos revisar o que cada um desses termos significa:

Percepção é receptiva — a apreensão crua de algo. **Julgamento** é ativo — a formação e aplicação de categorias organizacionais. Por exemplo. Eu posso (1) perceber uma maçã e então (2) decidir que a maçã é “boa”.

Denotação recebe o próprio texto, isto é, o significado literal, direto ou “dado”. **Conotação**, no entanto, afirma-se no texto, a fim de derivar significado dele, isto é, ler “entre” o texto.

²¹ *The I Ching or Book of Changes*, p. xlix – li; a terceira linha, que transforma os quatro pares em oito trigramas, representa a extroversão-introversão.

Agora, podemos construir as quatro funções:

Sensação é a percepção denotativa, ou a percepção do que é simplesmente manifesto; uma receptividade ao que está meramente ali; isto é, relatar; por exemplo, “Eu vi Samuel assassinar João com um castiçal.”

Intuição é a percepção conotativa, ou a percepção de implicações; em outras palavras, receptividade ao significado por trás das coisas; isto é, inferência e especulação; por exemplo, “Acho que vejo *porque* Samuel assassinou João com um castiçal.”

Pensamento é o julgamento denotativo, isto é, julgamento justificado pelos fatos simples; isto é, raciocínio lógico; por exemplo, “Samuel está segurando um castiçal ensanguentado; portanto, ele *é* o assassino de João.”

Sentimento é o julgamento conotativo, isto é, julgamento justificado pelo que está implicado por uma coisa, por seu significado mais profundo; isto é, ética e julgamentos de valor; por exemplo, “Samuel assassinou João para ganho egoísta; portanto, é *maligno* que ele assassinou João.”

Vamos agora dar mais detalhes a essas funções:

Sensação — Devido ao seu nome (que vem de Jung) é tentador pensar que “sensação” representa apenas os cinco sentidos tradicionais. Mas “sensação”, como quero dizer aqui, não está necessariamente relacionada ao sentido biológico de forma alguma.²² Esta é uma teoria cognitiva, ou seja, uma teoria de como a psique lida com as informações já coletadas biologicamente dos sentidos. Eu não perderia minha função de sensação se ficasse surdo e cego, mas continuaria a “perceber” qualquer material que ainda conseguisse me alcançar, onde quer que sua origem. É a apreensão crua do que está meramente ali; uma reportagem cognitiva. E, como tal, é geralmente marcada por uma qualidade “pé no chão”, um realismo, praticidade, franqueza ou, dependendo do ponto de vista, falta de imaginação e inspiração, aridez, tédio e até cegueira.

²² Jung provavelmente discordaria; veja *Psychological Types*, p. 461-63

Intuição — Essa função é chamada de “intuição” porque é assim que geralmente a experimentamos: como um palpite ou premonição. Assim, assume uma qualidade misteriosa e etérea (ou, para aqueles menos inclinados à intuição, uma qualidade irritantemente nebulosa, vaga, perdida em sonhos, impraticável). Isso porque, como a sensação, não é uma função racional; não tem razões por trás dela, mas apenas experiências. E as experiências não podem se justificar — julgamento é necessário para isso. A sensação tem a vantagem de ser denotativa, o que significa que é muito mais fácil para os outros verem e compartilharem suas experiências. Mas a intuição, sendo conotativa, é mais determinada pelo sujeito individual e, portanto, muito mais difícil de compartilhar. No entanto, quando o véu do mistério é removido, a intuição é apenas uma observação criativa, uma previsão, uma conclusão de um padrão implícito, etc. A intuição é o que preenche os espaços em branco e conecta os pontos. Ela percebe o que não é imediatamente aparente, mas *implícito*.²³

Pensamento — Na cultura moderna, “pensamento” é uma palavra muito geral usada para abranger todos os processos psicológicos (embora mais particularmente conscientes). Mas para Jung, e aqui neste livro, “pensamento” tem um significado muito mais restrito. Refere-se apenas à montagem lógica ou sistematização das coisas; por exemplo, $a = b$; $b = c$; logo $a = c$. Sua preocupação é com a lógica e os fatos, pois estes são mais denotativos. Emoção, desejo ou preferência não devem entrar na equação, exceto na medida em que sejam quantificados ou qualificados racionalmente, e participem de acordo com certas regras — o que, é claro, os tiraria do que os tornava emocionais (por exemplo, o “cálculo da felicidade” de Bentham). Pensamento

²³ Minha própria definição de intuição está mais próxima da noção de Jung de “pensamento passivo”, “pensamento *intuitivo*” ou, como ele mesmo se refere a isso, “intuição *intelectual*”, onde as inferências “se estabelecem por conta própria” (*Psychological Types*, página 481). Nisso, acho que Jung concede mais território ao pensamento do que sua própria definição justifica, tornando a intuição supérflua. Acredito que isso seja um vestígio do árduo desenvolvimento da intuição como conceito; veja “4 Little-Known Facts About Jung and Types”, de Arild e Smith, em idrlabs.com.

é a regra da lei, a linha objetiva na areia, o diagrama de um templo sagrado, a descrição científica do ato de fazer amor.

Sentimento — O termo “sentimento” é frequentemente associado à emoção meramente reflexiva. Mas assim como “sensação” não tem necessariamente a ver com os cinco sentidos, “sentimento”, também, não tem necessariamente a ver com respostas emocionais. Um mero reflexo de raiva ao ser esbofetado não deve ser confundido com o “sentimento” junguiano, que é sempre resultado de alguma deliberação, seja no momento ou anterior ao evento. É *decidir* ficar com raiva porque um princípio moral foi violado, ou *decidir* que uma obra de arte é feia ou desagradável. Há sempre um raciocínio por trás de tais decisões, por mais pobres ou ricas que sejam em uma visão filosófica. “Portanto”, diz Jung, “o sentimento é uma espécie de *julgamento*... para estabelecer um critério subjetivo de aceitação ou rejeição.”²⁴

Há uma correspondência notável entre as quatro funções e as Quatro Nobres Verdades do Budismo, isto é, “a existência do sofrimento, sua causa, sua solução e sua cessação.”²⁵ As Quatro Verdades representam uma sequência de *dukkha*, a experiência ou sensação da própria dor, *samudaya*, o insight ou intuição sobre essa dor e sua fonte, *nirodha*, o desejo de acabar com a dor, pois é considerada ruim e, finalmente, *marga*, o “como” prático de acabar com a dor, isto é, o Caminho Óctuplo.

A Primeira Nobre Verdade é o sofrimento (*dukkha*)... Temos que reconhecer e confirmar a presença desse sofrimento e tocá-lo... A Segunda Nobre Verdade é a origem, raíz, natureza, criação ou surgimento (*samudaya*) do sofrimento. Depois que tocamos nosso sofrimento, precisamos olhar profundamente para ele para ver como ele veio a ser... A Terceira Nobre Verdade é a cessação (*nirodha*) de criar sofrimento, abstendo-se de fazer as coisas que nos

²⁴ *Psychological Types*, p. 434

²⁵ “The Sermon at Benares,” em *World of the Buddha*, p. 51

fazem sofrer... A Quarta Nobre Verdade é o caminho (*marga*) que leva a abster-se de fazer as coisas que nos fazem sofrer...²⁶

— —		Vemos assim a roda da psique girar:
— —	[sensação]	percebemos a própria experiência, então
— —	[pensamento]	inferimos sua natureza mais profunda,
— —	[sentimento]	então julgamos sua conveniência, então
— —	[intuição]	estruturamos algum meio ou caminho
— —	[sensação]	para lidar com ela. Passa-se da
		percepção do mundo, tanto imediata
		quanto oculta, para sua categorização e

julgamento, tanto moralmente quanto praticamente. Isso provoca novos eventos psíquicos, e a roda continua girando. Este é o ciclo “natural” da psique. Ele é representado nos pares de linhas do *I Ching* ilustrados no diagrama acima, com cada par se transformando no próximo em um batimento cardíaco de sístole / diástole. Lendo de baixo para cima, o padrão é encontrado: enchimento de dois átrios, bombeamento de dois ventrículos, etc.

Não pretendo sugerir nada de misterioso quando aponto tais coincidências entre personalidade, religião e o mundo natural. Eu apenas as tomo para evidenciar um caráter geométrico à estrutura da própria realidade. O conceito de “2” é uma condição ontológica. *Existência implica dualidade*, pois “todas as coisas devem necessariamente ser compostas em uma; portanto, se deve ser um corpo, deve permanecer como morto.”²⁷ Para que uma coisa exista, deve haver uma coisa oposta; por exemplo, a própria ideia de “branco” faz referência a uma ideia oposta de “preto”. E, porque essas duas coisas são opostas perfeitas, suas diferenças são mutuamente calculadas para se oporem. Essa diferença lógica (demonstrada tão claramente pelas hastes marcadas/não marcadas do *I Ching*) é representada por “1” *versus* “0”; isto é, “Sim” *versus* “Não”, positivo *versus* negativo, ou, nos termos de Derrida, presença *versus* ausência. Assim, temos, por um lado, o “eu”, o assento da perspectiva, o corpo experienciador, ego ou “self”. Na tradição Hindu, esta entidade é *Ātman*. Enquanto isso, tudo o que não é o sujeito ou “não-eu” é um *objeto* — uma coisa, o mundo

²⁶ Thich Nhất Hạnh, *The Heart of the Buddha's Teaching*, p. 9-11

²⁷ The Book of Mormon, 2 Nephi 2:11

ou a realidade, independente de um observador. Na tradição Hindu, podemos associar isso a *Brahman*.

A atribuição desta dicotomia fundamental 1/0 é relativa. De dois objetos, o que está presente (1) e o que está ausente (0) depende da perspectiva do sujeito. Por exemplo, uma zebra é, no fundo, preta com listras brancas ou branca com listras pretas? Deixando de lado a resposta biológica, uma resposta filosófica é impossível, porque depende de qual qualidade é concedido o privilégio da presença: preto ou branco.²⁸ Conceder privilégio de uma forma ou de outra revela um preconceito subjetivo pela introversão ou extroversão. A introversão privilegia o sujeito como presente e o objeto como ausente. Essa atribuição de privilégio é mais “natural”, na medida em que o sujeito está mais intimamente relacionado à presença: é, afinal, o sujeito da sentença, o possuidor de substância, o ator principal. Há um alinhamento intuitivo entre sujeito e presença, que a introversão explora. A extroversão, por outro lado, inverte esse alinhamento “natural”, atribuindo presença ao *objeto*, em vez do sujeito. Assim, paradoxalmente, *peso positivo é dado à negatividade — presença é dada à ausência*; por exemplo, uma pintura criada pelo sombreamento do espaço *negativo* ao redor dos objetos. Em tal cenário, os conceitos são colocados fora de seu alinhamento intuitivo; o ciclo é “antinatural”.

Esse contraste essencial entre sujeito e objeto permeia o conteúdo deste livro e recebe diferentes tratamentos sob diferentes ângulos nos diversos capítulos. Esses vários ângulos nos ajudarão a abordar o grande mistério Findu — que *Ātman* é, de fato, *Brahman*. Este é um dos grandes problemas da filosofia. É uma tragicomédia atemporal, produzida por muitos teatros, com diferentes máscaras e cenários escondendo os mesmos atores, o mesmo conflito, o mesmo enredo: a *reconciliação dos opostos*, o casamento místico de Jeová com Israel.

²⁸ Há também a ilustração dada por William James: seus colegas certa vez estavam discutindo se perseguir um esquilo em torno de um tronco de árvore conta como “dar a volta no esquilo”. James respondeu, “Qual parte está certa depende do que você *praticamente quer dizer* com ‘dar a volta’ no esquilo...” e a definição escolhida dependerá se o objetivo de perseguição do caçador ou o objetivo de fuga do esquilo receber mais peso. (*Pragmatism*, p. 19).

E será naquele dia, diz Jeová: tu me chamarás *ishi* ['meu homem', 'meu marido'], e não me chamarás mais *bali* ['Baal', 'meu mestre']... E desposar-te-ei comigo para sempre; sim, desposar-te-ei comigo em retidão e justiça, e em benignidade e misericórdia. E desposar-te-ei em fidelidade; e tu me conhecerás: Jeová.²⁹

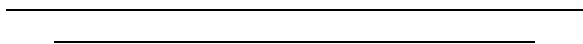
Uma vez estabelecida uma dicotomia original, ela pode ser multiplicada infinitamente em séries binárias, como no *I Ching*: dois positivos, dois negativos, positivo-negativo e negativo-positivo. Este salto de 2 para 4 é um salto de uma dimensão (uma linha entre dois pontos) para duas dimensões (duas linhas que se cruzam, formando um plano cartesiano). Existência implica dualidade, e *dualidade vem com compromissos*, nomeadamente, a geometria dos números pares. Assim, o quadrado e os quatro quadrantes muitas vezes simbolizam, em filosofias e mitologias, o esgotamento de todas as possibilidades: há quatro cantos da Terra, quatro Nobres Verdades, quatro elementos, as quatro criaturas de Ezequiel, quatro evangelhos, quatro cavaleiros do apocalipse, quatro Vedas, quatro direções, quatro ventos, quatro arcanjos, etc. Desde que esses grupos possam ser reduzidos a componentes binários, eles podem ser modelados como quadrantes cartesianos e correspondidos com todos os outros grupos de quatro assim modelados. Como, por exemplo, as parábolas de Cristo ou as profecias de Isaías, elas formam *complexos isométricos*. Uma vez que a chave da correspondência é encontrada, os diferentes grupos podem lançar luz uns sobre os outros; por exemplo, entender as sementes de mostarda permite entender o conceito mais remoto de “o reino de Deus”.

Isometria é a arte de metáforas e alegorias avançadas. É um dos principais métodos usados ao longo deste livro. A compreensão de um conceito é usada como base para a compreensão de outras de suas manifestações ou variações. No entanto, ao contrário da isometria matemática, quando empregada em um reino poético, filosófico ou psicológico, não podemos ser guiados em nossas conclusões isométricas por nenhuma regra

²⁹ Hosea 2:16-20 (trad. do autor)

rígida *a priori*; por exemplo, não é objetivamente óbvio como “corretamente” corresponder uma semente de mostarda ao reino de Deus. Intuição é necessária para cruzar a brecha entre eles — não, espero, por um ridículo milagre de fuga, mas por uma espécie de memória espiritual, que lembra a localização de cada ponte camuflada.

Em outras palavras, embora eu me esforce para racionalizar meus saltos e limites entre os conceitos — isto é, para marcar claramente onde estão as pontes invisíveis — tenho certeza de que em muitos lugares estou aquém, talvez porque eu mesmo não sei realmente onde estão as pontes, mas apenas que eu *devo* estar em cima de uma para ter chegado até aqui.



Capítulo 2:

Funções e Eixos

Cada uma das quatro funções básicas aparece modificada por uma atitude de extroversão ou introversão. As oito funções da personalidade resultantes são as seguintes:

Sensação Extrovertida — perceber o que é objetivamente denotado; isto é, relato no local; por exemplo, “Samuel de fato assassinou João com um castiçal.”

Sensação Introversa — perceber o que é subjetivamente denotado; isto é, diário, recontagem; por exemplo, “Foi assim que eu testemunhei o assassinato de João.”

Intuição Extrovertida — perceber o que é objetivamente conotado; isto é, ver todas as possibilidades, brainstorming; por exemplo, “Há um número de possíveis motivos para Samuel assassinar João.”

Intuição Introversa — perceber o que é subjetivamente conotado; isto é, prever, adivinhar; por exemplo, “Percebo que este é o verdadeiro motivo pelo qual Samuel assassinou João.”

Sentimento Extrovertido — julgamento baseado no que é objetivamente conotado; isto é, acordo, democracia; por exemplo, “Apesar de nossas diferenças, todos podemos concordar que o que Samuel fez é mau.”

Sentimento Introverso — julgamento baseado no que é subjetivamente conotado; isto é, consciência, valores pessoais; por exemplo, “Julgo, só por mim mesmo, que o que Samuel fez é mau.”

Pensamento Extrovertido — julgamento baseado no que é objetivamente denotado; isto é, ciência empírica; por exemplo, “Todos nós vemos as evidências (mãos ensanguentadas, cena do crime, etc.), portanto, todos devemos concluir que Samuel é o assassino de João.”

Pensamento Introverso — julgamento baseado no que é subjetivamente denotado; isto é, análise *a priori*; por exemplo, “Se você aceita minha definição de ‘assassino’, então você deve concluir comigo que Samuel é um.”

Explicações mais compreensivas dessas funções a seguir:

Sensação Extroversa (Se) — Quando a sensação é abordada com uma atitude extroversa — isto é, quando o que está meramente lá é abordado com uma atitude objetiva — então o resultado é um realismo absoluto, uma declaração sem remorso de que “as coisas são o que são”. Enquanto a sensação introversa enfatiza o envolvimento de seu próprio sujeito na percepção (por exemplo, “é assim que as coisas são *para mim*”), a sensação extroversa supõe que suas percepções comuns tocam a coisa em si (por exemplo, “é assim que as coisas são *para todos*”). Envolve a suposição de que a realidade é publicamente acessível; assim, sua tendência é afirmar as coisas como se fossem óbvias para qualquer um que se importasse em olhar.



As pessoas para quem esta é a função dominante são, via de regra, diretas e imediatas. Para elas, a melhor demonstração de verdade é aquela que tem o efeito mais aparente, de preferência para o maior número de pessoas. Suas experiências precisam ser feitas objetivas; elas devem ser *pressionadas* sobre os sentidos da audiência. Assim, a sensação extroversa tem uma qualidade de espetáculo: sempre privilegia “o grande splash” como demonstração de veracidade. A verdade é proporcional ao grau de sua *presença objetiva*. É por isso que muitos “sensores extroversos” são especialmente tentados pela sensualidade e prazeres físicos, porque eles prosperam em qualquer coisa que tenha maior presença para eles no momento. Como George Patton supostamente disse,

Quando eu quero que meus homens se lembrem de algo importante, para realmente fazer com que isso grude, eu dou a eles palavras sujas em dobro... e tem que ser palavras eloquentes. Um exército sem palavras não poderia lutar para

sair de um saco de papel encharcado de mijo... Quanto aos tipos de comentários que faço, às vezes eu apenas, por Deus, me empolgo com minha própria eloquência.¹

Sensação Introversa (Si) — Esta é a percepção do que meramente é, mas como é para o sujeito. As condições subjetivas da experiência são enfatizadas a tal ponto que toda certeza objetiva desaparece. Não é mais importante que algo impressione os outros; só é importante que seja impressionante para si mesmo. O que os outros ignoram como sem importância, o sensor introvertido sempre percebe, devido à sua história pessoal única com a coisa. A atenção do sensor introvertido não é conquistada por meio de apresentação chamativa, mas por meio de conexão pessoal. Sente-se tudo o que uma coisa *representa* para eles, ainda mais do que eles sentem a coisa em si. Como escreveu o pintor impressionista Claude Monet: “Em Paris, a pessoa está muito preocupada com o que vê e ouve, por mais forte que seja; o que estou fazendo aqui [por outro lado] tem, acho, o mérito de não se assemelhar a ninguém, porque é simplesmente a expressão do que eu mesmo experimentei.”²

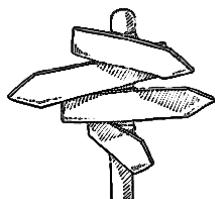


A verdade é, portanto, proporcional ao grau de sua presença *subjetiva*, e uma sensação está subjetivamente presente na medida em que se assemelha a uma das *sensações arquetípicas* do sujeito. A sensação introvertida abstrai da experiência os elementos que ela considera *verdadeiramente* importantes, separando a palha do trigo e formando uma série de sensações ideais pelas quais todas as novas sensações que chegam são compreendidas. Por exemplo, se ambos os tipos de sensação fossem picados por uma abelha, o extroverso se concentraria em tudo o que *distingue* a dor de outras experiências semelhantes, mas o introvertido se concentraria nas *semelhanças* entre experiências relacionadas, isto é, onde a dor cai em sua paleta subjetiva de dores abstraídas. Tudo novo é relacionado a algo antigo e pessoal.

¹ Quoted in Province's *The Unknown Patton*, p. 27

² Letter to Frédéric Bazille from Etretat, December 1868 (p. 83)

Intuição Extrovertida (Ne) — Esta é a percepção de implicações e inferências objetivas. Tais coisas são objetivas na medida em que o sujeito é excluído de sua percepção. O objetivo é que *qualquer pessoa* “pegue” a inferência assim que a atenção for atraída para ela.



A intuição extrovertida é uma função muito conversacional, buscando feedback externo contínuo, seja de pessoas ou livros. Ela *discute* ideias; o sujeito solitário não é confiável para confirmá-las. É comparável a um Diagrama de Venn, onde múltiplas visões comprometem uma verdade composta. É por isso que os intuitivos extrovertidos podem parecer desmiolados, como se estivessem fazendo malabarismos com muitas bolas ao mesmo tempo, pois prosperam na amplitude de muitos pontos de vista, não na profundidade de um ponto de vista. Pois, nas palavras de Karl Popper, “Sempre que uma teoria lhe parecer a única possível, tome isso como um sinal de que você não entendeu a teoria nem o problema que ela pretendia resolver.”³ Ter várias ideias é sempre melhor do que ter apenas uma.

A intuição extrovertida sempre trabalha em conjunto com a sensação introvertida, pois compartilham a suposição de que a realidade não pode ser compreendida *diretamente*. Enquanto a sensação extrovertida diz: “João foi *de fato* assassinado”, a sensação introvertida responde: “Mas não foi assim que *eu* experimentei o caso”. Então a intuição extrovertida entra em cena e acrescenta: “Muito bem: vamos pegar esses dois relatos diferentes, compará-los com todos os outros relatos e chegar a um relato geral e abstrato com o qual todos podemos conviver”. Esta segunda melhor opção é uma discussão aberta, onde diferentes pontos de vista se debatem, se comprometem e gradualmente formam um composto.

³ *Objective Knowledge: An Evolutionary Approach*, p. 266

Intuição Introversa (Ni) — Enquanto a intuição extroversa se assemelha a um Diagrama de Venn, a intuição introversa se assemelha a um gráfico de linhas, onde um único padrão geral é mapeado em um determinado conjunto de dados. Isso porque funciona em conjunto com a sensação extroversa: ambas acreditam em uma realidade separada de um sujeito perceptivo e, portanto, ambas estão inclinadas a falar com certeza assertiva — a sensação extroversa sobre os dados e a intuição introversa sobre a interpretação dos dados. Essas interpretações se pressionam como a luz do sol sobre os olhos. De fato, a intuição introversa é mais parecida com a visão do que com o pensamento, uma vez que ambas são altamente diretas e ainda tecnicamente subjetivas. Você viu o que viu; ninguém mais pode confirmar se você viu direito. Assim, a intuição introversa fala *apesar* das opiniões dos outros. Jung especulou que essa era a função dos antigos profetas e xamãs, que insistiam em coisas invisíveis, mas importantes por vir: *zeitgeists* vislumbrados como leviatãs, deslizando sob águas translúcidas. Assim escreveu Dostoiévski,



Vou espalhar as notícias, quero espalhar as notícias — de quê? Da verdade, porque eu a vi, a vi com meus próprios olhos, a vi em toda a sua glória.

...Eu vi a verdade — não é como se eu a tivesse inventado com minha mente, eu a vi, a vi, e a imagem viva dela encheu minha alma para sempre. Eu a vi com tanta perfeição que não posso acreditar que seja impossível para as pessoas tê-la.⁴

A intuição extroversa tende a complicar e expandir uma única ideia, como desenrolar um novelo de lã ou desmontar um aparelho. Eles dividem a união do sujeito, para perseguir as várias ideias ao seu redor. Mas a intuição introversa tende a remontar e sintetizar as coisas, atraindo-as para seu próprio sujeito, achatando-as até que se encaixem. Todas as ideias se reconciliam neles, até mesmo à custa das próprias coisas.

⁴ *The Dream of a Ridiculous Man*, §V (p. 382)

Pensamento Extrovertido (Te) — Como a sensação extrovertida, essa função está preocupada com a denotação objetiva, mas agora seu interesse é o julgamento, em vez da percepção. Ela atribui, rotula e categoriza ativamente, e esses julgamentos são baseados no que é objetivamente manifesto. Suas conclusões são tiradas de fatos e evidências divorciadas de qualquer sujeito. É ciência empírica. Nada é real até que forneça resultados observáveis ou cumpra suas promessas.



O pensamento extrovertido julga a *eficácia* relativa ou o impacto de uma coisa no mundo: por exemplo, Samuel é um assassino se produzir os *efeitos* de um assassino. Os falsos profetas são conhecidos pelos seus frutos. O objetivo do pensamento extrovertido sempre envolve a otimização dos resultados. Nas palavras de Aristóteles, “o fim não consiste em adquirir conhecimento teórico dos vários pontos em questão, mas em colocar em prática nosso conhecimento... não basta saber sobre o bem; devemos nos esforçar para possuí-lo e usá-lo, ou adotar qualquer outro meio para nos tornarmos bons.”⁵

É tentador, especialmente para aqueles de atitude oposta, assumir que o pensamento extrovertido está aplicando categorias subjetivas à realidade, por exemplo. rotulando Samuel de “assassino”. Mas isso é um mal-entendido; em vez disso, o pensamento extrovertido aplica categorias da mesma forma que uma linha pontilhada marca a diagonal de um quadrado ou canos de esgoto sob uma rua. Tais coisas destinam-se a refletir e descrever corretamente um *fato*: por exemplo, Samuel é, *de fato*, um assassino; Eu sou, *de fato*, um fracasso; etc.

Pensamento Introvertido (Ti) — Este é o julgamento baseado no que é denotado subjetivamente (relacionando-o assim à sensação introvertida). Enquanto o pensamento extrovertido insiste em evidências objetivas, o pensamento



⁵ *Nicomachean Ethics*, Book X, chap. 8; 1179a 33 – 1179b 3 (p. 1108)

introvertido desconfia de tudo o que geralmente é aceito como válido em favor de sua própria validação pessoal — um tipo de *evidência subjetiva*. Isso geralmente toma a forma de uma lógica rígida e abstrata, que busca deduções consistentes a partir de certas premissas. Uma vez que essas primeiras premissas são “compradas”, as conclusões devem necessariamente seguir-se; mas esta é, claro, a dificuldade. É preciso entrar na realidade pessoal do pensador introvertido (aceitando suas definições peculiares das coisas) para que seu raciocínio faça sentido. Nenhuma negociação é possível antes disso; deve-se chegar ao nível do pensador introvertido.

O pensamento introvertido, para entender algo, deve processá-lo por si mesmo e reconciliá-lo com seu sistema pessoal. Para eles, os fatos são sempre suposições, até que possam ser demonstrados de forma satisfatória para o pensador introvertido. Eles nunca dirão que “Samuel é *de fato* um assassino”, mas sim “Se você aceitar minhas definições, então você deve aceitar que Samuel é um assassino”. Assim escreveu Descartes,

Já se passaram vários anos desde que pela primeira vez tomei consciência de que havia aceitado, desde a juventude, muitas opiniões falsas como verdadeiras, e que, de forma consequente, o que depois me baseei em tais princípios era altamente duvidoso; e desde então eu estava convencido da necessidade de empreender uma vez na minha vida para me livrar de todas as opiniões que eu havia adotado, e de recomençar o trabalho de construção desde seus fundamentos, se eu desejasse estabelecer uma superestrutura firme e permanente nas ciências.⁶

Sentimento Extrovertido (Fe) — Se “sentimento” é avaliação (atribuição de valor, “bom” ou “ruim”), então o sentimento extrovertido é avaliação divorciada do sujeito e unida com fatores objetivos. Ele nunca confiará em seu próprio sujeito para fazer avaliações, temendo a limitação e o egoísmo do viés pessoal. Ele não está interessado no que parece bom para *si mesmo*, mas



⁶ *Meditations on First Philosophy*, §I (p. 79)

sempre no que é bom para *todos os outros*, coletivamente. Portanto, compartilha com a intuição extrovertida uma natureza altamente democrática e harmônica, assentando-se em um conjunto de leis comumente concordado (codificado pelo pensamento introvertido). Essas leis são consideradas objetivamente “boas” para todos os envolvidos, e sua bondade é confirmada por feedback externo, isto é, por meio de reações observáveis das pessoas. O sentimento extrovertido adapta sua apresentação aos palpites dados pelo público e os encoraja a expressar abertamente esses palpites, muitas vezes por exemplo. É um fórum aberto de sentimentos. Eles se adaptam para produzir *efeitos* de sentimento em seu público, e seu objetivo é uma *harmonia externa de sentimentos*. Os corações do grupo batem como um só. Como Erasmus perguntou: “Você vê seu irmão sofrendo indignidades. Desde que seus próprios negócios não estejam em perigo, sua mente não está nem um pouco comovida. Por que neste momento sua alma não sente absolutamente nada? Certamente deve ser porque estar morta... como pode qualquer parte do corpo estar com dor sem que você sinta nada?”⁷

Sentimento Introvertido (Fi) — Ao contrário do sentimento extrovertido, o sentimento *introvertido* está relacionado com uma harmonia *interna* de sentimento. Como a intuição introvertida, ela é isolada da opinião pública. O significado e o valor de uma coisa não se baseiam em nada além da própria avaliação do sentimento introvertido, de acordo com a natureza de seu próprio sujeito; portanto, todas as suas decisões são unânimes, pois há apenas um eleitor, e comprometer-se nessas decisões é comprometer a si mesmos. “Vender-se” é o pecado capital. Como confessou o jovem Kierkegaard, “o crucial é encontrar uma verdade que seja verdade *para mim*, encontrar a *ideia pela qual estou disposto a viver e morrer...* Era disso que eu precisava para levar uma *vida completamente humana* e não apenas de *conhecimento...* algo que está ligado às raízes mais profundas da minha existência...”⁸



⁷ *The Handbook of the Militant Christian*, chap. I, §1 (p. 33)

⁸ Letter from Gilleleie, 1 August 1835 (p. 8-9)

Enquanto o sentimento extrovertido é sensível ao feedback observável, o sentimento introvertido é altamente sensível aos paralelos internos entre os indivíduos. Em outras palavras, ele reconhece seus próprios sentimentos e experiências em outras pessoas e, assim, pode se relacionar com eles em um nível verdadeiramente *pessoal*, como se fossem gêmeos separados no nascimento. Mas a riqueza de empatia que isso proporciona é sempre à custa do método mais rápido, adaptável e de maior alcance do sentimento extrovertido. Além disso, enquanto o sentimento extrovertido se estende *universalmente* a toda a humanidade sofredora simultaneamente, o sentimento introvertido é muito mais *particularista e local*, trabalhando profundamente com uma pessoa de cada vez.



Continuemos nossa brincadeira com o *I Ching*. Se adicionarmos uma linha na parte inferior da pilha, para representar a extroversão/introversão, ganhamos os oito trigramas tradicionais. Então, em termos da antiga sabedoria chinesa e taoísta, podemos sugerir uma perspectiva adicional sobre as oito funções:

Sensação Extroverida (Se), **Terra** — Três linhas quebradas. Esta é, portanto, a função mais receptiva, isto é, o solo mais fértil. É por isso que seu símbolo é “terra”, que é arada e semeada. Na mitologia, a Mãe Terra recebe o avanço do Pai Celestial, ou Céu, para conceber e suportar o mundo vivo. A Mãe Terra representa a matéria, os fenômenos e as leis científicas de causalidade a que estão sujeitos (a *Vorstellung* de Schopenhauer), enquanto o Céu representa o princípio animador da vontade, intenção e alma.⁹ Assim, a Se é a função que lida com a matéria-prima mais bruta, não trabalhada, direto do mundo.

Se
Terra



Sentimento Introvertido (Fi), **Céu** — Três linhas inteiras, representando a função mais assertiva e menos receptiva. Esta é a expressão mais pura do Pai Celestial, ou Céu, suas nuvens carregadas de tempestades e chuvas a serem descarregadas. É plenitude e transbordamento, o semeador e o regador. Da mesma forma, a Fi é a mente decidida e espera que os outros também tenham opiniões e sentimentos brotando dentro deles. As opiniões geralmente estão em conflito, então não há espaço para receptividade ou compromisso. A Fi apresenta ideais e objetivos; é o sol além do horizonte da razão de Kant, atraindo-nos para maiores alturas (e profundezas). É a expressão da *esperança ativa* do Homem.

Fi
Céu



⁹ Para saber mais sobre esse contraste essencial, veja Wilhelm, *Understanding the I Ching*, p. 51-53. Para mais informações sobre os outros “trigramas”, veja p. 54-58.

Sensação Introversa (Si), Montanha — Uma linha inteira, seguida por duas linhas quebradas. Representa uma montanha, que, por sua vez, representa quietude e imobilidade. É assertiva de sua própria inassertividade. Enquanto a Se busca presença externa, a Si busca presença interna: representa a realidade para si mesma de uma forma pessoalmente significativa. Assim, como a terra, suporta todas as coisas; no entanto, ao contrário da terra, continua fundamentalmente inalterada, exceto pelos maiores e mais contínuos esforços contra ela. Na coluna nua da montanha está escrita a história de um milhão de anos, e levará mais um milhão de anos para apagá-la. Não cresce facilmente o que as mãos alienígenas semeiam nela. Permanece sua *própria* terra, in moldável pelo Homem — salvo pelo milagre de um profeta.



Sentimento Extroverso (Fe), Vento — Uma linha quebrada, seguida por duas linhas inteiras. Este é o oposto lógico da montanha da Si: ou seja, o vento, ou aquilo que é não assertivo em sua assertividade. Tanto o vento quanto a Fe são caracterizados por uma persuasão suave, mas penetrante. Eles envolvem as coisas em suas asas poderosas. Eles se afirmam, mas de uma forma reconfortante. Eles envolvem e fluem em torno dos objetos em seu caminho, persuadindo-os à flexibilidade. O vento penetra nas paredes mais grossas da fortaleza com seus infinitos poderes de difusão. Da mesma forma, a Fe penetra no coração do público — seja com uma brisa, ou com um furacão *furioso* e *superzeloso*, que pode arrastar as multidões.



Intuição Introvertida (Ni), **Fogo** — Uma linha quebrada entre duas linhas inteiras. É tradicionalmente representada pelo fogo. É uma espécie de percepção assertiva, da mesma forma que o fogo “afirma” a luz ao seu redor (daí o motivo pelo qual o trigramma é tradicionalmente chamado de “Radiance”). As sementes do fogo estão na terra (Se) e seus produtos, grama morta e árvores. O fogo começa com uma faísca (a epifania), e a Ideia começa a incendiar, dançar e arder, lançando cada vez mais luz sobre seu ambiente, até rivalizar com as estrelas. Mas toda essa tremenda radiância depende de um núcleo receptivo, sua fonte de combustível terrestre. É um nada que afeta tudo ao seu redor.



Pensamento Extrovertido (Te), **Água** — Uma linha inteira entre duas linhas quebradas. Representa a água, o oposto do fogo (Ni). Enquanto o fogo irradia efeitos substanciais de um centro insubstancial, a água é uma membrana periférica insubstancial em torno de um centro substancial. O fogo não é nada em si: é a radiação de uma reação química. Mas a água tem substância: embora seus efeitos externos sejam insignificantes (umidade), toda a sua substância é um peso esmagador (ondas). Assim, enquanto o fogo salta da terra e vai para cima, não possuindo peso, a água cai do céu (Fi), *por causa* de seu peso.



Na verdade, o nome tradicional para este trigramma é “Abyss”, porque, em circunstâncias normais, a água sempre corre para baixo, mais fundo nas fendas da terra (Se). Isso completa o ciclo mencionado no capítulo anterior: da terra (Se) faísca o fogo (Ni) que sobe aos céus (Fi), de onde a chuva desce (Te) e corre de volta para a terra (Se). Sensação → Intuição → Sentimento → Pensamento → Sensação, etc. Assim, a Te é a função pela qual os sonhos da Fi são trazidos à realidade concreta: é o “Abismo” porque sempre se aprofunda na terra crua da atualidade. Está

sempre se movendo, correndo, empurrando em direção ao seu objetivo e consumação.

Intuição Extrovertida (Ne), Trovão — Duas linhas quebradas cobertas por uma linha inteira. Isso representa o trovão. Como o fogo (Ni), o trovão é uma forma de radiação causada por uma faísca (ou epifania); mas ao contrário do fogo, que aumenta, o trovão é um *estouro* concentrado de energia. Assim, seu nome próprio é “Arousing”. As duas linhas quebradas indicam recepção, nomeadamente, de carga estática, conduzindo à sístole consumada de energia (a linha superior) e a subsequente percussão excitante do trovão. A montanha muitas vezes serve como vara de aterramento para essa energia, por causa de sua altura. Assim, o brainstorm da Ne, lançando e cravando um punhal no céu em todas as direções, encontra seu fundamento na Si.

Ne
Trovão



Pensamento Introvertido (Ti), Lago — Duas linhas inteiras cobertas por uma linha quebrada. Este é o oposto da Ne e, além disso, representa água em repouso, como em um lago ou pântano. Enquanto o trovão é a receptividade que leva a uma explosão de afirmação, o lago é uma onda de energia estabelecendo-se para parar. A água terminou de descer por enquanto, e agora está aberta para receber. Agora, como a Si, é essencialmente imóvel. A Ti elaborou seus princípios fundamentais, e tudo o que resta é viver de acordo com eles.

Ti
Lago

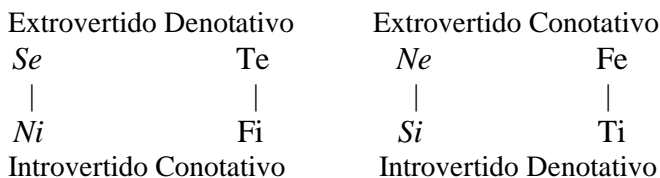


Agora, neste ponto, encontramos algo estranho: embora a Se, a Ni, a Fi e a Te sigam o padrão budista descrito no capítulo 1 (sensação, intuição, sentimento, pensamento, etc.), as imagens do trigramas para as funções restantes não correspondem a esse padrão muito bem. As montanhas não afetam o trovão, nem o trovão leva ao vento, nem o vento aos lagos. É, na verdade, o inverso: um lago evapora, alterando a composição do ar e das nuvens, trazendo

vento. Do vento surgem as tempestades, que trazem raios e trovões, que são atraídos para o topo das montanhas. Assim, a sístole/diástole agora é lida *de trás para frente*: pensamento, depois sentimento, depois intuição, depois sensação. O significado completo dessa reversão se tornará cada vez mais claro à medida que avançamos.

As funções naturalmente “se juntam”, por assim dizer, em quatro eixos.¹⁰ E isso porque sujeito e objeto sempre aparecem juntos e, portanto, sempre se colorem de maneira correspondente.

Quando uma função é extrovertida e denotativa (Se e Te), isso implica a compensação de uma função tanto introvertida quanto conotativa (Ni e Fi, respectivamente), e da mesma forma com as funções conotativas extrovertidas (Ne e Fe) e denotativas introvertidas (Si e Ti). Pois, se o texto em si (denotação) é aberto à visão pública (extrovertido), isso implica que as interpretações desse texto (conotação) serão fornecidas por cada sujeito individual (introversão). Da mesma forma, se considerarmos o texto em si como algo compreendido separadamente por cada indivíduo (Si e Ti), então a interpretação desse texto deve se tornar uma questão pública, acessível a todos em discussão, debate e compromisso (Ne e Fe).



No diagrama, no par esquerdo de eixos, há um pareamento superior dos dois traços mais objetivos (extroversão e denotação) e um pareamento inferior dos dois traços mais subjetivos (introversão e conotação). Mas no par direito de eixos, é o inverso:

¹⁰ Considero esta conclusão natural mesmo nos termos originais de Jung. Por exemplo, “Para mim, a sensação e a intuição representam um par de opostos, ou duas funções mutuamente compensadoras, como pensamento e sentimento.” (*Psychological Types*, p. 463).

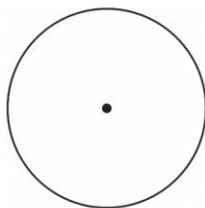
subjetivo e objetivo estão “descasados” um com o outro. Isso é parte do motivo pelo qual a Se, a Ni, a Fi e a Te formam um ciclo “natural”, pois com elas, objeto e sujeito estão alinhados entre si, permitindo um “fluxo” de energia mais direto entre eles. Mas com os eixos da direita, sujeito e objeto estão desalinhados; o fluxo é obstruído e forçado a paralisar.

Os eixos naturais desfrutam de uma relação mais direta com a realidade; e, no entanto, como consequência irônica, eles são, portanto, mais *subjetivos*, porque são mais *lineares*. O que quer que eles vejam *agora*, seja dentro de si mesmos ou fora deles, prende sua atenção. Há um imediatismo para eles; portanto, eles são altamente *contextuais*. A pessoa só capta toda a luz de sua percepção ao ficar no ponto exato em que estava e olhar na mesma direção em que olhou. Ter uma relação direta e significativa com a realidade requer uma *perspectiva* claramente definida, isto é, um contexto pessoal, isto é, um *corpo* através do qual o mundo pode ser experimentado.

Os eixos antinaturais têm uma relação indireta com a realidade, mas isso na verdade torna sua relação mais *objetiva*. O fluxo linear de sujeito para objeto é interrompido, significando que a validade do próprio contexto não pode mais ser dada como certa. O corpo é apenas contextualmente (isto é, local e temporalmente) adaptado; para lidar com ameaças não-locais, o contexto pessoal deve ser transcendido. É preciso chegar a um ponto de vista incondicionado. Podemos imaginar, portanto, a energia psíquica represada se acumulando na represa e se espalhando em um círculo cada vez maior: em vez de se mover linearmente entre um sujeito e um objeto, ela se move lateralmente do sujeito para vários objetos. Perspectivas alternativas são de fonte coletiva, e uma perspectiva transcontextual é abstraída ou feita em média a partir delas. Assim, o sujeito nunca percebe ou julga diretamente o objeto, mas em um estranho híbrido de extroversão e introversão, interpõe uma lei externamente derivada entre ele e o objeto. Essa lei deve ter uma validade universal, em vez de contextual.

	Percepção	Julgamento
Contextual	Se / Ni	Te / Fi
Universal	Ne / Si	Fe / Ti

A contextualidade, como dito acima, é uma linha que passa por dois pontos; destina-se a ser eficaz para um determinado assunto em um determinado momento. A universalidade, por outro lado, é um círculo em torno de um ponto; ela é efetiva incondicionalmente, para um determinado *conjunto* de sujeitos em um determinado *conjunto* de tempos (o objetivo é criar leis válidas para o conjunto de *todos* os conjuntos). A contextualidade está relacionada ao tempo, e tende a ser orientada para o futuro, pois projeta o curso do futuro a partir de seu ponto de contexto atual. Eles extrapolam o todo da parte; eles se afirmam para fora. A universalidade, por outro lado, tende a ser orientada para o passado, ou simplesmente atemporal. Eles estão em busca de uma realidade original e transcendente, da qual se origina o universo múltiplo. Eles predizem que a parte forma a perspectiva do todo; o todo recai sobre eles.



Esse conflito entre o contextual e o universal aparece ao longo da filosofia e da literatura. Henri Bergson, por exemplo, resumiu as duas atitudes como “dinamismo” (contextualidade) e “mecanismo” (universalidade), respectivamente:

...o crente no dinamismo pensa que percebe fatos que escapam cada vez mais à compreensão das leis: ele estabelece assim o fato como a realidade absoluta, e a lei como a expressão mais ou menos simbólica dessa realidade. O mecanismo, ao contrário, descobre no fato particular um certo número de leis das quais o fato é assim feito o ponto de

encontro, e nada mais: nesta hipótese, é a lei que se torna a realidade genuína.¹¹

O preconceito contextual é ilustrado por Jean-Paul Sartre (ainda que mais no que diz respeito à percepção). Através da visão de seu protagonista Antoine Roquentin, vemos a dança extrovertida como algo solidamente “dado”, enquanto o mundo das conotações é uma questão interna *aplicada* pelos indivíduos à realidade:

...até esses últimos dias... eu era como os outros, como os que caminham à beira-mar, todos vestidos com seus trajes primaveris. Eu disse, como eles: “O oceano *é* verde; aquele pontinho branco lá em cima *é* uma gaivota”, mas não senti que existisse ou que a gaivota fosse uma “gaivota existente”... Eu dizia a mim mesmo que o mar pertencia a uma classe de objetos verdes, ou que o verde fazia parte da qualidade do mar... Peguei-os em minhas mãos, eles me serviram de ferramentas... E então, de repente, lá estava, claro como o dia: a existência de repente se revelou. Perdeu o aspecto inofensivo de uma categoria abstrata: era a própria pasta das coisas, essa raiz foi amassada para a existência... [Um] folheado se derreteu, deixando massas moles, monstruosas, todas em desordem — nuas, em uma assustadora, obscena nudez.

...cada um deles escapou da relação em que eu tentei envolvê-lo, se isolou e transbordou. Dessas relações (que eu insisti em manter para atrasar o desmoronamento do mundo humano, medidas, quantidades e direções) — eu me sentia o árbitro; eles não tinham mais seus dentes nas coisas.¹²

Por outro lado, o preconceito universal é ilustrado por René Descartes em suas famosas meditações (mais uma vez, inclinando-se para a percepção). As múltiplas e conflitantes interpretações do mundo externo têm coerência através de uma realidade interna e indiretamente mantida:

Tomemos, por exemplo, este pedaço de cera... é duro, frio, fácil de manusear... tudo o que contribui para tornar um corpo

¹¹ *Time and Free Will*, chap. III (p. 140-41)

¹² *Nausea*, p. 127-28

tão distintamente conhecido, encontra-se no que está diante de nós. Mas, enquanto estou falando, coloque-o perto do fogo... sua figura é destruída, seu tamanho aumenta, torna-se líquido, esquenta, dificilmente pode ser manuseado... A mesma cera ainda permanece depois dessa mudança? Deve-se admitir que permanece; ninguém duvida disso, ou julga de outra forma. O que, então, eu sabia com tanta nitidez no pedaço de cera? Seguramente, não poderia ser nada de tudo o que observei por meio dos sentidos, pois todas as coisas que se enquadram no paladar, no olfato, na visão, no tato e na audição são alteradas e, no entanto, a mesma cera permanece... a percepção dela não é um ato de visão, de tato, nem de imaginação, e nunca foi nenhum destes... mas é simplesmente um *inspectio* (vigilância, visão) da mente...¹³

Dadas todas essas descrições, podemos caracterizar os quatro eixos da seguinte maneira:

Se / Ni — As ideias e observações deles são afirmadas como proposições da Verdade óbvia, e espera-se que sejam recebidos com contraproposições igualmente assertivas, ou então com proposições que, para todos os efeitos, estão “dizendo a mesma coisa”, e diferem apenas em detalhe. Você está com ele, ou contra ele. Assim, tudo é reduzido a um reino unidimensional onde o próprio sujeito corre em uma direção, e toda oposição é similarmente unida contra ele; mas idealmente, mesmo essa oposição essencial deve ser transcendida, e um ponto não dimensional ou união infinita alcançada, em que todas as coisas são explicadas (por exemplo, a dialética Hegeliana ou as noções de conflito de classes de Marx).

Sua percepção percorre uma hierarquia de abstração: do puro caos sensorial não analisado às apropriações de um sujeito que dá significado. E, à medida que se passa do caos ao sujeito, as coisas são continuamente reinterpretadas ou “colapsadas” em formas mais essenciais, com órbitas mais estreitas em torno do núcleo do sujeito, até que tudo encontre explicação dentro de um único

¹³ *Meditations on the First Philosophy*, §II (p. 90-93)

conceito favorecido pelo sujeito. De fato, passado o horizonte de eventos da essencialidade, encontra-se todo o mundo caótico como era, só que agora ele existe em toda a sua complexidade dentro do sujeito. Por exemplo, Spinoza equiparou Deus com a totalidade da Natureza, e Nietzsche quis afirmar toda a existência, como era, uma eterna recorrência.

Seu olho atravessa as camadas da realidade aparente, para descobrir sua raiz mais profunda. Isso é exumado e apresentado com terrível clareza e força. Mas tal cirurgia é realizada do ponto de vista limitado do sujeito e depende de seu contexto pessoal. O Se/Ni opera como um arqueiro, permanecendo em um lugar, e disparando seu pensamento o mais longe possível na direção escolhida.

Te / Fi — A estrutura deste eixo é a mesma do Se/Ni, exceto que agora a preocupação é julgamento e avaliação. Na verdade, por se tratar de um eixo de julgamento, pode ser ainda mais assertivo e descarado que o eixo Se/Ni, pois o julgamento está mais próximo do reino da ação.

No nível extrovertido, refere-se aos traços claramente observáveis das coisas e, portanto, afirma seus julgamentos como se fossem as categorizações mais óbvias e naturais possíveis. Por exemplo, pode-se dizer que o método A é o melhor método porque obteve os melhores resultados mensuráveis; os métodos B e C seguem depois dele na respectiva classificação. No entanto, não é inerente ao pensamento extrovertido *quais* resultados ele deve buscar, ou quais devem ser os parâmetros de medição em um determinado caso. O que falta é o *objetivo desejado*, proporcionado pelo sentimento introvertido (Fi). Assim, os “melhores resultados mensuráveis” são quaisquer tipos de resultados que o indivíduo determine serem os mais desejáveis; os parâmetros objetivos decorrem dessa decisão subjetiva original. Assim, este é um julgamento *contextual*: baseia-se nas necessidades particulares da pessoa *quando os fez* (isto é, a posição de onde disparou sua flecha).

Além disso (e assim como o Se/Ni) esse eixo corre entre uma complexidade objetiva e uma união subjetiva de compreensão. O domínio extrovertido é uma riqueza de dados brutos que são

apropriados pelo sujeito intérprete, que ordena os dados de acordo com sua própria perspectiva singular. Quanto mais extrovertido se torna, mais variadas são as espécies de categorização utilizadas, até que as categorias se tornam indistinguíveis dos próprios dados. Mas quanto mais introvertido se torna, mais essas espécies se fundem em órbitas mais próximas em torno do sujeito de sentimento, onde os objetivos originais são revelados. Idealmente, todas as ações e julgamentos de uma pessoa devem se alinhar ou ser emanções naturais dessa fonte original. Por exemplo, a noção de “autenticidade” nomeada em Kierkegaard, Sartre e Heidegger.

Ne / Si — A Ni olha para as estrelas e vê o que quer ver. A Ne, no entanto, rejeita o fator subjetivo, para ver quais conexões “realmente” se sugerem. Mas, uma vez que nos recusamos a ver o que queremos ver, o número de constelações possíveis se multiplica ao infinito. Não há mais uma realidade pública óbvia, mas infinitas realidades possíveis. Assim, a base segura não pode ser encontrada apenas em objetos; deve ser encontrada no sujeito (por exemplo, “penso, logo existo”).

Enquanto o Se/Ni toma seu contexto dado como certo, disparando sua flecha preditiva de onde quer que esteja, o Ne/Si nunca confia em seu contexto dado, e sempre procura transcendê-lo. Talvez haja um ângulo melhor para atirar, onde há menos risco de lesões não intencionais. Assim, o Ne/Si é um tipo de percepção que “diminui o zoom”, buscando conjuntos de dados maiores e novas perspectivas. Na verdadeira moda democrática, quer que todos os votos estejam feitos antes de decidir a eleição. Para ele, o mundo exterior é quase como uma nação de pessoas: complexo, confuso, mutável e nada claro ou manifesto à primeira vista. Não é de forma alguma evidente a partir de uma amostra parcial como toda a nação se moverá; tais extrapolações radicais (o crime do Se/Ni) são vistas como injustificadas e perigosas.

Seu objetivo final podemos chamar de percepção “correta”, significando uma percepção que explica adequadamente todas as visões possíveis da realidade (por exemplo, o objetivo das investigações de Sócrates e o método de desconstrução de Derrida). A percepção “correta” fornece estabilidade interior em um mundo mutável.

Fe / Ti — O Fe/Ti também considera o mundo externo como uma multiplicidade de vários juízos de valor que são todos estranhos ao sujeito. Os próprios sentimentos do sujeito são apenas um voto dentro de uma nação, e é a totalidade desses pontos de vista que deve ser levado em consideração. Essa totalização é feita pela Ti, que formula princípios destinados a acomodar o maior número possível de valores e sentimentos das pessoas; cada situação que possa surgir deve ser antecipada e explicada pelas leis da Ti (por exemplo, o imperativo categórico de Kant).

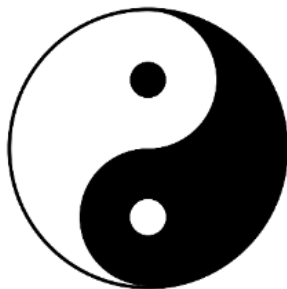
Enquanto o Te/Fi procura ser honesto e puro consigo mesmo, o Fe/Ti sente a obrigação de fazer o certo por toda a raça humana em geral — até mesmo por todo o universo. O eixo Fe/Ti procura viver honestamente e puramente em relação a *todos os outros*. A própria condição limitada de alguém não é desculpa para a ignorância voluntária das condições dos *outros*. Claro, isso implica que os outros têm as mesmas responsabilidades.

O Fe/Ti é um julgamento universalista. Por exemplo, O poema de John Donne, *No Man is an Island*, ou a afirmação do Padre Zossima de que a salvação vem assumindo a responsabilidade pelos pecados de toda a humanidade.¹⁴ A dinâmica aqui corre entre o que um, de si mesmo, considera racional e consistente, *versus* o que as necessidades dos outros são reivindicadas. Não há “*eu preciso*” nesta função; há apenas “*eu devo*”. As condições dos outros informam as ações deles; sentem-se compelidos, obrigados, exigidos por uma lei metafísica, a agir de uma certa maneira. E isso não significa necessariamente uma obrigação de ser “legal”. Pelo contrário, é uma obrigação de agir de acordo com razões que são consistentes com todos os estados possíveis das coisas. Assim, para ele, o Te/Fi parece egoísmo e solipsismo, o jeito dos animais.

¹⁴ Dostoevsky, *The Brothers Karamazov*, Book 6, chap. 3 (p. 294-95)

Capítulo 3:

Feminino *versus* Masculino



Yīnyáng, “escuro-claro,” não / sim, objeto / sujeito,
passivo / ativo, útero / falo, matéria / energia,
diástole / sístole, filosofia / poesia, Apolo / Dionísio,
Vorstellung / *Wille*, causa / livre arbítrio,
mente-justa / orientado-a-objetivos

Neste ponto, podemos resumir os dois tipos de eixos como, respectivamente, *orientado-a-objetivos* (Se/Ni e Te/Fi) e *mente-justa* (Ne/Si e Fe/Ti).

“Orientação-a-objetivos” evoca a imagem de um arqueiro atirando em direção a um alvo. O “porquê”, o ímpeto para a ação, brota do sujeito; o sujeito projeta um objetivo ou significado no texto do mundo (por exemplo, o existencialismo de Sartre). Pode-se dizer que a energia psíquica deles se move *para fora* do centro do sujeito e se impõe ao mundo. O sujeito está exercendo sua força e, assim, está ficando fraco, *esgotando-se*. Assim, embora o indivíduo seja egoísta, ele também está continuamente fugindo das implicações desse fato. O sujeito está sangrando no objeto, isto é, *está procurando se reunir com o objeto* (por exemplo, a filosofia de Hegel — em oposição à de Kant, que traça um vão

completo entre sujeito e objeto). Este é um movimento de introversão para extroversão, mas que ainda não abandonou seu caráter geral de introversão. Falando arquetipicamente, o movimento tem um caráter mais “masculino”, isto é, é assertivo, projetivo, para frente. É *Yang*, “Sim”, introversão, julgamento, conotação.

“Mente-justa” por outro lado, evoca a imagem de um juiz ouvindo todos os lados e fatos de um caso e pesando-os cuidadosamente. É social: o ímpeto para a ação brota de objetos (ou *outros* sujeitos), que buscam influenciar a atenção do sujeito. A energia psíquica se move principalmente *para dentro*, em resposta aos vários objetos que se impõem ao sujeito. Assim, o sujeito está recuando, descansando e *recuperando suas forças*. Embora o indivíduo pareça não-egoísta, ele está sempre enfatizando a alienação de seu ego do mundo de se tornar em torno dele. Ele *ênfatiza* o divórcio entre sujeito e objeto, e até mesmo considera esse divórcio como uma marca de sua liberdade — ainda que uma liberdade “negativa”: o direito de não ser interferido, em oposição à liberdade “positiva” do orientado-a-objetivos, que é a oportunidade suficiente para *fazer* certas coisas. A mente-justa é uma extroversão no processo de se tornar introvertido. É um processo mais arquetipicamente “feminino”; isto é, receptivo, acomodando, escutando, prenhez, fértil, etc. É *Yin*, “Não”, extroversão, percepção, denotação.



Rand afirmou que o homem é um sujeito ativo; Marx concorda com ela, quando diz: “Os filósofos apenas *interpretaram* o mundo de várias maneiras; o ponto é mudá-lo”¹ Em contraste com isso, temos Slavoj Zizek, que torna o sujeito passivo e o objeto ativo:

A diferença entre sujeito e objeto também pode ser expressa como a diferença entre os dois verbos correspondentes, sujeitar (submeter-se) e objetar (protestar, opor-se, criar um obstáculo). O gesto elementar e fundador do sujeito é *submeter-se*... [enquanto] o modo fundamental da

¹ *Theses on Feuerbach*, 11 (p. 158)

passividade do objeto, sua presença passiva, é aquilo que nos move, incomoda, perturba, traumatiza nós (sujeitos): em sua forma mais radical, o objeto *é aquilo que objeta*, aquilo que perturba o bom andamento das coisas. Assim, o paradoxo é que os papéis se invertem (nos termos da noção padrão do sujeito ativo trabalhando no objeto passivo): o sujeito é definido por uma passividade fundamental, e é do objeto que vem o movimento...²

Um aparte de Samuel Angus demonstra ainda mais esse preconceito feminino: “...a misteriosa harmonia do *menor e mais próximo* com o *maior e mais remoto*...”³ Ele assume que o que é “maior” também é “mais remoto”, enquanto o que é “mais próximo” também é “menor”. Assim, o sujeito e o subjetivo são desvalorizados, enquanto o objeto e o objetivo são valorizados. O Bom é algo separado, externo e alienado do sujeito. A atitude masculina é o inverso: para ela, o mais próximo é o maior (ou mais relevante), enquanto o mais distante é o menos relevante e, portanto, menos valioso.

Com esses dois opostos claramente em mente, podemos começar a explorar o simbolismo ao qual eles se prestam e os insights que eles nos proporcionam no mundo. O mundo, por sua vez, iluminará ainda mais os conceitos e as personalidades a que se aplicam. Camille Paglia, por exemplo, liga descaradamente as duas atitudes à anatomia e à mecânica dos sexos, reivindicando um simbolismo rico e inato na própria biologia:

Nossas vidas como seres físicos dão origem a metáforas básicas de apreensão, que variam muito entre os sexos... Genitalmente, [o homem] está condenado a um padrão perpétuo de linearidade, foco, objetivo, direcionamento. Ele deve aprender a mirar. Sem objetivo, a micção e a ejaculação terminam em sujidade infantil do eu ou do ambiente... eles são levados *além* — além do eu, além do corpo... A metáfora genital masculina é concentração e projeção.⁴

² *The Parallax View*, p. 17

³ *The Mystery-Religions and Christianity*, p. xviii (emphases mine); ele estava se referindo às contribuições culturais das chamadas “religiões de mistério”.

⁴ *Sexual Personae*, p. 19

...qual é a metáfora básica da mulher? É o mistério, o oculto... As mulheres aceitam o conhecimento limitado [à la seus genitais] como sua condição natural... O corpo de cada mulher contém uma célula da noite arcaica, onde todo saber deve parar... aquela escuridão ctônica de onde viemos.⁵

Aqui, Paglia segue Erich Neumann, caracterizando o feminino como o caos primordial a partir do qual o herói masculino se projeta — e ao qual ele inevitavelmente retorna. O herói é como uma gota de água, separando-se brevemente de sua lagoa durante um respingo. Esta é a ascensão e queda de indivíduos e civilizações: eles se erguem da mãe terra, florescem e dão frutos, envelhecem e caem de volta ao pó. Como Paglia poderia dizer, isso é simbolizado na ereção, orgasmo e período refratário do pênis. Embora eu não concorde com a abordagem de Paglia em todos os pontos,⁶ sua destilação de Neumann é perspicaz: que o masculino é uma ação ascendente, que inevitavelmente falha contra a gravidade do feminino e, além disso, que a vida, a história e a própria existência humana se conforma a essa onda arquetípica. Encontramos essa onda no conceito de sístole e diástole de Goethe; isto é, do coração se contraindo e, assim, empurrando seu volume de sangue, *versus* o coração relaxando, para receber um novo suprimento de sangue.⁷

Na Respiração estão as Graças Gêmeas:
O Ar entrando, ele mesmo saindo.
Um pressiona, o outro refresca;
Tão maravilhosamente é a vida entrelaçada.
Graças a Deus, quando Ele te pressiona,

⁵ Ibid. p. 22-23

⁶ Como ficará claro mais adiante neste capítulo, discordo de que ela associe o masculino inteiramente com Apolo e a civilização, enquanto o feminino é de Dionísio e da natureza — pelo contrário, defendo que apenas a cooperação do homem e da mulher produz civilização e cultura. Além disso, como observei no capítulo 1, associo o Dionisíaco Nietzsche ao masculino, na medida em que é introvertido, e o feminino ao Apolo. Essa proposição contraintuitiva é explicada neste capítulo, bem como no capítulo 5.

⁷ Jung usa Goethe para ilustrar as atitudes: veja *Psychological Types*, p. 5-6.

E graças a ele, quando Ele novamente te descarrega!⁸

Esse mesmo ritmo dicotômico é encontrado ao longo dos escritos de Nietzsche. Um exemplo de particular interesse é o discurso de Zarathustra “Sobre as três metamorfoses”:

Qual é a dificuldade? assim pede o espírito que muito suportaria; depois se ajoelha como um camelo querendo estar bem carregado...

Mas no deserto mais solitário... o espírito se torna um leão que ganharia sua liberdade e seria o mestre em seu próprio deserto.

Aqui ele busca seu último mestre: ele quer lutar com ele... Quem é o grande dragão que o espírito não mais chamará de senhor e deus? “Tu deves”, é o nome do grande dragão. Mas o espírito do leão diz: “Eu vou”.

“Tu deves”, está em seu caminho, brilhando com ouro... Os valores de mil anos brilham naquela balança, e assim fala o mais poderoso de todos os dragões: “Todo o valor de todas as coisas brilha em mim... Verdadeiramente, não haverá mais 'eu vou'.” Assim fala o dragão.

Meus irmãos, por que há necessidade do leão no espírito? Por que não é suficiente o animal de carga [o camelo], que renuncia e é reverente?

...para criar liberdade para si mesmo para uma nova criação — que o poder do leão pode fazer. Criar para si a liberdade e dar um “não” sagrado até ao dever: para isso, meus irmãos, é preciso o leão.⁹

O leão corresponde a uma atitude contextual e orientada-a-objetivos. Para ele, a chamada do dever (a atitude mente-justa) introduz restrições arbitrárias — arbitrárias, porque não são dadas pelo próprio sujeito: são alheias a ele. Assim, o leão grita “Eu vou”, contra o dragão que diz: “Tu deves”. Isso atinge a personalidade mais universalista e mente-justa como um

⁸ Goethe, “*Talismane*,” *West-östlicher Diwan*, lines 17-22 (trad. do autor)

⁹ *Thus Spoke Zarathustra*, Book 1 (p. 25-26); Omiti a menção da terceira metamorfose, a criança, por simplicidade. O leão destrutivo que-diz-não “endireita o caminho” para a criança criativa que-diz-sim, mas ambos se opõem ao camelo carregado como forças revolucionárias.

pensamento inexplicavelmente irresponsável. Pois, eles não são governados por objetivos próprios, mas por deveres dados por Deus, sem os quais estariam perdidos (ou pior, fora de controle). Mas Nietzsche, um tipo contextual, vê tais deveres externos como arbitrários, precisamente *porque* não são seus. Enquanto isso, uma figura universalista, como Kant, vê tanta arbitrariedade quanto nos objetivos autocriados de Nietzsche. Nietzsche é um copo cheio que precisa transbordar — ele tem ordens para dar e visões para tornar realidade; mas figuras como Kant ou Sócrates distinguem-se pelo vazio e pela vontade de se encher, de *receber ordens*. Kierkegaard explora essa mentalidade em seu trabalho *Fear and Trembling*:

O ético como tal é o universal, e como é universal se aplica a todos... o indivíduo particular é o indivíduo que tem seu *telos* no universal, e sua tarefa ética é se expressar constantemente nele, abolir sua particularidade para se tornar o universal. Assim que o indivíduo se afirma em sua particularidade contra o universal, ele peca...¹⁰

Em outras palavras: afirmar seu contexto pessoal sobre o “contexto” transpessoal do corpo democrático — isto é, fazer uma exceção a si mesmo — é “pecar”. No entanto, Kierkegaard, em última análise, apoia Nietzsche contra Kant:

Pois a fé é esse paradoxo, de que o particular é superior ao universal — mas de tal maneira, observa-se, que o movimento se repete e que, conseqüentemente, o indivíduo, depois de ter estado no universal, agora como o particular se isola mais alto que o universal... se o ético é a coisa mais elevada, e se nada de incomensurável permanece no homem de outra forma senão como o mal (isto é, o particular que deve ser expresso no universal), então não são necessárias outras categorias além daquelas que os gregos possuíam ou que pelo pensamento consistente pode ser derivado deles...¹¹

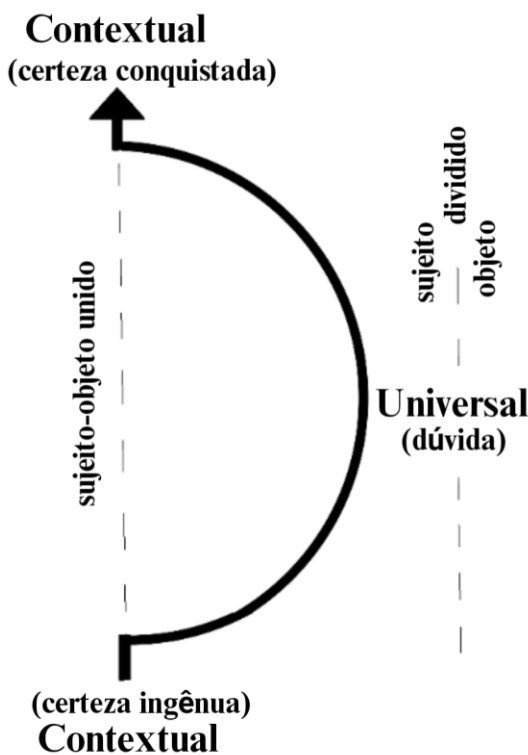
Kierkegaard argumenta que o universal é apenas uma porta de entrada para um terreno mais elevado e sagrado, representado pelo

¹⁰ Problem 1 (p. 107)

¹¹ Ibid. (p. 108-9)

contextual. Assim, Nietzsche e Kierkegaard, a fim de reconciliar as vantagens do universalismo com seus próprios temperamentos contextuais, ambos argumentam que *dominar as regras de uma arte ganha o direito de quebrá-las, a fim de criar um novo estilo* (por exemplo, Pablo Picasso).

Isso é paralelo ao processo dialético de Hegel, onde uma certeza ingênua é desafiada e dissecada, antes de finalmente retornar à certeza — exceto que, agora, ela é *conquistada*. Um mestre dançarino pensa tanto em suas ações quanto a criança que o imita; pois, por meio da disciplina, ele aumentou o próprio horizonte da capacidade de seu corpo. O que antes era estranho para ele agora faz parte de sua própria natureza, e *os meios pelos quais ele foi treinado seriam apenas um fardo para ele agora*. Este é o princípio de todo aprendizado.



Nietzsche via a orientação-a-objetivos, ou contextualidade, como o processo mais primitivo, a partir do qual a mente-justa ou universalidade eventualmente se desenvolveu e se distinguiu.

...o julgamento “bom” *não* se originou daqueles a quem a “bondade” foi mostrada! Pelo contrário, foram os próprios “bons”, isto é, os nobres, poderosos... que se sentiram e estabeleceram a si mesmos e suas ações como bons... em contraste com todos os inferiores, mesquinhos, comuns e plebeus.

...foi somente quando os juízos de valor aristocráticos *diminuíram* que toda a antítese “egoísta” “não egoísta” se impôs cada vez mais à consciência humana...¹²

A humanidade começou com objetivos, ímpetos e significados saindo do reino subjetivo, projetando e impondo-se ao ambiente e uns aos outros. A vontade de quem foi mais forte venceu o dia e aumentou em poder. No entanto, esses homens fortes tinham pouca autoconsciência, porque seu foco era inteiramente externo. Cada um tomou seu ego como certo. Enquanto isso, um processo contrário se desenvolveu entre os oprimidos sob as vontades bem sucedidas. Esse processo deslocou os objetivos e os ímpetos da pessoa, localizando-os em qualquer lugar, menos em si mesmo, pois essa era a única maneira de ser consistentemente obediente. Mas, embora o ego tenha ficado oculto para eles, era, de fato, o foco principal de sua atenção, pois eles se tornaram, por medo de seus mestres, *autoconscientes*. A sua vontade subjetiva não tinha realização garantida no mundo objetivo; assim, o sujeito tornou-se alienado do objeto e, consequentemente, tornou-se auto-reflexivo e auto-adaptativo. Eles não foram criados para comandar o mundo, mas para serem comandados por ele: receber seus objetivos de um capataz externo, ou ouvir verdades de um padre externo. Na ausência dessas figuras literais, o capataz foi associado, alternativamente, a Deus, à Verdade ou ao bem-estar geral dos outros. Assim, o homem começou a história como obstinado e orgulhoso: um rei-poeta interpretando e governando o mundo. Mas os servos e prisioneiros desses reis poetas tornaram-

¹² *On the Genealogy of Morals*, First Essay, §2 (p. 461-62)

se flexíveis e altamente receptivos, eventualmente levando aos primeiros filósofos e cientistas naturais.

Já mencionei várias vezes que a sequência de sensação → intuição → sentimento → pensamento → sensação (representado nas Quatro Nobres Verdades do Budismo e nos eixos orientados-a-objetivos) é o ciclo “natural” da psique. Assumindo que o modelo histórico de Nietzsche é verdadeiro, então os eixos mente-justa representam um desenvolvimento posterior da consciência humana, ou, pelo menos, um longo modo impopular e secundário da consciência — até *Anno Domini*. Pois, pelo menos de acordo com Nietzsche, o Cristianismo ortodoxo foi a coroa dos valores judaicos e o florescimento da ética “revolta dos escravos”; ou, como eu prefiro, o ouro puro emergente do fogo refinador de Deus do cativo e da diáspora.

Desta forma, o ciclo mais antigo é sistólico, ou empurrando para fora — externalizando. Passa-se das percepções aos julgamentos (sensação → pensamento). Fogo sobe da terra, e os céus chovem, bem como um sacrifício de petição aos deuses da fertilidade. Mas o ciclo mais recente é diastólico, ou empurrando para dentro — internalizando. É uma reversão; o fluxo mais natural é questionado, e a pessoa retrocede em seus julgamentos e retorna à percepção (pensamento → sensação). O lago evapora em uma tempestade, que desencadeia sua frustração na montanha imóvel. Tudo o que é externo torna-se um *caos* incerto e não confiável; o mundo é virado de cabeça para baixo (a perspectiva dos povos conquistados). A salvação é agora buscada voltando-se para dentro, por exemplo, a ética estoica do último milênio antes de Cristo, quando tendências de longa gestação começaram a florescer nas figuras de nossos queridos mestres morais: Sócrates, Buda, Confúcio, etc. O que marca essas figuras é sua submissão ao destino e a disciplina necessária para tal diante de um mundo hostil; também, sua mudança da expressão mundana e física para a preocupação com o que é interno e mental. Esses não são os heróis ousados e descarados da mitologia, mas o estranho novo tipo de estoico, cético, santo e filósofo natural. Eles não querem entrar no mundo, mas recebem comandos dele. “Em verdade, em

verdade vos digo: o Filho nada pode fazer por si mesmo, senão o que vê o Pai fazer.”¹³

A contextualidade, a orientação-a-objetivos e o masculino assertivo foram o começo. É deles que emerge o feminino, para enfrentar o masculino, desafiá-lo, estimular-se mutuamente às alturas, guiar e circunscrever sua energia dentro da máquina a vapor da civilização. Que a energia masculina vem “primeiro” neste processo é elaborado pela narrativa Hebraica de Adão e Eva:

E o Senhor Deus disse: “Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma auxiliadora idônea para ele”... e [Deus] tomou uma das costelas [do homem], e fechou a carne em seu lugar; e a costela que o Senhor Deus tomou do homem formou uma mulher, e a trouxe ao homem. E Adão disse: “Esta é agora osso dos meus ossos e carne da minha carne; ela será chamada Mulher, porque do Homem foi tomada.”¹⁴

É a Mulher que leva o Homem a participar da compreensão moral, causando sua queda do paraíso ingênuo original — mas com a promessa de que sua união produzirá descendentes que esmagarão a cabeça da serpente sob seu calcanhar ferido.¹⁵ Assim, como no antigo conto do ferreiro e do diabo, ambos o estado original do ferreiro e *mais* é obtido por sua trapaça.¹⁶

A mesma dinâmica é encontrada em *The Epic of Gilgamesh*:

...ela [uma prostituta da cidade] incitou o selvagem [Enkidu] a amar e lhe ensinou a arte da mulher. Por seis dias e sete noites eles ficaram deitados juntos, pois Enkidu havia esquecido sua casa nas colinas; mas quando ficou satisfeito, voltou para as bestas selvagens. Então, quando a gazela o viu, eles fugiram; quando as criaturas selvagens o viram, fugiram. Enkidu teria seguido, mas seu corpo estava amarrado como se estivesse com uma corda, seus joelhos cederam

¹³ John 5:19, KJV

¹⁴ Genesis 2:18, 21-23, KJV

¹⁵ Genesis 3:15, KJV

¹⁶ Veja o Multilingual Folk Tale Database, ATU 330, “The Smith Outwits the Devil.” Veja também o “Comparative phylogenetic analyses uncover the ancient roots of Indo-European folktales,” do da Silva e Tehrani em *Royal Society of Open Science* por suas alegações sobre a inesperada antiguidade da história.

quando ele começou a correr, sua rapidez se foi... Enkidu ficou fraco, pois a sabedoria estava nele, e os pensamentos de um homem estavam em seu coração. Então ele voltou e sentou-se aos pés da mulher, e ouviu atentamente o que ela disse. “Você é sábio, Enkidu, e agora você se tornou como um deus. Por que você quer correr selvagem com as feras nas colinas? Venha comigo. Vou levá-lo para Uruk de muralhas fortes [a cidade]...”¹⁷

O masculino é o forrageador e caçador, no deserto, sem bússola para guiá-lo além de suas próprias necessidades e desejos. Isso é a orientação-a-objetivos. Mas é o feminino que introduz o assentamento, a agricultura e a civilização, onde se deve dar conta das necessidades e desejos dos vizinhos, das crianças e da comunidade como um todo. Certamente, a energia masculina selvagem e livre é limitada pela forma feminina, mas é precisamente essa limitação que *cria*, que organiza a energia e a salva de um desperdício insondável. Essa reconciliação de masculino e feminino com o propósito da criação, e até mesmo da ascensão divina, é representada no *Übermensch* auto-esculpido de Nietzsche: o homem moderno que conquistou a grande montanha da moral cristã medieval e usou essa disciplina para se moldar “além do bem e do mal.”

Biologicamente, a metade da energia criativa do homem é “sem limites”, na medida em que ele (renunciando à mutação) pode produzir sêmen por toda a vida. A mulher, por outro lado, tem um número limitado de óvulos, representando as barreiras ou limites que orientam e finalizam o ato criativo; além disso, os óvulos limitados são liberados em ciclos regulares de menstruação: uma contagem biológica literal no calendário material de seu corpo. Da mesma forma, os limites estabelecidos por um calendário e dia sabático permitem a escultura e elevação do tempo humano bruto e, portanto, efetivamente, do próprio ser humano. Como escreveu William Blake,

Sem contrários não há progressão. Atração e Repulsão,
Razão e Energia, Amor e Ódio, são necessários à existência
humana. Destes contrários brotam o que as religiões chamam

¹⁷ p. 63

de Bem e Mal. O Bem é o passivo que obedece à Razão. O Mal é o ativo que brota da Energia.¹⁸

A energia é a única vida, e vem do Corpo; e a Razão é a circunferência limitada ou externa da Energia.¹⁹

Se não fosse pelo caráter Poético ou Profético, o Filosófico e o Experimental logo estariam na proporção de todas as coisas, e ficariam parados, incapazes de fazer outra coisa senão repetir a mesma rodada maçante novamente.²⁰

O feminino é lei, razão, limitação, limite, finitude; o masculino é caos, inspiração, liberdade, crescimento, infinitude; o primeiro é uma geometria eternamente imóvel no espaço, enquanto o segundo é um poder e força eternamente móveis ao longo do tempo. Combinados, eles formam um sistema hidráulico metafísico: a água posta em ação pelas fronteiras do metal sólido, assim como o sangue é bombeado pelas veias (e perde sua potência quando derramado). Toda a vida tem esses dois aspectos: seu crescimento ao longo do tempo e sua forma no espaço. A existência é a realização do potencial, a descrição da luz na matéria: é precisamente essa dança dos princípios masculino e feminino, em todas as dicotomias que discutimos até agora.

Sem o receptivo-feminino, o assertivo-masculino torna-se, no fim, um desperdício sem limites, uma prensa de azeitonas sem garrafa, vento sem moinho. Da mesma forma, o feminino está morto sem o masculino, um moinho sem vento, uma cidade sem poder. A Natureza é o masculino; daí emerge o feminino, ou a Cidade. Quando a natureza e a civilização se unem, quando o homem e a mulher se unem, o paraíso é reconquistado. Há Sião.

¹⁸ “The Argument,” *The Marriage of Heaven and Hell* (p. 250); O uso de Blake das palavras “bem” e “mal” é, acredito, característico de sua época, onde o Protestantismo e o Catolicismo ainda dominavam uma sociedade cada vez mais inquieta. Blake está trabalhando dentro do paradigma moral fornecido a ele por sua cultura e aceita sua designação de “energia” como “mal”. Ele prefere se identificar com o inimigo da comunidade do que reconciliar esse inimigo com a comunidade.

¹⁹ “The Voice of the Devil,” *The Marriage of Heaven and Hell* (p. 251)

²⁰ “There Is No Natural Religion,” first series, conclusion (p. 77)

A correspondência da inclinação com a lei é tal que a lei e a inclinação não são mais diferentes; e a expressão “correspondência da inclinação com a lei” é, portanto, totalmente insatisfatória porque implica que lei e inclinação são... ainda opostas. Além disso, a expressão pode ser facilmente entendida como significando isso... sua correspondência seria apenas aleatória, apenas a união de estranhos, uma união apenas no pensamento. [No entanto,] no “cumprimento” tanto das leis quanto do dever... a disposição moral, etc., deixa de ser o universal, oposta à inclinação, e a inclinação deixa de ser particular, oposta à lei, e, portanto, esta correspondência de lei e inclinação é vida e, como a relação dos diferentes entre si, o amor...²¹

Em outras palavras, o masculino e o feminino não apenas se dão bem, mas se unem em “uma só carne”. Eles se reconhecem um no outro e reformam o círculo primevo.²²

Essa história filosófica, e o grande problema que ela coloca para nós modernos, é alegorizada em *A Balada do Velho Marinheiro*, de Coleridge. Ele conta como um navio se perdeu na “névoa e na neve” e ficou preso nas águas da Antártida, onde “o gelo, na altura do mastro, passou flutuando”. Finalmente, eles são resgatados por um albatroz que passava; pois, embora não os livre da névoa ofuscante, traz “um bom vento sul” de modo que “o gelo se partiu”.

Em névoa ou nuvem vem, no mastro ou no ovém,
Por vésperas nove pousar;
Enquanto a noite inteira, em bruma alva e ligeira,
Luzia o alvo luar.

“Velho Marujo! Deus te salve dos demônios
Que de ti vão empós —
Que olhar! Que te molesta?” — “Com a minha besta
Eu matei o ALBATROZ.”²³

²¹ Hegel, *The Spirit of Christianity and its Fate*, §II (p. 213-14)

²² Veja Neumann, *The Origins and History of Consciousness*, p. 9

²³ Lines 51-82

Inicialmente, seus colegas de tripulação condenam essa ação: “Pois, para toda a nave, eu fora a morte da ave / Que faz soprar a brisa”. No entanto, quando eles começam a desfrutar dos benefícios do assassinato, eles dizem: “Justo era, em seu pensar, tal pássaro matar, / Que traz a névoa e a neblina.” Pois, o desaparecimento do nevoeiro permite que a tripulação veja o mundo com clareza. Isso é análogo à Queda do Homem orientado-a-objetivos para o mente-justa, isto é, no claro e imparcial conhecimento. Que necessidade temos de fé quando podemos ver claramente? Historicamente, isso é representado pela “morte de Deus” no Iluminismo. De fato, de acordo com Nietzsche, o Iluminismo foi o herdeiro da imparcialidade cristã, o que significa que a crucificação de Cristo representa (pelo menos *sociologicamente*) a “morte de Deus” — bem como o início da penitência do homem por ela.

Pois, o assassinato do albatroz também expõe a tripulação ao “sol sangrento” (em oposição ao “branco da lua”). Além disso, a brisa deixa de soprar em qualquer direção, deixando-os “Ocioso qual uma pintada embarcação / Num oceano pintado.”²⁴ O custo dos novos horizontes e da clareza de pensamento do homem é o desaparecimento de qualquer vento motivador e a nudez sob o calor abrasador da realidade objetiva e absoluta. Destas calmarias brotam uma série de outros males representativos do mundo moderno e mente-justa:

Água, água, quanta água em toda a parte,
E a madeira a encolher;
Água, água, quanta água em toda a parte,
Sem gota que beber.

O próprio abismo apodrecia,
Como, ó Cristo, aquilo foi se dar?
Coisas viscosas e com pernas rastejavam
Sobre o viscoso mar.

Sant'Elmo urdia à noite um coriscar de açoite,
Turbilhão e tropel;

²⁴ Lines 101-18

A água - um óleo de bruxa - verde, azul e branca
Ardia sob o céu.

O calor e a aridez tinham secado a língua,
Que até a raiz afligem;
E não podíamos falar, como se a nós
Sufocasse a fuligem.²⁵

Na primeira estrofe, temos o fenômeno irônico da fome *via* superprodução, famosamente descrito por Marx. Para falar em seus próprios termos: a acumulação capitalista de valores de troca (dinheiro, puro potencial econômico) substitui os antigos sistemas de consumo de valor de uso (água potável comprada com dinheiro, realidades econômicas). Assim, o capitalismo se revela como um mero estoque de potencial, e não uma realidade em si (como se anuncia). Da mesma forma, a mente-justa é o questionamento, não a resposta, da orientação-a-objetivos. É a inversão da roda da consciência: arrependimento, reavaliação, dissolução de julgamentos em favor de novas percepções; em suma, o bloqueio e a constrição do fluxo masculino, de modo que o sangue e a energia se acumulem — eretando assim o pênis para o sexo. Assim, o “não” da mente-justa catalisa o potencial de um “sim” cada vez mais forte a seguir, isto é, *corrige o objetivo da orientação-a-objetivos e o prepara para outra dose*; mas até então, conhecimento, recursos e energia são apenas armazenados como potencial, como água que não se pode beber (consumir), como vida sem a consumação de um sentido.

Na segunda estrofe, a estagnação do oceano faz com que ele literalmente apodreça sob o sol, diminuindo a distância entre a superfície do oceano e o “muito profundo”. Criaturas misteriosas emergem da lama do fundo e entram na luz do sol como os sujeitos do Santo dos Santos. Em outras palavras, a nova clareza mental adquirida pela morte de Deus revela à humanidade que ela não é tão simples ou bonita quanto pensava. Impulsos profundos e inconscientes, que antes se contentavam em continuar em segredo, agora são despertados pelos olhos curiosos do homem civilizado

²⁵ Lines 119-38

— e sua presença o perturba profundamente; pois, ele não tem meios para compreendê-los conscientemente.²⁶

As tentativas da mente-justa de “libertar” o homem de seus instintos “basais” e “egoístas” (mais notavelmente, para treiná-lo para fora de seu impulso sexual, um processo Medieval gradual coroado pela burguesia Vitoriana) só provaram o quão profundamente enraizado, complexos e extremamente poderosos são nossos impulsos. De fato, a melhor maneira de revelar os impulsos mais profundos do homem é protegê-lo de todo perigo ou luta, resolver todos os seus problemas para ele e ver o que brota dentro dele da fome de conflito.²⁷ E, na medida em que este *foi* o experimento da era moderna, o final do século XX foi dominado pela autoanálise, autocrítica e um grau sem precedentes de autoconsciência social: o homem lutou para entender como, apesar de todos os seus esforços ao se controlar, ele ainda havia cometido as atrocidades mais inspiradoras. Tais atrocidades, destruições e banhos de sangue são, acredito, representados pelos “fogos da morte” dançantes, que “caminham e desmoronam” como o avanço e recuo sem fim de soldados e exércitos em batalha e guerra. Pois, esta é a terceira estrofe: a imagem medonha do caldeirão de uma bruxa borbulhando com corrupções, ou seja, com as poluições da guerra e da indústria. Por esta razão, o homem está menos à vontade consigo mesmo do que nunca: *o homem está enojado consigo mesmo*, como o velho marinheiro estava enojado com as “Coisas viscosas e com pernas rastejavam / Sobre o

²⁶ Essa é a metáfora por trás da história de Lovecraft, *Dagon*, na qual um oficial da Primeira Guerra Mundial se vê abandonado em um trecho do fundo do oceano trazido à superfície pela atividade vulcânica. Ele é posteriormente enlouquecido pela visão de um deus gigantesco e antigo desenterrado junto com a lama. Lovecraft escreveu na virada do século e, portanto, o tema do homem despertando antigas abominações permeia sua obra.

²⁷ Nas palavras do homem do submundo de Dostoiévski, “dê [à humanidade] prosperidade econômica, de modo que ela não tenha mais nada para fazer a não ser dormir, comer bolos e se ocupar com a continuação de sua espécie, e mesmo assim por pura ingratidão... ele inventará destruição e caos, inventará sofrimentos de todos os tipos... [para] convencer-se de que ele é um homem e não uma tecla de piano!” (*Notes From Underground*, §VIII; p. 231)

viscoso mar”. Ele se questiona e se critica e se descobre — mais do que pode suportar.

Por fim, a última estrofe mostra os marinheiros perdendo a capacidade de comunicação. Isso, acima de tudo, representa o fracasso do universalismo em se manter por conta própria.²⁸ A contextualidade forma o conteúdo, a universalidade a forma. Sem contexto, o universal é uma casca, onde “nunca sabemos do que estamos falando, nem se o que estamos dizendo é verdade.”²⁹ Temos as ferramentas e equipamentos para produzir a linguagem, mas a linguagem por si mesma não fornece o significado; pois, a comunicação é a comunicação de *significado*. Esse significado é fornecido pelo sujeito, *via* um salto de fé Kierkegaardiano. Sem essa fé, sem risco subjetivo, aventura no desconhecido, não há comunicação; no máximo, há conversa vazia. Está assim falando que, para comunicar-se com seus companheiros de tripulação, o antigo marinheiro fez isso: “O meu braço morde, suguei o próprio sangue, / E gritei...”³⁰ É sua própria força vital que restaura seus poderes de fala; agora ele está falando, por assim dizer, “do coração”.

Este incidente leva ao resumo de sua situação em uma metáfora potente, a saber, uma visão sobrenatural de um navio fantasma:

Seria essa Mulher sua tripulação?
Ela seria a MORTE? A MORTE é a companheira?
Ou ambas que lá estão?
...Ela era o próprio Pesadelo VIDA-EM-MORTE,
Que o sangue humano gela.³¹

O problema único da era moderna muda da morte (como em *The Iliad* ou em *The Epic of Gilgamesh*) para a paradoxal “vida em morte”, isto é, niilismo, falta de sentido, sofrimento sem

²⁸ Uma condição anunciada pela virada linguística na filosofia, particularmente as contribuições de Wittgenstein e Derrida.

²⁹ Bertrand Russell, *Mysticism and Logic*, p. 71; ele estava descrevendo matemática pura.

³⁰ Lines 160-61

³¹ Lines 187-94

sentido, depressão, tédio.³² A vida está garantida para nós, mas o significado dessa vida, sua qualidade espiritual, não está garantido de forma alguma. O homem torna-se um zumbi, uma casca vagante, um “homem oco.”³³ Assim, vemos como o marinheiro ateu é cercado pelos cadáveres de seus camaradas, uma literal “vida na morte”. A tripulação morta nunca está fora de vista, nem apodrece, mas mantém-se muito claramente na memória do marinheiro. Da mesma forma, o homem moderno é assombrado por guerras e holocaustos recentes — e ele não tem nada para justificá-los, nem nada substancial para *condená-los*! Não há nada certo pelo qual ele possa se orientar em relação a eles. Ele só pode ficar em silêncio.

Qual é a solução que Coleridge dá ao marinheiro e, por extensão, ao homem moderno? Curiosamente, vem da atitude do marinheiro em relação às “coisas viscosas”. Ao longo da Parte IV do poema, o antigo marinheiro fica sozinho no cemitério de um navio. Ele continuamente olha para frente e para trás entre “o oceano putrescente” onde tinha “milhares de viscosos seres vivendo” e “o convés putrescente”, onde tinham “os mortos lá deitados.”³⁴ Finalmente, ele fixa o olhar nas coisas viscosas e começa a apreciar sua estranha beleza:

...Movem-se em trilhas de candura que fulgura,
E, quando se erguem, chispam
lâminas de alvura das luzes de magia.

Dentro da sombra do navio, as ricas vestes
Suas vestes ricas vejo:
De azul, negro-veludo, ou verde que rebrilha
Nadam e se enovelam, quando cada trilha
De áurea chama é um lampejo

³² A dicotomia aqui é representada no poema de Frost, *Fire and Ice*, onde a orientação-a-objetivos é a destruição do mundo pelo fogo (desejo, fome, luxúria), e a mente-justa é a “destruição do gelo” (falta de parcialidade, coração de pedra, apatia).

³³ O poema *The Hollow Men* de T.S. Eliot explora muitos desses mesmos conceitos, particularmente a perda da fala significativa — que, por sua vez, é explorada na música de Simon e Garfunkel “The Sound of Silence”.

³⁴ Lines 238-42

Felizes criaturas!
A beleza vossa não há quem represente...
Uma fonte de amor jorrou deste meu peito,
E as bendisse inconsciente...³⁵

Isso quebra o feitiço e, logo em seguida, os ventos voltam, levando o navio à salvação. Então, perto do final do poema, essa poderosa “fonte de amor” é apresentada como a moral da *Balada*:

Adeus, adeus! Porém... acrescentar convém,
Convidado Nupcial:
somente reza bem aquele que ama bem
Homem, ave e animal.

Somente ora melhor quem sabe amar melhor
A tudo, grande e miúdo;
Pois o bondoso Deus, que tem amor por nós,
Ele fez e ama tudo.³⁶

Visto que a maldição começou com um grande “Não!” ou seja, a morte do albatroz, a maldição é quebrada por um grande “Sim!” isto é, o despertar do amor e da caridade mesmo para as “coisas viscosas” das profundezas — isto é, do próprio homem, *em sua totalidade psíquica*, seja na própria pessoa individual ou na psique inversa de outro. Um começou no “amor” sem conhecimento, perdeu esse “amor” para obter conhecimento e finalmente terminou com amor *apesar* do conhecimento — tal conhecimento, de fato, aperfeiçoa e torna genuíno o amor.

O Apóstolo Paulo disse sobre o amor: “Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.”³⁷ De particular interesse é a frase: “Todas as coisas ele suporta”. O grego é *πάντα* (panta: “todo, tudo”) *στέγει* (stegei, “suporta”). A segunda palavra significa mais literalmente “abrigar com um telhado”, uma metáfora para encobrir algo com silêncio, isto é, suportar algo *sem reclamação ou acusação*.³⁸ Assim, há uma sensação de não julgamento,

³⁵ Lines 272-87

³⁶ Lines 610-18

³⁷ 1 Corinthians 13:7 (trad. do autor)

³⁸ Strong's Exhaustive Concordance, Greek: 4722

aceitação e *perdão* inerentes à palavra. Como disse Pedro: “Antes de tudo: conservai fervoroso amor entre vós; pois, o amor cobre uma infinidade de pecados.”³⁹ Uma representação arquetípica desse amor é a reconciliação e o casamento de aparentes *opostos*; por exemplo, de Jeová para Israel, de Deus para o homem. Assim, o antigo marinheiro fala com um convidado de casamento, interrompendo suas celebrações, como se dissesse: “Deixe-me descrever um casamento mais profundo e sagrado”. O que é necessário para tal casamento é o *amor*, expresso na aceitação, e mesmo na defesa, daquelas “coisas viscosas” escondidas no fundo de nossa própria alma, mas muito presentes nas almas dos outros; coisas que, por mais difícil que seja acreditar, Deus realmente fez e permitiu que existissem, porque são igualmente necessárias para a constituição do Ser. E eles habitam dentro de você também, embora escondidos — e embora algumas de suas manifestações possam desagradar a Deus, tanto os impulsos quanto os indivíduos que os possuem ainda são de Deus. Eles têm um grande potencial para eles, o mesmo que você.

Nietzsche acreditava que um homem sem impulsos não poderia fazer o bem ou criar o belo, assim como um homem castrado não poderia gerar filhos. Um homem com impulsos fortes pode ser mau porque ainda não aprendeu a sublimar seus impulsos, mas se algum dia adquirir o autocontrole, poderá alcançar a grandeza. Nesse sentido, há mais alegria no céu por um pecador arrependido do que por noventa e nove homens justos — se os últimos são justos apenas porque são fracos demais para pecar.⁴⁰

A intolerância moral é uma expressão de fraqueza em um homem: ele tem medo de sua própria “imoralidade”, ele deve negar seus impulsos mais fortes porque ainda não sabe como empregá-los.⁴¹

³⁹ 1 Peter 4:8 (trad. do autor)

⁴⁰ Kaufmann, *Nietzsche*, p. 224

⁴¹ Nietzsche, *The Will to Power*, §385 (p. 207)

Para Deus, amável é o todo, e bom e correto; a humanidade, no entanto, considera que alguns, por um lado, estão errados, mas alguns certos.⁴²

A dialética, como vimos, é tripla: (1) Humpty-Dumpty sentou em uma parede; (2) Humpty-Dumpty teve uma grande queda; (3) e com a ajuda dos homens do imperador, Humpty se recompôs. Uma imagem menos cômica é a de Osíris, que foi desmembrado por seu invejoso irmão Set, e seus pedaços espalhados pelo Egito; foi a esposa de Osíris, Ísis, que juntou os pedaços e o remontou. Isso o devolveu à vida, e os dois copularam, concebendo a queda de Set na forma de Hórus. Assim, uma união é dividida e, em sua reunificação, algo maior é produzido. Perde-se uma sabedoria inconsciente e, para recuperá-la, é preciso recriá-la conscientemente. Ausência faz o coração aumentar mais a afeição.

...alegria no céu haverá por um pecador que se arrepende, do que por noventa e nove justos que não precisam de arrependimento. Ou que mulher... se ela perder uma dracma, não acender uma lâmpada e varrer a casa, e procurar com cuidado, até encontrá-la? E, tendo encontrado, ela reúne seus amigos e vizinhos, dizendo: “Alegrai-vos comigo! Pois, eu encontrei o dracma que perdi.”⁴³

Essa narrativa da ressurreição é uma estrutura básica da existência, ocorrendo em todos os níveis e em todos os tempos; não apenas no grande palco histórico, mas em palcos mais locais e individuais — estágios dentro de estágios. É a forma essencial do mito do herói: uma descida ao submundo para matar um dragão e ressuscitar um mundo da superfície moribundo. Essa ressurreição geralmente é coroada com o casamento com uma virgem resgatada. Assim, o herói, ao passar pela coisa mais difícil — de fato, sacrificando tudo o que ele tem — prova-se digno da mão da princesa, e com ela engendra uma nova geração.

⁴² “τῷ μὲν θεῷ καλὰ πάντα καὶ ἀγαθὰ καὶ δίκαια, ἄνθρωποι δὲ ἃ μὲν ἄδικα ὑπελήφασιν ἃ δὲ δίκαια,” (Heraclitus, DK frag. B102; trad. do autor)

⁴³ Luke 15:7-9 (trad. do autor)

É essencial compreender que a atribuição do sexo nesta narrativa *não é arbitrária nem sexista. O herói simboliza o elemento masculino em cada psique individual, de forma independente do sexo biológico desse indivíduo.* A masculinidade, propriamente entendida, é o *heroísmo* do sujeito, não a posse de um pênis. O pênis ou falo é uma manifestação, em nível biológico, de uma estrutura mais profunda da realidade; é o símbolo biológico de um traço mais fundamental e abstrato: masculinidade, subjetividade, orientação-a-objetivos. A nível biológico, masculinidade é exclusivo do sexo fático, mas em outros níveis de realidade não é. No nível psíquico, por exemplo, encontramos o homem dentro da mulher e a mulher dentro do homem (o que Jung chamou de “animus” e “anima” respectivamente); mais precisamente, encontramos o homem e a mulher dentro de uma mulher, e o homem e a mulher dentro de um homem. Assim como um homem “literal” não poderia existir sem um pai e uma mãe “literais”, também a psique de um homem não pode existir sem aspectos masculinos e femininos. Sendo assim, *é moralmente incumbência de cada ser humano, homem e mulher, desenvolver e representar sua masculinidade e feminilidade inerentes* — e com isso quero dizer a atuação dos mitos do herói e do amante dentro do contexto de sua vida.⁴⁴

Uma mulher biológica com uma psique masculina não está por isso dispensada de desenvolver seu aspecto feminino, assim como um homem masculino não estaria. Mostramos que o feminino representa a preocupação com o objeto e as limitações criativas que o objeto impõe ao sujeito. O masculino supera os desafios colocados pelo ou diante do feminino que, por sua vez, ajuda o masculino a superar esses desafios. O feminino representa a recompensa pelo sacrifício, isto é, o casamento dos opostos. Ele define o preço dessa recompensa e ajuda a pagar esse preço (isto é, o dote). Assim, o feminino conduz o masculino pelo caminho da perfeição, assim como Ariadne ajudou Teseu a encontrar o Minotauro e escapar de seu labirinto. E qual foi a recompensa de

⁴⁴ Eu estou, é claro, extraindo esses insights de Erich Neumann, Joseph Campbell e Jordan Peterson.

Ariadne? Que na ilha de Naxos o mortal Teseu desapareceria, *para ser substituído por um deus* — o noivo Dionísio.

Assim, o feminino prepara seu próprio noivo, que a levará embora. Essa ideia é mais explícita nos contos de “A Bela e a Fera” ou “O Príncipe Sapo”; além disso, existe o estereótipo de mulheres tratando seus amantes masculinos como “projetos” a serem “trabalhados”, “consertados” ou até “salvos”. Estas são tentativas ingenuamente literais de viver uma narrativa arquetípica, moldando um sapo ou um animal de um homem em um príncipe de fantasia. Eles são tão bem sucedidos quanto um homem tentando ganhar ou merecer ou pagar pelo amor de uma mulher, por exemplo, comprando presentes, ou realizando proezas perigosas, ou matando um “dragão” percebido como guardando-a. Ambos os sexos fariam melhor voltando suas narrativas *para dentro*, desenvolvendo o masculino e o feminino dentro *de si*, antes de incomodar os homens ou mulheres fora deles. Ou seja, eles devem desenvolver tanto a orientação-a-objetivos quanto a mente-justa dentro de si mesmos. Eles devem se casar com os opostos e, assim, nascer de novo como o filho divino do casal. O casamento interno (e a renovação de si mesmo) deve preceder o casamento externo.

Por um lado, Neumann afirmou que a própria consciência era arquetipicamente masculina, enquanto a inconsciência era arquetipicamente feminina, porque o herói masculino deve escapar de sua mãe e estabelecer uma relação independente e não edipiana com o feminino.⁴⁵ Jung, por outro lado, disse que a consciência era caracterizada em alinhamento com o sexo biológico, e a inconsciência expressava a persona oposta na forma de anima ou animus. Para ser mais preciso, ele acreditava que a sexualidade de sua persona (uma personalidade projetada usada para interagir com a “consciência coletiva”, isto é, a sociedade) era compensada pela sexualidade oposta de sua anima ou animus (que é, com efeito, a persona usada para interagir com o

⁴⁵ “...mesmo na mulher, a consciência tem um caráter masculino,” (*The Origins and History of Consciousness*, p. 42); também, “...para estar consciente de qualquer forma, começa por dizer ‘não’ para... a Grande Mãe, ao inconsciente”, (*Ibid.* p. 121).

inconsciente coletivo).⁴⁶ Os interessantes esforços de Neumann para resolver esta contradição não são de grande interesse para nós aqui;⁴⁷ o que importa é a ideia de que a consciência e a inconsciência, dentro do indivíduo, podem ser simbolicamente personificadas como sexos opostos. Assim, reconciliar o consciente e o inconsciente é simbolizado como um casamento do homem e da mulher dentro do indivíduo: seu filho é a realização do que Jung chama de “Self”, e sua imagem arquetípica é Cristo.⁴⁸

Cristo nasceu de dois opostos: um Pai imortal e infinito do céu e uma mãe mortal e finita na terra. Ele sacrificou tudo em uma batalha contra o mal e a morte, desceu ao inferno e voltou ressuscitado. Ele assim pagou o dote necessário para se casar com Israel (entendido como todos aqueles que fazem convênio com Ele), e por esta união renovou o mundo. Cada flor sobre a qual Sua luz amanhece, desabrocha, através dos campos outrora desertos. É o testemunho de ambos os evangelhos canônicos e não canônicos que Jesus de Nazaré, que é chamado de Cristo, estava bastante consciente dessa mitologia heróica (particularmente como existia em seu meio cultural hebraico), e estava trabalhando ativamente para representá-la no palco do Segundo Templo da Judéia. Repetidamente, Jesus conta a Seus discípulos sobre seu destino arquetípico aceito,⁴⁹ e sua derivação das escrituras que eles reivindicam como sua herança.⁵⁰ E, no entanto, Jesus também insistiu que seu destino não fosse proclamado ao público até *depois* de Sua morte; era um ensinamento secreto, o mesmo que a interpretação da parábola do semeador. “A vós [meus discípulos mais chegados] é dado conhecer o mistério do reino de Deus; mas

⁴⁶ Veja *Psychological Types*, p. 467-72; a dicotomia entre consciência e inconsciência é novamente discutida no capítulo 5, onde é mais explicitamente tecida na teoria deste livro.

⁴⁷ Veja sua obra *Amor and Psyche: The Psychic Development of the Feminine*.

⁴⁸ Veja, em particular, capítulo 5 de *Aion* de Jung.

⁴⁹ Veja, por exemplo, Matthew 16:21 e 20:17-19; Mark 8:31-32 e 10:33-34; e Luke 9:22 e 18:31-33. Essas mesmas escrituras incluem a insistência de Jesus para que a informação não seja tornada pública.

⁵⁰ Por exemplo, a mesma frase geral: “O Filho do homem vai *mesmo como está escrito a seu respeito*, mas aí daquele por quem é traído”, aparece em Matthew 26:24, Mark 14:21, e Luke 22:22 (ênfase do autor).

aos que estão de fora, todas estas coisas se passam por parábolas...”⁵¹ Que a identificação de Jesus com o Cristo tenha sido mais tarde proclamada abertamente não exclui a possibilidade de outros “mistérios” permanecerem selados. Esta é a ameaça representada pelos Gnósticos e seus evangelhos.

Dos Gnósticos, aqueles mais notavelmente relevantes para nossa discussão foram os Valentinianos e seu “Evangelho de Filipe”, por causa de sua grande ênfase em um rito de casamento místico que coroava suas iniciações, isto é, a *ninfa* ou “câmara nupcial”. Como relatou Irineu: “Pois alguns deles preparam um leito nupcial e realizam uma espécie de rito místico, pronunciando certas expressões, com aqueles que estão sendo iniciados, e afirmam que é um casamento espiritual que é celebrado por eles, à semelhança das conjunções acima.”⁵² No Evangelho de Filipe, é ainda explicado que,

...a separação [de homem e mulher] tornou-se o começo da morte. Por causa disso, Cristo veio para reparar a separação que havia desde o princípio, e novamente unir os dois, e dar vida aos que morreram como resultado da separação, e uní-los... aqueles que se uniram na câmara nupcial não serão mais separados. Assim, Eva se separou de Adão porque não foi na câmara nupcial que ela se uniu a ele.⁵³

Na cerimônia da câmara nupcial, o iniciado era sempre considerado simbolicamente feminino e reunido ao divino masculino. Era, por assim dizer, um casamento com o próprio animus, independentemente do sexo, *porque o casamento era uma reencenação simbólica* da reunião de céu e terra, espírito e matéria, masculino infinito e feminino limitador — assim, o iniciado estava sempre no papel do feminino, sendo mortal e da terra, enquanto o noivo era celestial e imortal. Isso nos lembra das alusões do próprio Jesus a um aposento simbólico, com Ele mesmo como o noivo divino *que pagou o dote*. Por exemplo, ao

⁵¹ Mark 4:11, KJV; a mesma frase é encontrada em Matthew 13:11 e Luke 8:10.

⁵² *Against Heresies*, Book I, chap. XXI, ¶3

⁵³ 70.9-22 (p. 151-52)

explicar por que Seus discípulos não jejuam,⁵⁴ e na parábola das dez virgens⁵⁵ (bem como o próprio testemunho de João⁵⁶). De fato, o símbolo de Deus como noivo e Israel como, coletivamente, a noiva, permeia o pensamento Judaico e Cristão, de Isaías a Paulo.⁵⁷

O símbolo de um herói do céu resgatando uma virgem terrena dificilmente é estranho ao Cristianismo. Ainda menos estranha é a noção de ter um “eu melhor”, chamando do reino do seu melhor potencial (isto é, nos termos de Jung, o “Self”). A cerimônia Valentiniana da câmara nupcial, independentemente de sua linhagem de Jesus, é um rico símbolo do compromisso de alguém para realizar esse “eu melhor”, o Cristo dentro de si. De qualquer forma, ele se liga a uma linhagem de simbolismo muito mais antiga: o casamento sagrado ou *hieros gamos* do rei e da alta sacerdotisa, agindo no lugar da mãe e do pai divinos do povo (por exemplo, o festival Babilônico de Akitu).

É claro que não devemos ser ingênuos em relação a tais rituais. Embora que a partir da grande distância de tempo eles possam nos dar uma visão, uma inspeção mais próxima revela como as águas realmente eram lamacentas. Irineu criticou os Valentinianos por causa dos cultos assustadores e abusivos que eles geraram, e vidas subsequentes que arruinaram.⁵⁸ É um pouco diferente da atividade

⁵⁴ “Enquanto eles têm o noivo com eles, eles não podem jejuar [isto é lamentar],” (Mark 2:19, KJV); veja também Matthew 9:15 e Luke 5:34.

⁵⁵ Matthew 25:1-13

⁵⁶ John 3:28-29

⁵⁷ Veja, por exemplo, Hosea 1:2 e 2:16-23; Isaiah 49:18 e 62:5; Revelation 21:2; 2 Corinthians 11:2-4; e Romans 7:4.

⁵⁸ Mais notavelmente o herege Marcus, que enganaria as mulheres ricas a pensar que ele lhes concedeu dons de profecia: “Ela então, inutilmente inchada e exultante por [suas] palavras... descaradamente profere alguma bobagem quando acontece de ocorrer a ela... Doravante ela se considera uma profetisa e expressa seus agradecimentos a Marcus por ter transmitido a ela... Ela então se esforça para recompensá-lo, não apenas com a doação de seus bens (de modo que ele acumulou uma fortuna muito grande), mas também entregando-lhe sua pessoa, desejando de todas as maneiras unir-se a ele...” (Irenaeus, *Against Heresies*, Book I, chap. XIII, ¶3). Esse golpe foi especialmente insidioso porque imitava

cultural de hoje. Mas isso não contradiz a bondade inerente da ideia ou símbolo da câmara nupcial — pelo contrário, eu argumentaria que paradoxalmente conta a seu favor. No reino arquetípico, o bem e o mal não são estranhos um ao outro, mas *irmãos* hostis, Caim e Abel, o fracasso ressentido e o sucesso martirizado. Esse arquétipo, dizem alguns, se estende em princípio a Jesus e a Satanás:

E o Senhor [Deus Pai] disse: A quem enviarei? E um respondeu como o Filho do Homem: Eis-me aqui, envia-me. E outro respondeu e disse: Aqui estou, manda-me. E o Senhor disse: Enviarei o primeiro. E o segundo ficou bravo... e, naquele dia, muitos o seguiram.⁵⁹

O verdadeiro mal é usurpação do bem; ele imita e, assim, tenta em vão suplantar o bem. É por isso que as melhores coisas (por exemplo, amor conjugal) tornam-se as piores coisas quando distorcidas (por exemplo, abuso doméstico). O mal rouba toda a sua eficácia do bem. É parasita. Quanto maior o bem, maior a força moral necessária para mantê-lo e, portanto, maior o risco de dar terrivelmente errado. Somente os verdadeiros amigos podem infligir as feridas da traição; devemos então dispensar inteiramente os verdadeiros amigos? Somente a ciência poderia aprender o terrível segredo da fissão nuclear; devemos então dispensar a ciência? Somente a religião pode fazer com que homens bons façam o mal; devemos então dispensar a religião?

Às vezes sim. E às vezes, não. Não é uma questão que possa ser respondida com uma regra simples, e julgo que só está ao meu alcance expor a situação sem muitas rugas: que muitas vezes, o que foi justificadamente rejeitado e negado, para nossa própria defesa, deve eventualmente ser reintegrado para nos tornar inteiros.

como o ministério de Jesus era substancialmente, se não totalmente, financiado por um número de discípulas altamente devotadas: “E algumas mulheres, que foram curadas de espíritos malignos e de enfermidades... ministraram a ele de sua substância,” (Luke 8:2-3, KJV; veja também Matthew 27:55 e Mark 15:41).

⁵⁹ *The Book of Abraham*, 3:27-28

Capítulo 4:

Os Quatro Temperamentos

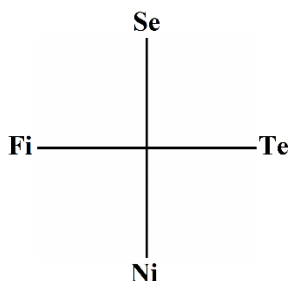
Na medida em que percepção e julgamento são ambos necessários para a personalidade, então a personalidade deve incorporar tanto um eixo de percepção quanto um eixo de julgamento. O polo de um eixo (isto é, uma função) é preferido sobre os outros, que são relegados a diferentes posições auxiliares. As quatro combinações possíveis de eixos de percepção e julgamento são:

	Te / Fi (contextual)	Fe / Ti (universal)
Se / Ni (contextual)	Se / Ni + Te / Fi Monárquico	Se / Ni + Fe / Ti Teocrático
Ne / Si (universal)	Ne / Si + Te / Fi Anárquico	Ne / Si + Fe / Ti Democrático

Ou, novamente, nos pares de linhas do *I Ching*:

— —	— —	— —	— —
[Sentimento]	[Sensação]	[Intuição]	[Pensamento]
(Sim, Sim)	(Não, Não)	(Não, Sim)	(Sim, Não)
Monarca	Democrata	Anarquista	Teocrata

Os dezesseis tipos de personalidade são cada um uma preferência por uma função sobre as outras três, fazendo quatro tipos por combinação de eixos, totalizando dezesseis tipos distintos. Assim, uma personalidade pode ser modelada no diagrama à direita, com a função mais preferida como o ponto mais alto da cruz.



Isabel Myers sustentou que a função mais dominante é sempre auxiliada por uma função de racionalidade e atitude opostas, significando que, no caso da personalidade acima, a Fi teria precedência sobre a Te. A hierarquia exata das funções em uma personalidade será discutida mais adiante; por enquanto, vamos nos concentrar nas características das combinações dos quatro eixos, ou “temperamentos”.

Se / Ni + Te / Fi

O Temperamento Monárquico

Para o temperamento monárquico, tanto a percepção quanto o julgamento são governados por contexto pessoal. Para ser franco, isso significa que *o universo gira em torno deles*. O critério de maior valor é sua própria pessoa: suas necessidades, desejos e objetivos consequentes. Esse aspecto de seu temperamento transcende filosofias específicas; tanto Ayn Rand quanto Karl Marx invocam as necessidades e desejos inerentes dos indivíduos, e afirmam estar lutando por tais.¹ E, como Rand aponta,² isso não significa que sejam egoístas em sentido absoluto, pois suas próprias necessidades não necessariamente contradizem as dos outros, e são, de fato, *auxiliadas* por trocas mutuamente benéficas (embora deva-se admitir que às vezes essas trocas são impossíveis). Até mesmo atos de auto-sacrifício podem ser a melhor maneira de satisfazer as próprias necessidades e valores internos; a segurança de um ente querido, ou mesmo de uma nação, pode alcançar tal prioridade que o monarca se sente compelido por uma fome espiritual a se sacrificar por ela. Mas o que eles *não podem* fazer é ver ou agir de forma desinteressada ou imparcial. Eles são cegos sem um contexto específico dentro do qual operar, ou um objetivo específico pelo qual lutar. E, como eles conhecem melhor seu próprio contexto, também é melhor atender primeiro aos seus próprios objetivos e necessidades.

¹ Rand inunda seus escritos com essa ideia; Marx é menos direto, mas veja especialmente em *Economic and Philosophic Manuscripts of 1844*.

² Mais notavelmente na introdução e primeiro ensaio de *The Virtue of Selfishness*.

Sendo tão totalmente contextual, o mundo exterior é percebido como um conjunto de fatos e objetos dados cujo significado é inteiramente relativo ao sujeito; as coisas são vistas com um utilitarismo egocêntrico, como dando ao sujeito oportunidades para a efetivação de sua vontade. Eles são uma estrela ardente, de cujas entranhas tudo no universo é iluminado, ou escondido nas sombras dos iluminados. O mundo é visto em rica iluminação, *mas apenas de um ângulo* — um ângulo arbitrário para o Ser geral dos objetos em si. O sentido de uma coisa é compreendido *apropriando-se* dela ao sujeito, relacionando-a consigo mesmo. O valor de uma coisa depende de sua utilidade do ponto de vista do sujeito; isto é, o quão bem aquilo ajuda o sujeito a atingir seus objetivos.

A entelúquia de Aristóteles é a quintessência disso. Tudo pode ser julgado como “bom” ou “mau” dependendo de quão bem ele atinge a forma metafísica *que Aristóteles assume para ele*. Por exemplo, uma bolota é melhor do que um carvalho — mas isso só é óbvio do ponto de vista humano de Aristóteles, que encontra mais uso em carvalhos do que bolotas. De qualquer forma, não é uma avaliação objetiva, desde que a bolota não possa ser consultada sobre o assunto. Esse temperamento geralmente é o que mais luta contra a distinção “é/deve” de Hume, porque o que eles próprios são *é* o que devem fazer. O sujeito é o fator mais estável para eles; o objeto é o que deve se mover, como uma ferramenta em suas mãos. Assim, Aristóteles afirma que seu ponto de vista sobre a bolota coincide perfeitamente com a realidade, e aqueles que vêem as coisas do mesmo ângulo, e que compartilham seus mesmos objetivos, o saudarão como um gênio penetrante. Mas continua sendo apenas uma perspectiva possível, embora muito útil para humanos. Como Pangloss declarou: “Os porcos foram feitos para serem comidos — portanto, comemos carne de porco o ano todo.”³

Sendo egoísta, esse temperamento é, portanto, também elitista, pois tudo é mensurável em relação ao sujeito. A escala de valor é pressuposta: tudo é quantitativamente graduável em seu valor até a décima casa decimal. Por exemplo, na medida em que

³ Voltaire, *Candide*, chap. 1 (p. 16)

Aristóteles definiu “eficácia” para carvalhos, cada carvalho individual pode agora ser classificado ao longo deste espectro artificial, cada carvalho diferindo ligeiramente um do outro (dependendo da precisão da medição). Essa ideia pode ser aplicada também a pessoas, que são valorizadas ou desvalorizadas de acordo com sua utilidade para o sujeito valorizador. No entanto, embora esse temperamento possa ridicularizar um determinado estilo de vida como objetivamente inferior, eles ainda podem admitir que o estilo de vida é legítimo e até *útil* para certos tipos inferiores de pessoas. Não é da conta do monarca invadir o mundo pessoal dos outros. Assim, o monarca assume que todos são tão egoístas quanto eles — até mesmo que o egoísmo seja a condição para a vida e a existência (como afirmou Nietzsche). Como tal, todos têm necessidades e valores diferentes que procuram satisfazer e devem satisfazer, mesmo que sejam necessidades e desejos *inferiores* (por exemplo, a ordem de classificação de Nietzsche). Como Bobby Fischer afirmou: “A maioria das pessoas são ovelhas e precisam do apoio dos outros.”⁴ As ovelhas são assim detestadas e, no entanto, não se espera que se tornem mais do que ovelhas. Desta forma, o temperamento monárquico é fundamentalmente condescendente. Como o misantropo de Molière declarou,

A estima, se for real, significa preferência,
E quando concedido a tudo isso não faz sentido.
...Eu desprezo a vasta indulgência de um coração
Que não vai definir o próprio mérito à parte...⁵

Simpatia para este temperamento é sempre auto-identificação. Se nenhum paralelo pessoal pode ser encontrado, então nenhuma simpatia pode ser concedida, simplesmente porque a outra pessoa permanece ininteligível. Esse temperamento não pode amar no abstrato, nem ser compassivo por princípio; para eles, estas são contradições em termos. O amor verdadeiro (ou qualquer ato verdadeiramente moral) deve ser uma questão de auto-expressão: deve vir de um lugar inteiramente independente das exigências ou

⁴ Entrevista com *Ambassador Report*, “Bobby Fischer Speaks Out!” 1977

⁵ *The Misanthrope*, act I, scene I, lines 57-58, 61-62

expectativas dos outros. Como disse Napoleão: “É preciso, de fato, ignorar os métodos do gênio para supor que ele se deixa limitar pelas formas. Formas são para a mediocridade...”⁶

Além disso, esses tipos são marcados por um senso defensivo de pureza, de não se contaminarem com a loucura dos grupos. Eles não suportam comprometer sua vida interior com a da multidão. Isso pode torná-los excepcionalmente teimosos, orgulhosamente distantes e também mal adaptados à revisão por pares ou críticas no sentido Ne ou Fe. Como vai a música:

Quando crescemos e fomos para a escola,
Havia alguns professores que iriam
Machucar as crianças da maneira que pudessem,
Ao derramar seu escárnio
Sobre qualquer coisa que fizemos,
Expondo toda fraqueza
No entanto escondida pelas crianças com cuidado.
...Nós não precisamos de nenhuma educação,
Nós não precisamos de nenhum controle de pensamento,
Nada de sarcasmo sombrio na sala de aula;
Professor, deixe essas crianças em paz.⁷

Consequentemente, esse temperamento goza (e sofre de) uma notável eficiência psíquica: quando em seu máximo, o que eles querem é indistinguível do que eles realmente fazem — e, idealmente, eles organizaram e entenderam o universo tão bem que o que eles fazem é sempre bem sucedido em conseguir o que querem. Assim, o sonho do monarca é submeter tudo à própria vontade, *para que o que eles querem seja o que acontece no mundo* — para que sua vontade seja perfeitamente efetiva e seu próprio sujeito se torne um com seus objetos (por exemplo, os conceitos de Marx e Hegel de alienação e de superação da distinção sujeito-objeto). Aqui, então, está um monarca e aristocrata: construído para comandar e ser obedecido, e detesta se curvar. Talvez a descrição mais sucinta para eles seja sua tendência a um *solipsismo* indiferente.

⁶ *Napoleon: In His Own Words*, chap. 1 (p. 3)

⁷ Roger Waters, *The Wall*, “The Happiest Days of Our Lives,” e “Another Brick in the Wall (Part 2)”

Ne / Si + Fe / Ti

O Temperamento Democrático

O temperamento democrático se opõe ao monárquico em todos os aspectos essenciais. O democrata não é governado pelo contexto, mas pela sua transcendência; isto é, eles são *trans-contextuais*. Seus critérios de verdade e valor não derivam de suas próprias necessidades, mas sim das necessidades de *todos os outros*. Eles giram em torno do universo. Eles assumem um poleiro de Arquimedes. Essa posição leva à codificação de leis ou padrões universalmente consistentes, destinados a dar conta de todos os contextos possíveis. É assim que eles são psicologicamente “democráticos”: a multidão (isto é, o impessoal) os governam — eles não governam a multidão.

Em contraste direto com o sol luminoso do monárquico, o democrata se sente ridiculamente insignificante, um mero ponto em uma galáxia de estrelas, de contextos e perspectivas, cada um exigindo sua própria acomodação, seu próprio “olhar ao redor”. Assim, em vez de acrescentar sua própria voz à cacofonia egocêntrica, o democrata busca uma posição *fora* do caos, onde possam ver tudo com calma; onde eles não são atingidos por paixões e preconceitos momentâneos, e podem considerar toda a questão, de uma só vez. Para agir com responsabilidade, esse temperamento acredita que tem o dever de dar conta de todos esses outros corpos, estrelas e vozes em suas equações e encontrar um *compromisso universal*. O imperativo categórico de Kant é a expressão mais sucinta e sublime dessa atitude — primeiro, porque *é* um imperativo categórico, isto é, uma obrigação incondicional, obrigatória em todas as circunstâncias, independentemente de inclinação ou propósito — e segundo, porque seu princípio real é: “Aja somente segundo aquela máxima pela qual você possa ao mesmo tempo querer que ela se torne uma lei universal.”⁸ Isto é, se todos pudessem concordar razoavelmente com tal coisa, *então* tal coisa seria moral.

Os enquadramentos tradicionais de altruísmo e auto-sacrifício se aplicam a eles: os *próprios* sentimentos, necessidades e desejos

⁸ Kant, *Groundwork of the Metaphysic of Morals*, p. 88

são motivo de reprovação ou autodepreciação. Esses tipos não podem se promover conscientemente mais do que um líder democrático pode agir contra a vontade de seus eleitores (ou, mais precisamente, eles não podem *parecer* estar agindo assim, mas o autoengano é possível). De qualquer forma, esse temperamento se recusa a confiar conscientemente em seus próprios desejos como critérios confiáveis para qualquer coisa importante. Ao contrário do monarca, cujo olho é a verdade e cuja vontade é a lei, o democrata desconfia de seus próprios olhos ou vontade, ou dos olhos e vontade de qualquer indivíduo, e em vez disso se volta para o olho e a vontade abstratos, impessoais e transcontextuais de Deus, Razão, Existência, ou o que for: regra da lei, dever, justiça abstrata, o bem maior, etc. — a algum padrão *mantido internamente* que eles ainda imaginam ser verdadeiro para todos os tempos, lugares e povos, e do qual nenhuma exceção pode se esconder, não importa quão estranhas sejam. Em suma, eles não governam por vontade própria, mas são governados por uma “vontade” superior abstraída da soma das partes envolvidas.

Eles se recusam a confiar no coração ou nos instintos. Em suas percepções e julgamentos, sua própria pessoa é considerada o fator menos importante ou confiável; desinteresse e imparcialidade são as vestes apropriadas da verdade. A verdade, por sua vez, é inversamente proporcional à vantagem pessoal que proporciona ao investigador; isso demonstra imparcialidade, evidenciando que o sujeito não está se intrometendo nos resultados para promover dissimuladamente seus próprios interesses. Daí a noção de *dever moral* de Kant:

Uma ação feita por dever tem seu valor moral, não no fim a ser alcançado por ela, mas na máxima segundo a qual é decidida; depende, portanto, não da realização do objeto da ação, mas unicamente do *princípio da volição* segundo o qual, independentemente de todos os objetos da capacidade de desejar, a ação foi realizada.⁹

Kant argumenta que um homem que age moralmente *apesar* de suas inclinações é mais louvável do que o homem cujas

⁹ Ibid. p. 67-68

inclinações acidentalmente se alinham com a moralidade, porque isso *prova a pureza de sua devoção à Verdade internamente mantida*. Assim, Jesus disse: “Se amardes os que vos amam, que recompensa tendes? nem os publicanos fazem o mesmo?”¹⁰

O democrata procura em todas as coisas ser *justo e razoável*. Uma vez que todos os votos estão dentro (de pessoas, perspectivas, ideias, etc.), então a lei universal e o compromisso são estabelecidos, e espera-se que todos os cumpram; quaisquer exceções devem ser contabilizadas de forma a respeitar os direitos dos outros participantes. É imoral, na visão do democrata, ter favoritos; isto é, dar peso indevido às suas preferências meramente pessoais. O democrata não consegue entender o tipo monárquico: como eles não estão dispostos a obedecer a regras universais ou a transigir pelo bem do grupo; essas pessoas parecem inconcebivelmente egoístas e egocêntricas. De fato, o democrata não consegue imaginar como a instrução moral legítima poderia surgir de seu próprio contexto. O homem que ouvisse tal instrução seria um lunático ou um bruto, simplesmente porque nunca olha para baixo para verificar o que está pisando. Isso significa, no entanto, que esses tipos naturalmente deslizam para o ceticismo, fatalismo e *quietismo*. Por exemplo, o conservadorismo de Edmund Burke, a típica *aporia* induzida por Sócrates, os limites da metafísica propostos por Kant — e lembramos a pungente conclusão de Voltaire a *Candide*: “...devemos [meramente] cultivar nosso jardim.”¹¹

Como Hegel colocou em sua crítica à ética de Kant:

...material pode ser trazido de fora e deveres particulares podem ser estabelecidos de acordo, mas se a definição de dever for considerada a ausência de contradição [isto é, o imperativo de Kant]... então nenhuma transição é possível para a especificação de deveres particulares... Ao contrário, por este meio qualquer linha de conduta errada ou imoral pode ser justificada.¹²

¹⁰ Matthew 5:46, KJV

¹¹ Chap. 30 (p. 104)

¹² Hegel's *Philosophy of Right*, §135 (p. 90)

Em outras palavras, para Hegel o Imperativo Categórico não tem conteúdo moral real, nenhum comando concreto para um indivíduo particular com condições de vida particulares; isto é, para alguém em um contexto particular. Na medida em que nenhum contexto específico é definido, Hegel sente que um contexto personalizado pode ser formulado para “enganar” o imperativo para sancionar qualquer ação. Ayn Rand ecoa essa ideia, quando afirma: “O altruísmo declara... que o beneficiário de uma ação é o único critério de valor moral — e desde que esse beneficiário seja qualquer pessoa além de si mesmo, qualquer coisa serve.”¹³

Esta, mais uma vez, é a essência da questão: que o monarca é moralmente cego quando nenhum contexto pessoal é dado, enquanto o democrata é tão cego quanto quando *apenas* um contexto pessoal é dado. Para o democrata, objetivos internos são arbitrários porque não se referem a nenhum padrão externo de lógica ou razão. Para o monarca, os padrões externos são arbitrários, na medida em que não podem dar conta das nuances individuais; não se originaram das condições e do ponto de vista do sujeito. Enquanto o monarca aspira tornar-se cada vez mais um “eu” distinto, ao qual o mundo se submete tão graciosamente quanto um terceiro braço — o democrata aspira tornar-se cada vez menos um “eu” distinto, tornar-se um “não-eu”, um servo, um mordomo, perfeitamente *obediente* à Razão ou Verdade, um terceiro braço da Verdade. Eles dissolveriam a si mesmos e seus preconceitos egoístas em todo o amplo ventre do universo. Sua própria vontade é submetida ao conhecimento puro por si mesmo; buscar uma mudança radical lhes parece vaidoso, megalomaniaco e temerário. Consertar uma coisa sempre parece quebrar outra. Mas a isso, pode-se responder nas palavras do poeta: “Os melhores carecem de toda convicção, enquanto os piores / Estão cheios de intensidade apaixonada.”¹⁴

¹³ *The Virtue of Selfishness*, p. viii

¹⁴ Yeats, *The Second Coming*, lines 7-8

Se / Ni + Fe / Ti

O Temperamento Teocrático

O teocrata representa um híbrido entre o monarca e o democrata, na medida em que sua percepção é monárquica (contextual) e seu julgamento é democrático (universal). O resultado é um temperamento cujo principal interesse e problema é *comunicação* — especificamente, a comunicação de coisas que são essencialmente intraduzíveis, isto é, a universalização do contexto do teocrata, por exemplo, o Prefácio de Wittgenstein ao *Tractatus Logico-Philosophicus*: “Este livro talvez só seja compreendido por aqueles que já pensaram os pensamentos nele expressos — ou pensamentos semelhantes”. Dada a natureza desse problema, o teocrata começa a ver a linguagem e a razão como *ferramentas* para orientar os outros a compartilhar seu contexto; a linguagem torna-se uma *gesticulação* em direção ao inefável, um guia da mente dos outros para contemplar o que meras palavras não podem capturar. Assim, a verdade não está contida na própria linguagem, nem mesmo em sua estrutura lógica: a verdade é algo que se vê e experimenta *por meio* da linguagem.

O currículo de Platão, proposto em sua *República*, é um exemplo disso: o acólito é orientado, através de anos de raciocínio e dialética, a ter um encontro pessoal com a transcendente “Forma do Bem”:

...o poder e a capacidade de aprender já existem na alma...
[e aprende] gradualmente a suportar a visão do ser, e do mais brilhante e melhor do ser, ou em outras palavras, do bem.¹⁵

...o olho da alma... é pela ajuda gentil [da dialética] erguido para cima; e ela usa como servas e auxiliares no trabalho de conversão, as ciências que temos discutido.¹⁶

...quando eles atingirem cinquenta anos de idade, então deixe aqueles que ainda sobrevivem e distinguiram-se... chegar finalmente à sua consumação; chegou o momento em

¹⁵ 518c-d (p. 228)

¹⁶ 533c-d (p. 247)

que devem erguer os olhos da alma para a luz universal que ilumina todas as coisas, e contemplar o bem absoluto...¹⁷

Esta ideia é ecoada e elaborada por Baruch Spinoza:

Este, então, é o fim para o qual eu me esforço, para alcançar tal caráter [de mente] eu mesmo, e me esforçar para que muitos o alcancem comigo. Em outras palavras, faz parte da minha felicidade dar uma ajuda, para que muitos outros possam entender como eu, para que seu entendimento e desejo possam concordar inteiramente com o meu.¹⁸

Assim, as massas, embora partindo de origens muito diferentes, podem todas ser conduzidas cada vez mais perto de uma união transcendente, assim como os quatro cantos de uma pirâmide se elevam a um ponto compartilhado nos céus. O teocrata atua como porta-voz desse ponto de união; mas, na verdade, é mais preciso dizer que eles são porta-vozes de *si mesmos*. Eles estão tentando adaptar sua visão às massas, persuadindo-as de sua veracidade para seu próprio bem. São educadores, buscando que a humanidade se harmonize com sua canção. Assim, eles têm aromas da condescendência do monarca e vontade de comandar, exceto que eles não permanecem em sua caverna na montanha, mas estão continuamente descendo para o bem dos outros. Eles são hierofantes e sumos sacerdotes, guardiões dos mistérios. Eles estão tentando destilar e disseminar sua própria pureza. Eles atraem alguém junto, através de uma série de círculos concêntricos, em direção ao centro, onde está sua estranha e final revelação. Gradualmente, um avista algo tremendo lá: não uma palavra, mas uma experiência. Por exemplo, na segunda metade de *Vertigo*, de Hitchcock, assistimos um homem perturbado forçando uma jovem a se tornar sua fantasia, culminando em uma cena dela de pé em um vestido designado, apoiada pelo brilho platônico; não há diálogo, apenas um aumento gradual na música, perturbadora em seu otimismo. Talvez um exemplo ainda mais puro seja encontrado na última seção de *2001: A Space Odyssey* de Kubrick, quando Bowman entra no

¹⁷ 540a-b (p. 254-55)

¹⁸ *On the Improvement of the Understanding*, p. 6

portal estelar. Somos salpicados com fotos de seu rosto e olhos arregalados, enquanto ele é atraído cada vez mais para um show de luzes incompreensível e enervante, culminando em uma cena famosa e enigmática, novamente, sem diálogo.¹⁹

Eles são “teocráticos” na medida em que administram uma Verdade unida. Eles percebem singularmente; isto é, eles só podem ver coisas que são reduzidas ao seu nível pessoal, reduzidas a uma dimensão, a dimensão *deles*, a dimensão. Seus olhos exigem obediência; não são eles que obedecem. É somente “depois” da percepção que eles se tornam submissos às massas. Como Miyamoto Musashi afirmou na introdução de seu *The Book of Five Rings*: “Para escrever este livro, não usei a lei de Buda ou os ensinamentos de Confúcio, nem antigas crônicas de guerra nem livros sobre táticas marciais. Eu pego meu pincel para explicar o verdadeiro espírito desta... escola como ela é espelhada no Caminho do céu...”²⁰

Para atrair as pessoas para essa experiência compartilhada, o teocrata deve explorar as profundas correntes do sentimento humano. Ao explorar essas correntes, eles podem inspirar em seus seguidores tanto a semelhança quanto a realidade da edificação espiritual. O pragmatismo desse processo pode atingir outros temperamentos como duas caras, orientado a agenda e até sinistro. De fato, os teocratas procuram estar bem cientes das conotações sociais, para que possam usá-las com o maior efeito ao apresentar sua mensagem. Cada sinal em sua comunicação é calculado; eles estão sempre reconhecendo seu público, suas necessidades e

¹⁹ Este é discutivelmente um motivo Kubrickiano: personagens sendo mostrados, em imagens enigmáticas, verdades terríveis sobre o mundo; Dr. Harford descobre orgias secretas em *Eyes Wide Shut*, Alex DeLarge é forçado a assistir violência gráfica em *A Clockwork Orange*, Joker desenvolve o “olhar de mil jardas” em *Full Metal Jacket*, e cada personagem principal em *The Shining* é submetido a visões de pesadelo do passado e do futuro (veja especialmente o capítulo 16 de Rob Ager’s “Mazes, Mirrors, Deception and Denial: an In-Depth Analysis of Stanley Kubrick’s *The Shining*,” no seu website collativelearning.com). Podemos resumir essa atitude para o teocrata com o monólogo auto-roteirizado de Rutger Hauer no *Bladerunner* de Scott: “Vi coisas que vocês não acreditariam...”

²⁰ p. 34-35

desejos (pelo menos como eles os percebem) e buscando um compromisso aceitável entre seu olhar dominante e sua língua compassiva. Para citar Spinoza novamente, “fale de maneira inteligível à multidão... Pois podemos obter da multidão não pequenas vantagens, desde que nos esforcemos para nos acomodar ao seu entendimento na medida do possível...”²¹

Seu talento (e seu perigo) é uma compreensão penetrante do que as pessoas querem e por que — seja para apelar para isso (por exemplo, os discursos de Péricles e Cícero, as seduções de Hitler e a arrogância de Houdini) ou para influenciá-lo de outra forma (por exemplo, o suspense de Hitchcock, ou a pornografia angustiante de Sade). Não deve ser surpresa, portanto, que esse temperamento seja inevitavelmente *criador de cultos*. Não pode ser de outra forma. Eles são construídos para comunicar uma visão singular e para *converter* as pessoas a essa visão; eles estão procurando, em suma, unir todas as partes à Verdade Única. E, enquanto houver apenas uma Verdade, um ponto de união, todos os outros pontos possíveis serão cada vez mais excluídos à medida que nos aproximamos do centro dos círculos.

Obviamente, o problema com esse temperamento ocorre quando o culto, a ideologia ou os seguidores ficam fora de controle: quando eles se tornam muito agressivos em seus esforços missionários, quando ficam muito opacos sobre seus desejos ou agendas reais, quando exploram a lealdade espiritual de seus seguidores para fins malignos (como Hitler notoriamente fez). Sua tendência é para o *fascismo*. Essa palavra é de origem italiana: *fascio*, um pacote encadernado ou maço e, por extensão, um clube. A palavra conota a tendência teocrática à união ideológica e a vantagem de apresentar as coisas de maneira unificada e simplificada. Outros tipos (como os democratas) tem problemas para simplificar seus pensamentos, precisamente porque são tão relutantes em comandar e detestam excluir qualquer ideia ou sentimento que acreditem ter influência potencial na situação. Mas o teocrata está muito mais disposto a excluir as coisas na apresentação de suas idéias, a desmoralizar oposições, relacionar

²¹ *On the Improvement of the Understanding*, p. 7

infinitamente as coisas e, assim, moldar seus insights em uma katana rígida e vinte vezes dobrada.

O 1984 de Orwell talvez seja a polêmica mais aterradora contra a atitude teocrática. Lá, a história é reescrita para combinar com a agenda do partido, e todos são habilmente manipulados para a conformidade; e aqui, conformidade significa conformidade *espiritual, emocional*, e o abandono voluntário das próprias percepções pelas do teocrata. Um é *reeducado* para o culto. Grande parte de 1984 é uma sátira cruel do currículo de Platão, culminando até mesmo em uma visão paródica do divino:

[Winston] olhou para o rosto enorme. Quarenta anos levou para ele aprender que tipo de sorriso estava escondido sob o bigode escuro. Ó cruel e desnecessário mal-entendido! Ó exílio teimoso e obstinado do peito amoroso! Duas lágrimas com cheiro de gim escorriam pelas laterais de seu nariz. Mas tudo bem, estava tudo bem, a luta estava terminada. Ele havia conquistado a vitória sobre si mesmo. Ele amava o Irmão Mais Velho.²²

Ne / Si + Te / Fi

O Temperamento Anárquico

As percepções do anarquista são universais, enquanto seus julgamentos são contextuais; sua diástole e sístole estão fora do ritmo do teocrata. Enquanto o teocrata busca a dissolução nas massas, como um comprimido de remédio em um estômago doente, o anarquista busca a remontagem de sua identidade dissolvida, como Ísis coletando as partes espalhadas do corpo de Osíris. O teocrata articula o inefável e o traduz em espaço articulado, mas o anarquista *recupera* o inefável *do* espaço articulado. O teocrata começa nas montanhas e desce até a cidade; o anarquista começa na cidade e se retira para as montanhas. Enquanto o teocrata procura levar todos *para cima* na pirâmide, para um ponto de união compartilhado, o anarquista procura levar

²² p. 297-98; uma paródia semelhante é encontrada em *In the Penal Colony* de Kafka, onde um elaborado dispositivo de execução é usado para inscrever a sentença do criminoso em seu corpo por doze horas, após o qual eles experimentam uma epifania religiosa justificando sua sentença e morrem imediatamente.

todos de volta *para baixo*, para o próprio ponto de individualidade de cada pessoa. O teocrata pega uma argila única de dentro de si e a esculpe em algo que as pessoas possam compartilhar; o anarquista pega o barro homogêneo de seu ambiente e esculpe algo que só os iniciados podem apreciar. “E Deus escolheu as coisas vis deste mundo,” disse São Paulo, “e as desprezíveis, e as que *não são*: para aniquilar as que *são*.”²³ Enquanto o teocrata toma o raro e inefável e o torna compreensível e onipresente, o anarquista toma o compreensível e onipresente e o torna raro e inefável. Eles *aumentam* a distância entre os indivíduos (enquanto o teocrata procura *diminuí-la*). O pseudônimo de Kierkegaard, Johannes de Silentio, explica em *Fear and Trembling* que,

O cavaleiro da fé sabe... que é glorioso ser compreendido por todas as mentes nobres... Assim, Abraão certamente poderia ter desejado de vez em quando que a tarefa fosse amar Isaque como se torna um pai, de uma maneira inteligível para todos, memorável em todos os tempos... [mas] ele sabe que é um caminho solitário que ele trilha e que ele não realiza nada para o universal, mas apenas ele mesmo é testado e examinado.²⁴

Em outras palavras, o verdadeiro indivíduo deve passar de uma posição de universalismo para uma de contextualidade e, no processo, tornar-se *ininteligível* para seus semelhantes. “Eu vim para pôr em dissensão o homem contra seu pai, e a filha contra sua mãe...”²⁵ ou, como outro pseudônimo de Kierkegaard colocou,

²³ 1 Corinthians 1:28 (trad. e ênfase do autor); a palavra ἀγενῆ significa literalmente “sem parentes, sem conexões familiares, isto é, sem sangue nobre e seus privilégios”, enquanto a palavra ἐξουθενήμενα significa literalmente “lançar no nada, isto é, não render nada, estimar como nada”, ou mesmo “desprezar, desdenhar”. (Strong’s Exhaustive Concordance, Greek 36 and 1848). Tudo isso lembra a crítica da presença de Derrida, sua defesa dos marginalizados e sua ambição de “desconstruir” teorias aceitas por meio dos próprios elementos que eles excluía.

²⁴ Problem II, p. 144

²⁵ Luke 10:35-36, KJV

“Eu concebi como minha tarefa criar dificuldades em todos os lugares.”²⁶

Note-se, porém, que o anarquista assume que sua própria experiência ou percepção do mundo deriva de uma raiz *comum* a toda a humanidade; isto é, “a experiência humana” como tal. Todos os homens são criados iguais — e daí se distinguem. Parafraseando Heidegger: A forma abstrata de ‘ser humano’ se instancia como o viver real de uma vida no mundo... Esse estado abstrato de ‘ser humano’ é traduzido em vida real, dispersando-a entre uma infinidade de modos de vida específicos... e todos esses modos são, em última análise, maneiras de se *importar com as coisas*.²⁷ Do mesmo solo nutritivo brotam mil sementes diferentes; eles alcançam o Pai Sol, que desenha cada um em uma flor única, realizando o potencial escrito em suas próprias células. Mas o teocrata (do ponto de vista do anarquista) tenta reescrever esses destinos e forçar cada flor a desabrochar da mesma maneira “ótima” — isto é, à imagem do próprio teocrata. O teocrata destruiria a diversidade inerente à humanidade e o livraria de toda responsabilidade. Grita Rousseau,

Deus faz todas as coisas boas; o homem se intromete com eles e eles se tornam maus. Ele força um solo a produzir os produtos de outro, uma árvore a dar o fruto de outra... ele não amará nada como a natureza o fez, nem mesmo o próprio homem, que deve aprender seus passos como um cavalo de sela e ser moldado ao gosto de seu mestre como as árvores em seu jardim... todas as condições sociais em que estamos mergulhados, sufocariam a natureza em [nós] e não colocariam nada em seu lugar.²⁸

²⁶ Kierkegaard, *Concluding Unscientific Postscript*, p. 166

²⁷ “Até que compreendamos o Ser-no-mundo como uma estrutura essencial do Dasein, podemos ter algum insight sobre a espacialidade existencial do Dasein... A facticidade do Dasein é tal que seu Ser-no-mundo sempre se dispersou ou mesmo se dividiu em modos definidos de Ser-em... Todos esses modos de Ser-em têm a *preocupação* como seu tipo de ser...” (*Being and Time*, I.2, ¶12, p. 56; p. 83).

²⁸ *Emile*, p. 5

O nêmesis do anarquista é o domínio exclusivo do contexto ético de uma pessoa sobre o de todos os outros, e a subsequente marginalização de modos legítimos de existência. O conceito de “logocentrismo” de Derrida é instrutivo aqui: ele temia a tirania de qualquer interpretação única e unificada e defendia uma democracia de perspectivas.²⁹ A todos é concedido o mesmo direito (e responsabilidades) de auto-expressão. O senso de eficiência do monarca é assim misturado com o senso de igualdade de condições do democrata. “Aquele que semeia com parcimônia”, diz o Apóstolo Paulo, “também ceifará com parcimônia; e o que semeia em abundância também ceifará em abundância,”³⁰ pois, “[vocês devem] operar *sua própria* salvação com medo e tremor.”³¹

Nesse ponto, o teocrata faz uma contra-affirmação: o anarquista mina a possibilidade de diversidade ao insistir que todos são cortados do mesmo tecido, ou do mesmo coração e mente *essenciais*. O anarquista endossa uma individualidade que é apenas ilusória. Ninguém pode ser diferente *demais* um do outro, porque então a fraternidade e a igualdade se tornariam impossíveis, e a comuna anárquica se tornaria um campo de batalha monárquico. *O anarquista funda o direito à ética contextual na universalidade da experiência humana*. Podemos confiar uns nos outros para ser diferentes, porque só somos diferentes dentro de uma certa circunferência da experiência humana possível.³² Como Emerson tão belamente colocou,

²⁹ “A democracia de Derrida é uma política radicalmente pluralista que resiste ao terror de uma unidade orgânica, étnica, espiritual, dos laços naturais e nativos da nação... que moem a pó tudo o que não é um parente do tipo e gênero dominante...” Caputo, *The Prayers and Tears of Jacques Derrida*, p. 231-32.

³⁰ 2 Corinthians 9:6, KJV

³¹ Philippians 2:12-13, KJV (ênfase do autor)

³² Este é o cerne da crítica de Sade a Rousseau; como disse Camille Paglia, “Rousseau revive a Grande Mãe, mas Sade restaura sua verdadeira ferocidade. [Agora] Ela é a natureza de Darwin, vermelha em dentes e garras. Simplesmente siga a natureza, declara Rousseau. Sade rindo, concorda sombriamente,” (*Sexual Personae*, p. 235).

...ao descer aos segredos de sua própria mente, ele desceu aos segredos de todas as mentes. Ele aprende que aquele que domina qualquer lei em seus pensamentos privados, é mestre na mesma medida de todos os homens cuja língua ele fala, e de todos em cuja língua a sua própria pode ser traduzida... O orador desconfia inicialmente da adequação de suas confissões francas, de sua falta de conhecimento das pessoas a quem se dirige, até descobrir que é o complemento de seus ouvintes; que eles bebem suas palavras porque ele cumpre para eles sua própria natureza; quanto mais fundo ele mergulha em seu pressentimento mais privado e secreto, para sua surpresa ele descobre que isso é o mais aceitável, mais público e universalmente verdadeiro.³³

Essa atitude tem vários efeitos importantes. Por um lado, muitas vezes pode levar a sentimentos anti-filosóficos ou anti-intelectuais no anarquista, porque os filósofos muitas vezes tomam como certa sua própria humanidade, em toda a sua cotidianidade terrena.³⁴ O filósofo finge ter um conhecimento mais elevado, que o anarquista (com ressentimento) suspeita poder ser encontrado nos idiomas de qualquer homem na rua. Mas isso, por sua vez, é outro tipo de arrogância: nomeadamente, de reivindicar acesso especial ao coração da humanidade, posse especial da chave para abrir o coração de outra pessoa. Assim, Mark Twain confessou,

Não li Nietzsche ou Ibsen, nem qualquer outro filósofo, e não precisei fazê-lo, e não desejei fazê-lo; Fui ao manancial em busca de informações — isto é, da raça humana. Cada homem é em sua própria pessoa toda a raça humana, sem faltar um detalhe. Eu sou toda a raça humana sem faltar um detalhe; Eu estudei a raça humana com diligência e forte

³³ “The American Scholar” (p. 53-54)

³⁴ “...certifique-se da identidade do ser com quem se tem a honra de discursar. Ele é um ser humano, um ser humano existente? Ele próprio é *sub specie aeterni* mesmo quando dorme, come, assoa o nariz ou o que quer que um ser humano faça?... seja, portanto, cuidadoso ao lidar com um pensador abstrato que não apenas deseja permanecer no puro ser do pensamento abstrato, mas insiste que este é o objetivo mais elevado para a vida humana,” (Kierkegaard, *Concluding Unscientific Postscript*, p. 271-72).

interesse todos esses anos em minha própria pessoa; em mim mesmo encontro em grande ou pequena proporção todas as qualidades e todos os defeitos que podem ser encontrados na massa da raça. Eu sabia que não encontraria em nenhuma filosofia um único pensamento que não tivesse passado pela minha cabeça, nem um único pensamento que não tivesse passado pela cabeça de milhões e milhões de homens antes de eu nascer...³⁵

Assim, temos o segundo efeito: o potencial para uma perigosa *má aplicação de empatia*. O anarquista pode supor que conhece as pessoas muito melhor do que realmente conhece, e até sabe melhor *por* elas. Por exemplo, um homem costumava fingir estar doente para evitar o exercício; portanto, quando encontra um asmático de verdade, ele assume que deve estar fingindo e o força a fugir. “Você com certeza é bom em fingir chiado e tosse, mas não vai me enganar. Eu sei como as pessoas funcionam.”³⁶

Esse temperamento assume que os desejos pessoais, como tais, são antitéticos ao que é eticamente exigido pela sociedade. O anarquista pode então rejeitar a sociedade como o verdadeiro mal enquanto o homem é totalmente bom (por exemplo, Rousseau, Blake, Shelley), ou eles podem considerar o homem como totalmente mau e concluir que ninguém tem uma boa vontade natural; por exemplo, O conceito de “pecado original” de Santo Agostinho, a concepção de Hobbes de “estado de natureza” e o conceito de “Id” de Freud. O ponto de tais conceitos é que o campo de jogo seja *nivelado*. Todos devemos começar com uma “natureza humana” ou “condição humana” compartilhada; qualquer outra origem não seria *justo*. Disse Paulo: “E então? Somos melhores [do que eles]? De jeito nenhum; pois, já provamos que tanto judeus como helenos estão todos sob pecado... Pois, não há distinção [entre homens]; porque todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus...”³⁷

³⁵ *The Autobiography of Mark Twain*, vol. 3, p. 130

³⁶ Enquanto que o sadismo do teocrata viria de uma aplicação indiscriminada de sua ética universal, ignorando ou descreditando exceções legítimas à sua regra (por exemplo, “Sinto muito que isso doa, mas todo mundo tem que passar por essa mesma dor; Não há outra forma”).

³⁷ Romans 3:9, 22-23 (trad. do autor)

O terceiro e último efeito que discutiremos é a tênue da anarquia. O único governo sob anarquia é a harmonia preestabelecida de interesses humanos genuínos — uma ideia tão poderosa quanto facilmente contestada. Pois, assim como 1984 parodia o teocrata, *Crime and Punishment* de Dostoiévski parodia o anarquista. Seu protagonista, Raskolnikov, para “descobrir logo e rapidamente se eu era um piolho como todo mundo ou um homem,”³⁸ assassina um penhorista a sangue frio. Ele é então atormentado por sua consciência, até que se submete novamente às leis universais da comunidade. E, na prisão, ele tem um pesadelo com uma misteriosa epidemia psicológica:

Todos estavam empolgados e não se entendiam. Cada um pensava que só ele tinha a verdade... Eles não sabiam como julgar e não conseguiam concordar sobre o que considerar o mal e o que o bem; eles não sabiam a quem culpar, a quem justificar... Eles se reuniam em exércitos uns contra os outros, mas mesmo em marcha os exércitos começavam a se atacar, as fileiras se quebravam e os soldados caíam uns sobre os outros, esfaqueando e cortando, mordendo e devorando uns aos outros... Os homens se reuniam em grupos, concordavam em alguma coisa, juravam ficar juntos, mas logo começaram algo bem diferente do que haviam proposto. Eles acusaram uns aos outros, brigaram e mataram uns aos outros. Houve conflagrações e fome.³⁹

Neste ponto, desejo explorar as muitas interseções entre meu sistema e o do grande filósofo Empédocles. Um resumo conciso de suas doutrinas relevantes é fornecido pelo sucessor de Aristóteles, Teofrasto,

Empédocles de Akragas considera que os elementos das coisas são quatro: nomeadamente, fogo, ar, água e terra. Eles produzem mudanças, diz ele, combinando e separando. O que os coloca em movimento é o Amor e o Ódio, de maneira alternada um que os une e o outro que os dissolve.⁴⁰

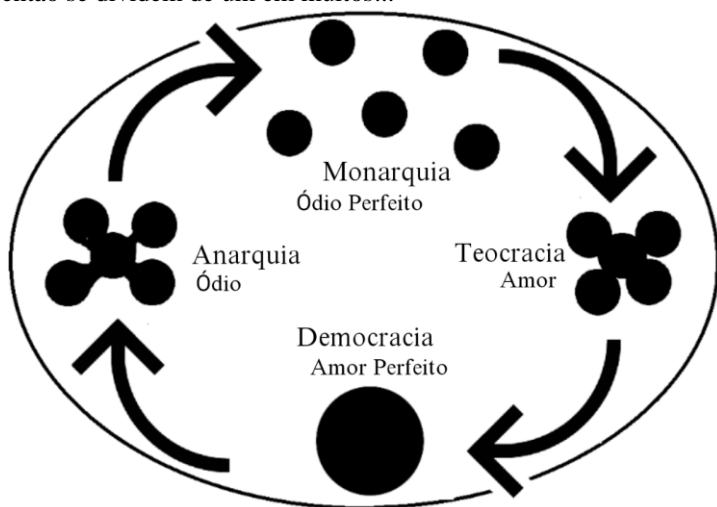
³⁸ Part 5, chap. 4 (p. 414)

³⁹ Ibid. Epilogue, chap. 2 (p. 539)

⁴⁰ Citado por Simplicius; em *The Pre-Socratics*, “Empedocles,” T29 (p. 150)

A interação de quatro substâncias com dois processos nos é familiar. De fato, através do *I Ching* no capítulo 2, já mostramos uma correspondência entre as quatro funções e os quatro elementos tradicionais de Empédocles: pensamento à água (lago e chuva), sentimento ao ar (céu e vento), intuição ao fogo (trovão e fogo) e sensação à terra (montanha e terra). Os dois processos correspondem à sístole e diástole do *Yin-Yang*: especificamente, “amor”, ou união, representa uma recepção de todas as coisas, enquanto “ódio”, ou desunião, representa sua expulsão para a individualidade.

Em um momento são reunidos pelo Amor para formar uma única ordem, em outro são levados em diferentes direções pela força repelente do Ódio; então com o passar do tempo sua inimizade é subjugada e todos eles entram em harmonia mais uma vez... eles crescem de muitos em um, então se dividem de um em muitos...⁴¹



Quando abordamos os quatro temperamentos dessa maneira (codificando o monárquico como dois “Sim”, o anárquico como um “Não” seguido de um “Sim”, etc.), descobrimos que o monarca corresponde ao ar, o democrata à terra, o anarquista ao fogo e o teocrata à água (compare com a tabela do *I Ching* no

⁴¹ Empédocles, DK frag. B26, em *The Presocratics* p. 131

início deste capítulo). Isso é de interesse por causa das próprias distinções de Empédocles entre os elementos (pelo menos de acordo com comentaristas posteriores): “O fogo é de natureza desintegradora e separadora, enquanto a água é adesiva e retentiva, mantendo e colando junto por sua umidade — fato ao qual Empédocles alude ao chamar o fogo de “ódio destrutivo” e a água de “amor tenaz.”⁴²

Assim, os anarquistas (fogo) tendem a introduzir a separação e a individuação nos grupos, enquanto os teocratas (água) tendem a introduzir a unificação e a solidariedade entre os indivíduos. Isso corresponde ao ciclo do universo de Empédocles: uma alternância entre dois polos de amor perfeito (união) *versus* ódio perfeito (desunião). Teocracia e anarquia são temperamentos mistos, transitando entre os dois temperamentos “puros” (monarquia e democracia). Além disso, de acordo com Lucrécio, Empédocles “[acoplou] ar e fogo por um lado, terra e água por outro.”⁴³ Assim, a dicotomia conotativo / denotativo está representada. Isso nos permite copiar o ciclo “natural” da psique: sensação → intuição → sentimento → pensamento → *sensação*.

Devido aos nomes políticos para os temperamentos, o diagrama abaixo parecerá paradoxal a princípio, na medida em que a monarquia é a desunião perfeita, enquanto a democracia é a união perfeita. Mas devemos lembrar que cada ponto no diagrama representa um membro individual de um determinado temperamento; assim, o retrato para a monarquia representa um grupo de monarcas individuais interagindo, cada um zeloso de manter sua soberania mesmo quando cooperam; da mesma forma, o retrato para a democracia representa um grupo de democratas todos em sintonia com uma lei ou forma transcendente que reduz o significado de suas diferenças e desejos individuais.

Conforme discutido no capítulo 2, o ciclo pode ser representado metaforicamente como os frutos e a madeira da terra (Se) sendo queimados (Ni) em sacrifício ao céu (Fi), que obriga com a chuva (Te). Note-se que, neste ciclo “natural”, o eixo de julgamento é privilegiado, na medida em que o teocrata é o

⁴² Plutarch, *Moralia*, 952B (em *The Presocratics*, T 30; p. 150)

⁴³ *De Rerum Natura*, I.712 (em *The Presocratics*, T 52; p. 154)

unificador mente-justa (Fe/Ti) enquanto o anarquista é o dispensor orientado-a-objetivos (Te/Fi). Para reverter o ciclo, devemos deslocar esse privilégio para o eixo de percepção, de modo que o teocrata se torne o dispensor (Se/Ni) ao invés do anarquista, que assume como o unificador (Ne/Si). Além disso, neste ciclo “antinatural”, o *monarca* torna-se pura união enquanto o *democrata* torna-se pura desunião.

Esses paradoxos espelham os do nosso mundo moderno, como em *A Balada do Velho Marinheiro*, onde a Morte natural cede à paradoxal “Vida em Morte”. No mundo antigo, a questão era mais direta: união e amor eram encontrados em um reino, cidade ou *polis* bem ordenado. O ideal era ter e manter uma identificação de grupo. O exilado era um animal, em estado de luta bárbara com seus companheiros. Fora do conhecido estava o desconhecido, onde moravam monstros e bárbaros. Mas na era moderna, isso se inverte; o homem cresceu tanto que luta para manter o equilíbrio em sua bola verde e azul. Ele não tem mais vizinhos de verdade, apenas colegas de quarto e companheiros de cama; ele não pode atacá-los sem danificar sua própria casa. Não há mais “outros diferentes”, apenas “outros adicionais”.

Por um lado, o homem moderno luta continuamente pela liberdade de expressão, pensamento e religião, e até encoraja a *divergência de crença* dentro de um grupo como um fim em si mesmo. Na economia e no estado capitalistas, a união perfeita é uma desunião, mantida por uma “mão invisível”, isto é, uma harmonia preestabelecida de interesses egoístas. Pois, quando cada membro de uma sociedade persegue seus desejos independentes, todos se tornam interdependentes de todos os outros, isto é, a especialização do trabalho. E essa interdependência não é fruto de um desejo de unificação, mas justamente o contrário: pelo desejo de *afastar-se* de todos os outros e conquistar o máximo de espaço possível para si. Quando essa atitude é difundida, a estrutura social, como um arco, não cairá, *em virtude da luta mútua entre seus tijolos* — isto é, em virtude de alienação unilateral.

Por outro lado, a desunião perfeita vem do mais alto grau de união: do estado totalitário, pseudo-teológico, por exemplo, a União Soviética, ou o Terceiro Reich. Aqui, espera-se que cada

membro se identifique com *tudo* o organismo político; individualidade é câncer. Assim, todos se empurram *em direção* a todos os outros, tentando se fundir como gotas de chuva em uma vidraça. O comunismo puro busca a abolição da subjetividade. E isso só pode ser alcançado através do uso da *guerra civil*, do terror e da violência, para *digerir* partidos neutros e eliminar cânceres rebeldes (por exemplo, kulaks e Judeus). Cada membro pressiona cada vez mais forte contra todos os outros membros, até que os ossos se quebram, os ânimos se rompem e um consome o outro. Pois, nenhum desses membros humanos pode incorporar perfeitamente o bem transcendente; sempre haverá algo impedindo a perfeita unificação da população. Assim, a eliminação dos insubordinados continuará até que a sociedade seja reduzida a um candidato solitário, que lentamente se devorará até o esquecimento.

União através da desunião *versus* desunião através da união; Amor-no-Ódio *versus* Ódio-no-Amor. Ao contrário da crença popular, não é óbvio qual desses estados é pior. A primeira vista parece ser o último, mas isso é apenas porque ele já atuou em sua forma mais pura na União Soviética; o primeiro, no entanto, (felizmente) ainda não amadureceu no capitalismo ocidental. Pois, os padrões superiores de vida desfrutados nas sociedades ocidentais são alcançados e mantidos, não em virtude da ideologia capitalista, mas precisamente porque ainda misturamos seu vinho com água. Ainda não somos capitalistas *de coração*, deixamos uns aos outros escapar com altruísmo. No capitalismo *puro*, sem escrúpulos, não há espaço para a intimidade genuína, nem a caridade em sua superfluidade divina — estes são “afogados... na água gelada do cálculo egoísta”; tudo o que pode restar é “interesse próprio nu... insensível ‘pagamento em dinheiro.’”⁴⁴ No capitalismo puro, todos são mantidos à distância e esmagados se não conseguirem recuar com a mesma força. O parto e a paternidade são considerados um investimento, e a vida pode ser recuperada com justiça com um pagamento falhado. Não há prisões, apenas multas em dinheiro, e se o pagamento for impossível através da reintegração de posse, o trabalho forçado

⁴⁴ Marx e Engels, *The Communist Manifesto*, I (p. 11)

terá que ser feito. A fiscalização é realizada pela força policial privatizada — nesse ponto, percebemos que o capitalismo puro é anarquia: um velho oeste solitário.

Esses males fazem parte do lado feminino-terrestre da dialética, em oposição ao lado masculino-celestial.⁴⁵ Este é o testemunho da rica narrativa da Criação do povo Hopi. Eles alegam que civilizações ou “mundos” anteriores e sucessivos foram corrompidos, além da redenção, quando seus habitantes se desfocaram nos interesses terrenos em detrimento de seu *telos* espiritual. No primeiro mundo, as pessoas “usavam os centros vibratórios [poderes divinos] de seus corpos apenas para fins terrenos, esquecendo... o plano da Criação.” Isso acabou levando-os a “se dividirem e se afastarem uns dos outros...”⁴⁶ até que Deus destruiu seu mundo com fogo.

As pessoas do segundo mundo,

...começaram a negociar e trocar uns com os outros. Foi quando o problema começou. Tudo o que eles precisavam estava neste Segundo Mundo, mas eles começaram a querer mais. Cada vez mais eles trocavam por coisas de que não precisavam, e quanto mais mercadorias recebiam, mais queriam. Isso era muito sério. Pois eles não perceberam que estavam se afastando, passo a passo, da boa vida que lhes foi dada. Eles simplesmente se esqueceram de cantar alegres louvores ao Criador e logo começaram a cantar louvores pelos bens que trocavam e armazenavam. Em pouco tempo aconteceu como tinha que acontecer. As pessoas começaram a brigar e lutar, e então as guerras entre as aldeias começaram.⁴⁷

⁴⁵ A introdução da mulher na vida do homem (e, portanto, do homem na vida da mulher) é disruptiva para ambas as partes, até que uma união seja encontrada: um casamento. Portanto, não é um insulto referir-se a esse estágio perturbador como “feminino”, na medida em que (a) não é culpa da mulher simbólica *em si*, mas sim de toda a situação criada quando duas pessoas ocupam o mesmo jardim, e (b) a ruptura de Eva é o catalisador para eventualmente trazer um estado superior.

⁴⁶ Waters, *Book of the Hopi*, p. 12

⁴⁷ Ibid. p. 15; compare com a ideia de acumulação capitalista de Marx.

Depois que o segundo mundo foi destruído pelo gelo,⁴⁸ os povos do terceiro mundo “avançaram tão rapidamente que criaram grandes cidades, países, toda uma civilização... Mais e mais deles ficaram totalmente ocupados com seus próprios planos terrenos,”⁴⁹ até que Deus destruiu seu mundo com um dilúvio no estilo bíblico. Nós mesmos somos o povo do quarto mundo; e isso, de acordo com a profecia Hopi, já está amadurecendo para a destruição, em favor de um Quinto Mundo.⁵⁰

O simbolismo e a mitologia Hopi têm muitos padrões em comum com as ideias discutidas neste livro. De particular interesse é seu relato dos quatro elementos e seus três estágios de origem humana. Os elementos são os mesmos dos gregos e estão envolvidos nas quatro etapas da criação da Terra: (1) “[o servo do deus criador] reuniu o que deveria ser manifesto como substância sólida [e] moldou-o em formas”, (2) ele fez o mesmo com “o que deveria ser manifesto como as águas”, e (3) “aquilo que deveria ser manifesto como os ares.” Finalmente, o deus criador disse ao seu servo: “o seu trabalho ainda não está terminado. Agora você deve criar a vida e seu movimento para completar as quatro partes...” Esta última parte, (4), interpreto como sendo fogo, na forma de energia e metabolismo.⁵¹ Assim, os quatro elementos correspondem ao conceito da química moderna dos quatro estados da matéria: a terra é sólida, a água é líquida, o ar é gás e o fogo é plasma ou energia. Essa correspondência continua no nível molecular: ar/gás, o elemento dos monarcas, é composto por

⁴⁸ Especificamente, os polos magnéticos da Terra deixaram de funcionar, fazendo com que o planeta girasse descontroladamente no espaço. A terra consequentemente congelou, presumivelmente porque a luz do sol não podia repousar em qualquer parte do globo por tempo suficiente para aquecê-lo. Veja *ibid.* p. 16.

⁴⁹ *Ibid.* p. 17

⁵⁰ *Ibid.* p. 334; se tomarmos a destruição pelo gelo para corresponder ao elemento terra — porque (a) a terra é tradicionalmente associada ao inverno, ou morte pelo frio, (b) o gelo é sólido e, portanto, *intuitivamente* mais próximo da terra do que a água, e (c) o gelo veio como resultado da própria terra perder o equilíbrio — então os elementos formam o ciclo antinatural: fogo, terra, água e, finalmente, ar: os meios de destruição de nosso próprio mundo.

⁵¹ *Ibid.* p. 3-4

moléculas soltas voando com alta energia, enquanto terra/sólido, o elemento democrático, é altamente estruturado e fortemente ligado.

Os três estágios, por outro lado, referem-se à primeira criação dos seres humanos. Existem “três fases de sua Criação... o mistério, o sopro da vida e o calor do amor”. Estes correspondem aos estágios da *Balada* de Coleridge. Primeiro, um mistério nebuloso, ou visão obscurecida, onde o homem ainda está adormecido. Então, o homem desperta, afastando o nevoeiro e a bruma dos sonhos; “mas ainda havia uma umidade em suas testas e um ponto fraco em suas cabeças”, possivelmente representando maleabilidade da mente, ou abertura ao aprendizado. A etapa final vê o nascer do sol “secando a umidade em suas testas e endurecendo o ponto fraco em suas cabeças”; isto é, solidificar ou selar o que foi aprendido. Nesse ponto, “o homem, plenamente formado e firmado, enfrentou com orgulho o seu Criador.”⁵² O que realizou o selamento da testa foi o sol, associado ao “calor do amor”, assim como o antigo marinheiro encontrou a salvação através do amor divino e universal.

Esses símbolos Hopi (e todos os outros que estão de acordo com sua estrutura numérica fundamental do 3 e 4) nos lembram da grande preocupação de Jung com a “função transcendente”, o símbolo transformador, e a dialética Empedocleana-Hegelianiana de união e tensão progressivas. Para colocar em termos Pitagóricos, por meio do ímpar (a dialética de três partes), o par/dualidade (2, e por extensão, 4) é trazido à união (1). Ou, nas próprias palavras de Jung,

...quando há plena paridade dos opostos, atestada pela participação absoluta do ego em ambos, isso necessariamente leva a uma suspensão da *vontade*, pois a vontade não pode mais operar quando todo motivo tem um contramotivo igualmente forte. Como a vida não pode tolerar uma paralisação, resulta um represamento da energia vital, e isso levaria a uma condição insuportável se a tensão dos opostos não produzisse uma nova função unificadora que os transcende. Essa função surge naturalmente da regressão da *libido* causada pelo bloqueio. Todo progresso tornado

⁵² Ibid. p. 6

temporariamente impossível pela divisão total da vontade, a libido retorna, por assim dizer, à sua fonte. Em outras palavras, a neutralização e a inatividade da consciência provocam uma atividade do inconsciente, onde todas as funções diferenciadas têm sua raiz comum e arcaica... Da atividade do inconsciente emerge agora um novo conteúdo, constelado por teses e antíteses em igual medida e em relação *compensatória* com ambas. Forma, assim, o meio-termo sobre o qual os opostos podem ser unidos... pondo fim à divisão e forçando a energia dos opostos em um canal comum. A paralisação é superada e a vida pode fluir com força renovada em direção a novos objetivos.⁵³

Para simplificar: um está preso entre dois lobbies aparentemente incomensuráveis (mais abstratamente, o de sujeito *versus* objeto). Ambos os lados são de igual legitimidade e, portanto, causam uma perfeita paralisação na psique. O indivíduo é incapaz de escolher entre um lado ou outro (por exemplo, entre suas próprias necessidades ou as dos outros). Quando a consciência está em perfeito impasse, e nenhum pensamento consciente pode fluir em uma direção ou em outra, a energia psíquica desses pensamentos é levada por um terceiro caminho: para o inconsciente.⁵⁴ Esse impulso de energia faz com que o inconsciente sintetize uma solução, que é apresentada à consciência na forma de um *símbolo*. O símbolo, inicialmente, é apenas parcialmente compreendido, e os esforços são reorientados para desvendá-lo, ou seja, *ao vivê-lo*. Assim, os Israelitas, presos entre o faraó e o fundo Mar Vermelho, clamaram a Deus, que então fez Moisés, o símbolo vivo de Sua vontade, realizar um milagre ao abrir as águas, proporcionando uma forma de fuga antes impensável. Esta não era uma solução final; os Israelitas tinham diante de si quarenta anos de peregrinação tão difícil que muitas vezes desejavam nunca ter começado. Mas, após um longo processo e múltiplos milagres simbólicos em pontos de crise (por exemplo, a fonte da rocha, ou a serpente descarada⁵⁵), eles

⁵³ *Psychological Types*, p. 479-80

⁵⁴ O inconsciente é abordado mais adiante como um conceito no capítulo 5.

⁵⁵ Numbers 20-21, KJV

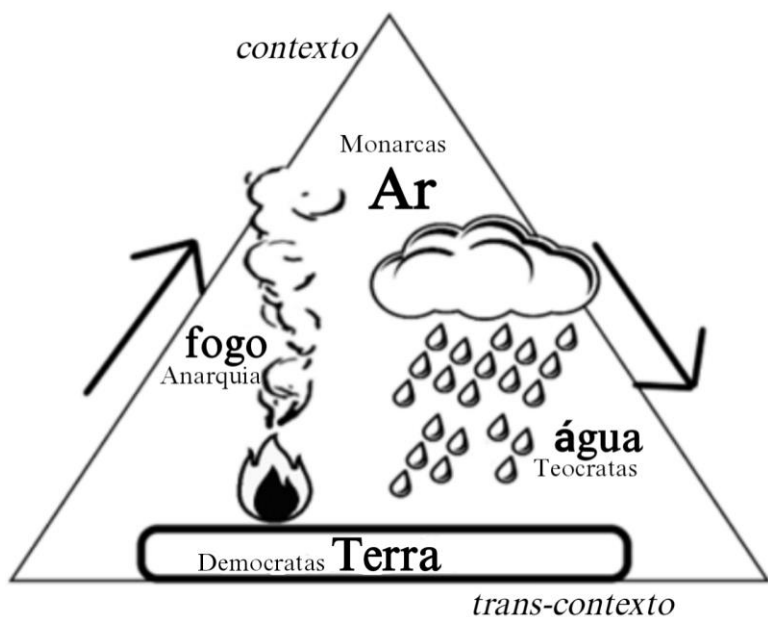
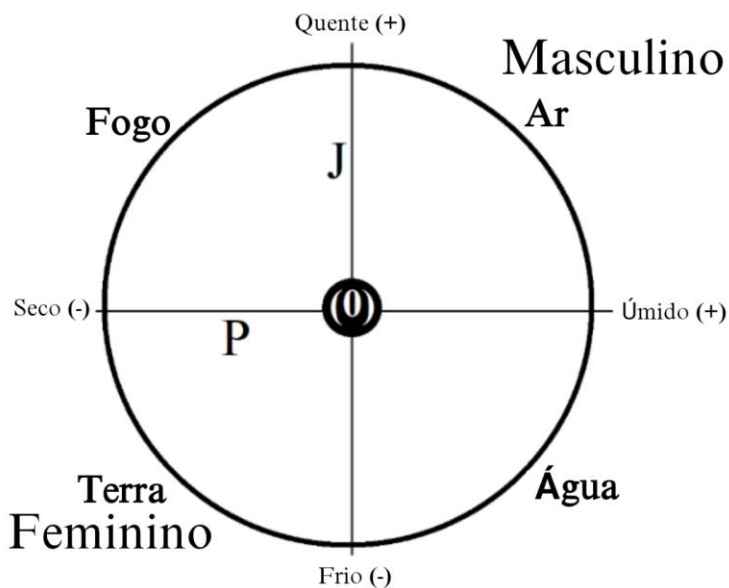
conquistaram uma terra prometida e construíram sobre ela (por algum tempo) um reino rico.

Esse processo, pelo qual um símbolo é desenterrado do inconsciente, Jung denomina a “função transcendente” da psique. É o mesmo que em *Rime*, de Coleridge, onde o segundo estágio da dialética (após a morte do deus-albatroz) envolve uma paralisação fatal da natureza e até mesmo a aparente evaporação do oceano, que fecha a lacuna entre a consciência (a superfície) e a inconsciência (as profundezas). As criaturas viscosas são o símbolo do marinheiro, pelo qual ele obtém a liberação do impasse da vida. Isso é digno de nota porque, para Jung, a “função transcendente” também proporciona a reconciliação entre as quatro funções básicas de sensação, intuição, sentimento e pensamento. O inconsciente, do qual brota o símbolo, é “onde todas as funções diferenciadas têm sua raiz comum, arcaica,”⁵⁶ que é como “os dados de cada função psíquica [têm] entrado em sua fabricação [do símbolo].”⁵⁷ O símbolo representa, portanto, uma interseção, não apenas de eixos opostos, mas dos quadrantes formados por esses eixos. É, nesse sentido, a “quinta função”, posicionando-se no centro das outras quatro como um milagre redentor.⁵⁸ Daí o significado da profecia Hopi: que já estamos emergindo no Quinto Mundo, que representará a reconciliação dos quatro cantos da Terra através do aparecimento (ou reaparecimento?) de um símbolo vivo.

⁵⁶ *Psychological Types*, p. 479

⁵⁷ *Ibid.* p. 478

⁵⁸ A ideia de um quinto elemento, princípio ou função, que se destaca dos outros quatro, é bastante difundida; por exemplo, *Akasha* no hinduísmo, *śūnyatā* no budismo ou éter na filosofia Ocidental. Em cada caso, o elemento é tratado como um *arche* ou *apeiron* que fica abaixo dos outros elementos como fundamento. Jung parece ter ligado tais qualidades ao inconsciente coletivo, como a fonte da pura criatividade e redenção por meio dele.



O homem, imaginado em sua perfeição, seria, portanto, a união firme que no fluxo da mudança permaneceu eternamente a mesma.

...Para ser algo mais do que mero mundo ele deve dar forma à matéria; e para ser mais do que mera forma ele deve realizar a disposição que ele carrega dentro de si.

— Friedrich Schiller, *On the Aesthetic Education of Man*, eleventh letter (p. 39-40)

Agir virtuosamente é agir em obediência à razão... o maior bem para aqueles que seguem a virtude é conhecer a Deus; isto é, um bem que é comum a todos e pode ser possuído por todos os homens igualmente... segue-se não acidentalmente, mas da própria natureza da razão, que o bem supremo do homem é comum a todos...

— Baruch Spinoza, *Ethics*, Part IV, Prop. XXXVI (p. 211)

Não há regra de ouro que se aplique a todos: cada homem deve descobrir por si mesmo de que maneira particular pode ser salvo.

...A religião restringe esse jogo de escolha e adaptação, pois impõe igualmente a todos o seu próprio caminho para a aquisição da felicidade...

— Sigmund Freud, *Civilization and its Discontents*, p. 30-31

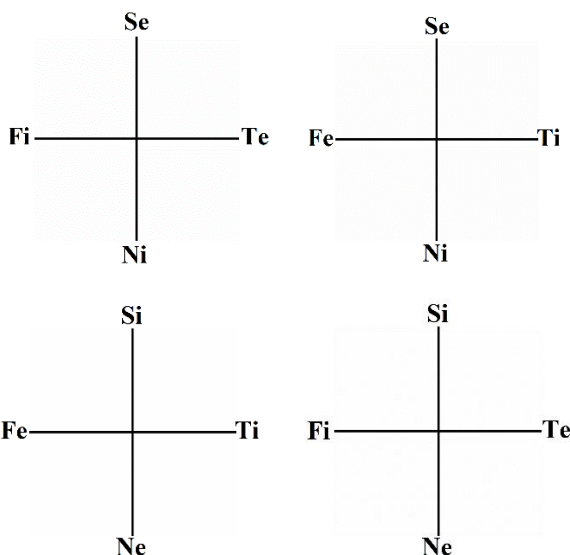
...os homens presunçosamente começaram a trabalhar para investigar a Natureza, como se houvesse algum grau de proporção entre ela e eles.

...parece-me que aquele que compreendeu os princípios finais do ser e da existência poderia também alcançar um conhecimento do infinito... [mas] as condições de nossa existência escondem de nós o conhecimento dos primeiros princípios...

— Blaise Pascal, *Pensées*, §43 (p. 36-37)

Capítulo 5:

Inconsciente *versus* Consciente



Dentro de cada temperamento, existem quatro tipos possíveis: um para cada polo da cruz. Assim, nesta teoria, os tipos são modificações de temperamentos. Essas modificações são geralmente descritas como uma “preferência” de um polo sobre os outros. Em um modelo axial, essa preferência força os outros polos a se posicionarem embaixo. A questão, então, é *como* essa modificação é efetuada; isto é, o que significa “preferência”?

A “preferência” é geralmente tomada como um conceito empírico, em vez de categórico; isto é, como descritível em uma escala de intensidade, assim como alguém pode medir altura ou peso. Nesses termos, a intensidade da preferência poderia ser representada como a proximidade das quatro funções a um ponto fixo na circunferência de sua cruz, como encontrar o norte em uma bússola. Trato “tipo” como esse ponto fixo de orientação. É uma

ideia abstrata, representada por vários exemplos ideais, e manifestada imperfeitamente em indivíduos reais. Deste modo, “tipo” é um conceito *regulatório*. Sua essência está em sua definição, não em sua instanciação empírica. Como um triângulo perfeito, é útil precisamente na medida em que a realidade *não pode* manifestá-lo adequadamente, porque isso nos leva a fazer triângulos cada vez mais fortes e úteis. E da mesma forma, uma vez que tenhamos determinado a direção do norte magnético verdadeiro, podemos nos esforçar imperfeitamente, mas efetivamente em direção a ele, ou longe dele, dependendo de onde desejamos ir; por exemplo, vamos para o norte por uma milha e depois desviamos para noroeste por um quarto de milha para chegar ao nosso destino específico. O ponto é que temos algo absoluto e imutável pelo qual podemos fazer medições significativas das mudanças ao nosso redor. Portanto, é mais correto, pelo menos nesta teoria, dizer que um indivíduo é “melhor descrito por” um determinado tipo, em vez de dizer que o indivíduo simplesmente “é” um determinado tipo. Ninguém verdadeiramente *é* um tipo, assim como uma bolacha salgada não é um quadrado perfeito, ou a Terra uma esfera perfeita. Mas, por outro lado, dizer que a bolacha não é um quadrado *de forma alguma*, ou que a Terra não é uma esfera *de forma alguma*, é enganoso. Eles *são* essas formas, e não devem ser confundidas com outras; mas são essas formas *imperfeitamente*.

“Preferência” também implica um núcleo misterioso e neutro do ser que é responsável pela preferência. Isso implica ainda que o tipo é preferido porque seus prós pareceram superar seus contras, de uma forma ou de outra. E isso pressupõe tanto uma percepção quanto um julgamento. No entanto, já mostramos que as percepções e julgamentos humanos estão sujeitos à personalidade; só se pode escolher uma personalidade se já tiver uma personalidade colorindo a escolha. Assim, dizer que alguém “prefere” seu próprio temperamento, tipo, ou personalidade, é, tecnicamente, *petitio principii*: um estaria preferindo seu próprio método de preferir. Assim, personalidade, como eu a concebo, é algo Kantiano: é tão fundamental e inescapável quanto nossos pressupostos de tempo ou espaço. A despeito de minha afirmação na introdução: transcender *completamente* a personalidade,

descartá-la completamente, é postular (na linguagem de Kant) ar sem um pássaro para voar sobre ele. A personalidade é, portanto, uma *condição* para a experiência humana, não apenas um elemento dessa experiência.

Isso não é de forma alguma um limite para a liberdade de alguém. É somente quando alguém confunde comportamentos com seus temperamentos estereotipados que esse medo se desenvolve. Não há nada na personalidade que impeça um indivíduo de realizar ou evitar uma *ação* real, ou, no mínimo, qualquer ação *moral* — não mais do que a concepção de espaço e tempo de uma pessoa poderia, por si só, desculpá-lo do cometimento intencional de um crime; afeta apenas os *meios* pelos quais o crime poderia ser cometido. Não se trata de “o quê”, mas do “porquê” e “como”. Além disso, seu caráter *a priori* não impossibilita este mesmo livro, seja para a compreensão do próprio tipo, seja para a compreensão dos outros (o que dá no mesmo). É verdade que não se pode *literalmente* “andar nos mocassins de outro”; no entanto, assim como nossos olhos são capazes de se ver no espelho, nossas mentes podem se meta-representar em si mesmas: um jogo dentro de um jogo.

Assim, a “preferência” por um tipo sobre outro é, na verdade, uma condição *a priori* (isto é, herdada ou, em qualquer caso, não escolhida) da experiência humana.¹ A questão agora é: por que é necessário preferir um polo sobre os outros? O que distingue os tipos dentro do mesmo temperamento? O que há na mente humana que limita a expressão das cruces-de-temperamento dessa maneira, de modo que quatro preferências de tipos distintos possam se manifestar em cada cruzamento? A resposta efetiva de Jung para essa pergunta foi a dicotomia de consciência / inconsciência. Esta dicotomia é explicada em várias definições inter-relacionadas de *Psychological Types*:

¹ Não tentarei nenhuma teoria sobre de onde as personalidades “vêm”, ou em que consiste sua “substância”, seja biológica, ontológica, espiritual, etc. Meramente cito Jung em *Psychological Types*: “O fato de que as crianças muitas vezes exibem uma atitude típica de forma bastante inequívoca, mesmo em seus primeiros anos, nos obriga a supor que não pode ser a luta pela existência no sentido comum que determina uma atitude particular”. (p. 332). Isto é, natureza acima de criação.

Por “consciência” entendo a relação dos conteúdos psíquicos com o *ego*, na medida em que essa relação é percebida como tal pelo ego. As relações com o ego que não são percebidas como tal são *inconscientes*. A consciência é a função ou atividade que mantém a relação dos conteúdos psíquicos com o ego.²

Por “ego” entendo um complexo de ideias que constitui o centro do meu campo de consciência e parece possuir um alto grau de continuidade e identidade. Por isso, também falo de um “*complexo do ego*”. O complexo do ego é tanto um conteúdo quanto uma condição da *consciência*, pois um elemento psíquico só é consciente para mim na medida em que se relaciona com meu complexo do ego.³

A meu ver, o inconsciente é um conceito psicológico limítrofe, que abrange todos os conteúdos ou processos psíquicos que não são conscientes, isto é, não relacionados ao *ego* de qualquer forma perceptível.⁴

Em outras palavras, o “ego” se desenvolve como resultado natural da atividade chamada “consciência”. A consciência é o *principium individuationis* do ego ou identidade pessoal: ela extrai a identidade do grande oceano da inconsciência. A consciência é semelhante a pisar na água, a manter-se à tona da inconsciência; e quaisquer superfícies que mantenham mais secas formam o “complexo do ego”.

No modelo de Jung, a inconsciência é o estado natural da humanidade: o animal necessário, instintivo e indiferenciado no homem. Contra esse pano de fundo emerge uma vontade individual, lutando para se distinguir da massa de sua ancestralidade. Cada indivíduo é um ego pequeno e consciente sustentado por uma infra-estrutura — uma placenta, se preferir — de instintos e tendências inconscientes, desde o reflexo de enraizamento até a fome sexual e os complexos sobre Deus. A grande maioria de nossa mente, nossa “psique” ou “self”, é processamento inconsciente, como ajudantes de palco para uma

² p. 421-22

³ p. 425

⁴ p. 483

peça, ou uma antiga burocracia imperial sob um rei-criança recém-ascendente. Não estamos, por exemplo, continuamente conscientes de todas as memórias que já formamos, mas apenas daquelas que estão ligadas (por qualquer motivo) a uma determinada situação. Esta é apenas uma das muitas aptidões e processos que ocorrem sem nosso controle consciente, mas constituem nossa identidade e, de fato, nossa personalidade.

Este, então, é o fator que produz os dezesseis tipos de personalidade: os *seres humanos têm uma capacidade limitada para a consciência*. Assim, as funções podem ser classificadas em ordem de grau em que influenciam ou caracterizam a consciência, e escapam das profundezas abafadas da inconsciência.

Como a consciência e a inconsciência se enquadram em relação ao *Yin-Yang*, objeto-sujeito, feminino-masculino? Jung nos oferece um comentário frutífero:

O conteúdo individual da consciência é... o objeto mais desfavorável que se possa imaginar para a psicologia, precisamente porque diferenciou o universal ao ponto do irreconhecível. A essência dos processos conscientes é a adaptação, que ocorre em uma série de particularidades. O inconsciente, por outro lado, é universal... em razão de sua universalidade supra-individual, o inconsciente é o objeto principal de qualquer psicologia real...⁵

Jung, portanto, relaciona a consciência com uma atitude “masculina” orientada-a-objetivos, determinada pelo contexto, enquanto a inconsciência é mente-justa, universal e “feminina”. Essa universalidade ou “feminilidade” é o que a torna um *objeto* ideal para a ciência.

Claro, isso vai contra a suposição usual de que a inconsciência é subjetiva (sendo “mais profunda” na mente) e a consciência é, embora não objetiva, pelo menos “mais próxima” dos objetos de sua experiência. Mas, na verdade, o oposto é verdadeiro: a inconsciência representa a totalidade da evolução do organismo, o desenvolvimento de seus instintos em relação aos objetos, enquanto a consciência é recém-nascida e inconsciente dessas

⁵ *Symbols of Transformation*, part II, chap. IV (p. 177)

tradições e condições.⁶ Se destaca como o sujeito entre os objetos psicológicos e físicos, e é marcada pela capacidade de mudá-los *conscientemente*.⁷

Jung alude ao fato de que a ciência moderna considera o *objeto* como incontestavelmente primário, porque para fazer previsões, ele requer uma base universal, transcontextual, objetiva. Assim, o psicólogo científico muitas vezes corre em círculos, como um cachorro correndo atrás do próprio rabo, tentando provar que o sujeito consciente é inteiramente redutível a objetos. Como disse John Haldane,

...se meus processos mentais são inteiramente determinados pelos movimentos dos átomos em meu cérebro, não tenho razão para supor que minhas crenças sejam verdadeiras. Elas podem ser quimicamente sólidas, mas isso não as torna lógicas. E, portanto, não tenho razão para supor que meu cérebro seja composto de átomos. Para escapar dessa necessidade de serrar o galho em que estou sentado, por assim dizer, sou compelido a acreditar que a mente não é totalmente condicionada por matéria.⁸

É minha observação que a insistência obstinada de certos cientistas e filósofos sobre a redutibilidade do sujeito ao objeto é motivada por uma necessidade de controle. A ciência é baseada na verificação, e a verificação só é possível quando as coisas são confiáveis, e as coisas são perfeitamente confiáveis quando *não podem escolher fazer de outra forma*.⁹ Assim, tudo deve ser completamente explicável em termos de todo o resto, porque só

⁶ “A consciência dá origem a inúmeros erros que levam um animal ou homem a perecer mais cedo do que o necessário...” (Nietzsche, *The Gay Science*, §11; p. 84)

⁷ “Altere as condições preexistentes e, com materiais inorgânicos, você produz cada vez um fim aparente diferente. Mas com agentes inteligentes, alterar as condições altera a atividade exibida, mas não o fim alcançado; pois aqui a ideia do fim ainda não realizado coopera com as condições para determinar quais serão as atividades,” (James, *The Principles of Psychology*, vol. I, p. 8).

⁸ “When I Am Dead,” em *Possible Worlds*, p. 209

⁹ A primeira ciência foi a astronomia, porque poucas coisas são tão confiáveis quanto as revoluções dos corpos celestes.

assim o cientista está seguro para fazer previsões. No momento em que algo é explicável em termos de si mesmo (como deve inevitavelmente acontecer na mecânica quântica), todo o jogo acaba. Assim, o universo se torna uma cadeia muito longa de marionetes controlando marionetes, levando de volta a alguma fonte original, evento, quanta ou deus. “Deus” faz um show de marionetes para o cientista. De fato, a ciência é uma espécie de misticismo, onde o cientista faz um fantoche de todos os sujeitos do universo, *exceto para o seu e o de Deus*. Eles estão em uma busca burocrática para marcar uma entrevista pessoal com Deus, e ninguém mais é bem-vindo nessa entrevista. É, portanto, bastante ameaçador para mim sugerir que existem quaisquer fatores independentes da totalidade causalmente determinada do universo, uma vez que isso introduz outro sujeito para a entrevista, outro agindo, querendo estar fora do controle intelectual do cientista.

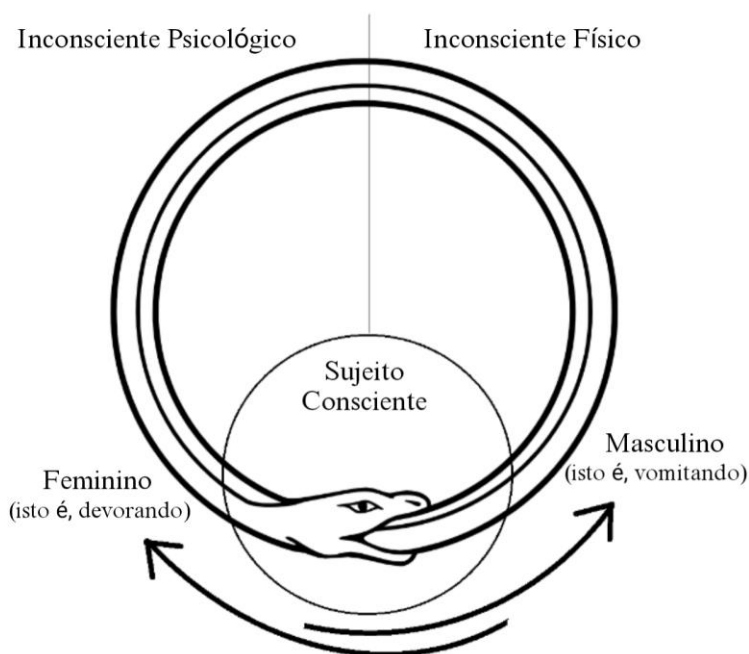
Quando a explicação de um fenômeno se torna “Ele fez isso porque *quis*”, então o laboratório de repente se torna um consultório de psicólogo. O abismo olha para trás e a moralidade se intromete. No momento em que seu monstro abriu os olhos iluminados, o Dr. Frankenstein fugiu em horror abjeto; ele não estava mais lidando com um objeto, mas com outro sujeito, exigindo dele direitos e responsabilidades. No entanto, se nosso objetivo é realmente a Verdade, devemos ser capazes de nos adaptar às suas exigências, em vez de impor as nossas a ela. A ciência, por sua própria natureza, é limitada à descrição. Não pode, por si mesma, prescrever ou proscrever; ela só pode fornecer provas em nome de uma *prescrição pressuposta*, mostrando como os dominós cairão. Esta é a distinção “é/deve” de Hume: *que uma descrição não é o mesmo que uma recomendação*. Uma descrição só serve de recomendação quando se pressupõe uma recomendação; por exemplo, o fato de que o exercício vai melhorar minha vida como ser humano só serve como uma recomendação se eu já tiver decidido que continuar a vida como ser humano é bom. O valor da existência não é dado, muito menos a existência da “espécie” humana. Esta é uma decisão que nós tomamos; em que base, a ciência não pode dizer.

O sentido do mundo deve estar fora do mundo. No mundo tudo é como é e acontece como acontece. Nele não há valor — e se houvesse, não teria valor. Se existe um valor que tem valor, ele deve estar fora de todo acontecimento e ser-assim. Pois todo acontecer e ser-assim é accidental. O que o torna não-accidental não pode estar no mundo, pois de outra forma isso seria novamente accidental. Deve estar fora do mundo.¹⁰

Devemos lembrar que *Yin-Yang* e todos os binários associados representam o *ouroboros* auto-devorador; ou seja, são polos de um eterno ciclo e intercâmbio. A cauda da serpente (o objeto) é continuamente comida e assimilada pela cabeça (o sujeito), que posteriormente usa a matéria e a energia para reconstruir mais cauda para comer. É o mesmo com a consciência e a inconsciência, uma vez que borramos a distinção entre “inconsciência” psicológica e física, isto é, entre o material irracional do corpo e o material irracional de seu ambiente. O sujeito consciente torna-se então o *mediador* entre os objetos físicos e psicológicos, porque estes, do ponto de vista da evolução e da adaptação, são praticamente a mesma coisa: águas no mesmo lago.

Quando o material se move “para cima” da inconsciência psicológica, através da consciência, e para o “inconsciente” físico, então o movimento é considerado subjetivo, orientado-a-objetivos, assertivo e masculino — a consciência é movida por um instinto ou arquétipo inconsciente para fazer certas mudanças no mundo exterior, para arbitrar as adaptações exigidas pelo corpo. Mas, quando o material se move “para baixo”, do físico para o psicológico, então a consciência está arbitrando as adaptações exigidas do ambiente; esse movimento é considerado objetivo, mente-justa, receptivo e feminino. Além disso, as mudanças no ambiente físico inevitavelmente afetam o “corpo” psicológico, que por sua vez leva a consciência a mudar o ambiente físico novamente. E, por outro lado, adaptações à própria psicologia (por exemplo, estoicismo) levam a pessoa a mudar seu ambiente físico para acomodar o novo estilo de vida — e essas mudanças acabam se acumulando em novas demandas sobre o psicológico.

¹⁰ Wittgenstein, *Tractatus Logico-Philosophicus*, 6.41



Tendo ligado a consciência e a inconsciência com nosso esquema *Yin-Yang*, podemos começar a esboçar um modelo da mente humana em relação aos tipos, mostrando as estruturas típicas em que os elementos da personalidade neo-Junguiana atuam. Nesse esforço, fui muito auxiliado por minha pesquisa amadora em Socionics. Embora eu considere minhas teorias suficientemente distintas para evitar o plágio, seria desonesto não admitir abertamente sua influência.

Para começar: Jung postulou que uma função predominante é geralmente compensada por uma função “auxiliar” de racionalidade oposta (julgamento *versus* percepção). Essa função auxiliar recebe autoridade secundária na consciência da pessoa, desde que sirva aos interesses da função predominante.

...em conjunto com a função mais diferenciada, outra função de importância secundária e, portanto, de diferenciação inferior na consciência, está constantemente presente e é um fator relativamente determinante... A sua

importância secundária consiste no fato de que, num determinado caso, ela não vale algo por si só, como a função primária (como um fator absolutamente confiável e decisivo), mas atua mais como função auxiliar ou complementar.

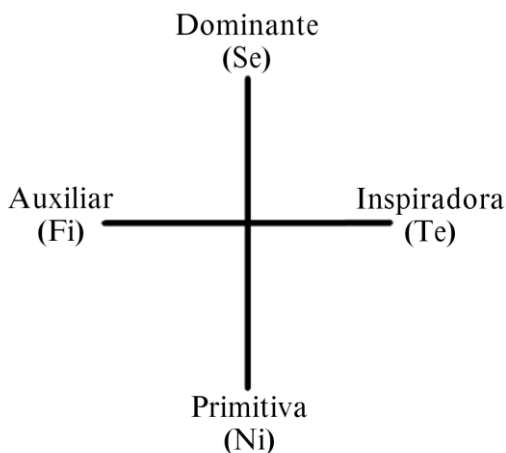
Naturalmente, só podem aparecer como auxiliares aquelas funções cuja natureza não se oponha à função principal. Por exemplo, o sentimento nunca pode atuar como a segunda função ao lado do pensamento, porque sua natureza contrasta fortemente com o pensamento. O pensamento, para ser um pensamento real e fiel ao seu próprio princípio, deve escrupulosamente excluir o sentimento... por exemplo, o pensamento, como função primária, pode facilmente emparelhar-se com a intuição como auxiliar, ou mesmo igualmente bem com a sensação, mas, como já observado, nunca com o sentimento. Nem a intuição nem a sensação são antagônicas ao pensamento, isto é, não devem ser excluídas incondicionalmente, pois não são, como o sentimento, de natureza semelhante, embora de finalidade oposta, ao pensamento — pois, como função de julgamento, o sentimento compete com sucesso com o pensamento...

...a função auxiliar só é possível e útil na medida em que serve à função principal, sem reivindicar a autonomia de seu próprio princípio.¹¹

Em outras palavras, Jung sugere que (pelo menos para a maioria das pessoas) a função mais dominante na personalidade de uma pessoa é sempre complementada por outra função proporcional à tarefa. Assim, as funções de julgamento são auxiliadas apenas pelas funções de percepção, e *vice-versa*. No entanto, Jung também parece sugerir que a função auxiliar compartilha a atitude da função dominante, porque, para Jung, as atitudes de extroversão e introversão caracterizavam consciência e inconsciência, não as quatro funções; as funções só ganhavam um caráter extrovertido ou introvertido pela consciência ou inconsciência particular em que se manifestavam, como correntes que correm por águas mornas ou frias. Foi Isabel Myers quem tratou a extroversão e a introversão como *diretamente* caracterizando as quatro funções, e é a abordagem de Myers que iremos seguir.

¹¹ *Psychological Types*, p. 405-6

No entanto, admito que esta decisão é baseada na minha própria observação e experiência, e não em qualquer dedução do próprio modelo. No entanto, o que é mais interessante para mim não é a “altitude” relativa das funções na psique, mas sim *quais papéis estão disponíveis para as funções desempenharem* nessa psique. E é minha convicção que, deixando de lado qualquer noção de “força” quantitativa ou “presença” de uma dada função, os polos dos eixos permanecem *qualitativamente* distintos, mesmo que um polo seja mais aparente para medição do que outro. Assim, embora eu ainda não tenha visto um par dominante-auxiliar com a mesma atitude, continuo aberto à possibilidade.



O eixo vertical como um todo — como uma única função bipolar, se quiser — está mais profundamente arraigada na psique, e sua influência geral é muito mais fácil de tomar como certa. Ela não “aparece” com tanta regularidade no alcance do complexo do ego, nem costuma se apresentar diante do ego como uma ferramenta ou algo a ser usado. É, portanto, o eixo mais “inconsciente” no geral. Na minha experiência, ele atua como um “executor inconsciente”, capaz de realizar tarefas sem muita supervisão consciente. No entanto, os polos diferem no fato de serem, pelo menos, suscetíveis de diretrizes conscientes, para *orientar* seu funcionamento.

O polo dominante do eixo vertical (a função “dominante”) é suscetível dessa maneira. É análogo a caminhar, em que o ego

pode escolher o destino, e a memória muscular do corpo se encarrega do resto. É por isso que, apesar de ter um caráter semi-inconsciente, pode ser considerada a força mais dominante da personalidade: porque pode ser dirigida pelo ego, mas não requer supervisão contínua por ele. O ego fraco é aumentado por um autômato sob seu controle.

A função primitiva, porém, não recebe direção consciente. É tentador dizer que tem vontade própria, e às vezes contrária à do ego consciente; mas isso é, em última análise, enganoso. Seus esforços não são inconsistentes com a personalidade *como um todo*; pois, muitas vezes nos enganamos para buscar coisas que nossa mente consciente desaprovava. É, de fato, mais um *efeito* necessário da função dominante, muito parecido com a cauda de uma cobra: embora a cauda possa chicotear violentamente e em uma direção contrária ao movimento da cabeça, ainda é consistente com todo o organismo, e é até mesmo uma parte necessária de sua locomoção. A atividade consciente de um eixo de função sempre tem um “outro lado” inconsciente que lhe é necessário, e até identificado com ele, embora não possa ser visto ao mesmo tempo que sua contraparte; assim como a frente e o verso de um cubo não podem ser vistos simultaneamente, sem a ajuda de um espelho. De fato, o aspecto inconsciente da personalidade poderia ser entendido simplesmente como um espelho, que revela o lado de trás de nossos processos conscientes, em sua beleza e horror, vergonha e alívio. Por exemplo, Jack Torrance, em *The Shining* de Kubrick, começa a beijar uma linda fantasma, apenas para olhar no espelho e ver que a pele de suas costas está apodrecendo; de repente a mulher não é mais bonita para ele, mas é substituída por uma bruxa aterrorizante. *A psique é irônica*; é uma tragédia grega. No final da peça, Creonte e Antígona se traíram. O Rei Creonte, que afirma: “quem coloca um amigo/acima do bem de seu próprio país, ele não é nada”,¹² faz de si mesmo tal amigo: “Devo governar esta terra para os outros — ou para mim mesmo?... A cidade é do rei — essa é a lei!”¹³ Enquanto isso, Antígona afirma que o enterro insubordinado de

¹² Sophocles, *Antigone*, lines 203-5

¹³ Ibid. lines 823-25

seu irmão é sancionado pelas leis igualitárias da natureza — “A morte anseia pelos mesmos ritos [de enterro] para todos”¹⁴ — apenas para depois admitir sua própria parcialidade:

...se eu tivesse sido mãe de filhos
ou se meu marido morresse, exposto e apodrecendo —
Eu nunca teria tomado essa provação para mim,
nunca desafiaria a vontade do nosso povo.¹⁵

O eixo horizontal é o eixo mais “consciente”, não por ser mais primário, mas justamente por ser secundário e, portanto, mais fácil de ser percebido. Por estar mais alienado da psique como um todo, está mais disponível para o ego como algo para manipular ou usar; na verdade, ao contrário do eixo vertical, ele drena energia consciente para realizar tarefas: é um “executor consciente”.

Mais uma vez, os polos se diferem quanto ao fato de serem inicialmente dirigidos consciente ou inconscientemente. A função “auxiliar” é dirigida conscientemente; portanto, é também a função mais drenante. Requer atenção total; no mínimo, é mais difícil delegar a um programa inconsciente. Isso não necessariamente prejudica seu relacionamento com o indivíduo; é meramente uma atividade de manutenção mais alta, como nadar ou andar em corda bamba. Estes requerem muito mais atenção e força do que simplesmente andar, em grande parte porque há um risco maior envolvido. A função auxiliar adapta-se a um aspecto da existência que sempre merecerá segunda prioridade para a personalidade, por exemplo, é preciso saber andar em um terreno plano antes de andar em uma corda bamba. Finalmente, é de valor notar que a função auxiliar é o oposto direto da função primitiva (que é completamente inconsciente). Enquanto a função primitiva passa despercebida e ainda assim é essencial, a função auxiliar é percebida e ainda assim não é essencial.

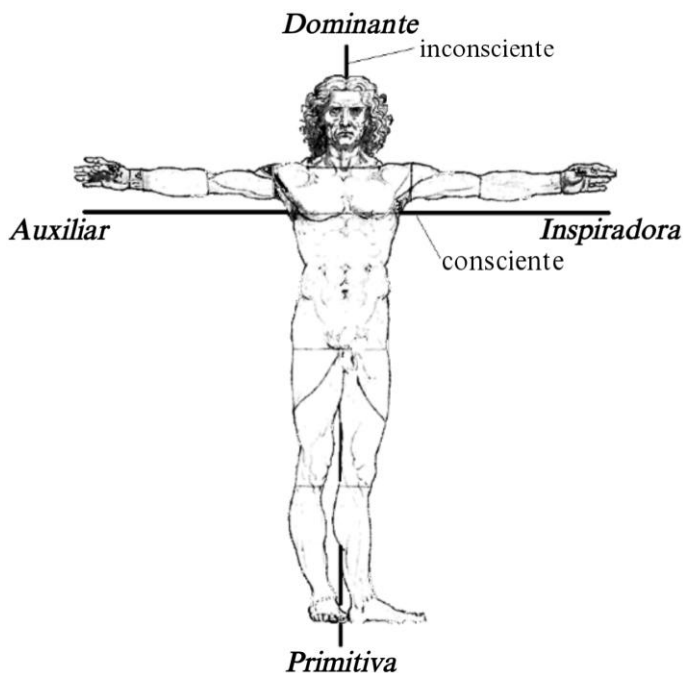
A função “inspiradora”, por sua vez, é o oposto da função dominante. Enquanto a função dominante é um processo inconsciente dirigido conscientemente, a função inspiradora é um processo consciente dirigido inconscientemente. Representa

¹⁴ Ibid. line 584

¹⁵ Ibid. lines 996-99

objetivos que o ego não escolhe, e ainda assim se sente compelido a realizar. É o chamado à aventura, o comando de uma deusa, o canto de uma musa; em suma, uma *inspiração*. O ego caminha em fé cega na sua busca; pois, é dado como certo que o objetivo é desejável, mesmo que sua aparência em outros possa parecer irritante ou mesmo repugnante. Metaforicamente, é uma *fome*: um instinto inconsciente que exige planejamento consciente e esforço para ser satisfeito.

	Execução Consciente	Execução Inconsciente
Ideia Consciente	Auxiliar (Nadar)	Dominante (Andar)
Ideia Inconsciente	Inspiradora (Fome)	Primitiva (Dormir)



A atitude de um tipo em relação a quatro funções dadas implica uma atitude em relação aos inversos dessas funções, por causa da

dinâmica entre extroversão e introversão. Por exemplo, um tipo com Ni dominante terá uma relação “sub-dominante” com a Ne, porque a Ni é “Ne \rightarrow Ni.” Assim, para um tipo Ni, a Ne é considerada como um movimento que deve sempre ser subserviente ao movimento de sua contraparte preferida Ni. Novamente, devemos lembrar a natureza cíclica e interdependente da introversão e extroversão, representada pela sístole e diástole do coração. De uma maneira verdadeiramente Heraclitana, a introversão é tanto sua própria ascensão quanto a queda da extroversão; ambas podem ser descritas como a morte da outra. Podemos dizer, portanto, que uma atitude introvertida dominante sempre implica uma atitude extrovertida subserviente — e esse princípio permeia todos os níveis da teoria neste livro. Assim, a presença de um eixo de função sempre significa o declínio de seu eixo oposto, tanto como um todo quanto através dos polos individuais. Uma contração cardíaca desloca os frutos do relaxamento anterior; da mesma forma, o Se/Ni é a afirmação de frutos obtidos por um movimento Si/Ne precedente implícito.

Assim como o corpo é melhor entendido como um sistema de regeneração e homeostase — isto é, como um verbo, “viver”, em vez de um substantivo, “forma de vida” — a psique é melhor compreendida como um sistema de movimentos e transformações. Como tal, distingue-se dos outros tipos pelos *acentos* do seu ritmo, não pelo ritmo em si, pois, em última análise, o ritmo é o mesmo para ambos os tipos: extroversão \rightarrow introversão \rightarrow extroversão \rightarrow introversão. Eles formam um *ouroboros*, uma serpente que se auto-alimenta: o movimento de um naturalmente leva ao do outro em uma dialética eterna (assim como se alterna entre dormir e acordar, sonhar e dançar, descansar/digerir e voar/lutar). O que distingue um tipo é se o acento de preferência é colocado no polo extrovertido ou introvertido do processo, no contexto de uma determinada função.

Karl Marx fornece uma ilustração disso em sua descrição da circulação econômica.¹⁶ Marx analisa a circulação como a metamorfose contínua das mercadorias (portadoras de “valor de uso”, ou valor qualitativo — portanto, algo essencialmente

¹⁶ Extraído principalmente de *Capital*, vol. 1, chap. 4, “The General Formula for Capital.”

baseado em contexto e introvertido) em dinheiro (o portador de "valor de troca", ou valor quantitativo — portanto, algo trans-contextual e extrovertido). Marx então distingue entre dois tipos de circulação: (1) mercadoria → dinheiro → mercadoria, M-D-M, ou, "vender para comprar", e (2) dinheiro → mercadoria → dinheiro, D-M-D, ou, "comprar para vender."¹⁷

O caminho M-D-M parte do extremo constituído por uma mercadoria e termina no extremo constituído por outra, que sai da circulação e entra no consumo. O consumo, a satisfação das necessidades, em suma valor de uso, é, portanto, seu objetivo final. O caminho D-M-D, entretanto, parte do extremo do dinheiro e finalmente retorna ao mesmo extremo. Sua força motriz e motivadora, seu propósito determinante, é, portanto, o valor de troca.¹⁸

O acento de M-D-M está na mercadoria, ou valor de uso, enquanto o acento de D-M-D está no dinheiro, ou valor de troca; o primeiro processo toma a aquisição de qualidades como seu *telos*, enquanto o *telos* do segundo é a aquisição de quantidades. Da mesma forma (como eu disse no capítulo 1) o processo extrovertido como um todo envolve um movimento *de* preconceitos subjetivos *para* o conhecimento objetivo, enquanto o processo introvertido como um todo envolve um movimento *de* dados objetivos *para* conclusões subjetivas.

Essas trocas são relativamente fáceis de extrapolar:

Se → Si, consolidar o horizonte de sensações, até uma paleta das sensações mais relevantes e verdadeiras pessoalmente; isto é, atenção plena; por exemplo, "Dadas as experiências A, B e C, a que experiência mais profunda, mais verdadeira e mais universal elas poderiam ser reduzidas?"

Si → Se, expandir o horizonte de sensações, multiplicar a paleta para considerar todos os tons possíveis de sensação; isto é, ver o mundo; por exemplo, "Dada a descrição tradicional A, como isso se compara às manifestações da vida real?"

Ne → Ni, consolidar o horizonte de inferências, até correntes de inferência fundamentais e pessoalmente relevantes; isto é, ver

¹⁷ Ibid. p. 247-48

¹⁸ Ibid. p. 250

o *zeitgeist*; por exemplo, “Dadas as opções A, B e C, qual opção, ou síntese de opções, é a melhor?”

Ni → Ne, expandir o horizonte de inferências, dividir e bifurcar correntes para incluir todas as inferências possíveis; isto é, *aporia* Socrática; por exemplo, “Dada a opção A, quantas outras opções existem?”

Te → Ti, consolidar o horizonte de fatos reconhecidos, até alguns princípios indubitáveis dos quais brota o resto; isto é, meditação Cartesiana; por exemplo, “Dados os fatos A, B e C, a que princípio ou ‘fato profundo’ eles podem ser reduzidos?”

Ti → Te, expandir o horizonte de fatos reconhecidos, para dar conta cada vez mais de toda a panóplia da realidade; isto é, empirismo científico; por exemplo, “Dado o princípio A, como ele se compara com eventos e fatos reais no mundo?”

Fe → Fi, consolidar o horizonte de valores reconhecidos, até alguns valores fundamentais, pessoalmente relevantes; isto é, um salto de fé Kierkegaardiano; por exemplo, “Dadas as opções A, B e C, acho que uma síntese de A e B é a melhor e mais desejável escolha.”

Fi → Fe, expandir o horizonte de valores reconhecidos, descobrir e dar conta dos valores de todos sob o mesmo teto; isto é, o bem de todos; por exemplo, “Considerando que eu quero pessoalmente o A, que outras opções existem que outras pessoas querem?”

Encontrar um tipo oposto é encontrar alguém fora do normal e fora do ritmo. Dançar fora do ritmo é remar rio acima, ou cortar contra a corrente. É extenuante, antinatural, frustrante e produz resultados ruins. Ter as preferências de função de outra pessoa impostas muitas vezes parece que algum tipo de progresso moral está sendo ameaçado, como se toda a vida até aquele ponto tivesse sido realmente uma batalha para deixar certas funções para trás em busca de seus melhores opostos. Um camponês recém-iluminado não confia mais em sua subjetividade e provavelmente não aconselhará o morador cansado da cidade a dobrar suas crenças, mas sim a permanecer aberto para novas. Enquanto isso, o homem cansado provavelmente vai repreender o menino por se distrair com muita facilidade e por não prestar atenção ao que é

realmente importante na vida.¹⁹ É como se as funções preferidas de uma pessoa fossem uma melhoria ou conclusão de uma base estabelecida por suas funções opostas, ou “sub-funções”, assim como a sístole prepara o caminho para a diástole e *vice-versa*.

Além disso, as sub-funções de uma personalidade desfrutam de uma consciência proporcional à sua contraparte. Por exemplo, um tipo com Ni dominante teria Ne sub-dominante, e isso se manifestaria em uma atitude como: “Posso ver várias opções para quem matou João (Ne), mas sinto que a opção B é a verdadeira explicação (Ni).” Assim, a Ne sub-dominante lançaria as bases para a Ni dominante. Então, ver a Ne exercitada por si só é estranho e até irritante. É o mesmo com a Ne sub-auxiliar, mas com ainda *menos* tolerância a Ne por si só. Essa intolerância atinge seu ápice com a função sub-inspiradora, cujas contribuições para a função inspiradora passam despercebidas; é até tratado com desgosto, aversão e confronto. Finalmente, a função sub-primitiva desaparece completamente nas brumas do inconsciente. É a função que o tipo tem a maior dificuldade em entender corretamente, porque é completamente tomada como certa.

Assim como nos baseamos na geometria do *I Ching* para entender melhor as funções, acredito que podemos nos basear em outra fonte de sabedoria antiga para entender a anatomia da personalidade e as sub-funções; nomeadamente, a mitologia sagrada Lakota, como apresentada por James Walker.

A mitologia Lakota começa com um deus *arche*, a origem eterna de todos os outros deuses: este era *Inyan*, que significa “Rocha.”²⁰ *Inyan* “tirou de si o que espalhou em torno de si na forma de um grande disco cuja borda está onde não pode haver além,”²¹ isto é, ele se vestiu em uma esfera. Esta esfera exterior foi nomeada *Maka*, que significa “Terra”, isto é, a crosta e o solo

¹⁹ Veja o capítulo 1.

²⁰ Provavelmente representando sua natureza duradoura; é uma reminiscência de um epitáfio que Isaías deu a Jeová (que já significa “um existente”): צֶדֶק עוֹלָמִים: ou “rocha eterna,” (Isaiah 26:4).

²¹ *Lakota Myth*, “Walker’s Literary Cycle: Creation of the Universe,” p. 207

superficial em que vivemos. No entanto, esse processo de criação deixou uma ferida aberta em *Inyan* da qual seu sangue jorrou.

[Seu sangue] tornou-se águas azuis que são as águas sobre a terra. Mas os poderes não podem habitar nas águas; e quando o sangue de *Inyan* se tornou as águas, os poderes se separaram dele e assumiram outra forma... uma grande cúpula azul cuja borda está em, mas não sobre, a borda de *Maka*.²²

Esta segunda esfera concêntrica, representando o céu, foi denominada *Skan*, que significa “Todo-Poderoso,” porque ele possuía os “poderes” ou energia vital que se separaram do icor derramado de *Inyan*; ele até declara: “Eu sou a fonte de energia. Eu sou *Skan*.” Além disso, “Quando *Inyan* criou *Maka*, ele transmitiu a ela aquela porção de seu espírito que não é satisfeita...” Ela, portanto, tende a se agitar e se preocupar, nunca totalmente confortável, mas levada de um problema para outro. Nessas crises, “*Skan* foi estabelecido como juiz e ele é o árbitro final de todas as coisas”. Em uma instância, ele se afligiu porque estava envolta na escuridão e não conseguia se ver; então, *Skan* pegou pedaços de todos os três deuses, bem como das águas, e formou um quarto deus, chamado *Wi* (“Sol”), para “Brilhar sobre todo o mundo e dar calor”. No entanto, *Wi* reclamou, dizendo: “Não tenho descanso e fico muito cansado... devolva *Han* [escuridão] ao mundo por algum tempo para que eu possa descansar enquanto ela estiver no mundo.”²³

Assim, temos *Inyan* a fonte primordial, que transfere todo o seu poder para *Skan*, o juiz todo-poderoso. Também temos *Maka*, a perpétua descontente (ou sempre faminta), e seu assistente solicitado *Wi*, o sol brilhante, que precisa de períodos de descanso para evitar a exaustão. Esses quatro são eventualmente classificados por *Skan*, a fim de resolver preventivamente as disputas entre eles:

[*Skan*] então deu a cada um dos deuses uma classificação. Para *Wi*, ele disse: “Porque eu, *Skan*, coloquei *Wi* acima de tudo, até mesmo a cúpula azul de mim mesmo, *Wi* terá o posto

²² “...pois seus poderes estavam em seu sangue e seu sangue era azul,” Ibid.

²³ Ibid. p. 208-10

mais alto...” *Skan* deu a *Maka*, que é a ancestral de todas as coisas do mundo, a terceira posição; e a *Inyan*, que é a fonte de tudo, ele deu a quarta posição. Ele deu a si mesmo a segunda posição, mas como ele é a fonte de todo poder... ele manteve a autoridade sobre todos.²⁴

Essa curiosa hierarquia corresponde ao nosso gráfico para as funções. *Skan* é a função “dominante”, que, apesar de não ser o ápice da consciência (ocupada por *Wi*, o sol), ainda é a função mais poderosa, governando as coisas por trás das cenas. *Maka*, o descontente, é o terceiro. Ele está acima da misteriosa origem *Inyan*, que ocupa a quarta posição porque deu todo o seu poder a *Skan*, assim como a função primitiva empresta sua energia à função dominante.

Além disso, a oposição entre dominante/inspiradora e auxiliar/primitiva também é representada nos mitos. *Inyan* é sem começo, um ser incriado; *Wi* é contrastado com isso, porque ele “foi criado por *Skan* [em vez de *Inyan*]; portanto ele é uma criatura.”²⁵ Enquanto isso, *Skan* e *Maka*, descendentes de *Inyan*, diferem em que *Maka* é material enquanto *Skan* é espírito.²⁶ Isso nos permite construir o seguinte gráfico:

	Consciente	Inconsciente
Consciente	Wi (auxiliar)	Skan (dominante)
Inconsciente	Maka (inspiradora)	Inyan (primitiva)

O mito continua a atribuir a cada Deus uma contraparte, e estas são paralelas às sub-funções:

²⁴ Ibid. p. 211-12

²⁵ Ibid. p. 209

²⁶ “*Inyan*, *Maka* e as águas são materiais ou aquilo que pode ser mantido unido... [*Skan*] não é material, mas espírito.” (Ibid. p. 207). Na medida em que *Wi* é a criação de *Skan*, podemos concluir que ele também é espírito, e não material; assim, encontramos a dicotomia consciente/inconsciente refletida aqui também.

<i>Wi-Win</i> (e.g. Si) →	Wi (e.g. Se)	Skan (e.g. Fi)	<i>Tate</i> (e.g. Fe) ←
<i>Unk</i> (e.g. Ne) →	Maka (e.g. Ni)	Inyan (e.g. Te)	<i>Wakinyan</i> (e.g. Ti) ←

Wi, o sol, cria a lua, *Wi-win*, que governa a noite enquanto *Wi* repousa sob o horizonte. Isso reflete a natureza limitada do papel de auxiliar: ambas as funções precisam de descanso e até revezam sua governança; embora, *Wi* “não fez [*Wi-win*] tão brilhante quanto ele porque desejava contemplar sua beleza.”²⁷ Em outras palavras, há uma profunda valorização da sub-auxiliar, desde que não ofusque a auxiliar. Sua legitimidade depende de obediência; caso contrário, torna-se desagradável e sua beleza impossível de ver.

Skan, o céu, cria *Tate*, que significa “vento”. *Tate* é “o companheiro constante de *Skan*... fiel a ele, e fez a sua vontade em todas as coisas. *Skan* fez de *Tate* seu mensageiro e deu-lhe autoridade para ir e vir em todos os lugares...”²⁸ Da mesma forma, a sub-dominante é talvez a mais bem ajustada das sub-funções, e a mais poderosa e livre entre elas. Como *Tate*, a sub-dominante é um batedor enviado a território desconhecido, para “Preparar... o caminho do Senhor, [e] endireitar seus caminhos.”²⁹

Maka, a terra, cria *Unk*, que significa “paixão”. *Unk*, por causa de sua grande beleza, inspira o ciúme de *Maka*, “e eles logo brigaram violentamente. *Maka* jogou *Unk* nas águas e ficou sem companhia.”³⁰ Da mesma forma, a função inspiradora, zelosa de sua posição de musa, rejeita totalmente a função sub-inspiradora como uma rival perniciososa. Assim, a função sub-inspiradora é a função mais censurável, a mais ofensiva. A função inspiradora é a deusa chamando seu herói para a aventura e é, de forma até compreensiva, sensível aos chamados concorrentes. Por conseguinte, as contribuições da função sub-inspiradora para a

²⁷ Ibid. p. 213

²⁸ Ibid.

²⁹ Mark 1:3, KJV

³⁰ *Lakota Myth*, p. 213

missão da função inspiradora são convenientemente esquecidas, e cada sinal de agência da função sub-inspiradora é tratado como uma invasão, a ser enterrada à força no inconsciente.

Unk, por sua vez, se ressentido de seu tratamento nas mãos de *Maka* e, por meios indecentes, produz os demônios *Iya* (“o maligno”; nascido por seduzir *Inyan*) e *Gnas* (“demônio”; nascido por seduzir *Iya*). Então, “*Unk* conspirou com seus filhos, *Iya* e *Gnas*, para tornar *Maka* mais ridículo do que nunca.”³¹ Da mesma forma, a função sub-inspiradora, como resultado de sua repressão, dá origem a versões ainda mais degeneradas de si mesma, que assombram a personalidade em suas raízes. A multiplicação incestuosa de *Unk* pode ser considerada como correspondendo ao motivo da escuridão inconsciente repleta de monstros polimórficos; por exemplo, a “legião” de demônios no lunático Gadareno,³² ou a descrição de Platão da alma apetitosa mais profunda: “um monstro multitudinário, de muitas cabeças, tendo um anel de cabeças de todos os tipos de animais, mansos e selvagens, que ele é capaz de gerar e metamorfosear à vontade.”³³

Finalmente, *Inyan*, o *arche*,

...determinado a criar um ser diferente de qualquer outro
 ...Ele fez uma criatura sem forma e o nomeou *Wakinyan*
 (Alado ou Tempestade). *Wakinyan* é tão disforme quanto uma
 nuvem e aterrorizante de se ver... A pessoa de *Wakinyan* é tão
 horrível que quem o vê como *Wakinyan* fica tão aterrorizado
 que se torna tolo e age como palhaço... Por causa disso, *Skan*
 disse: ‘*Wakinyan*, esconda-se de todos, exceto daqueles
 malignos que você destruiria.

...*Wakinyan* é exatamente o oposto de todas as coisas
 naturais, e sua condição normal é um estado de raiva. Quando
 está satisfeito, parece zangado, e quando está furioso, parece
 agradável. Ele se deleita em oposição e contrariedade. Mas
Inyan deu a *Wakinyan* uma dupla natureza para que ele possa
 aparecer como um gigante amável para dar prazer àqueles que

³¹ Ibid. p. 228

³² Veja Mark 5:1-12

³³ *Republic*, 588c (p. 314)

merecem seu favor e para dar crescimento e aumento a todas as criaturas.³⁴

Assim, aprendemos que Wakinyan é (a) disforme, (b) existencialmente aterrorizante e, no entanto, (c) oculto de tudo, exceto do mal, (d) se opõe a tudo que é “natural” e (e) dá crescimento ao bem. Acredito que esses cinco traços podem ser resumidos em dois: (1) ele pune os malvados revelando sua verdadeira forma e (2) recompensa os justos com crescimento, porque eles podem superar sua oposição ao seu estado “natural” ou estagnado. O bem e o mal têm, assim, reações diferentes ao mesmo estímulo: a terribilidade de *Wakinyan*. Os maus, despreparados, enlouquecem, enquanto os bons vencem a provação e se tornam sábios. “Aquele que ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna e não entrará em condenação; mas passa da morte para a vida.”³⁵

A sub-primitiva, como o solo acima de uma semente, apresenta um desafio a ser superado e, assim, *catalisa* seu crescimento. Representa um aspecto da vida com o qual a personalidade realmente não tem como lidar. Muitas vezes é escondido da vista, apenas para de repente se revelar em um teste de preparação. Assim, o aspecto da vida oprime o indivíduo, e ele é forçado a se adaptar ou chafurdar na estagnação.

³⁴ *Lakota Myth*, p. 213-14

³⁵ John 5:24, KJV

Capítulo 6:

Posições e Oposições

A função **dominante** é o modo mais natural da personalidade, ao ponto da inconsciência. É o mordomo do ego; 'o quarto parece mais vazio quando ele está nele.'¹ A função dominante representa uma contínua condensação (I) ou expansão (E) da função **sub-dominante**, a qual, conseqüentemente, passa a ser valorizada como formadora de caminhos para a função dominante — mas não mais que isso. A função sub-dominante é vista apenas como a predecessora da função dominante, que é tida como valiosa em si mesma. Este é o padrão básico para todas as relações função/sub-função, com exceção da função sub-primitiva (representada por *Wakinyan*).

A função dominante é a herdeira da energia da função **primitiva**. A transferência de energia afunda a função primitiva na inconsciência. Isso é o mesmo que dizer que a função geral do eixo mostra apenas uma metade para a câmera. A função dominante, tomada isoladamente, é uma *caricatura* da função-eixo geral, pois apresenta apenas metade dos elementos que permitem que toda a função funcione.² A outra metade é a função primitiva, cuja descoberta revela a auto-alienação do ser por conta de sua capacidade limitada de consciência. Assim, por parecer completar a psique, e ainda estar tão frequentemente fora do alcance consciente, a função primitiva pode receber um

¹ Supostamente um conselho dado a Anthony Hopkins em preparação para um papel como mordomo; não consegui encontrar uma fonte oficial.

² A desconstrução Derridiana poderia ser entendida como um método para investigar meras caricaturas que se apresentam como seres ou instituições autossuficientes. Faz perguntas perigosamente deflacionárias, como, “Quando o ressuscitado Jesus comeu ‘um pedaço de peixe assado e um favo de mel,’ (Luke 24:42, KJV) Ele os defecou mais tarde?”

significado quase religioso, com vagas noções de salvação projetadas sobre ela.

A função **sub-primitiva**, como progenitora da função primitiva, também recebe reverência; no entanto, como *Wakinyan*, não é, portanto, uma entidade reconfortante. De fato, a alienação da função primitiva é ilusória, na medida em que a função primitiva e a função dominante são dois lados da mesma moeda. Mas a função sub-primitiva representa uma parte alienada *verdadeiramente* do ser humano e, como tal, acarreta certas *responsabilidades de ser humano* que o indivíduo, por suas preferências de personalidade, tem problemas para cumprir consistentemente.³ Cada passo em abordá-las representa um profundo desenvolvimento na maturidade do indivíduo.

A função **auxiliar**, diferentemente da função dominante, requer mais engajamento do ego. É, portanto, mais conspícua e mais cansativa do que a função dominante. É uma adaptação contra aquela parte da existência, objetiva ou subjetiva, na qual a personalidade não está tão interessada, mas precisa satisfazer de alguma forma. É um movimento da **sub-auxiliar**, que é vista com a mesma suspeita. Como a função auxiliar é valorizada sobre a sub-auxiliar, seu aspecto de existência correspondente também é valorizado sobre o da sub-auxiliar. A auxiliar é admitida e apreciada como algo *necessário* e, em última análise, saudável; mas a função sub-auxiliar é considerada relativamente *insalubre e desnecessária*. É enfeite ou molho, não a refeição em si. Que a função auxiliar deva ser valorizada por si mesma, a personalidade considera estranho, mas que a sub-auxiliar deva ser tão valorizada é considerado desconcertante e até *repreensível*.

A função **inspiradora** também poderia ser chamada de função “comando”, na medida em que parece fazer demandas à

³ Estou sendo vagamente Heideggeriano aqui, abordando a personalidade como um problema do *dasein*: ou seja, que ser humano *per se* implica maiores responsabilidades do que qualquer ser humano em particular pode cumprir; pois, embora habitemos um mundo que se estende 360 graus ao nosso redor, não podemos ver todos os 360 graus simultaneamente. Da mesma forma, não podemos ver em termos de Ni e Si simultaneamente, de modo que, para ser um habitante responsável do mundo, devemos aprender a “olhar por cima do ombro de nossa mente” e tomar consciência de *todo* o nosso entorno.

personalidade. Isso porque, ainda mais do que a função primitiva,⁴ está alienada da psique, permanecendo, por assim dizer, fora dela, e acenando com promessas de completude e perfeição. O indivíduo admite livremente que não “tem” naturalmente essa função, pelo menos não na medida em que deseja. E, no entanto, da perspectiva daqueles tipos para quem a função é dominante, aqueles tipos para quem é inspiradora parecem ingênuos e “exagerados”.

A função **sub-inspiradora** é marcada por um caráter peculiarmente negativo. É como se a função inspiradora cortasse todos os laços com ela, num acesso de ciúmes do ego. É por isso que a função inspiradora parece ingênuo (ou seja, unilateral e superficial) porque seu complemento foi banido. Este complemento banido (a função sub-inspiradora) retorna de seu exílio como inimigo e nêmesis da personalidade — e *não* como oportunidade de crescimento e evolução, como na função sub-primitiva. Pois, a função sub-primitiva vem como o deus disfarçado pedindo hospitalidade, vestido em trapos e cheirando a inconveniência, testando a paciência de seu pretenso seguidor.⁵ Mas a função sub-inspiradora não oferece nenhuma recompensa por sua derrota além do direito de continuar vivendo. Não é amigo do eu: é o enigmático Gollum, a esfinge Edipiana, ou mesmo o terrível “acusador” que mergulhou nas profundezas do coração de Jesus no deserto solitário.⁶

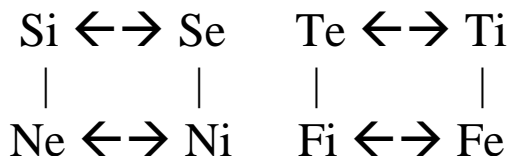
Para resumir: **Sdom → Dom**, “A Função 1 é o ponto de partida para a Função 2.” **Saux → Aux**, “A Função 3 é sempre secundária à Função 4.” **Sinsp → Insp**, “Não confio na Função 5; A função 6 é sempre superior.” **Sprim → Prim**, “Não consigo entender como a Função 7 poderia me levar à Função 8.”

⁴ A função primitiva, sendo metade da função dominante, está mais embutida na personalidade; daí seu caráter mais inconsciente.

⁵ Este, por exemplo, é um tema comum para Odin e Zeus. Deméter também faz isso na narrativa do sequestro de Perséfone. E, para nós modernos, as primeiras interações de Yoda com Luke Skywalker (em *The Empire Strikes Back*) seguem um padrão semelhante.

⁶ Um nome comum dado ao príncipe dos demônios, no Novo Testamento, é Σατανᾶς, ou “*Satanás*,” significando um adversário, acusador e promotor (Strong’s Exhaustive Concordance, Greek 4567).

Quando a Ni é dominante, isso implica necessariamente Ne sub-dominante, Se primitiva e Si sub-primitiva. O mesmo padrão ocorre quando a Ni é auxiliar, exceto que agora a Ne é sub-auxiliar, Se é inspiradora e Si é sub-inspiradora. Assim, o oposto “natural” da Ni dentro de uma personalidade é a Si, e *vice-versa*. Quando Ni é a função dominante, então Si sempre assume o papel de *Wakinyan*, a função sub-primitiva. E, quando Ni é auxiliar, Si sempre assume o papel de *Unk*, a função sub-inspiradora. Esse padrão vale para todas as funções: Ni *versus* Si, Ne *versus* Se, Fi *versus* Ti, e Fe *versus* Te.



Assim, cada uma das dezesseis personalidades “desenrola”, logicamente, das funções dominantes e auxiliares. Uma personalidade é, nesse sentido, uma configuração-percepção particular unida a uma das duas configurações-julgamento compatíveis; por exemplo, uma configuração Ni dominante só pode se unir a uma configuração Fe ou Te auxiliar; por outro lado, uma configuração Fe dominante só pode se unir a uma configuração Ni ou Si auxiliar. De fato, pode-se identificar cada um dos dezesseis tipos simplesmente referenciando a posição de qualquer função no eixo de percepção e qualquer função no eixo de julgamento, por exemplo, alguém com Fe dominante e Si auxiliar é do mesmo tipo que alguém com Te sub-primitiva e Ni sub-inspiradora.

Por esta razão, sou a favor da seguinte notação conveniente para os tipos: “D (— S),” onde “D” é a função dominante e “S” é a função sub-inspiradora. Prefiro essa notação porque ela nos diz as funções “mais saudáveis” e “mais não-saudáveis” da personalidade: *Skan* e *Unk*, respectivamente. Assim, é importante entender o contraste e a oposição que surge entre as funções mais separadas por suas “pilhas” de personalidade. Esses conflitos de

função se enquadram no agrupamento original de Jung das oito funções de atitude em *Psychological Types*: ou seja, o irracional introvertido (Ni e Si), o irracional extrovertido (Ne e Se), o racional introvertido (Fi e Ti) e o racional extrovertido (Fe e Te).⁷

O fulcro desses conflitos está na dicotomia conotativo / denotativo, isto é, o conflito entre possibilidade *versus* realidade, potencial *versus* real, passado *versus* presente, memórias sonhadoras de um caminho melhor *versus* a situação como está à mão. Este é o problema essencial subjacente a cada um dos quatro pares de conflito. Alquimicamente, é um conflito entre terra-água *versus* ar-fogo, isto é, quente *versus* frio.⁸ Na ciência moderna, isso é entendido como o espectro entre estruturas moleculares dispersas e compactas. É um problema de *entropia*. Moléculas energizadas podem se dar ao luxo de ser mais aleatórias, frenéticas e solitárias, mas à medida que a energia se esgota, a potencialidade do sistema vai embora. As coisas se resolvem em estruturas cada vez mais ordenadas, compostas e estáveis: potencial torna-se real, energia torna-se matéria. As alturas ilimitadas de calor sempre caem de volta ao piso térreo do zero absoluto — até que a energia seja devolvida ao sistema (simbolicamente, na Primavera). Esse conflito poderia ser novamente reafirmado como vida *versus* morte; mas o problema é que cada lado define a “vida” de forma diferente e a seu favor. O lado conotativo relaciona a vida à liberdade e à descontrola; o lado denotativo, no entanto, relaciona a vida à vida *cotidiana*, a não ser morto ou ferido, a sustentar uma existência gerenciável. Assim, a morte para a conotação é sucumbir ao frio, enquanto para a denotação é ser incinerada pelo fogo.

As descrições dos conflitos de função são as seguintes:

Si *versus* Ni — A atenção plena da Si se opõe à “observação *zeitgeist*” da Ni. O tipo Si dominante tem problema para assimilar o material típico da Ni, ou suas exigências associadas: nomeadamente, de olhar além da própria vida habitual e concreta, e não deixar que a distância das estrelas impeça a admiração e

⁷ p. 359, 370, 391, e 403

⁸ Veja o gráfico no final do capítulo 4.

especulação sobre elas. Isso desafia a Si, porque a Ni não oferece nenhuma garantia, a não ser a própria autoconfiança de que qualquer coisa “descoberta” em tais especulações e visões realmente acontecerá a longo prazo. A Si valoriza verdade universal, não verdade contextual, então, a Ni só pode manter o interesse do tipo Si desde que aborde a existência pessoal e habitual do tipo Si: seu “cotidiano”, como diria Heidegger.⁹ Mas é precisamente isso que a Ni tem problema em fazer: preocupar-se ou fazer com que suas descobertas pareçam ser “cotidianas” ou regulares. Pois, através da Ni, um tem o privilégio de observar, ou mesmo participar, de algo grandioso e cósmico. Como John Carter, morrendo no Arizona:

Desviei meu olhar da paisagem para os céus onde a miríade de estrelas formava um dossel lindo e adequado... parecia chamar através do vazio impensável, me atrair para ele, me atrair como um ímã atrai uma partícula de ferro.

Meu desejo estava além do poder da oposição; Fechei os olhos, estiquei os braços... e me senti atraído com a rapidez do pensamento pela imensidão sem rastros do espaço...¹⁰

A Ni é a fonte do gênio, bem como do fanatismo. Seu esboço concede visões do futuro, juntamente com a insanidade de persegui-las. A Si fornece uma base na vida comum, rotineira e confortável; é a romã de Perséfone, reinando o crescimento precipitado da primavera na quietude esquartejada do submundo. O tipo Ni luta com a manutenção diária de seus corpos, seus ambientes e suas obrigações sociais. Essa manutenção os afasta de suas amadas estrelas e de volta para a terra plana em que estão condenados a viver seus dias. E, no entanto, se o olhar deles não fosse distraído dessa maneira, e a Ni pudesse olhar para sempre as estrelas, então eles se tornariam como o pobre Rip van Winkle:

⁹ *Being and Time*, p. 69; se considerarmos Heidegger como um tipo Si, então *Being and Time* aparece como uma exigência da filosofia de tomar como referência a vida humana média, em vez de especular sobre os seres individuais a partir de seu contexto particular (como o Se/Ni faz).

¹⁰ Burroughs, *A Princess of Mars*, p. 19-20

um momento de sonho com o povo “louco” é uma vida desperdiçada, tanto no corpo quanto no ambiente.

Um exemplo histórico disso pode ser encontrado na vida privada de Karl Marx:

...ele é altamente desordenado... Ele vive a vida de um cigano, de um boêmio intelectual; lavar, pentear e trocar a roupa de cama são coisas que ele raramente faz, [e] ele gosta de ficar bêbado. Ele muitas vezes fica inativo por dias a fio, mas quando tem trabalho a fazer, ele trabalha dia e noite com perseverança incansável. Para ele, não existe um horário fixo para dormir e acordar. Muitas vezes ele fica acordado a noite toda e depois se deita no sofá, completamente vestido, por volta do meio-dia e dorme até a noite, sem se incomodar com o fato de que o mundo inteiro entra e sai do seu quarto... Não há um único móvel limpo e sólido em todo o apartamento: tudo está quebrado, esfarrapado e rasgado; há uma espessa camada de poeira por toda parte; em todos os lugares, também, a maior desordem...¹¹

O mais notável aqui é a resistência de Marx a qualquer horário fixo; a própria lua não podia suplicar-lhe que dormisse. Na minha experiência, o tipo Ni muitas vezes luta com a tentação de abandonar todas as rotinas, especialmente no que diz respeito ao corpo; preferem submeter tais assuntos aos ventos inconstantes de seus impulsos intelectuais. A Si é mais fundamentada, porque compreende as coisas de uma maneira muito fundamentada: transmitindo-as através da lente de sua experiência concreta, isto é, através de seu próprio *corpo* e dos anos de estímulos inscritos em seus nervos. A Ni, por outro lado, entende *apesar de* seu corpo físico e de suas sensações, projetando significados “mais profundos” em cada sensação, a ponto de reagir mais visceralmente aos númenos do que aos fenômenos.¹² O tipo Ni

¹¹ “A Prussian Police Agent’s Report,” em *The Portable Karl Marx*, p. 41

¹² Schopenhauer, por exemplo, afirmou que os númenos de Kant poderiam ser efetivamente conhecidos através da introspecção do próprio corpo. E, em vez de encontrar apenas as sensações do corpo em si, Schopenhauer presumia significados mais profundos para elas, que convenientemente correspondiam à

pode saborear uma corrente Marxista muito melhor do que sal extra em sua sopa.

Os tipos Si, mais sintonizados com seus corpos, lares e rotinas, estão mais preocupados em cuidar deles. Aqui reside um ponto fundamental: que os tipos Ni muitas vezes têm uma fé inconsciente no poder de sua vontade de superar todos os obstáculos. Se eles querem algo, eles mesmos *vão* conseguir. E com o súbito auto-sacrifício de um fanático, eles realmente conseguem — embora seu corpo possa quebrar no processo. Eles não gostam de se ver limitados por sua condição humana; como Aquiles, eles abordam, ainda que brevemente, o reino divino, renunciando a comida e sentimentos humanos em uma louca explosão de esforço — apenas para mais tarde cair, como Ícaro, se batendo de volta à terra, seu corpo mortal adoecido pelo esforço anormal.

Os tipos Si, por outro lado, aceitam melhor seus corpos mortais e suas condições. Eles estabelecem rotinas e hábitos que realizam o que desejam e se baseiam em sistemas de crenças e tradições que limitam a necessidade de explorar o desconhecido. A esse respeito, eles são como os Hobbits de Tolkien: eles prefeririam viver vidas tranquilas e bem integradas, cuidando de seu jardim voltairiano — ignorantes das forças titânicas que lutam nos arredores do Condado e ingratos com aqueles patrulheiros estranhos e desleixados responsáveis por antecipar tais perigos, defendendo os quadros do país dos Hobbits do oceano fervente do tempo, “protegendo das coisas más pessoas que são negligentes.”¹³ Quando os Hobbits acabam sendo vítimas dessas forças, eles são pegos completamente de surpresa. Em outras palavras, o tipo Si é desafiado a ver ou lidar produtivamente com “númeno” ou *zeitgeists*, em vez de descartá-los como pessoalmente irrelevantes. Eles são tudo menos isso.

sua visão pessimista da realidade como vontade objetivada. “Dentes, esôfago e canal intestinal são fome objetivada; os genitais são impulsos sexuais objetivados; mãos ávidas e pés ágeis correspondem aos esforços mais indiretos da vontade que eles representam,” (*The World as Will and Representation*, §20; p. 108).

¹³ *The Lord of the Rings*, Book 1, chap. 8 (p. 146)

Assim como o tipo Ni muitas vezes fica consternado com seu próprio desleixo, o tipo Si reconhece a relevância do númeno — e isso os assusta. Como Jung (Ni) comentou a respeito de Freud (Si):

[Freud] certa vez me confessou que era necessário fazer um dogma de sua teoria sexual porque este era o único bastião da razão contra uma possível “explosão da torrente negra do ocultismo”. Com essas palavras, Freud expressava sua convicção de que o inconsciente ainda abrigava muitas coisas que poderiam se prestar a interpretações “ocultas”, como de fato é o caso.¹⁴

Mas o tipo Si pode muito bem responder: “Poderás tirar com anzol o leviatã, ou apertar-lhe a língua com uma corda? ...Eis que é vã a esperança de apanhá-lo; pois não será um homem derrubado só ao vê-lo? Ninguém há tão ousado, que se atreva a despertá-lo...”¹⁵

Se versus Ne — A Ne é a subversão da narrativa única e pessoal (Ni) pela exploração de todas as contra-narrativas possíveis (por exemplo, a crítica de Popper ao “historicismo teleológico” de Platão e Hegel). A Se, por outro lado, é a subversão das sensações pessoais (Si), isto é, qualquer sensação sem correlação direta, imediata, óbvia, externa. A Se supera argumentos minuciosos com espetáculo e apela ao “óbvio”, por exemplo, a explosão exasperada de Douglas MacArthur contra os cortes no orçamento militar do presidente Roosevelt: “[Eu] disse algo no sentido geral de que, quando perdemos a próxima guerra, e um garoto americano, deitado na lama com uma baioneta inimiga atravessada na barriga e um pé inimigo em sua garganta moribunda, cuspiu sua última maldição, eu queria que o nome não fosse MacArthur, mas Roosevelt.”¹⁶

Na última seção, a intuição era contextual (Ni) enquanto a sensação era universal (Si); mas agora é o inverso: sensação

¹⁴ *The Undiscovered Self*, p. 49-50

¹⁵ Job 41:1-10, KJV

¹⁶ *Reminiscences*, p. 108; MacArthur estava retaliando contra os “frascos cheios de sarcasmo” do presidente Roosevelt.

contextual (Se) *versus* intuição universal (Ne). A humildade da Si *versus* a ambição da Ni é espelhada pela *aporia* da Ne *versus* a assertividade da Se. O eixo Se/Ni é a percepção contextual, e representa a afirmação da visão de mundo de um indivíduo sobre o mundo ao seu redor. O eixo Ne/Si é a percepção universalista, e representa um recuo estratégico desse mundo, sintetizado no paradoxo Socrático, “Só sei que nada sei”, bem como na epistemologia pessimista de Kant. Kant recusou ao homem qualquer conhecimento do “númeno” e, no entanto, a maioria das filosofias subsequentes procurou, com uma energia contextual masculina, obter exatamente isso (mais notavelmente, Hegel e Schopenhauer). Este é um principal conflito entre os eixos de percepção: que o Ne/Si se recusa a reivindicar conhecimento certo ou direto de qualquer coisa, enquanto o Se/Ni reivindica nada além disso.

O principal desafio do tipo Ne, em relação a Se, é ver o que está bem diante de seus olhos. Eles são filosoficamente vesgos; eles tem problemas em olhar para frente. Isso geralmente se expressa como um fascínio pelos negativos e pelo espaço negativo: eles veem tudo *ao redor* do objeto, mas negligenciam o próprio objeto. Eles acreditam que o objeto em questão é apenas um sintoma das forças circundantes; por exemplo, o método Foucaultiano de investigação,¹⁷ ou o conceito de “traço” de Derrida e a contribuição dos significados “ausentes” aos presentes. Nas palavras de Slavoj Žižek,

Quando observamos uma coisa, vemos muito nela, caímos no encanto da riqueza do detalhe empírico que nos impede de perceber claramente a determinação nocional que forma o núcleo da coisa. O problema, portanto, não é como apreender a multiplicidade das determinações, mas *como abstrair delas*, como constrengar nosso olhar e ensiná-lo a apreender apenas o determinismo nocional.¹⁸

¹⁷ “Foucault evita a pergunta abstrata: a natureza humana existe?, e pergunta em vez disso: como o conceito de natureza humana funciona em nossa sociedade?” (Introdução de Rabinow a *The Foucault Reader*, p. 4).

¹⁸ *The Sublime Object of Ideology*, p. xi (emphasis mine). Seu sentimento é semelhante ao tratamento de Descartes de uma vela derretida (*Meditations*, §II).

Esse tipo de supressão instiga muito o tipo Se para um *argumentum ad lapidem*: chutar uma pedra e declarar: “Eu refuto assim!”¹⁹ Tal “refutação” depende da fé de que o númeno pode, de alguma forma, ser acessado diretamente (por exemplo, o “Objetivismo” de Ayn Rand). É uma fé de que as coisas são mais reais e estáveis em um sentido externo do que interno, e mesmo que não há distinção significativa a ser feita entre númenos e fenômenos (por exemplo, o primeiro capítulo de *Being and Nothingness* de Sartre). Pois, o *argumentum ad lapidem*, pelo menos neste contexto, é um apelo à ação; é um argumento baseado em fundamentos *pragmáticos*. Como explica William James:

O método pragmático... é tentar interpretar cada noção traçando suas respectivas consequências práticas. Que diferença faria praticamente para alguém se essa noção, em vez daquela noção, fosse verdadeira? Se nenhuma diferença prática puder ser rastreada, então as alternativas significam praticamente a mesma coisa, e toda disputa é inútil. Sempre que uma disputa é séria, devemos ser capazes de mostrar alguma diferença prática que deve resultar de um lado ou do outro estar certo.²⁰

As certezas são *necessárias* para a regulação e sobrevivência dos seres humanos, mas sua eficácia como certezas depende inteiramente de serem certezas na mente do indivíduo. *O seu valor está ligado à força da fé com que se acredita neles*. É claro que não é assim que o tipo Se vê a questão; aí reside sua falha, que eles não reconhecem as limitações contextuais de suas observações, que eles tomam as coisas demais como as encontram e enfatizam o lado de um assunto que mais valida sua própria agenda. Eles confundem predicados com o sujeito, ou atributos com a substância. Não é, como Spinoza apontou,²¹ que eles estão

¹⁹ Esta foi a famosa resposta de Samuel Johnson à filosofia imaterialista radical de George Berkeley.

²⁰ *Pragmatism*, p. 20

²¹ Veja, por exemplo, sua *Ethics*, part V, prop. XI – XIII. Sua ideia é fundamental para qualquer teoria de *progressão mental*, *aperfeiçoamento* ou *educação*, seja em Espinoza, Hegel ou Platão.

totalmente errados, mas apenas que sua percepção é *fragmentária* e limitada. Como Colombo, eles insistem que realmente descobriram a costa da Ásia, como pretendiam originalmente, em vez de algo completamente novo e muito mais vasto do que qualquer homem poderia mapear em toda a vida, não importa o quão ambicioso ele fosse.²²

A vantagem da Ne, portanto, é sua visão periférica; leva em conta a complexidade e as nuances infinitas que a Se descarta como impertinências intrusivas, simplificando e reduzindo essas nuances para servir a seus próprios propósitos. Mas a Ne reconhece que a intensidade não substitui a validade; assim, está sempre evitando a “resposta óbvia” como muito simples e muito humana. O problema é que às vezes as coisas são realmente tão simples, e às vezes a periferia é realmente uma distração.

Ti versus Fi — Em *Persian Letters* de Montesquieu, o sábio Usbek responde ao pedido de um amigo para que elaborasse um aforismo filosófico. “Para atender ao seu pedido,” escreve Usbek, “me pareceu que não havia necessidade de usar argumentos muito abstratos. Com verdades de certo tipo, não basta fazê-las *parecer* convincentes: é preciso também fazê-las *sentir*.”²³ A resposta de Usbek é um exemplo típico do preconceito da Fi em relação a Ti: a Fi sente que os argumentos da Ti são sofismas sem sangue, facilmente descartados pelo aspecto contextual da realidade. A lógica perfeita, para a Fi, é meramente um ornamento de coroação. Os argumentos da Ti carecem de *contextualidade*, que é a força vital da Fi; sem ela, a pessoa é um cadáver drenado e em ruínas,

²² “A principal ilusão de Colombo, de que ele havia feito a viagem à Ásia, foi alimentada por sua necessidade de obter sucessos ou vitórias rápidas para obter apoio renovado para suas explorações,” (A introdução de Cohen para *The Four Voyages of Christopher Columbus*, p. 16-17) o que não quer dizer que Colombo estivesse mentindo, pois ele nunca escreveu em particular crenças em contrário, mas imaginou a conexão da geografia com os relatos de Marco Polo e até com a Bíblia (ibid.); é mais correto dizer que ele queria desesperadamente acreditar nisso, e encontrou evidências positivas (em vez de negativas) para provar isso para si mesmo, como Se/Ni tende a fazer.

²³ Letter 11 (p. 53; ênfases do autor)

um fantasma, um espectro de um sonho, e toda extensão para a vida real e vivida é reduzida, até um ponto adimensional.

A Fi quer saber qual é a vida real e incorporada de uma pessoa. Isso é para simpatizar com ela, para simular a vida no corpo e no mundo dessa pessoa, para vislumbrar as coisas através de seus olhos, sob suas condições únicas. Mas a Ti não tem fé em tais métodos, pensando que sempre resultariam em conjecturas de sorte e coincidências. A Ti (sendo a função mais denotativa) deve construir, desde o início, um sistema ou modelo ou algoritmo pelo qual justifique *racionalmente* as conclusões de tal empatia. Eles não saltam ao cerne da questão: eles devem construir um andaime completo em torno dele, algo certo entre eles e sua vertigem aguda — “um certo nada,” protesta a Fi, “deitar-se — e morrer.”²⁴ Ao que a Ti poderia responder, que eles prefeririam morrer em sua tábua de madeira do que se afogar nas profundezas tempestuosas ao seu redor.

Ti e Fi são como Anteu *versus* Héracles: o primeiro era invencível enquanto tocava a terra (isto é, enquanto permanecesse *fundamentado* no denotativo), e só foi derrotado quando Héracles o ergueu no ar (o reino da conotação e intuição). Da mesma forma, o tipo Ti tem problemas com qualquer conclusão não construída, passo a passo, desde a fundação. Eles desconfiam das intuições do coração, da orientação inexplicável do amor e do misticismo e do inconsciente. Como Isabel Pervin, eles tropeçam na escuridão do estábulo do marido cego, onde “uma espécie de presciência de sangue” é o único guia.²⁵ O reino numênico proibido de Kant é precisamente de onde a Fi tira suas conclusões: o ser interior das coisas, descoberto não pela visão física, mas pela sublimidade do *tato* e do *olfato*.

Assim como a Ni geralmente não consegue explicar suas visões, a Fi não consegue explicar suas avaliações. O tipo Fi tem problemas para prestar contas de seu comportamento ao mundo em geral, para fundamentar seu comportamento em princípios universalmente aceitáveis: tais princípios, eles protestam, mudam muito com as circunstâncias. Como Meursault em *The Stranger*

²⁴ Nietzsche, *Beyond Good and Evil*, §10 (p. 206)

²⁵ Lawrence, *The Blind Man* (p. 88-92)

de Camus, eles se veem condenados porque não podem se dar conta de si mesmos na linguagem da Ti. Há encantos na reticência da Fi, mas eles rapidamente azedam quando seu comportamento (como no caso de Meursault) é repreensível, e especialmente quando, como tantas vezes acontece, as misteriosas motivações da Fi se revelam algo humano, muito humano (Meursault mata um homem porque o sol está muito quente²⁶). Então a Ti reclama contra a Fi como o eunuco cabeça de Usbek contra o harém que ele guardava:

No dia em que fui tão vergonhosamente açoitado por todo o serrallo, o que eu tinha feito? Deixei uma mulher nos braços do meu mestre. Assim que ela viu que ele estava excitado, suas lágrimas correram em torrentes; ela reclamou e arranjou as coisas para que suas queixas aumentassem na mesma proporção do amor que ela inspirava. Como pude me defender em um momento tão crítico? ...Fui vítima de *negociações amorosas* e de um *tratado baseado em suspiros*...²⁷

No final, a Ti repreende a Fi por sua incapacidade ou mesmo recusa total de deixar de lado seu próprio contexto presente em prol de uma verdade trans-contextual mais elevada. A Ti não tem simpatia por Usbek aqui, que administra a justiça com base em seus sentimentos momentâneos, que ele efetivamente trata como revelações místicas. Se a Fi não for controlada dessa maneira, de modo que sua vontade momentânea seja lei, torna-se verdade que “o poder absoluto corrompe absolutamente.”²⁸ Por outro lado, uma forma de corrupção bastante diferente, mas igualmente perigosa, pode ultrapassar o tipo Ti: nomeadamente, a tirania do sofista, cujo “perfeito conhecimento da linguagem do povo”²⁹ permite que eles “façam o pior parecer a melhor causa”. Eles usam seus andaimes de raciocínio puro para contornar o “senso comum” e a intuição natural, explorando a autoridade social da

²⁶ Ou então, sem razão alguma: veja *The Stranger*, p. 73-76.

²⁷ Letter 9 (p. 52; ênfase do autor)

²⁸ Acton, Letter to Bishop Mandell Creighton, April 5, 1887 (p. 335); frequentemente atribuído erroneamente a George Orwell; a citação completa diz: “o poder tende a corromper, e o poder absoluto corrompe absolutamente”.

²⁹ The Book of Mormon, Jacob 7:4

universalidade (contida na gramática e na linguagem). Como George Orwell descreveu em 1984,

Seu coração se apertou ao pensar no enorme poder que se punha contra ele, na facilidade com que qualquer intelectual do Partido o derrubaria no debate, nos argumentos sutis que ele não seria capaz de entender, muito menos responder. E ainda assim ele estava certo! Eles estavam errados e ele estava certo. O óbvio, o bobo e o verdadeiro tinham que ser defendidos.³⁰

Te *versus* Fe — A Fe se espalha fina por todo o grupo. Como a Ne, não tem objetivo — é uma espécie de pura “vontade de saber”, que busca compreender todo o sistema, fora do tempo. Se um objetivo tivesse que ser atribuído, seria *sustentabilidade*, isto é, harmonia e “não balançar o barco”. Assim, todo movimento para frente é retardado e a energia é distribuída uniformemente pelo grupo, como água se acumulando em uma superfície plana. A Fe diz, com Homero: “Se ao menos o conflito pudesse morrer das vidas de deuses e homens.”³¹ A isso a Te responde, com Heráclito, “não haveria harmonia sem notas altas e baixas, nem seres vivos sem feminino e masculino, que são opostos.”³² Esta é mais uma expressão de contextualidade *versus* universalidade. A Te vê a realidade a partir de sua própria perspectiva, tomando as aparentes desigualdades — os caprichos da paralaxe — como certos, e até mesmo justificando-os em termos de sua *utilidade* para o tipo Te. A “desarmonia” de um sistema, suas imperfeições, fornecem a Te pontos de apoio para sua escalada para o sucesso. A harmonia da Fe significaria a desfiguração dos penhascos irregulares; pois, a Fe vê de uma perspectiva abstrata, tentando transcender as ilusões da paralaxe e ver todas as coisas objetivamente, fora dos objetivos e preconceitos pessoais.

São a Fe e a Ne que sustentam que a igualdade dos homens é auto-evidente. Mas essa igualdade é tida como um *princípio*, não um *fato* concreto, vivenciado: assim, a Fe não responde às

³⁰ p. 81

³¹ *Iliad*, 18.126 (p. 471)

³² Frag. 22 em *The Presocratics*, p. 71

necessidades dos outros por empatia com seu contexto, mas sim, *apesar* de seu contexto: “porque é a coisa certa a fazer”, e por nenhuma outra razão. Concessões a uma minoria devem ser conciliadas com as regras aplicadas à maioria: não basta dizer que a minoria tem um conjunto de fatos diferente para se adaptar ao da maioria (a contenção do Te/Fi), pois, dar peso à infinita variabilidade das condições factuais destruiria o estado de direito e forçaria os tribunais a confiar no olhar parcial de um único juiz. Aqui reside a oposição entre a Te e a Fe: a de conveniência *versus* propriedade. Conveniência se adapta aos fatos fornecidos, como um jogo de rastreamento de caçadores através de um deserto desconhecido — ele não perderá seu caminho desde que se lembre de seu objetivo (Fi). Por outro lado, a propriedade também é uma espécie de adaptação, mas tem mais de um objetivo com o qual se preocupar. Como um juiz mediando entre duas partes, deve permanecer imparcial e não ter interesse no argumento, sem objetivos *próprios*. Inventar a melhor teoria ou princípio para reconciliar os dois lados; é um jogo justo.

Assim, o tipo Te luta com a Fe assim como o caçador luta para viver em uma cidade: são constantemente presos por caçar e comer animais de estimação alheios, pegar comida sem pagar por isso, invadir propriedade privada, matar pessoas em seu caminho etc. Eles pensam em termos de *objetivos*, não de *regras*. Para o tipo Te, as regras devem ser ditadas pelos objetivos, e não *vice-versa*. Este é o sentimento que sustenta o conceito de “fetichização” de Marx e muito de seu fervor revolucionário:

É absolutamente claro que, por sua atividade, o homem modifica as formas dos materiais da natureza de modo a torná-los úteis a ele. A forma da madeira, por exemplo, é alterada se for feita uma mesa com ela. No entanto, a mesa continua sendo de madeira, uma coisa comum, sensual. Mas assim que surge como uma mercadoria [algo trocável no mercado, isto é, algo *social*], ele se transforma em uma coisa que transcende a sensualidade... [como na religião, onde] os produtos do cérebro humano aparecem como figuras autônomas dotadas de vida própria, que se relacionam entre si e com a raça

humana. Assim é no mundo das mercadorias com os produtos das mãos dos homens.³³

É incrível para Marx que as ideias sociais devam ser consideradas superiores aos fatos materiais. O que frustra a Te é que as meras opiniões e superstições da multidão triunfem sobre os fatos de sua situação, que eles tenham que jogar por um conjunto de regras especificamente projetadas para ignorar exceções e fatos particulares, que eles tenham que satisfazer as demandas de tolos e ingratos que nem olham pelo telescópio.³⁴ A isso, a Fe responde que o que é tão óbvio para o tipo Te não é óbvio para todos os outros, e que eles devem condescender em falar a língua das pessoas se quiserem as pessoas do seu lado; além disso, nas palavras de Jordan Peterson,

Nossa sociedade é complexa e ensinamos aos nossos alunos que eles podem simplesmente consertá-la... vá consertar um helicóptero militar e veja até onde você chega com *isso*... O que você vai fazer? Você é como um chimpanzé com uma chave inglesa: *whack!* ‘Ah, olha, está melhor!’ — Não! Não está melhor; as coisas são complicadas, e consertar as coisas é muito difícil... Você tem que ser uma ferramenta de ouro para consertar as coisas — e você não é.³⁵

³³ *Capital*, vol. 1, chap. 1, §4, “The Fetishism of the Commodity and Its Secret,” (p. 163-65)

³⁴ Refiro-me, é claro, à lenda de Galileu, que afirmava poder ver as luas de Júpiter através de seu telescópio; as autoridades científicas de seu tempo se recusaram a olhar, pois tal observação quebraria a base Ptolomaica de seu conhecimento. Ouvi um relato alternativo em que nenhum encontro dramático ocorreu; em vez disso, um colega pesquisador concordou em olhar, mas simplesmente não conseguiu discernir sobre o que Galileu estava falando.

³⁵ De uma conversa para The Speakers Action Group, em 22 de Janeiro de 2017; encontrada no canal do YouTube de Jordan Peterson, intitulada “2017/01/22: Pt 2/3: Freedom Of Speech/Political Correctness: Dr. Jordan B Peterson,” timestamp 48:08.

Capítulo 7:

Os Dezesesseis Tipos

A seguir, um índice dos dezesesseis tipos, após o qual desenvolveremos cada um deles com mais detalhes. (Mais uma vez, esses são *tipos*, isto é, caricaturas, um dos quais um indivíduo se parecerá mais do que os outros.)

Tipos Monárquicos

Se (— Ti): Ama a sensação externa; odeia o pensamento interno; uma locomotiva poderosa demais para ficar nos trilhos; um **fanfarrão**, aventureiro, ou romântico desesperado; Horatio Nelson, Joseph Smith, Michelangelo.

Ni (— Fe): Ama a intuição interna; odeia o sentimento externo; um cientista louco cercado por uma multidão enfurecida; um **alquimista** esotérico formulando a pedra filosofal; Isaac Newton, Friedrich Nietzsche, Karl Marx.

Fi (— Ne): Ama o sentimento interno; odeia a intuição externa; uma alma bonita demais para este mundo; um **artista** que não se explica; Jimi Hendrix, Michael Jackson, Bob Dylan.

Te (— Si): Ama o pensamento externo; odeia a sensação interna; um capataz substituindo edifícios históricos por uma superestrada; um rei administrando o **movimento das montanhas**; Napoleon Bonaparte, Julius Caesar, Alexander Hamilton.

Tipos Democráticos

Si (— Te): Ama a sensação interna; odeia o pensamento externo; um fazendeiro teimoso que não vende suas terras para a corporação; um guardião, enfermeira ou **consciência**; Robert E. Lee, Marcus Aurelius, Rosa Parks.

Ne (— Fi): Ama a intuição externa; odeia o sentimento interno; um advogado capaz de argumentar ambos os lados de um

caso; um **advogado do diabo** ou moscardo Sócrático; David Hume, Benjamin Franklin, Niccolò Machiavelli.

Fe (— Ni): Ama o sentimento externo; odeia a intuição interna; um bispo tentando reconciliar um herege com sua congregação; um **pastor**, padrinho ou bom cidadão; Harry Truman, Andrew Carnegie, Pope Francis.

Ti (— Se): Ama o pensamento interno; odeia a sensação externa; um **pensador** Eleata enfiado em sua torre de marfim; um professor ou lógico; Rene Descartes, Immanuel Kant, Albert Einstein.

Tipos Teocráticos

Se (— Fi): Ama a sensação externa; odeia o sentimento interno; um aventureiro de aluguel em um “velho oeste”; um realista e **dissidente**, um malandro com um coração de ouro; Alexander the Great, Andrew Jackson, Ernest Hemingway.

Ni (— Te): Ama a intuição interna; odeia o pensamento externo; um profeta de insights sobrenaturais; um xamã, místico ou **hierofante** Pitagórico; Baruch Spinoza, Fyodor Dostoevsky, Dante Alighieri.

Fe (— Si): Ama o sentimento externo; odeia a sensação interna; um estadista reunindo sua comunidade para algum esforço de grupo; um **diplomata** negociando um compromisso entre nações; Pope John Paul II, Martin Luther King, Desiderius Erasmus.

Ti (— Ne): Ama o pensamento interno; odeia a intuição externa; um **monge** asceta que tornou-se invencível através de anos de disciplina infalível; o mortal samurai-poeta ou filósofo Cínico; Miyamoto Musashi, Diogenes of Sinope, Miles Davis.

Tipos Anárquicos

Si (— Fe): Ama a sensação interna; odeia o sentimento externo; um **veterano** robusto separado por sua sabedoria pragmática; um soldado desgastado há muito tempo aliviado de ingenuidade; Sigmund Freud, Thomas Hobbes, Martin Heidegger.

Ne (— Ti): Ama a intuição externa; odeia o pensamento interno; uma pipa voando em um brainstorm do Kansas; um **explorador** de mundos infantil e inventor bobo; Jacques Derrida, Salvador Dali, Walt Disney.

Fi (— Se): Ama o sentimento interno; odeia a sensação externa; um **idealista** vindo de um mundo melhor e invisível; uma ovelha negra ou patinho feio; o diamante escondido no pó; Soren Kierkegaard, Vincent van Gogh, Saint Augustine of Hippo.

Te (— Ni): Ama o pensamento externo; odeia a intuição interna; um **capitão** de navio realista detendo um motim histórico; um treinador prático que promove trabalho árduo em vez de avanços repentinos; Henry Ford, Bernard Montgomery, Billy Graham.

Em certo sentido, não fiz nada neste livro além de descrever os tipos, embora em suas várias partes dissecadas. O que resta é dar união a essas partes e ver quais novas propriedades surgem. No entanto, não reivindico que as descrições a seguir sejam exaustivas e certamente não sistemáticas. São *retratos*; os esquemas são dados nos capítulos anteriores. De fato, chamá-los de “retratos” não é estritamente correto; eles são melhor caracterizados como figuras em um mural, cada um criando contexto para os outros. Ler apenas uma descrição é tomar uma única figura para todo o mural. Receio não poder deixar de escrevê-los dessa maneira; mas também acredito que isso ajuda a compensar qualquer fraqueza em uma descrição através da força de seus vizinhos.

7A: Tipos Monárquicos

Se (— Ti)¹ O Fanfarrão

O amor encobre uma infinidade de pecados.²

Este tipo, o “Fanfarrão”, representa a predominância da Se em um temperamento totalmente contextual. Eles são construídos para serem psicologicamente eficientes. Idealmente, eles veem, e então eles fazem; qualquer necessidade de deliberar mais é uma doença a ser superada, como uma artéria entupida ou uma máquina emperrada. Parece que se sentiriam mais à vontade na *Iliad* de Homero ou na *Epic of Gilgamesh* do que em nossas burocracias modernas. Eles desfrutam de uma coordenação muito direta e crua com o mundo exterior: algo acontece e eles respondem de acordo com sua natureza, como exalações através de uma concha. Sua impulsividade pode ser uma força da natureza: eles se tornam um poderoso vento impetuoso, um relâmpago, um alegre Doberman. E, como qualquer fenômeno natural, são inocentes apesar de sua periculosidade; alguém honestamente se pergunta se eles poderiam ter feito diferente do que fizeram. Eles parecem um remanescente do homem do Antigo Testamento, ou de deuses e heróis mitológicos, cujos atos foram fortes e melodramáticos, cujos afetos e paixões transbordavam continuamente, que assassinaram e fizeram amor e clamaram poderosamente ao céu, tudo na mesma hora. Há algo altamente sensual neles, algo natural, ingênuo, terreno e saudável. As ansiedades do homem moderno são doenças estranhas para eles, que tendem a ignorar imprudentemente apenas para não terem que

¹ MBTI: “ESFP”, Socionics: “ESFp” ou “SEE”; Eu passo para Socionics, apenas porque nós dois falamos de “Fe”, “Ni” e outras funções. Quaisquer que sejam as diferenças no conteúdo de nossas descrições, a forma técnica ou o arranjo de nossos modelos são praticamente idênticos. No entanto, devido à diferença de conteúdo, esteja ciente de que *o tipo Socionics de alguém pode não se alinhar com o tipo de minhas descrições.*

² 1 Peter 4:8 (trad. do autor)

sofrer os sintomas. Eles têm um coração muito grande, seu fígado é muito forte e seu sangue vital bombeia através deles muito rapidamente. Tudo deve ser sobrecarregado de paixão; tudo em sua vida deve ser significativo para eles pessoalmente: a vida desinteressante não vale a pena ser vivida. Eles são os verdadeiros românticos.

Começando do “visto e feito” representado pela Si, eles se movem para a Se, o “aqui-agora” ocorrendo fora deles. Eles saem corajosamente da cabana protegida de sua juventude para o mundo real, para vê-lo pelo que “realmente” é. Ao mesmo tempo, seu julgamento é um movimento interior, Fe → Fi, longe dos costumes gerais da multidão, e mais profundo em sua própria caverna de individualidade. Esse tipo de introspecção tende a esgotar sua energia e serve apenas para servir ao seu principal interesse: experimentar o momento presente. Ou seja, eles são propensos a esquecer o que eles realmente querem *no lugar* do que eles vêem atualmente. O resultado é uma turbulenta irresponsabilidade. O Fanfarrão cobre o mundo e seus habitantes com bênçãos (ou maldições) como um príncipe oriental lançando punhados de ouro para os camponeses, sua mão esquerda inconsciente do que sua mão direita faz.³ E, na medida em que a Fi se opõe a Ti, podemos dizer que, para o Fanfarrão, *o aqui-e-agora (Se) supera a consistência racional (Ti)*. Sua sinceridade no arrependimento é igualada pelo descuido de sua transgressão. Como lamentou Michelangelo, “nem sei eu se um nível inferior no céu é mantido / para o pecado humilde ou o bem jactancioso,”⁴ isto é, por descuido ou vaidade. Em ambos os casos, o problema é um excesso de energia. Mas Jesus, como que em resposta, declara: “Seus vários pecados estão perdoados; *pois ela amou muito*.”⁵

Em um nível primitivo, o foco do Fanfarrão no aqui-e-agora está inconscientemente ligado a uma adoração do *futuro* e do *que-*

³ Matthew 6:3, KJV

⁴ De “*Ora in su l'uno, ora in su l'altro piede,*” lines 14-15 (trad. do autor): “*né so se minor grado in ciel si tiene / l'umil pechato che 'l superchio bene.*” A palavra “*superchio*” geralmente é traduzida como “excessivo” ou “supérfluo”, mas acredito que “jactancioso” contrasta melhor com “humilde” e se encaixa melhor com o tema do poema de opostos em guerra.

⁵ Luke 7:47, KJV (ênfase do autor)

vem-em-breve (Ni). Eles avistam, no horizonte mais distante do oceano cintilante, um navio que se aproxima, trazendo presentes do Amanhã. Muito do que o Fanfarrão faz no presente pode ser atribuído à sua boa esperança no Amanhã, ao apocalipse inconsciente do caráter e das oportunidades do Amanhã. Essa empolgação pelo futuro os impede de se sentirem muito confortáveis em uma existência cotidiana, ou em uma rotina, ou em quaisquer tradições ou escrúpulos ou problemas pessoais que possam impedi-los de estar prontos quando aquele grande e terrível navio chegar. Para eles, a Verdade está no horizonte, não nas labutas das nove às cinco. Eles vivem preparados e até inquietos para a chegada do *destino*. Por exemplo, ao primeiro sinal de aventura e fortuna, Squire Trelawney imediatamente faz planos idealizados para aproveitá-la, abandonando todos os seus outros negócios e solicitando o mesmo de seus companheiros.⁶ E, assim como Trelawney, a prontidão do Fanfarrão para o futuro emocionante também os amaldiçoa com uma ingenuidade crescente. Eles estão desesperados demais para acreditar no belo, para realizar o incrível, para participar de um grande drama.

Isso leva à sua fome de eficácia prática (Te). Eles querem que suas regras *signifiquem* algo em suas vidas. Eles procuram mobilizar seus recursos de forma racional, para ter um impacto mensurável no mundo. Na perspectiva deles, o mundo está obstruído com leis e doutrinas ultrapassadas e sem sintonia com as necessidades *atuais*. O chamado de seu herói (a função inspiradora) está longe da empoeirada academia da Ti e em direção ao mundo prático da ação real (Te). Lá fora, distinções minuciosas são um desperdício de recursos; *o que importa são os resultados, não as regras*. O nível de precisão deve ser ditado pelo projeto em questão, não por um livro de regras arbitrário.

Nas palavras de Joseph Smith,

Eu nunca pensei que fosse certo chamar um homem e julgá-lo porque ele errou na doutrina; parece muito com o Metodismo... Os Metodistas têm crenças nos quais um homem deve acreditar ou ser expulso de sua igreja. Eu quero a liberdade de acreditar como quiser; é tão bom não ser

⁶ Stevenson, *Treasure Island*, p. 34

travado. *Isso não prova que um homem não é um homem bom, só porque ele erra na doutrina.*⁷

Compreensivelmente, o Fanfarrão é muitas vezes impopular ou controverso entre os acadêmicos, porque ele parece (ou simplesmente é) resistente ao pensamento crítico. A energia do Fanfarrão exige deles uma ambição revolucionária para expressá-la, e isso se choca com o ritmo de tartaruga esperado do estudioso. De acordo com seu temperamento puramente “masculino”, eles se despendem prodigamente no mundo ao seu redor, necessariamente alterando-o à sua imagem — como o Zarathustra de Nietzsche, que gritou: “Estou cansado de minha sabedoria, como a abelha que colheu mel demais... Eu quero doar e distribuir... Abençoe o cálice que quer transbordar, para que dele fluam as águas douradas e levem a toda parte o reflexo da sua alegria!”⁸

Para eles, a liberdade não é a capacidade absoluta de dirigir a vontade de acordo com a lei racional, mas sim, como Schopenhauer descreveu, “a ausência de todo impeditivo e restritivo,”⁹ pois, eles tomam a direção de sua vontade como garantida. Seus desejos não são escolhidos, em algum espaço abstrato, puramente racional; em vez disso, eles são uma força preexistente que pode ser canalizada racionalmente. Em outras palavras, eles anseiam por serem mais *racionais* na exploração de oportunidades. Eles querem otimizar a vida, não apenas intuitivamente, mas de acordo com princípios adaptados à sua situação. Como Aelred de Rievaulx relatou,

...dividido entre amores e amizades conflitantes, fui atraído ora aqui, ora ali, e não conhecendo a lei da verdadeira amizade, muitas vezes fui enganado por sua mera aparência.

⁷ Joseph Smith Papers, 8 April 1843 Saturday Morning, William Clayton’s report (ênfase do autor). Outra citação marcante dos mesmos Papers foi registrada por Wilford Woodruff, 7 November 1841: “[ele disse que] o que muitas pessoas chamavam de pecado não era pecado, e [que] ele fez muitas coisas para quebrar a superstição, e ele iria derrubá-la. Ele falou da maldição de Cam, por rir de Noé enquanto em seu vinho [embora] não fazendo mal.”

⁸ *Thus Spoke Zarathustra*, Prologue, §1 (p. 7)

⁹ *The Two Fundamental Problems of Ethics*, p. 3

Finalmente chegou às minhas mãos o tratado que Túlio [Cícero] escreveu sobre a amizade, e... Fiquei satisfeito por ter descoberto *uma fórmula para a amizade* pela qual poderia conter as vacilações dos meus amores e afeições.¹⁰

Isso é, de qualquer forma, o que eles *anseiam*, e não o que eles necessariamente obtêm; o planejamento racional, muitas vezes, exige que se *ignore* oportunidades maduras e evite intuições. Assim, Aelred também observa que, “eu me vi inadequado para esse tipo de amizade...”¹¹

Para o Fanfarrão, o rosto terrível e antinatural de *Wakinyan* é a Ne: isto é, múltiplas perspectivas, facetas, abordagens, interpretações — uma multiplicidade possibilitada porque a agenda do sujeito está entre parênteses. O Fanfarrão tem problemas em fazer inferências objetivas, para entrar em um estado de desencarnação intelectual, onde as necessidades de seu ego não eliminam completamente as possibilidades. Neste sentido específico, o Fanfarrão tende diretamente para longe do Buda quando disse: “Todas as coisas, ó sacerdotes, estão em chamas... E com o que eles estão pegando fogo? Com o fogo da paixão, digo eu, com o fogo do ódio, com o fogo do afeto... [mas] pela ausência de paixão ele se torna livre...”¹² O Fanfarrão é um “homem em chamas”. Todas as suas ideias e sensações queimam com paixão, com a tensão do *envolvimento* e do *investimento pessoal*.

Assim, seu grande desafio é livrar-se do pessoal, de fato clarear sua mente, olhar para sua bola de cristal sem uma pergunta específica em sua mente, simplesmente olhar e ver o que aparece, ver o universo girar todos os 360 graus ao seu redor; em suma, dominar a arte de *nirvana*, o “apagar” a chama.

¹⁰ *Spiritual Friendship*, Prologue, §2-3 (p. 45-46, ênfase do autor)

¹¹ Ibid.

¹² “The Fire-Sermon,” em *World of the Buddha*, p. 53-54

Ni (— Fe)¹³ O Alquimista

...o pior inimigo da verdade e da liberdade é a maioria.¹⁴

No Alquimista, a Ni predomina. Ni é a função xamânica ou profética: a partir de um dado conjunto de dados objetivos, forma uma inferência subjetiva, mapeando implicações para o futuro, ao longo das correntes secretas que movem o mundo. Não é muito diferente de um atirador experiente mirando um tiro; instinto e intuição desempenham um papel muito mais importante no processo do que o Alquimista geralmente está pronto para reconhecer. E, como essas intuições são subjetivas e ligadas ao próprio ser do Alquimista, eles tendem a defendê-las e promovê-las como fariam com sua própria vida física. Quando isso é combinado com a obstinação do Te/Fi, o Alquimista surge como um “visionário tenaz orientado para a ação.”¹⁵

O Alquimista é um sonhador grandioso, mas com ambições pragmáticas. “Os filósofos até agora só interpretaram o mundo de várias maneiras; o importante é mudá-lo.”¹⁶ Há uma curiosa união entre pensamento e ação neste tipo. O nome “Alquimista” conota uma posição entre ciência e magia, sonho e real: uma posição *transcendente*, onde a própria imaginação é aproveitada para erguer e demolir torres e cidades. Como John Maynard Keynes disse sobre Isaac Newton, “[Ele] não foi o primeiro da era da razão. Ele foi o último dos magos...”¹⁷ Tesla, o grande gênio excêntrico, relatou como em sua adolescência, um “professor declarou que eu nunca poderia criar tal motor... [mas] tomei coragem e comecei a pensar atentamente no problema, tentando visualizar o tipo de máquina que eu queria construir, construindo todas as suas partes na minha imaginação.”¹⁸ Eles procuram transformar suas visões em realidades funcionais.

¹³ MBTI: “INTJ”, Socionics: “INTp” ou “ILI”

¹⁴ Ibsen, *An Enemy of the People*, Act 4 (p. 224)

¹⁵ IDRLabs website (idrlabs.com), INTJ type page

¹⁶ Marx, *Thesis on Feuerbach*, 11 (p. 158)

¹⁷ “Newton, the Man,” (p. 504)

¹⁸ Entrevista com *The American Magazine*, “Making Your Imagination Work for You,” 1921

Com os olhos, eles perfuram o véu de *Maya* e, com as mãos, recuperam seus segredos numênicos e os preparam para o microscópio. Eles iriam “tirar com anzol o leviatã... [e] tomá-lo como um servo para sempre,” não importa que “é vã a esperança de apanhá-lo... Ninguém há tão feroz, que a despertá-lo se atreva,” pois o Alquimista *é* tão feroz.¹⁹ De fato, eles desafiariam a ordem estabelecida, a fim de trazer o fogo divino para a humanidade. Eles são espíritos extraordinariamente independentes, que cedo ou tarde não podem suportar a suposta autoridade de um intelecto indigno. O temperamento monárquico do Alquimista lhes oferece o tremendo benefício (e potencial desastre) de isolamento da moralidade e opinião pública. Assim, o Alquimista se acostuma a ver coisas para as quais só eles parecem ter olhos.

Assim, em primeiro lugar, vemos a troca $Ne \rightarrow Ni$. O Alquimista rapidamente (talvez apressadamente) revisa as opções possíveis, e intui o que servirá melhor. Além disso, eles valorizam a capacidade de sintetizar um círculo cada vez mais amplo de ideias diferentes em um mesmo propósito, para gerenciar a maior disparidade de raios entre o topo e o fundo de seu funil. Mas a ideia de que alguém ampliaria esse círculo de perspectivas por si só os desconcerta e até os irrita. Nietzsche coloca o assunto em termos fascinantes:

Toda ação requer esquecimento... Um homem que quisesse sentir tudo historicamente se assemelharia a alguém forçado a abster-se de dormir, ou a um animal que espera viver apenas de ruminar e ruminar repetidamente para sempre... *há um grau de insônia, de ruminação, de senso histórico que prejudica todo ser vivo e finalmente o destrói...*

Quanto mais fortes forem as raízes da natureza íntima de um homem, mais do passado ele se apropriará ou dominará... tal natureza atrairia seu próprio passado, bem como todo passado alheio, inteiramente para si mesmo e o transformaria em sangue, por assim dizer.... esta é uma lei geral: todo ser vivo pode se tornar saudável, forte e frutífero somente dentro de um horizonte.²⁰

¹⁹ Job 41:1-10, KJV

²⁰ *On the Advantage and Disadvantage of History for Life*, §1 (p. 10)

Por vezes, parece que qualquer coisa pode ser reinterpretada a seu favor, derretendo-se neles como metal na fornalha. Pois, eles não são seres preeminentemente lógicos, mas *com propósito*. Eles pensam em termos de pontos: *linearmente*, em vez de lateralmente. Como Nietzsche observou: “Existem pessoas terríveis que, em vez de resolver um problema, o estragam e tornam mais difícil para todos os que vêm depois. Quem não consegue acertar na mosca deve, por favor, não acertar de jeito nenhum.”²¹ A rapidez com que o Alquimista apreende os *pontos* das coisas, “passando de vértice em vértice,”²² não é explicável através da Ni sozinha; é encorajada em sua especulação (muitas vezes) imprudente pelo toque de clarim da Fi. Os próprios desejos do Alquimista preenchem as lacunas deixadas pelos dados realmente à mão. Como Roy Harrod disse sobre seu colega John Maynard Keynes, “Ele se manifestou sobre uma grande variedade de tópicos, em alguns dos quais ele era completamente especialista, mas em outros dos quais ele pode ter derivado suas opiniões das poucas páginas de um livro em que ele por acaso olhou. O ar de autoridade era o mesmo em ambos os casos.”²³

O material que alimenta Ni e Fi é fornecido por Te e Se. A conotação interna é alimentada pela denotação externa. “Dados! Dados! Dados!” gritou Sherlock Holmes. “Não consigo fazer tijolos sem barro!”²⁴ Assim, o Alquimista tende a “materializar” tudo, isto é, reduzir tudo a fatos públicos e observáveis para seu Te e Se apreender, e seu Ni e Fi digerir. Eles varrem para fora bruscamente a camada social de verificação e fecham a lacuna entre o homem e o barro. Eles querem voltar ao básico, eles querem ver as coisas por si mesmos. Por exemplo, Martinho Lutero elevou o texto escriturístico acima das tradições católicas e da autoridade sacerdotal, Nietzsche insistiu que nenhum plano espiritual deu significado secreto ao material, e Marx declarou que todas as instituições sociais e políticas são inteiramente derivadas de realidades materiais. Como disse Galileu,

²¹ *The Wanderer and His Shadow*, §326 (p. 165-66)

²² Empedocles, DK frag. 24, em *The Presocratics*, p. 127

²³ *The Life of John Maynard Keynes*, p. 468

²⁴ Doyle, “The Adventure of the Copper Breeches” (p. 298)

[Meu oponente acredita que] é preciso apoiar-se na opinião de algum autor célebre, como se nossas mentes deversem permanecer completamente estéreis e áridas, a menos que se casassem com o raciocínio de outra pessoa. Possivelmente ele pensa que a filosofia é um livro de ficção de algum escritor, como *Iliad* ou *Orlando Furioso*, produções em que o menos importante é se o que está escrito lá é verdade... [Mas] não é assim que as coisas são. A filosofia está escrita neste grande livro, o universo, *que está continuamente aberto ao nosso olhar*.²⁵

Sua apresentação contundente dos “fatos brutos” é uma forma de escapar das imposições Fe de outros; assim, com a espada da Te, eles abrem caminho para sua própria deusa Fi. É a conveniência *deles* acima da propriedade geral. *Suas divinações (Ni) lutam pela independência das restrições arbitrárias da sociedade (Fe)*. O que eles querem é encontrar e obedecer *a si mesmos*, “Longe da luta ignóbil da multidão enlouquecida”²⁶ Eles não conseguem ver o valor intrínseco da opinião popular; pode ser estrategicamente útil, mas uma vez que a questão se volta para a moralidade, a multidão não passa de uma distração degradante.

Como declara o misantropo titular de Moliere,

Um homem deve ser um homem, e deixar seu discurso
A cada passo revelar seu coração a cada um;
Seu próprio eu verdadeiro deve falar; nossos sentimentos
Nunca devem se esconder sob elogios vãos.²⁷

O Alquimista não esconderá sua própria satisfação ou autoconfiança sob uma presunção de humildade; isso seria desonestidade — na verdade, uma manipulação sutil e covarde de seus semelhantes, em vez de uma negociação Randiana avançada com eles. Mas, por outro lado, isso também significa que o Alquimista rejeita qualquer sabedoria que a sociedade de fato possuía. Uma sociedade *totalmente* desprovida de verdade e moralidade é uma planta totalmente desprovida de água: já é pó.

²⁵ *The Assayer* (p. 237-38, ênfase do autor)

²⁶ Gray, *Elegy Written in a Country Churchyard*, line 73

²⁷ Act I, scene I, lines 69-72

Ou seja, toda sociedade *deve* conter *alguma* verdade, e ela treina o Alquimista na medida em que é capaz; especificamente, suprime certas paixões nocivas das quais o Alquimista é, em sua juventude, inconsciente, mas que, se deixadas sozinhas para crescer, certamente sobrecarregariam a personalidade do Alquimista. Tanto a cidade quanto o selvagem corrompem.

O nível primitivo do Alquimista é a sensação: neste caso, Si → Se. Qualquer sensação subjetiva é perdida para sua consciência: apenas a sensação objetiva permanece. As coisas existem, mais plenamente, “lá fora”, de onde elas pressionam os sentidos por conta própria. O Alquimista esqueceu a arte da atenção plena da Si: a consciência da própria realidade *pessoal* e suas condições. Suas visões e objetivos consomem sua própria carne, assim como as frutas goblins consumiram Laura no poema de Christina Rossetti:

Ela não varreu mais a casa,
Cuidou das aves ou vacas,
Buscou mel, amassou bolos de trigo,
Trouxe água do riacho:
Mas sentou-se apática no recanto da chaminé
E não comeria.²⁸

A menina passa fome, ansiando por frutas de fadas, isto é, por visões do futuro, por sonhos não realizados. Seu espírito é tão estridente que deixa seu próprio corpo para trás. Mas o corpo não é meramente um meio da sensação; requer manutenção, tem condições para sua existência. Somos árvores; não sobrevivemos muito tempo quando desenraizados. Deve-se aquietar sua mente ardente e cuidar de seu jardim. Como Jordan Peterson poderia colocar, o próprio espaço de vida de alguém não é irrelevante para ser um ator no mundo: pelo contrário, é o solo em que a árvore do mundo se enraíza. Limpar o quarto, pagar as contas, administrar todos os detalhes com prudência, vai, contra as expectativas do Alquimista, limpar o fruto de seus ramos orientados-a-objetivos; pois, “limpem primeiro o que está dentro do copo e do prato, para que o lado de fora também fique limpo.”²⁹

²⁸ *Goblin Market*, §15 (p. 9)

²⁹ Matthew 23:26, KJV

Fi (— Ne)³⁰

O Artista

Esta própria casa, se as paredes tivessem palavras,
contaria sua história claramente.³¹

O “Artista” é peculiarmente impenetrável e difícil de entender. Eles geralmente têm uma aversão a serem examinados, a serem pressionados em uma lâmina de microscópio para estudo, a serem cortados em pedaços pequenos que o público pode digerir mais facilmente. Eles são algo além do valor de troca: um bosque mágico, envolto em silêncio, enchendo o explorador de uma sensação inefável de admiração que eles não conseguem identificar. Eles não são tanto um substantivo a ser examinado, mas um verbo a ser experimentado. Eles carregam algo de sublime em si: não pode ser traduzido mais do que uma grande obra de arte. Sentimentos, anseios, música, cenas, sombras, sonhos meio-lembrados: seu próprio ser é contextual. *Ele resiste à universalização.* Nick Carraway assiste, sem entender, enquanto o trágico Jay Gatsby “estica os braços em direção à água escura de uma maneira curiosa... [para] uma única luz verde, minúscula e longe...”³² Pois, “[Nós] não sabemos o que havemos de pedir como convém, mas o mesmo Espírito intercede por nós com *gemidos inexprimíveis*.”³³ Assim também, o Artista muitas vezes é movido pelo que eles só podem chamar de sua “natureza inerente”: ou seja, a complexa teia de associações e heurísticas que eles construíram ao longo da vida. Não há fim para a frustração que isso pode causar a seus companheiros mais pragmáticos, aos quais é continuamente recusado um ponto de apoio fácil em suas motivações. Dizia-se na Idade Média que o unicórnio, brandindo um chifre sangrento, só seria manso para uma donzela pura; o Artista pode parecer tão inexplicável quanto isso para um olho externo.

³⁰ MBTI: “ISFP”, Socionics: “ISFj” ou “ESI”

³¹ Aeschylus, *Agamemnon*, lines 37-38 (p. 42)

³² p. 151

³³ Romans 8:26, KJV (ênfase do autor)

O Fanfarrão adapta os desejos para corresponder às oportunidades presentes, mas o Artista adapta as oportunidades presentes aos seus desejos. Daí o apelido de “Artista”. Tudo o que eles fazem é, idealmente, uma expressão pura de sua natureza interior, de modo que sua própria existência se torna uma obra de arte. E o que é belo na arte não é o que ela “diz”, mas o que ela simplesmente *é*. Na medida em que comunicam alguma coisa, eles a comunicam por meio de sensação, som, imagem, sabor, cheiro, humor, etc., pois todas essas são experiências contextuais para cada membro *individual* da audiência.

Sua Te é primitiva e se expressa em um perfeccionismo artístico e até em uma necessidade inconsciente de *controle*. O problema é que eles têm uma imagem muito mais clara do que querem do que de como obtê-lo. Então, quando eles querem algo, quando eles têm um desejo interior que quer expressão externa, eles têm que espelhar *exatamente* seu reino interior. Eles não vão cortar custos ou transigir; isso seria uma espécie de adultério ou “se vender” para o mundo exterior e suas leis da física e da economia. Mais importante, eles não se vendem para outras *pessoas* ou para a *opinião pública* (Fe), para saber se seu sonho é considerado aceitável pelos outros. Eles *vão* realizar seus sonhos, e conseguem ver *como* realizá-los — mas isso é diferente de perguntar se eles *podem*, realisticamente, torná-los realidade, ou se *devem* mesmo persegui-los. Por exemplo, Michael Jackson gastou milhões convertendo um rancho em um parque de diversões privado, “Neverland”, famoso por sua excentricidade e, agora, por seu estado de abandono.

É quase desnecessário dizer que tal excentricidade é um efeito colateral de seu gênio: eles são uma placa de petri selada, na qual podem crescer com segurança remédios (ou venenos) que normalmente seriam sufocados pelo mundo lotado e barulhento. Eles exigem um certo isolamento para criar. Isso é representado por sua adversidade à Ne. Para eles, a Ne é o ruído branco de opiniões e perspectivas irrelevantes. Certa vez, meu pai me contou sobre um rebatedor de um time de beisebol do ensino médio, que conseguia rebater homeruns de forma consistente. Os treinadores ficaram tão impressionados que o escolheram para instrução avançada; afinal, se ele fosse tão bom sozinho, com certeza seria

ainda melhor com treinamento oficial. Mas o resultado foi exatamente o contrário: assim que ele começou a tentar os métodos dos treinadores, meu pai nunca mais o viu bater um homerun novamente. A questão é que, do ponto de vista do Artista, uma perspectiva objetiva ou externa não é necessariamente a melhor perspectiva; pois, há um número infinito de soluções *erradas* para um problema. É por isso que esse tipo é tão desconfiado e relutante em usar as ideias de outras pessoas; *eles confiam em seu próprio coração (Fi) acima da “guerra de palavras e tumulto de opiniões”³⁴ oferecida pelo mundo (Ne)*. Jordan Peterson ofereceu um exemplo instrutivo desse conflito para o Artista, e como a Ne pode ser tão contraproducente para eles:

Eu tive um cliente que é um artista muito brilhante. Enquanto ele não pensasse, ele estava bem. Ele ia e criava, e ele era muito bom em ser um artista. Ele tinha aquela personalidade que criava continuamente, e bastante brilhante, embora fosse autodepreciativo... ele serrou o galho em que estava sentado, assim que começou a pensar no que estava fazendo. Ele começaria a criticar o que estava fazendo — a utilidade disso mesmo que fosse evidentemente útil.³⁵

A Ne tanto antagoniza o Artista, porque o chamado do Artista é para a Ni, isto é, profecia autoconfiante. A Ni busca *a* resposta, não uma lista de respostas mais prováveis. Em um tipo Ni dominante (como o Alquimista) a resposta verdadeira é encontrada através de um processo Ne precedente, por exemplo, Aristóteles listando várias opiniões concorrentes sobre um tópico, antes de descartar tudo, exceto a “melhor” opção para seus propósitos. Mas no Artista, esse processo da Ne é banido de sua personalidade, deixando a Ni inexplicável, sussurrando previsões não examinadas em seus ouvidos. Seu mundo interior pode se tornar muito distante da realidade, por exemplo, se a técnica original do rebatedor tivesse parado de rebater homeruns, *ainda assim* o rebatedor iria recusar o conselho de seu treinador. Como Gary Kurtz observou sobre George Lucas,

³⁴ Joseph Smith — History, 1:10

³⁵ “Biblical Series I: Introduction to the Idea of God,” Transcript, §I

Acho que um dos problemas que Lucas tem agora, no império LucasFilm, é o fato de não ter mais pessoas ao seu redor que realmente o desafiem.

...O filme é sempre um esforço colaborativo. Nenhum filme que eu já fiz, quando você senta e vê o filme finalizado, podemos dividir quem fez o quê. O cinegrafista contribui com coisas, o escritor, diretor, produtor, todos contribuem com coisas, os atores contribuem muito.³⁶

Há outro perigo no isolamento desse tipo: nomeadamente, sua suscetibilidade de traduzir erroneamente as pistas sociais. Não é que eles não ouçam os sinais (eles estão cientes do processo da Fe que leva ao seu Fi); em vez disso, eles pensam demais sobre eles (ou, melhor, “sentem demais”). Eles confundem motivos com meros sintomas; seu “paralelismo simpático”³⁷ vira perpendicularmente. Eles são tentados a passar por cima de interpretações mais convencionais em favor de interpretações mais sutis, mais complexas e penetrantes; por exemplo, “só porque ele está chorando não significa que ele está realmente com dor; ele está apenas buscando atenção, mas ele nem sempre será capaz de confiar em mim, etc.” Eles são mais inteligentes em relação às emoções do que a situação praticamente exige, porque desconfiam dos sinais externos da experiência interna de uma pessoa.³⁸ Diz-se que o tirano Grego Phalaris, “aprisionou [suas

³⁶ Entrevista com Chris Gore de *Film Threat*, “Original *Star Wars* Producer Gary Kurtz Speaks,” 5 March 2000; a mesma crítica a Lucas é feita por Mike Stoklasa (como “Mr. Plinkett”) na parte final de seu “*Star Wars: The Phantom Menace Review*”.

³⁷ Como Jung disse sobre o sentimento introvertido: “Para se comunicar com os outros, deve encontrar uma forma externa não apenas aceitável para si mesma, mas também capaz de despertar neles um sentimento paralelo. Graças à uniformidade interna (assim como externa) relativamente grande dos seres humanos, é realmente possível fazer isso...” (*Psychological Types*, p. 388).

³⁸ Wittgenstein protesta contra essa atitude: “Se eu digo de mim mesmo que é apenas pelo meu próprio caso que sei o que a palavra ‘dor’ significa — não devo dizer *isso* de outras pessoas também? ... Suponha que todos tenham uma caixa com algo que chamamos de ‘besouro’. Ninguém pode olhar dentro da caixa de

vítimas] em um touro de bronze, e lentamente as torturou sobre um fogo constante; seus gritos não chegaram aos ouvidos do tirano para infundir terror em seu coração; quando chegaram aos seus ouvidos soaram como música doce.”³⁹

Para o Artista, *Wakinyan* veste a cara da Ti, que é justamente o desafio de se *universalizar*, de *compartilhar* sua arte. Eles devem superar o medo de se perder na tradução. Em algum grau ou outro, o Artista deve aprender a traduzir seu trabalho em uns e zeros sem perder a alma do trabalho no processo. Embora seja tentador para eles declarar isso impossível, o estilo de vida verdadeiramente hermético eventualmente os deixa insatisfeitos. O desafio da Ti não é necessariamente a tradução linguística, mas a vontade de *se responsabilizar perante a sociedade*, de abordá-la com princípios universais, de jogar seus jogos. Jung explicou: “se [uma obra] consistisse apenas em uma elaboração poética de experiências puramente pessoais, faltaria validade geral e valor permanente. Alcança ambos porque não é meramente pessoal, mas está preocupado com a própria experiência dos problemas coletivos de nosso tempo.”⁴⁰

outra pessoa, e todo mundo diz que sabe o que é um besouro apenas olhando para *seu* besouro... A coisa na caixa não pertence de modo algum ao jogo de linguagem; nem mesmo como *Algo*: pois a caixa pode até estar vazia”. (*Philosophical Investigations*, §293; p. 106e). Wittgenstein observa assim o caráter essencialmente *social* da linguagem contra o qual luta o tipo Fi dominante. Não importa para Wittgenstein o que a outra pessoa está “de fato” experimentando; importa apenas o que elas *dizem e fazem*, o que elas *sinalizam externamente*.

³⁹ Kierkegaard, *Either / Or*, “Diapsalmata,” p. 19

⁴⁰ *Psychological Types*, p. 258; ele estava criticando o poema de Spitteler *Prometheus*.

Te (— Si)⁴¹

O Movedor de Montanhas

Dê-me um lugar para ficar, e com uma alavanca
eu vou mover o mundo inteiro.⁴²

Um tema entre os monarcas é a *otimização*. Eles são seres de pontaria; ao selecionar um alvo, eles criam a possibilidade de medir quantitativamente a distância daquele alvo. Seus tiros podem então ser nitidamente graduados em uma escala linear; e, entendendo e controlando as variáveis relevantes, ajusta-se a técnica e cada tiro atinge cada vez mais perto do alvo. Este estilo atinge seu pico no Movedor de Montanhas. Para uma dada situação e contexto, eles determinam seu objetivo e interpretam todo o resto em referência à sua realização. Se o objetivo é remover uma montanha, eles verão a montanha como tantas unidades de rocha e solo, cada uma móvel por tantos quilos por polegada quadrada. O problema é então nada mais nada menos do que calcular e obter os recursos necessários para superar o obstáculo. O Movedor de Montanhas lê o mundo em termos de quantidades relativas; eles reduzem o mundo a uma ou duas dimensões relevantes para seus propósitos.

Felicidade para o Movedor de Montanhas é, se não sinônimo, então secundária ao *sucesso*; isto é, alcançar seu objetivo, cumprir seu propósito, ver sua vontade efetivada e realizada no mundo. Vencer é, de fato, uma questão *moral* para eles, na medida em que a própria moralidade é vista como um objetivo, um jogo que se pode ganhar ou perder.⁴³ Eles prosperam com a sensação de que estão tendo sucesso (isto é, acumulando o número máximo de “pontos”), e seu sucesso está diretamente ligado à sua auto-aceitação e auto-estima. Assim, quando o sucesso está em jogo,

⁴¹ MBTI: “ENTJ”, Socionics: “ENTj” ou “LIE”

⁴² Atribuído a Arquimedes nos fragmentos de Book XXVI of Diodorus Siculus’ *Library of History* (p. 195)

⁴³ Eu argumentaria que o uso de Aristóteles de “εὐδαιμονία” em *Ethics* refere-se ao sucesso no “jogo” da vida, mais do que a um estado de êxtase alcançado pelo indivíduo; isso ajuda a explicar por que ele considerava a “felicidade” contingente à reputação entre a prole: não é a própria sensação pessoal e subjetiva de felicidade, mas o sucesso objetivo e o cumprimento de critérios morais.

eles são duros e abnegados, com mais energia e vontade do que um cavalo de trabalho, mais meticulosidade obsessiva do que um homem planejando fugir da prisão. Eles analisam as regras do jogo, encontrando todos os lugares onde a eficiência pode ser maximizada, onde mais pontos ou lucros podem ser evidenciados. Reduzem cada recurso à sua natureza essencial (relativa ao seu objetivo) e estruturam a situação da maneira mais vantajosa.

Se há um alvo, há o centro do alvo. Se existe um objetivo, existe *a* maneira mais eficaz de alcançá-lo. E, se houver uma competição, o Movedor de Montanhas não buscará apenas vencer, mas vencer com a maior margem de sucesso que o jogo permitir. Este gosto pelos limites mais extremos deve-se ao Se/Ni; isto é, percepção linear, traçando uma “linha de melhor ajuste” (Ni) para um determinado conjunto de dados (Se). Em outras palavras, o Movedor de Montanhas pressupõe que há apenas uma realidade dada — e o privilégio de *se tornar* essa realidade é um jogo de soma zero. Ao consultar a Ni, eles arbitram intuitivamente através da enorme quantidade de possibilidades da Ne que vêm diante de sua mente, vasculhando o resultado ideal da Se; e então, como um investidor cujas economias estão em jogo, eles vão puxar todas as cordas para garantir que *sua* empresa escolhida saia no topo.

Como tal, eles devem suportar altas doses de estresse em seus esforços para acompanhar o progresso impiedoso do presente. A espada de Dâmocles paira sobre eles; são sempre responsáveis perante a própria realidade pelo que realizaram — ou deixaram de fazer. Como na “parábola dos talentos” de Jesus, o servo que multiplica o capital é elogiado, mas o servo que “foi e cavou a terra, e escondeu o dinheiro do seu senhor”, é repreendido, e seu talento desperdiçado é levado e dado ao servo lucrativo em vez disso.⁴⁴ Para o Movedor de Montanhas, o servo inútil representa a Si, porque a Si *não mantém relações suficientes com o mundo real*. O que chama a atenção da Si é determinado por suas próprias associações e experiências privadas, e não por quaisquer medidas objetivas de importância (por exemplo, uma certa “pontuação” mais alta em alguma medida de intensidade). A Si sonha com sua *própria* escala de medição, contrariando a dança da Se; fala uma

⁴⁴ Matthew 25:14-30, KJV

linguagem privada, para a qual o Movedor de Montanhas não tem tempo nem paciência para aprender, pois essa escala privada não traz vantagem garantida em comparação com o que a Se já oferece. Assim, a menos que a escala da Si possa provar, em termos de vantagens objetivas, que tem o direito de substituir a atual escala da Se, então é, para o Movedor de Montanhas, uma perfeita perda de tempo, e seus adeptos uma ilha de comedores de lótu.

Um dos melhores exemplos desse conflito é o mercado de arte moderna. A arte moderna pode atingir a Se inspiradora como altamente ofensiva porque despreza ativamente a conformidade com uma escala objetiva de mérito artístico (por exemplo, grau de “realismo”); além disso, aqueles que compram tal obra de arte ou a apoiam de outra forma derrubam a não dita “Grande Cadeia do Ser” entre as obras de arte, que guia a atenção do Movedor de Montanhas para o que é mais produtivo para eles se preocuparem. Sua antipatia pela Si espelha assim a antipatia do Artista pela Ne: em ambos os casos, o problema é se distrair de encontrar o que é melhor, em oposição ao que é meramente diferente. O Movedor de Montanhas *quer causar um impacto mensurável no “mundo real” (Te), não viver em uma fantasia privada (Si).*

As profundezas do Movedor de Montanhas são a Fi e a Fe. Dos tipos monárquicos, o Movedor de Montanhas tem a Fi mais primitiva. Sua concepção de motivações internas é simplificada demais, geralmente para que a Te tenha mais facilidade em lidar com elas. Tal simplificação é bastante útil em contextos apropriados, como negócios ou guerra, onde grandes quantidades de recursos humanos devem ser movimentadas como água em canos; aí, é melhor tratar as motivações como *objetos*, que podem ser decompostos, reorganizados e, assim, *otimizados* por um controlador racional. Mas, em um nível íntimo, essa é uma abordagem inadequada e ineficaz, porque está centrada no controle, isto é, no Movedor de Montanhas estabelecendo sua própria vontade (Fi), em vez de se fundir com a vontade dos outros (Fe). Jung observou sobre o tipo Te dominante que, “Seu melhor aspecto é encontrado na periferia de sua esfera de influência. Quanto mais fundo penetramos em sua própria província de poder,

mais sentimos os efeitos desfavoráveis de sua tirania... Mas no fim é o próprio sujeito que mais sofre...”⁴⁵

O tipo Te dominante violenta a si mesmo e aos outros, forçando-os a se conformarem com suas estratégias racionais de otimização. Naturalmente, eles são mais implacáveis consigo mesmos, esperando que seu corpo e cérebro se moldem como massa nas mãos de sua vontade soberana. Eles se identificam tanto com os fatos objetivos que esquecem o papel que seu sujeito desempenha em atribuir valor objetivo a uma sensação em detrimento de outra. Por isso, muitas vezes eles são cegos para quão subjetiva é sua objetividade, isto é, quão investidos seus interesses realmente são, e isso se torna insuportável para aqueles apanhados em suas estratégias. Como Jung observa ainda,

[Seus] sentimentos inconscientes são extremamente pessoais e supersensíveis... A verdade não pode mais falar por si mesma; ela é identificada com o sujeito e tratada como uma querida sensível a quem um crítico mal-intencionado ofendeu. O crítico é demolido, se possível com injúria pessoal, e nenhum argumento é grosseiro demais para ser usado contra ele... [não é mais] tanto uma questão de verdade quanto de seu gerador pessoal.⁴⁶

Para o Movedor de Montanhas, o movimento é Fe → Fi; assim, seu estado natural é sacrificar um reconhecimento positivo das vontades dos outros por causa de sua própria vontade primitiva. Seu desafio é semelhante ao do Fanfarrão, que deve abrir mão de seus próprios desejos em favor das inúmeras possibilidades dadas pelo universo; o Movedor de Montanhas deve aprender a deixar de lado seu próprio senso de “retidão” em prol dos sentimentos e perspectivas dos outros (Fe), mesmo quando frustram ou contradizem os objetivos do Movedor de Montanhas (Fi). Esses objetivos devem aliviar seu peso obsessivo na mente do tipo; talvez até precisem ser postos de lado, para desfrutar dos benefícios supra-racionais do sentimento de comunidade, de

⁴⁵ *Psychological Types*, p. 348

⁴⁶ *Psychological Types*, p. 350

tornar-se parte de um todo maior, e não apenas um pequeno todo para si mesmo.⁴⁷

⁴⁷ Aqui encontramos a sabedoria da eucaristia, comunhão ou sacramento do Cristianismo, onde a congregação consome o único corpo de Deus e, assim, é unida pela mesma fonte de nutrição.

7B: Tipos Democráticos

Si (— Te)¹

A Consciência

Obediência à autoridade legal
é a base do caráter varonil.²

Este tipo representa a predominância da Si em um temperamento totalmente universal. Seu estado de espírito mais natural é a percepção do que está “presente” para eles de forma pessoal, *apesar* do que está objetivamente presente. A Si é uma espécie de percepção “pensativa” que vê o que é *realmente* importante, o que é verdadeiro e duradouro na tempestade da realidade, o que realmente contará no fim das contas. Como na fábula da formiga e da cigarra,

“Por que se preocupar com o inverno?” disse a cigarra; “*temos abundância de alimentos no presente.*” Mas a Formiga seguiu seu caminho e continuou seu trabalho. Quando chegou o inverno, a Cigarra não tinha comida e se viu morrendo de fome, enquanto via as formigas distribuindo todos os dias milho e grãos dos estoques que haviam recolhido no verão. Então a Cigarra soube: é melhor se preparar para os dias de necessidade.³

A Consciência se distingue ainda por seu julgamento universalista (Fe/Ti), que rejeita objetivos imediatos em busca de razões eternamente válidas. Como disse John Ruskin,

...nenhuma ação humana jamais foi planejada pelo Criador dos homens para ser guiada por equilíbrios de conveniência, mas sim por equilíbrios de justiça... Nenhum homem jamais soube, ou pode saber, qual será o resultado

¹ MBTI: “ISFJ”, Socionics: “ISFp” ou “SEI”

² Robert E. Lee, como citado por Edward S. Joynes em “General Robert E. Lee as College President” (p. 18)

³ Versão da fábula de Esopo contada por J. Jacobs em *The Fables of Aesop*, p. 86-87

final para si mesmo, ou para os outros, de qualquer linha de conduta. Mas todo homem pode saber, e a maioria de nós sabe, o que é um ato justo e injusto.⁴

A Consciência guarda na memória tradições, costumes e direito comum: princípios morais cuja autoridade deriva de sua *impessoalidade*. Quando defendem o que é verdadeiro, certo e apropriado, falam como mensageiros de algo maior que eles mesmos, como anjos do Absoluto. E, dependendo das circunstâncias, isso pode parecer divinamente humilde ou intoleravelmente hipócrita. De qualquer forma, eles ficam na sala como uma espécie de consciência. Sua própria presença é vindicativa ou vingativa. Como uma aranha caseira, eles ficam no centro de uma teia sensível; quando algo ultrapassa o limite da propriedade, os fios tensos vibram, e a Consciência deve despender grande esforço para negar-se o direito de correção. Esse impulso corretivo torna-se mais intenso na proporção do grau de sofrimento visível por parte da parte ofendida. Em um caso tão dramático, o ditado rapidamente se tornará verdade, que “quem ofender um destes pequeninos... melhor lhe seria que uma pedra de moinho fosse pendurada em seu pescoço, e que ele se afogasse nas profundezas do mar.”⁵

A Consciência é geralmente uma força “conservadora” (temperamentalmente, não politicamente). Eles se estabelecem em uma base moral estável que só se moverá no ritmo de uma geleira. O remédio deles é uma mistura de razão e experiência de vida, resultando em uma mistura de alta ética e “manias” pessoais que podem desencadear reações igualmente intensas de desgosto. Assim, vemos ambos Se → Si e Fi → Fe. No primeiro caso, a Consciência se afasta do glamour das fadas do momento presente e se concentra em coisas de importância mais eterna. No segundo caso, eles abandonam seus próprios desejos e emoções à luz das necessidades dos outros, sacrificando-se por um bem maior. Tal sacrifício é guiado, regulado e codificado pela Ti, às custas diretas da Te.

⁴ Ruskin, “The Roots of Honor,” em *Unto This Last* (p. 169)

⁵ Matthew 18:6, KJV

A Consciência não é consequencialista, mas purista e Kantiana. O que importa não são os resultados quantitativos, mas a reivindicação qualitativa dos princípios, a obediência à Providência em vez da vantagem pessoal. Isso se torna problemático quando a Consciência se depara com um dilema não explicado por sua ortodoxia; pois, em vez de se adaptarem ao contexto imprevisto, lutam contra ele com métodos incomensuráveis; em vez de mudar seus métodos para manter os resultados, *eles sacrificam os resultados (Te) para preservar seus métodos sagrados (Si)*. Assim, temos a infame “Carga da Brigada Ligeira”, quando uma unidade de cavalaria na Guerra da Criméia foi erroneamente condenada à morte:

“Avante, Brigada Ligeira!”
Por acaso um homem amedrontado havia?
Não, embora soubessem os soldados
Que alguém a verdade não falava.
Eles responder não podiam,
Eles argumentar não podiam,
Eles obedecer e morrer podiam apenas.⁶

No que o monarca vê como um paradoxo macabro, a Consciência expressa seu amor justamente renunciando às próprias inclinações e negando seus próprios interesses, para se conformar a um código moral. Além disso, a Consciência se incomoda com aqueles que não consultam esse código moral e, em vez disso, vivem “no momento”, consultando apenas seu contexto e desejos atuais. A Consciência protesta que isso não passa de instinto animal, nadar no próprio ego. “Sentimentos?” pergunta o Sniper, “Olha cara, você sabe quem tem muitos sentimentos? Caras que espancam sua esposa até a morte com um troféu de golfe. *Profissionais* têm *padrões*.”⁷ É muito mais provável que a Consciência valorize agir *contra* as próprias inclinações, porque isso demonstra a objetividade de seus princípios; eles não servem ao sujeito tendencioso, mas são extraídos do mundo, *apesar* de qualquer sujeito viver nele. Como

⁶ Tennyson, *The Charge of the Light Brigade*, lines 9-17 (p. 215)

⁷ “Meet the Sniper,” canal da Valve, YouTube, timestamp 1:00

Joseph Pieper explicou: “É normal e essencial, nesta visão, que o bem deva ser difícil, e que o esforço de vontade exigido para se forçar a realizar alguma ação deve se tornar o parâmetro do bem moral: quanto mais difícil uma coisa, mais alto é na ordem da bondade.”⁸

Isso se mostra perigoso na medida em que a verdade não depende realmente da dificuldade. Algumas verdades são realmente, em si mesmas, pessoalmente vantajosas. Mas quando a Consciência se concentra apenas no dever, isso pode levá-los a sancionar um comportamento tremendamente imoral. Nas palavras do Coringa de Nolan, “Ninguém entra em pânico quando as coisas vão ‘de acordo com o plano’, mesmo que o plano seja horrível.”⁹ É concedido que os tipos Fi podem ter seus corações seduzidos, mas os tipos Ti podem ter sua razão hackeada. E então nenhuma afeição natural pode se opor à lealdade deles à pura “razão”. Como disse David Hume,

Não é contrário à razão preferir a destruição do mundo inteiro ao coçar do meu dedo. Não é contrário à razão que eu escolha minha ruína total, para evitar o menor mal-estar de um índio ou pessoa totalmente desconhecida para mim. É tão pouco contrário à razão preferir até mesmo o meu próprio bem menor ao meu maior, e ter uma afeição mais ardente pelo primeiro do que pelo segundo.¹⁰

Ne/Si, como um eixo, é mais analítico que sintético. A Ne gira ao redor do polo da Si, reafirmando o raio de sua corrente. Apesar da aparência errática e excêntrica da Ne, sua conexão com a Si significa que é, no fim das contas, *conservadora*. É verdade que é

⁸ *Leisure: The Basis of Culture*, p. 29-30; compare com a piada de Schiller em *Die Philosophen*: “De bom grado sirvo amigos, mas infelizmente o faço por inclinação, / E por isso me irrita muitas vezes que eu não seja virtuoso.” (“*Gewissensscrupel*,” trad. do autor; p. 303)

⁹ *The Dark Knight* (2008)

¹⁰ *A Treatise on Human Nature*, Book 2, part 3, §III (p. 319); compare isso com um trecho do livro de Heinrich Himmler “Posen speech” de 4 de outubro de 1943: “Se 10.000 mulheres russas caem de exaustão enquanto cavam uma vala antitanque me interessa apenas na medida em que a vala antitanque para a Alemanha está terminada.”

um elétron piscando em toda a sua nuvem de probabilidade, mas a nuvem depende de um núcleo, que o ancora. O tipo Si dominante ocasionalmente se aventura nesse reino de ideias excitantes e retorna com alguma bugiganga de nova inspiração, mas tudo isso está dentro de uma determinada circunferência definida pela Si. Para mudar ou romper mais radicalmente a circunferência, seria necessário o engajamento do *Wakinyan* da Consciência: a Ni.

A Consciência se afasta da auto-certeza do Se/Ni, para a incerteza defensiva do Ne/Si. A Consciência respeita a imensidão da Natureza multitudinária em suas milhões de máscaras cambiantes. O homem se torna um pequeno fazendeiro em uma pintura de Constable, com a Si como sua humilde cabana. Ele se encolhe em uma singularidade na paisagem em expansão. O que a Ni oferece é expansão, fora da singularidade — isto é, *arrogância*: a vontade, a imprudência, a compulsão, de se fazer *grande* contra a Natureza, de pesquisar seus segredos, de se considerar proporcional à Natureza e digno de sua própria pintura. Para citar Pieper novamente, “o homem, por sua própria natureza, vai além da esfera do ‘humano’, tocando na ordem dos espíritos puros.”¹¹ É apenas por esses riscos que o progresso é possível na vida humana: pelo salto de fé no desconhecido, nas regiões incircunscritas. A ciência e seu desenvolvimento deve-se tanto ao progresso lento e gradual dentro de um paradigma estabelecido, quanto às repentinas revoluções Copernicanas, onde um indivíduo, pressionado com muita força e por muito tempo contra a tábua da lei, quebra a pedra em vez de seus próprios ossos.

¹¹ *Leisure: The Basis of Culture*, p. 27

Ne (— Fi)¹²

O Advogado do Diabo

Não deve se recusar a ouvir a opinião de qualquer homem.¹³

Enquanto a Consciência se concentra no que os ancora na tempestade, o Advogado do Diabo explora o turbilhão de possibilidades que os cercam. A Ne, especialmente em cooperação com Si, circunscreve o mundo ao seu redor. Eles querem perceber o que está em *todas* as direções, para frente e para trás, até as extremidades do círculo. Eles derrubam todas as pedras colocadas na circunferência. Seu pensamento é *lateral*, e essa lateralidade se estende até onde a lógica permite. Nenhum sentimento pessoal de moralidade ou decência pode impedi-los de derrubar cada pedra. Eles não fazem “acepção de pessoas.”¹⁴ Eles são comandados por um senso de *equidade* que se estende além deles mesmos. Eles emitem a mesma intimação a Deus e ao diabo, e processam obedientemente os supostos inocentes e defendem os supostos culpados, para que a Verdade, e não o preconceito público, possa ser cumprida. Nas palavras de John Stuart Mill,

Há a maior diferença entre presumir que uma opinião é verdadeira, porque, em todas as oportunidades de contestá-la, ela não foi refutada, e assumir sua verdade com o objetivo de não permitir sua refutação. A total liberdade de contradizer e refutar nossa opinião é a própria condição que nos justifica assumir sua verdade para fins de ação; e em nenhum outro termos pode um ser com faculdades humanas ter qualquer garantia racional de estar certo.¹⁵

Em outras palavras, o Advogado do Diabo não acredita que algo deva ser sagrado ou isento de escrutínio. Se a coisa em questão for perfeita, então o escrutínio apenas validará seu status, e se for imperfeita (como sempre acontece), devemos tratá-la precisamente pelo que ela é: sem mais, nem menos. O Advogado do Diabo não tem paciência com as aldeias Potemkin; os efeitos

¹² MBTI: “ENTP”, Socionics: “ENTp” ou “ILE”

¹³ Leonardo da Vinci, Notebook MS. 2038, *Bib. Nat.* 26 r. (p. 170)

¹⁴ Acts 10:34, KJV

¹⁵ *On Liberty*, chap. II (p. 144-45)

especiais do Grande e Poderoso Oz não os impressionarão, até que verifiquem atrás da cortina. *Sentimentos pessoais (Fi) não são desculpa para evitar um julgamento justo (Ne)*. Ninguém está isento da barra de Deus. Como todos os democratas, a ideia de Johannes de Silentio de uma suspensão religiosa do ético é inaceitável. As ações éticas de alguém devem ser explicáveis, isto é, *universalizáveis*; elas não devem permanecer na lama obscura do instinto, mas devem ser articulados claramente para a multidão, traduzidos para o Esperanto. O Advogado do Diabo não pode ler um livro selado.¹⁶

O Advogado do Diabo é dominado por Ni → Ne, ou, o desafio e a explosão do ponto de vista limitado de alguém. Para eles, a Ni é o ponto de partida ingênuo, que deve ser interrogado e desconstruído para chegar a algum lugar. Se deixado sozinho, torna-se puro e esotérico, revelando seus preconceitos. A Ni sempre parece estar se levantando por conta própria, sem perceber que as próprias condições para seu conhecimento excluem a certeza absoluta que eles oferecem. Nas palavras de Xenófanes,

Se bois ou leões tivessem mãos que lhes permitissem
desenhar e pintar quadros como os homens, eles retratariam
seus deuses como tendo corpos como os seus: cavalos os
retratariam como cavalos e bois como bois.¹⁷

Nenhum homem existiu, nem existirá, que tenha pleno
conhecimento sobre os deuses e as questões que discuto. Pois
mesmo que alguém por acaso dissesse o que é verdade, ele
ainda não saberia que o fez. No entanto, todo mundo pensa
que sabe.¹⁸

O Advogado do Diabo é (obviamente) um contrário; mostre-lhes um lado, e eles imediatamente tentarão ver os outros, de preferência os lados que foram mais negligenciados. Como Camille Paglia colocou de forma tão memorável: “Eu seria

¹⁶ Isaiah 29:11: “E tornou-se para vós toda a visão semelhante às palavras de um livro selado, que é dado aos eruditos, que diz: ‘Leia, com licença, isto.’ E ele disse: ‘Não eu; pois, selado está,’” (trad. do autor).

¹⁷ DK frag. 15, em *The Presocratics*, p. 33

¹⁸ DK frag. 34, em *ibid*.

alguém que olharia para a latrina da cultura... e eu jogaria a bomba nela.”¹⁹ Isso, previsivelmente, os coloca em muitos problemas, como aconteceu com Sócrates; mas, como ele mesmo atestou, “...se você me matar, não encontrará facilmente outro como eu, que... represa uma espécie de moscardo, dado ao Estado pelo Deus; e o estado é como um grande e nobre corcel que é atrasado em seus movimentos devido ao seu próprio tamanho, e precisa ser despertado para a vida.”²⁰

O Advogado do Diabo não poupa a si mesmo em seu próprio olhar crítico — como Sócrates, muito de seu humor é irônico e autodepreciativo. Seus elogios escondem críticas e *vice-versa*. Isso pode progredir ao ponto de um masoquismo intelectual, onde eles mesmos, como sujeitos do conhecimento, são reduzidos à total insignificância e impotência contra o grande mecanismo do mundo. Com efeito (e muitas vezes sem que tenham plena consciência disso) encontram-se defendendo sua posição justamente contradizendo-a, pois é assim que a podam e cuidam. Seu compromisso com uma acusação justa é tão completo que às vezes nem amigo nem inimigo podem dizer de que lado o Advogado do Diabo “realmente” está, da mesma forma que uma criança não consegue entender que a agulha de imunização é para sua segurança.

Apesar de suas tendências contrárias, o Advogado do Diabo ainda sente necessidade da união social representada pela Fe. Eles realmente querem ser amados e aceitos, apesar de muitas vezes sabotar esse objetivo ou negar sua importância para si. No final, o que eles realmente defendem é a harmonia social, “todo mundo se dando bem” — e para eles, isso só pode vir à custa de todos os preconceitos individuais, isto é, preferências pessoais (Fi) que não estão em harmonia com o “bem maior” (Fe).

O Caminho Perfeito só é difícil para quem escolhe; Não goste, não desgoste; tudo então ficará claro. Faça uma pequena diferença, e o Céu e a Terra serão separados; Se você quer que a verdade fique clara diante de você, nunca seja a favor ou

¹⁹ *Vamps and Tramps*, p. 429-30

²⁰ Plato, *Apology*, 30e – 31a (p. 289)

contra. A luta entre 'a favor' e 'contra' é a pior doença da mente...²¹

Tudo tem seu lado sombrio, tudo tem um caso na justiça. É por isso que o Advogado do Diabo tem pouca paciência com o homem de olhos estrelados, cujas visões de utopia mostram apenas o lado chique da cidade. Eles sentem que o tipo Fi está tão apaixonado por seu ideal, que estão cegos para toda a feiúra necessária para tornar o ideal possível. Como as crianças, eles não entendem que há um custo para tudo.²² Tendo provado chocolate e achado delicioso, eles desejam poder viver dele, e não ouvirão outra coisa: seu sonho é precioso demais para eles. Por “amor”, eles não abrem o armário; eles têm medo de encontrar um esqueleto lá dentro, e seu lindo sonho acabará. Tal ilusão intencional é entristecedora na melhor das hipóteses, e horripilante na pior. O Advogado do Diabo teme o fanático que considera “seu país nada mais que *carta branca*, sobre a qual ele pode rabiscar o que quiser.”²³ Eles clamam a tal homem: “O mundo não é seu terceiro braço! Seu sujeito não é um com o objeto!” Ou, como Zizek suplicou: “No século XX, talvez tenhamos tentado mudar o mundo rápido demais. A hora é de interpretá-lo novamente.”²⁴

No paradoxo de Popper, “podemos nos tornar os construtores de nosso destino quando deixarmos de posar como seus profetas.”²⁵ Ou, como diziam os Fariseus: “Sabemos que Deus falou a Moisés: quanto a este, não sabemos de onde ele é”. No entanto, para esta reclamação foi a resposta: “Por que aqui está uma coisa maravilhosa, que você não sabe de onde ele é, e ainda

²¹ Seng-ts'an (atribuído), “On Trust in the Heart,” lines 1-5 (p. 296)

²² Como Zizek colocou tão severamente, “Sempre tenho uma certa admiração por pessoas [como Vladimir Lenin] que sabem que alguém tem que fazer o trabalho. O que eu odeio nesses acadêmicos liberais, pseudo-esquerda e belos almas acadêmicas é que eles estão fazendo o que estão fazendo plenamente conscientes de que outra pessoa fará o trabalho por eles”. (*Conversations with Zizek*, p. 50).

²³ Edmund Burke, *Reflections on the Revolution in France*, p. 158

²⁴ “Slavoj Zizek: Don't Act. Just Think. | Big Think,” Canal Big Think, YouTube, timestamp 4:30; ele está invertendo a décima primeira tese de Marx sobre Feuerbach.

²⁵ *The Open Society and Its Enemies: Volume I, The Spell of Plato*, p. 4

assim ele abriu meus olhos.”²⁶ Isso leva ao conflito entre a Si e a Se neste tipo. A Si tem problemas em acompanhar o presente. Quando algo radicalmente novo aparece, é fácil para a Si desvalorizá-lo defensivamente, chamando-o de um flash na panela, um ponto fora da curva, “um pedaço de carne não digerido, um pedaço de mostarda, uma migalha de queijo, um fragmento de uma batata mal passada.”²⁷ O presente é apenas uma fatia do pão eterno, e entre a fatia e o pão, o Advogado do Diabo escolhe o pão. E, no entanto, é igualmente razoável dizer que cada fatia do Tempo contém os ecos do pão restante, da mesma forma que o corpo de um homem pode ser reconstruído apenas com sua pegada, usando as relações da proporção humana. Em outras palavras, uma abordagem extrapolativa subjetiva, “de dentro para fora”, não pode ser descartada imediatamente. Há um método para a loucura da Se. Cada pronunciamento da Se tem raízes profundas e complexas da Ni, assim como as respostas dos animais estão enraizadas em eras de evolução.

O sujeito humano, essa maravilha de barro, eletricidade e sangue, é capaz de ver coisas que um paradigma racional não pode, porque o mundo está sempre mudando, *e a Se muda com ele*, enquanto Si fica para trás. Assim, “os loucos do mundo foram escolhidos por Deus para envergonhar o sofista”.²⁸

...nunca pode existir um Parlamento... possuidor do direito ou do poder de vincular e controlar a posteridade até o “fim dos tempos”... Cada época e geração deve ser tão livre para agir por si mesma em todos os casos quanto a época e as gerações que a precederam. A vaidade e a presunção de governar além-túmulo é a mais ridícula e insolente de todas as tiranias.

...As circunstâncias do mundo estão mudando de forma contínua, e as opiniões do homem também mudam; e como o governo é para os vivos, e não para os mortos, só os vivos têm algum direito nele.²⁹

²⁶ John 9:29-30, KJV

²⁷ Dickens, *A Christmas Carol*, Stave 1 (p. 21)

²⁸ 1 Corinthians 1:27 (trad. do autor)

²⁹ Paine, *Rights of Man* (p. 41-45)

Fe (— Ni)³⁰ O Pastor

...nós só odiamos aqueles que não conhecemos.³¹

O Pastor representa a predominância da Fe em um tipo democrático. Seu modo natural é o juízo de valor, baseado em critérios objetivos extraídos do meio ambiente; isto é, as necessidades e valores dos outros. Assim, eles são altamente sensíveis à sua sociedade e responsivos à dor de seus membros. Eles são indiscutivelmente o tipo mais social e *civilizado* e, conseqüentemente, o mais arquetipicamente feminino. “Pode uma mulher esquecer-se do filho que ainda mama, para que não se compadeça do filho do seu ventre? sim, elas podem esquecer, mas eu não vou te esquecer.”³² Eles são atraídos, como uma mãe, pelo instinto de acalmar e suavizar o desconforto dos outros, mantendo e enriquecendo a harmonia de seu ambiente de sentimento. Como Harry S. Truman escreveu em seu diário: “Eu me pergunto por que quase todo mundo faz de mim um padre confessor. Devo parecer benevolente ou então sou um alvo fácil conhecido... Eu gosto de pessoas e gosto de ajudá-los e mantê-los longe de problemas quando posso e ajudá-los quando eles se envolvem.”³³

Fe representa a “dança do sentimento” em oposição ao “sonho do sentimento (Fi)”. O Pastor se sente mais confortável quando todos se juntam a essa dança. Eles precisam que outras pessoas “se abram” para eles, ou seja, que se expressem externamente, em termos socialmente normais, exotéricos. Na mesma entrada do diário, Truman afirmou: “A regra por aqui é que ninguém pode falar com o presidente. Eu quebro todos os dias e faço eles falarem comigo.”³⁴ O movimento aqui é Fi → Fe. Ter um “sonho de sentimento” (Fi) não é um problema em si, e é até uma grande bênção, na medida em que significa que se tem um coração batendo — mas “os homens [não devem] acender uma vela e colocá-la debaixo do alqueire, mas no candelabro; e dá luz a todos

³⁰ MBTI: “ESFJ”, Socionics: “ESFj” ou “ESE”

³¹ *The Autobiography of Andrew Carnegie*, p. 214

³² Isaiah 49:15, KJV

³³ Entrada para 16 de janeiro de 1947

³⁴ Ibid.

os que estão na casa.”³⁵ Em outras palavras, é preciso universalizar seus sentimentos, a fim de compartilhar seu calor com o maior número possível de pessoas. A qualidade do sentimento é tida como certa, a fim de enfatizar a quantidade. Mas isso, argumenta o Pastor, não torna o sentimento ingênuo; pelo contrário, o processo de se tornar universal realmente ajuda a *purificar* ou *aperfeiçoar* os sentimentos e valores de uma pessoa, como pedras alisadas em um rock tumbler. É bom sentir amor por um amigo, mas é melhor amar muitos amigos — assim se sobe a escada de Diotima do sonho particular à dança universal.³⁶ Como disse Joseph Smith: “Um homem cheio do amor de Deus não se contenta em abençoar apenas sua família, mas percorre o mundo inteiro, ansioso para abençoar toda a raça humana.”³⁷

Assim, o ideal do Pastor é, no fundo, igualitário. Não pode haver favoritos na dança: “Deus não faz acepção de pessoas.”³⁸ Todas as acomodações especiais devem ser justificadas como meio para meramente para reduzir desvantagens naturais, isto é, tornar os indivíduos eticamente comensuráveis, colocá-los no mesmo campo de jogo. Todos jogam pelas mesmas regras e, assim, recebem a mesma abundância de comida e abrigo; todos devem ser reunidos no mesmo aprisco. O Pastor quer que o mundo inteiro se junte em coro, e prefere ouvir uma congregação inteira cantar horivelmente do que um coro de elite cantar perfeitamente.

No entanto, ao mesmo tempo, eles permanecem sensíveis a ações “fora do tom” — à impropriedade, desarmonia. Assim, sua

³⁵ Matthew 5:15, KJV

³⁶ Veja *Symposium* de Platão, especialmente 210a-212b

³⁷ *History of the Church*, vol. 4, p. 227; Brigham Young fornece uma espécie de justificação filosófica Fe/Ti para essa atitude: “Não estamos aqui isolados e sozinhos, formados de forma diferente e compostos de material diferente do resto da raça humana. Pertencemos e fazemos parte desta família...” (Discurso proferido em 13 de novembro de 1870, em *Journal of Discourses*, vol. 13, p. 301).

³⁸ Acts 10:34, KJV; οὐκ ἔστιν προσωπολήπτης ὁ Θεός. “Deus não é alguém que mostra parcialidade” ou “Deus não é alguém que aceita apenas a face externa”. Esta é uma das queixas dos tipos Si contra os tipos Se: eles não olham “mais profundo” do que o flash do momento, eles não olham para as semelhanças e princípios subjacentes.

grande luta é entre a manutenção dos padrões tradicionais (Si) *versus* a inclusão e a igualdade (Fe). Para tornar uma categoria mais inclusiva, é preciso mudar a própria categoria; deve tornar-se uma *categoria completamente diferente*, embora seja chamada pelo mesmo nome. Os Romanos não podiam manter uma identidade nacional quando qualquer um podia se tornar Romano. Assim, o Pastor luta para lá e para cá: quando uma ovelha se afasta das noventa e nove, o pastor deve forçar a ovelha de volta ao redil ou simplesmente aumentar o raio de seu território, laçando cabras e lobos no processo, enredando-os na teia de suas expectativas sociais.

Este é geralmente o conflito entre o Pastor e o Alquimista: o Pastor às vezes pastoreia lobos relutantes. Pois, o Pastor quer ver todos como ovelhas: eles acreditam que todos são extraídos do mesmo todo abstrato; todas as linhagens levam de volta a Adão e Eva; somos da mesma espécie, da mesma matéria essencial. Isso justifica os “direitos naturais” postulando uma “natureza humana” universal. Mas para um tipo como o Alquimista, postular uma natureza humana universal (mesmo com o propósito de garantir um tratamento justo) é derreter cada “flocos de neve bonito e único” na “mesma matéria orgânica em decomposição que todos os outros...”³⁹ “Eu não sou uma ovelha!” eles gritam: “Eu sou um lobo! Não estou sujeito às suas leis; eu estou livre — e eu tenho uma consciência livre sobre isso!”

Assim, o Pastor pode tornar-se a Mãe Boa e a Mãe Terrível — o primeiro, quando se sacrificam para dar outra vida (por exemplo, a fêmea *kermes ilicis*, que protege seus ovos com seu corpo moribundo e, posteriormente, torna-se a primeira refeição de sua ninhada), e o segundo, quando reduzem o único e o privilegiado a pó onipresente. É o problema clássico da mãe Edipiana, que não permite que seu filho saia dos muros da cidade protetora da democracia e se encontre no deserto monárquico “com as feras.”⁴⁰ Há uma linha tênue entre abraçar e sufocar, entre proteger e manter prisioneiro.

³⁹ Palahniuk, *Fight Club*, chap. 17 (p. 133)

⁴⁰ Mark 1:13, KJV

O sentido de conotação do Pastor é externo (com a Fe), não interno. Para eles, uma intuição interior é apenas um passo da esquizofrenia. Assim, eles lutam para não deixar sua intuição afundar demais na areia movediça de sua psique — eles o mantêm na superfície, onde ele pode discutir e se misturar com as interpretações de outros em sua sociedade: dessa forma, eles esperam evitar a endogamia intelectual e o isolamento da insanidade. Muitas vezes se orgulham de sua abertura a novas ideias e podem idealizar ser “progressistas”; eles querem que seu amor e harmonia derrubem todas as muralhas das fortalezas e se prendam a todas as muralhas proibidas. Sua tolerância na *prática* é, obviamente, uma questão separada, e é testada por seus encontros com a Ni. O Pastor não confia no que a Ni desenterra do abismo, por mais que cintile e brilhe. Não é natural; não teve origem na comunidade; é um agente estrangeiro, um alien adormecido, carregando os germes do desastre. E essa é a ironia da abertura do Pastor: é tão ampla quanto toda a terra, abrangendo todas as populações — mas raramente penetra *para baixo*, nas idiossincrasias dos indivíduos. *Eles desencorajam visões individuais (Ni) por causa da harmonia da comunidade (Fe)*. E isso pode torná-los, para colocar o assunto de forma bastante insultante, como as próprias ovelhas. Mas, como John Calvin advertiu,

[Deus] ensinou experimentalmente qual é o fim daqueles que pecam com a multidão, quando Ele destruiu toda a raça humana com um dilúvio, salvando Noé com sua pequena família, que, colocando sua fé somente nele, “condenou o mundo.” Em suma, o costume depravado é apenas uma espécie de peste geral na qual os homens perecem não menos que caem na multidão.⁴¹

No que diz respeito à sua função primitiva, a Ti, podemos começar com as palavras de Andrew Carnegie,

Ele é o homem feliz que sente que não há um ser humano a quem não deseje felicidade, vida longa e merecido sucesso, nem aquele em cujo caminho ele colocaria um obstáculo ou a

⁴¹ *Institutes of the Christian Religion*, Prefatory Address (p. 14)

quem não prestaria um serviço se em seu potência. Tudo isso ele pode sentir sem ser chamado a reter como amigo alguém que se mostrou indigno, sem dúvida, por conduta desonrosa.⁴²

Como um amigo meu disse uma vez: “Eu não tenho que *gostar* de alguém para *amá-lo*”. Há uma certa frieza no fundo do amor do Pastor: a frieza do dever, da obrigação e até do “cálculo ético”. Por outro lado, o tipo Te trabalha com regras validadas *externamente*; isto é, por regras *dependentes* de informações empíricas, isto é, regras contextuais. O Pastor tem problemas em integrar a eficiência contextual em seu programa, pois isso requer uma forma de análise completamente diferente; exige que eles olhem para o mundo como um sujeito dentro dele, e não como um legislador acima dele. O Pastor realmente quer ser mais eficiente, estratégico, eficaz em tempo real, mas isso requer um afrouxamento de suas regras sagradas e a capacidade de estreitar sua visão. A eficiência (em oposição à pura consistência) requer egoísmo e egocentrismo. Também requer o *esquecimento* (isto é, a seleção) em favor de um objetivo. Requer parcialidade intencional, para determinar o que é peso morto e o que é verdadeiramente essencial — até mesmo *quem* é peso morto e *quem* é verdadeiramente essencial.

⁴² *The Autobiography of Andrew Carnegie*, p. 215

Ti (— Se)⁴³**O Pensador**

...as duas coisas mais opostas ao bom conselho
são pressa e paixão.⁴⁴

O Pensador é, fundamentalmente, uma espécie de Consciência, mas com ênfase na justificação racional em vez da lembrança. Eles precisam, quase desesperadamente, saber “Por quê?” e para que a resposta faça sentido *através* de contextos. Como disse Locke: “Não pode ser proposta nenhuma regra moral pela qual um homem não possa exigir com justiça uma razão.”⁴⁵ Ou, como Kant reclamou, “...de todos os lados ouço: ‘*Não argumente!*’ O oficial diz: ‘*Não discuta, perfure!*’ O fiscal diz: ‘*Não discuta, pague!*’ O pastor diz: ‘*Não discuta, acredite!*’”⁴⁶ O Pensador despreza o despotismo e o nepotismo por trás do “porque eu disse” ou “porque é assim que me sinto”. Tais respostas lhes parecem terrivelmente infantis, porque não conseguem distinguir o próprio ego de todos os outros.

Assim como o Alquimista se recusa a se curvar à loucura da multidão homogênea, o Pensador se recusa a se curvar aos caprichos dos indivíduos heterogêneos. Como São Pedro perante o concílio Judaico, eles declaram: “Devemos obedecer a Deus antes que aos homens.”⁴⁷ Ao obedecer a Deus (ou, Razão, Lei Natural, Lógica, etc.), eles constroem o arco que os salvará das tempestades que se aproximam da vida; pois, Noé foi ensinado, não por outros homens, mas por um Deus pessoal, as especificações exatas para aquele navio sobrenatural, do qual o mundo riu até seus pulmões se encherem de água. O arco foi completamente selado com piche, por dentro e por fora;⁴⁸ da mesma forma, o Pensador está ansioso para selar todas as brechas

⁴³ MBTI: “INTP”, Socionics: “INTj” ou “LII”

⁴⁴ Diodotus in Thucydides’ *History*, Book 3, §42 (p. 177)

⁴⁵ Locke, *An Essay Concerning Human Understanding*, Book 1, chap. 2 (p. 20)

⁴⁶ *An Answer to the Question: What is Enlightenment?* (p. 42)

⁴⁷ Acts 5:29, KJV; a palavra δει é especialmente democrática: “é necessário, inevitável, apropriado”, obedecer a Deus antes que aos homens (Strong’s Exhaustive Concordance, Greek 1163).

⁴⁸ Genesis 6:13-22, KJV

em suas construções mentais, para que possa resistir a todas as possíveis contingências da realidade. Do ponto de vista deles, esse processo equivale a descobrir o alicerce, ou algo absolutamente inabalável, sobre o qual eles poderiam fundar seus edifícios (por exemplo, o projeto racionalista de Descartes). Eles estão, em certo sentido, procurando por algum Ser verdadeiro, mas oculto, por trás de toda experiência contingente, por algo verdadeiramente Real. A este respeito, Parmênides é seu santo padroeiro, porque fundou sua casa na pura afirmação interior do próprio Ser: $A = A$, ou, $A \neq \text{não } A$.⁴⁹ Esta é a expressão mais básica da denotação subjetiva (o *Cogito* de Descartes equivale ao mesmo).

Obviamente, eles sentem a necessidade de muita cautela e meticulosidade em seu raciocínio. O Pensador não pode, em sua consciência, estabelecer como *lei* o que é meramente *conveniente*, pois a conveniência não tem garantia de durar. Um só chutou a lata mais adiante; nada *real* foi encontrado sob os véus trêmulos da experiência. Assim, o Pensador não é alguém que sacrifica precisão ou integridade por acessibilidade ou popularidade. Para atingir um pico tão alto em sua razão, o Pensador deve construir um andaime igualmente alto; isto é, dar aos seus princípios um nível suficientemente alto de abstração. Eles *abstraem* a matéria em um plano mais verdadeiro, em *uma linguagem mais verdadeira*. Com efeito, o Pensador realiza sublimes acrobacias de dicção e sintaxe para expressar “corretamente” o que normalmente é expresso em parábolas, fábulas ou expressões idiomáticas populares. Como Nietzsche brincou, “Kant queria provar, de uma forma que deixasse o homem comum estupefato, que o homem comum estava certo.”⁵⁰

O Advogado do Diabo usa leis (Ti) para fazer perguntas melhores (Ne); o Pensador usa perguntas para desenvolver leis melhores. O ceticismo é o meio para uma garantia interior da

⁴⁹ “Pode algo que não é, ser uma qualidade? Ou, mais basicamente, pode algo que não é, ser? Pois a única forma de conhecimento em que confiamos imediata e absolutamente e para negar que equivale à insanidade é a tautologia $A = A$. Mas justamente essa percepção tautológica proclama inexoravelmente: O que não é, não é. O que é, é”, (Nietzsche, *Philosophy in the Tragic Age of the Greeks*, §10; p. 76-77).

⁵⁰ *The Gay Science*, §193 (p. 205)

realidade, isto é, a Si. Mas a função inspiradora nunca está satisfeita; na verdade, sua satisfação é sabotada pelas funções superiores, como uma criança que, correndo para pegar um brinquedo brilhante, acidentalmente o chuta para mais longe. Assim, o Advogado do Diabo busca a harmonia social rompendo-a, e o Pensador busca a paz interior exigindo a racionalidade como condição. Assim, o Advogado do Diabo é oposto ao Artista, que não conversará com ele, e o Pensador é oposto ao Fanfarrão, que não será governado racionalmente, correndo atrás das oportunidades presentes. O Pensador, ao contrário, *nega que o presente (Se) possa oferecer algo que ainda não esteja coberto por suas leis (Ti)*.

Uma solução para o Pensador é julgada pela robustez de sua estrutura interna, não por sua atual eficácia no campo. “Luzes coloridas podem hipnotizar / Brilhar os olhos de outra pessoa.”⁵¹ Isso, combinado com o olhar itinerante da Ne, geralmente os faz parecer “professores absortos”, enfiados em suas bibliotecas mentais em vez de brincar com as outras crianças. O que lhes falta, portanto, em graças sociais, eles compensam com suas proezas mentais — a paciência extenuante de um arqueólogo, juntando esqueletos primitivos de milhares de descobertas fragmentárias. Esses mosaicos de evidências são mais convincentes para eles do que qualquer sensação imediata; eles “olham fixamente para ausências que, para a mente, são presenças mesmo assim.”⁵²

⁵¹ The Guess Who, “American Woman”

⁵² Parmenides, DK frag. 4 (trad. do autor). O original Grego é tão fascinante quanto difícil de reunir: λεῦσσε δ' ὅμως ἀπεόντα νόοι παρεόντα βεβαίως, ou: “Olhe, no entanto mesmo assim as coisas ausentes para a mente, as coisas presentes com firmeza”. Com relação a isso, o estudioso Jonathan Barnes declarou: “um pouco de engenhosidade evoca uma dúzia de interpretações diferentes da linha,” (*The Presocratic Philosophers*, p. 493, note 14). Dito isto, de particular interesse para mim é o aparente contraste entre ausência (ἀπεόντα, ou “ape-onta”) e a presença para a mente (νόοι παρεόντα, ou “nooi pare-onta”): “onta” refere-se à existência ou a uma coisa existente, enquanto os dois prefixos são “ap,” significando “longe de”, e “par,” significando “ao lado de”; portanto, estar-longe *versus* estar-próximo, ausência *versus* presença. “Nooi” é “para a mente”; assim, Parmênides contrasta uma ausência simples e externa (Se ou Te)

Primeiro, então, temos Te → Ti. Ambas as funções são razoáveis, mas uma é confirmada externamente e a outra confirmada internamente. A atitude do Pensador é bem representada por John Locke, que disse: “Aqueles que leram de tudo são pensados para entender tudo também; mas nem sempre é assim. A leitura fornece à mente apenas materiais de conhecimento; é o pensamento que torna nosso o que lemos.”⁵³ O Pensador não rejeita resultados externos como faz a Consciência; mas são sempre considerados auxiliares da organização interna da Ti. A Ti *deve digerir a Te*. Enquanto a Te julga algo confiável precisamente porque não tem nada a ver com sua própria mente, a Ti só confia na informação depois que eles mesmos a confirmam em sua mente; eles devem pensar sobre aquilo, ruminá-lo e torná-lo seu, isto é, integrá-lo adequadamente em seu modelo racional do universo. Pois, “o mero bom senso prova um guia traiçoeiro no campo.”⁵⁴ Deve-se *ganhar a razão*; tudo deve ser pensado.

Mesmo que meu processo de pensamento seja direcionado, na medida do possível, a dados objetivos, ainda é *meu* processo subjetivo, e não pode evitar nem dispensar dessa mistura de subjetividade... Não posso excluir o processo subjetivo paralelo e seu acompanhamento contínuo sem extinguir a própria centelha de vida do meu pensamento. Esse processo paralelo tem uma tendência natural e dificilmente evitável de subjetivar os dados objetivos e assimilá-los ao sujeito... Agora, quando a ênfase principal está no processo subjetivo, surge aquele outro tipo de pensamento que... eu chamo de introvertido⁵⁵

Ao digerir o universo dessa maneira, o Pensador o fundamenta em uma base mais sólida: sua própria mente. O mundo externo não tem base: é um reino de chance. Mas a mente é capaz de absolutos; assim, “exceto nossos próprios pensamentos, não há

contra uma presença à mente (denotações subjetivas, Si ou Ti), e favorece a última sobre a primeira.

⁵³ *Of the Conduct of the Understanding*, §20 (p. 193)

⁵⁴ Hayek, *The Road to Serfdom*, p. 47; o tipo Te diria, ao contrário, “não se deve dirigir uma batalha de uma torre de marfim”.

⁵⁵ Jung, *Psychological Types*, p. 344

nada absolutamente em nosso poder.”⁵⁶ O próprio pensamento torna-se o Ser ou alicerce mencionado anteriormente: uma existência validada internamente, uma existência proporcionada pelo sujeito antes de quaisquer objetos; assim, uma realidade mais próxima dos ditames da razão, e não da contingência (o relato de Descartes sobre a cera derretida, citado no capítulo 2, é um exemplo útil). Mas, como vimos com Parmênides, escapar de toda contingência é esvaziar o pensamento do conteúdo e tornar-se pura forma. E quanto mais pura essa forma se torna (isto é, quanto mais segura ela se torna como base dedutiva), mais ela se assemelha a uma mera tautologia.⁵⁷

Para o Pensador, a Fe representa o início e o fim inconsciente de sua lógica Ti: nomeadamente, harmonia e paz. Se todos pensassem claramente por si mesmos, cada um deles tocaria na própria Razão, como engrenagens engrenando em uma roda central. Desarmonia é a falha em acessar a razão, e isso ocorre (como o Buda ensinou) quando alguém é distraído pela paixão, medo, luxúria, mesquinhez e ambição de seu ego individual — isto é, de sua Fi, e sua atividade através da Te. “Todos nós gostamos de ovelhas se extraviaram; nós voltamos cada um ao seu próprio caminho...”⁵⁸ Essa diáspora não pode resultar da razão, mas de sua rejeição em favor do interesse próprio individual.

A razão representa a fonte comum de onde todas as coisas, por concupiscência (ou sentimento desenfreado), caíram na escuridão e na solidão. Adam Smith argumentou que um ator econômico, “Ao perseguir seu próprio interesse, frequentemente promove o da sociedade de forma mais eficaz do que quando ele realmente pretende promovê-lo. Eu nunca conheci muita bondade feito por aqueles que fingiam negociar pelo bem público.”⁵⁹ Em outras palavras, ter as intenções “certas”, ou mesmo as “melhores” intenções, é acidental para o sucesso dentro de um determinado

⁵⁶ Descartes, *Discourse on Method*, part III (p. 21)

⁵⁷ Por exemplo, o princípio Darwiniano de “sobrevivência do mais apto” indiscutivelmente se reduz à “sobrevivência daqueles que sobrevivem”, pois, de que outra forma podemos definir “mais apto”? Assim, circunscrevendo todos os casos possíveis, acaba-se por não dizer nada.

⁵⁸ Isaiah 53:6, KJV

⁵⁹ *Wealth of Nations*, Book IV, chap. II, ¶9 (p. 352)

sistema ou jogo — um coração no lugar certo também não coloca corretamente a mente. É somente reconectando com a razão pura (Ti) que o céu supremo da Fe é alcançado (por exemplo, o tratado *To Perpetual Peace* de Kant, ou a *Letter Concerning Toleration* de Locke).

E, no entanto, apesar de toda essa ênfase na lógica e no raciocínio, o Pensador continua humano, muito humano. Eles também têm sentimentos, intuições e sangue quente, mas procuram vesti-los com roupas apropriadas de justificação racional. No entanto (pelo menos nos seres humanos) o pensamento não é o fundamento do sentimento; em vez disso, é a crosta externa resfriada do sentimento — sua cristalização ou petrificação. Leis e legislação são codificações de valores subjacentes; mesmo o imperativo categórico de Kant pressupõe um *desejo* de evitar contradições, isto é, um desejo de permanecer sustentável. Assim, o Pensador está longe de ser robótico: sob sua carapaça complexa está o tecido macio. Este é um fato que o Pensador está sujeito a esquecer, ignorar ou mesmo detestar: que eles não são motivados por razões, mas por sentimentos, que são o verdadeiro alicerce derretido do mundo. Eles não são tão estritamente lógicos como muitas vezes gostam de pensar, não porque racionalizem *post hoc* suas ações, mas porque as próprias razões que os motivam estão infectadas com o sentimento; se assim não fosse, o Pensador não defenderia seus axiomas com tanta irritação, ansiedade e evidente interesse próprio. Descartes não confiaria tanto em seu famoso *Cogito* se não tivesse um forte desejo por um princípio indubitável e, de acordo com esse desejo, uma liberação de endorfinas que coroou sua descoberta.⁶⁰ Este é o problema do critério primeiro levantado pelos pirrônicos: que a razão não pode justificar-se. No fundo de cada dedução está um sentimento pessoal.

Tais idéias deixam o Pensador flutuando no vazio; eles são infundados e, posteriormente, propensos ao niilismo. Se não pode haver uma posição transcontextual (isto é, um estado desencarnado e incondicional) a partir da qual as reivindicações à

⁶⁰ Um homem cego com hormônios equilibrados pode “ver” melhor do que um homem normal com hormônios desequilibrados ou deficientes.

Verdade possam ser justificadas, então nada é justificável e, portanto, *tudo* é justificado — pode-se muito bem tornar-se um bruto hedonista. Mas isso pressupõe que a Fi também não pode servir como justificativa legítima, ou que *nunca* toca em nada além dos limites da Ti. E talvez seja assim; mas a escolha assustadora permanece para o Pensador, entre confiar na Fi ou descer ao niilismo; entre “um algo incerto”, ou “um certo nada... para deitar-se — e morrer.”⁶¹ E será que uma escolha como essa pode ser feita apenas com base na razão?

⁶¹ Nietzsche, *Beyond Good and Evil*, §10

7C: Tipos Teocráticos

Se (— Fi)¹ O Dissidente

Eu sou pela verdade, não importa quem diga.²

Os oito tipos anteriores eram tipos “puros”, porque não misturavam os eixos contextual ou universal. Os oito tipos a seguir, no entanto, são tipos “híbridos”, ou misturas de contextual e universal. Na verdade, pode-se ver cada tipo “híbrido” como uma mistura de dois outros tipos específicos. O Dissidente, por exemplo, representa o domínio da Se do Fanfarrão combinado com a inimizade da Fi encontrada no Advogado do Diabo.³ Como o Fanfarrão, eles seguem de perto e exploram as oportunidades presentes, mas ao contrário do Fanfarrão, eles são guiados nessa busca por razões frias da Ti, não por ideais da Fi. Como Plutarco disse sobre Alexandre, o Grande, “[ele] era teimoso quando se tratava de resistir à compulsão, [mas] ele foi facilmente levado por argumentos racionais ao curso de ação adequado...”⁴ Essa combinação faz do Dissidente uma alma perigosa, no melhor ou no pior sentido. Eles são diretos e não sentimentais. Eles são o Carrasco do Diabo, seja *para ele* ou *dele* — sua Meritíssima, Juiz Razão, decide. “Agora você sabe por que eles me chamam de 'Dirty Harry' — todo trabalho sujo que aparece.”⁵

¹ MBTI: “ESTP”, Socionics: “ESTp” ou “SLE”

² Malcolm X, *The Autobiography of Malcolm X*, p. 373

³ Por isso, meus retratos dos tipos “híbridos” serão um pouco diferentes dos anteriores, para não se tornarem muito repetitivos; por exemplo, a função sub-primitiva do Dissidente é a mesma do Fanfarrão. Meu foco é, portanto, *distinguir* o Dissidente, bem como os outros tipos “híbridos”.

⁴ From his life of Alexander, §7 (in *Greek Lives*, p. 317)

⁵ *Dirty Harry* (1971); a cena que antecede a linha é, em muitos aspectos, exemplar por sua franqueza e pragmatismo: Dirty Harry, enquanto fala sobre um saltador suicida, francamente diz a ele como “um amigo meu subiu vinte andares com um saltador há alguns anos, e o saltador agarrou-o, eles saíram, e vinte

Ao contrário do Fanfarrão, o Dissidente se considera responsável pelas leis da razão, de modo que argumento e persuasão (em vez de empatia e bajulação) são os melhores meios de abordagem. O Fanfarrão considera a persuasão da Ti desumanizante, como um burocrata sem sangue os expulsando de seu lar ancestral. Enquanto isso, o Dissidente acha a Fi condescendente; eles protestam: “Fale comigo como um adulto, como um igual, como um agente racional como você! Se você vai me expulsar, muito bem, mas se sua papelada não estiver em ordem, farei pleno uso do meu direito de retaliar.” Dessa forma, eles estão usando princípios de consistência racional e justiça Kantiana para defender sua soberania pessoal. Como Malcolm X disse a respeito de sua concepção juvenil do Islã: “Não há nada em nosso livro, o Alcorão, que nos ensine a sofrer pacificamente. Nossa religião nos ensina a ser inteligentes. Seja pacífico, seja cortês, obedeça a lei, respeite a todos; mas se alguém colocar a mão em você, mande-o para o cemitério. Essa é uma boa religião.”⁶

O Dissidente é como um imigrante tentando se integrar a uma cultura ao seu redor sem perder a sua. Eles querem ser respeitados justamente *por* sua diferença: como uma espécie de sábio ou viajante distante, oferecendo sabedoria de terras estranhas que só eles ousaram viajar. Eles adoram transmitir a sabedoria não convencional de sua vida e, dessa forma, tornam-se cidadãos contribuintes de distinção única. Frequentemente, no entanto, a sociedade encontra o Dissidente difícil de engolir: eles são uma pedra indigerível que deve ser vomitada.

andares abaixo — apenas amassou todos eles na calçada — eu não sabia dizer quais pernas estavam com quais e quais braços estavam com quais — foi uma bagunça terrível; Eu te digo, eu quase vomitei. Eu gostaria apenas de seu nome e endereço, isso é tudo... é uma bagunça lá embaixo depois, e torna a identificação impossível...” O saltador tenta derrubar Harry, que o subjuga com um soco, para desgosto da multidão civil abaixo. Harry então entrega a linha para seu parceiro.

⁶ “Message to the Grass Roots,” discurso proferido em novembro de 1963 (p. 12). Deve-se notar que as crenças Islâmicas de Malcolm X se tornaram muito mais caridosas após seu Hajj em 1964.

Um exemplo dramático foi o infame pornógrafo filosófico, o Marquês de Sade, que passou a última década de sua vida preso por seus livros. Ele protestou: “Sim, sou um libertino, admito. Eu concebi tudo o que pode ser concebido nessa área, mas certamente não pratiquei tudo o que concebi e nunca o farei. Eu sou um libertino, mas não sou um *criminoso* nem um *assassino*...”⁷ A questão não é se a última afirmação de Sade é verdadeira, mas sim que ele se sentiu compelido a fazê-la, a *se explicar*, a se tornar mais palatável para a sociedade — sem realmente comprometer sua visão de mundo. Como Simone de Beauvoir escreveu sobre ele,

Podemos, sem renunciar à nossa individualidade, satisfazer nossas aspirações à universalidade? Ou é apenas pelo sacrifício de nossas diferenças individuais que podemos nos integrar à comunidade? ...Em Sade [essas] diferenças são levadas ao ultraje, e a imensidão de seu esforço literário mostra quão apaixonadamente ele desejava ser aceito pela comunidade humana.⁸

O Dissidente é apenas meio universal, e isso é experimentado como uma sensação de alienação das leis da razão às quais eles atribuem. Eles se sentem como um agente extra-racional consentindo ou rejeitando certas leis ou “conjuntos de regras.”⁹ Em outras palavras, *eles* estão efetivando esses conjuntos de regras, os conjuntos de regras não os estão efetivando; e eles se ressentem da ideia de que poderia ser diferente (isto é, que eles são apenas uma estatística na cabeça de outra pessoa). Daí um paradoxo: querem agir racionalmente, mas não querem ser previsíveis; e, por outro lado, querem ser uma exceção à racionalidade, mas não querem ser tratados como criança ou animal. Em suma, eles querem ser especiais, mas também querem ser “um dos caras”. Então, eles procuram ações ou façanhas através das quais possam impressionar a multidão (Se) sem

⁷ “My Grand Letter,” 20 de fevereiro de 1781 (em *Letters from Prison*, p. 188)

⁸ *Must We Burn Sade?*, §1 (p. 2)

⁹ “...alguns homens não procuram nada lógico, como dinheiro. Eles não podem ser comprados, intimidados, raciocinados ou negociados. Alguns homens só querem ver o mundo queimar,” (*The Dark Knight*, 2008).

também perder seu favor (Fe), e muitas vezes oscilam dentro e fora das boas graças da multidão. Normalmente, a Se os sabotam: eles vão longe demais em uma de suas façanhas, calculando mal a reação do público.

O Dissidente está tão bem adaptado ao momento presente que eles podem construir uma fachada fantasticamente convincente para qualquer ocasião.¹⁰ Mas é apenas uma fachada; não tem validade universal, apenas eficácia contextual. Como Foucault tão memoravelmente colocou: “Não me pergunte quem eu sou e não me peça para permanecer o mesmo: deixe que nossos burocratas e nossa polícia vejam que nossos papéis estão em ordem.”¹¹ Isso pode deixar a impressão de que *nada* real está por trás da máscara Se-Fe do Dissidente, que eles são “túmulos branqueados, que de fato parecem bonitos por fora, mas estão cheios de ossos de homens mortos,”¹² ou, como Hunter S. Thompson disse sobre Richard Nixon, “ele era uma caricatura suja de si mesmo, um homem sem alma, sem convicções internas, com a integridade de uma hiena e o estilo de um sapo venenoso.”¹³ E é verdade que os *ideais sentimentais (Fi) não os impedem de explorar as oportunidades presentes (Se)*; mas como com Dirty Harry, essa falta de sentimentalismo permite que o Dissidente faça o que é certo ou melhor, independentemente de sua repugnância moral ou inconsistência de um ponto de vista mais universal. Eles conseguem fazer as decisões difíceis e conseguem fazê-las rapidamente.

O Dissidente mudará as regras de um jogo para vencer. Ao contrário do Pensador ou do Advogado do Diabo, que veem muitos conjuntos de regras possíveis ao mesmo tempo, o Dissidente sente apenas o *melhor* conjunto de regras possível para empregar, dadas suas condições atuais. Esta é uma expressão de

¹⁰ Como disse James Randi: “O ilusionista ou vigarista é um bom provedor de informações. Ele fornece muitos dados, por inferência ou declaração direta, mas são dados falsos. Os cientistas não estão acostumados a esse cenário. Um elétron ou uma galáxia não é caprichoso, nem enganoso; mas um humano pode ser um ou ambos,” (“Another New Fan,” *Swift*, 2 September 2005).

¹¹ *The Archeology of Knowledge*, p. 17

¹² Matthew 23:27, KJV

¹³ *The Great Shark Hunt*, 185

sua Ni primitiva, ou (para dizer essencialmente a mesma coisa) de sua Ne sub-primitiva. O Dissidente tem problemas em pesar todas as possibilidades de forma imparcial; na verdade, eles tem problemas em manter mais de uma possibilidade em sua mente ao mesmo tempo — não por causa de alguma deficiência mental, mas porque sua Ni, por assim dizer, já escolheu a melhor possibilidade para eles, e fingir que as outras possibilidades parecem igualmente viáveis é uma perda de tempo. O que eles não têm no planejamento da Ne, eles compensam na brutalidade e *blitzkrieg* da Se. Como Alexandre, o Grande, eles só cortaram o nó Górdio em vez de desatá-lo. A Se, por assim dizer, colapsa a nuvem de probabilidade de elétrons da Ne, forçando uma decisão real sobre o mundo.¹⁴ O Dissidente é, a esse respeito, bastante impaciente: eles se saem muito melhor no campo de batalha do que nos conselhos de guerra. Eles estouram: “Siga em frente!” ou “Vá direto ao ponto!” Como George Patton foi ouvido dizendo: “Uma boa solução aplicada com vigor agora é melhor do que uma solução perfeita aplicada dez minutos depois.”¹⁵ Uma ilustração maravilhosa disso é encontrada no relato de Plutarco sobre o primeiro combate de Alexandre, o Grande, com as forças de Dario:

Os comandantes de Dario reuniram um exército considerável e o posicionaram na travessia do rio Grânico... [Alexander] mergulhou no rio com treze esquadrões de cavalaria... esta parecia ser uma tática insana, imprudente e mal-aconselhada. No entanto, ele perseverou na travessia... Diz-se que 20.000 soldados de infantaria e 2.500 cavaleiros morreram no lado Persa, enquanto... perdas entre os homens de Alexandre totalizaram trinta e quatro mortos...

¹⁴ O elétron é um bom símbolo do Dissidente, porque existe como uma entidade real com posição e, no entanto, essa posição é indeterminista.

¹⁵ Conforme citado em *The Unknown Patton* de Province, p. 165. Outra suposta citação de Patton demonstra a preferência do Dissidente pela intensidade linear acima da consciência periférica: “Um maldito idiota disse uma vez que os flancos precisam ser seguros... não concordo com isso. Meus flancos são algo para o inimigo se preocupar, não eu. Antes que ele descubra onde estão meus flancos, estarei cortando a garganta do bastardo,” (em *General Patton: A Soldier's Life* de Hirshson, p. 502).

[Após esta vitória, Alexander] estava indeciso sobre o que fazer a seguir. Ele era frequentemente atraído pela ideia de encontrar Dario e apostar tudo no resultado do encontro...¹⁶

O Advogado do Diabo joga xadrez arranjando todos os movimentos possíveis. O metajogo deles é cognitivo: “Posso fazer malabarismos com mais resultados possíveis do que você; não importa o que você faça, eu tenho uma solução.” Eles jogam xadrez principalmente em sua mente. Mas o Dissidente joga xadrez no tabuleiro; seu metajogo é essencialmente físico — “Tenho reflexos mais rápidos que você; não importa o quão repentinamente um obstáculo apareça, eu posso reagir a tempo.” Eles não podem superar seus oponentes no pensamento, mas conseguem *puxar o gatilho mais rápido*. É claro que, sob tal filosofia, muitas negociações são reduzidas a um tiroteio. O Dissidente pode sair vitorioso, mas apenas a um custo desnecessário. Sua situação é essencialmente a mesma do Fanfarrão: eles devem aprender a ver mais do que diretamente à frente, a considerar mais de *uma* possibilidade, a respirar, a deixar a chama da luxúria se extinguir, mesmo que apenas por um tempo.

Ni (— Te)¹⁷

O Hierofante

Busque o que é significativo (não o que é conveniente).¹⁸

O Hierofante representa a percepção visionária do Alquimista combinada com a inimizade da Consciência por mera conveniência. O resultado é uma espécie de Pitagórico: um orientado para a pura Palavra da Verdade, em vez de trabalhar verdades no mundo. Enquanto o Alquimista efetiva sua visão *externamente* (Te), traduzindo ela em fatos da realidade, o Hierofante efetiva ela *internamente* (Ti), traduzindo ela em uma sintaxe lógica. Como disse Jung: “Um homem é um filósofo de gênio apenas quando consegue transmutar a visão primitiva e totalmente natural em uma ideia abstrata pertencente ao estoque

¹⁶ From his life of Alexander, §16-17 (in *Greek Lives*, p. 326-28)

¹⁷ MBTI: “INFJ”, Socionics: “INFp” ou “IEI”

¹⁸ Peterson, *12 Rules For Life*, Rule 7

comum da consciência.”¹⁹ Assim, como seu nome denota, o Hierofante permanece como o sumo sacerdote e administrador dos mistérios sagrados para a população em geral, mostrando (*phaino*) o que é sagrado (*hieros*); ou, em outras palavras, comunicando (Fe e Se) leis secretas subjacentes do universo (Ni e Ti). Eles perceberam os *significados essenciais* das coisas; eles comungaram com “o espírito das profundezas”, deslizando como a serpente do mundo sob os muitos “espíritos dos tempos.”²⁰

Assim escreveu Dante,

Eu vi como ele [Deus] contém em suas profundezas
todas as coisas ligadas em um único livro pelo amor
cuja criação são as folhas espalhadas:
como substância, acidente e sua relação
foram fundidos de tal forma que o que eu agora
descrevo é apenas um vislumbre dessa Luz.²¹

O Hierofante perscruta o Absoluto, que se reveste de camadas de contingência e aparece diante do olho raso como tantos fenômenos não relacionados — *mas que secretamente são*. O insight mais comum do Hierofante e, portanto, a mais comum de suas “apresentações sagradas”, é a metáfora, isto é, a identidade secreta: A e B são *realmente ambos* C. Assim, temos a teoria das Formas de Platão, a redução da matéria e da mente de Spinoza a atributos da substância e a reconciliação de Jung do materialismo objetivo com a espiritualidade subjetiva. Essa capacidade de identificar o diferente confere ao Hierofante a confiança para explicar tudo no céu e na terra, porque tudo requer apenas um ou dois princípios originais, dos quais o resto deriva logicamente. O resultado é uma abstração progressiva da realidade. O Hierofante *vê verdades (Ni) fundamentais demais para serem imediatamente úteis (Te)*; ou, mais paradoxalmente, eles veem verdades verdadeiras demais para serem reais. Mas este é precisamente o seu valor para o Hierofante, cujo reino é o sagrado, não o profano. Como os reis-filósofos de Platão, eles preferem olhar para o Bem não adulterado do que se sujar no trabalho duro da implementação.

¹⁹ *The Relations Between the Ego and the Unconscious*, part 1, chap. II (p. 154)

²⁰ Dois motivos comuns em *The Red Book* de Jung.

²¹ *The Divine Comedy: Paradise*, Canto XXXIII, lines 85-90 (p. 583)

Eles são mais sacerdotes do que políticos, e sua força está em ensinar, treinar, aconselhar e guiar os atores do mundo, iniciando reis nos mistérios da justiça e interpretando os sinais dos tempos.

No entanto, o Hierofante geralmente não se retrata como um místico ou louco, porque seu objetivo é realmente alcançar as pessoas. Então, eles naturalmente se adaptam à sociedade ao seu redor. É quase um reflexo para eles diluir suas opiniões de acordo com o ceticismo de seu entrevistador. Eles aceitam a opinião dos outros para chegar em um acordo. Disse Paulo: “Dei a vocês leite, e não alimento sólido, pois vocês não estavam em condições de recebê-lo. De fato, vocês ainda não estão em condições.”²² O resultado é que metade da sociedade os proclama gurus, e a outra metade os proclama charlatães; na realidade, eles são um estranho em uma terra estranha, “fazendo como os Romanos fazem”. Como Nietzsche brincou sobre Spinoza,

...considere a mistificação da forma matemática com que Spinoza revestiu sua filosofia... em cota de malha e máscara, para aterrorizar logo de início o coração de qualquer assaltante que ousasse olhar para aquela donzela invencível e Palas Atena: quanta timidez e vulnerabilidade pessoal esta mascarada de eremita doente trai!²³

Como a Consciência, eles desejam fazer o *certo*, o que eles concebem em termos de *dever*, isto é, justiça universal. Como esses princípios são mantidos à parte da contingência externa (Ti), os sentimentos que resultam desses princípios são principalmente de caráter impessoal e imparcial (Fe); eles sentem pena, por assim dizer, *na hora*, isto é, de acordo com seu *dever*. No entanto, a piedade é genuinamente sentida, na medida em que se coordena com a dança extrovertida do sentimento; assim, a dor do outro torna-se sua dor desde que esteja no ritmo da música, isto é, traduzida em termos convencionais (algo que o tipo Fi detesta fazer). Combine essa simpatia de colmeia com a percepção da Ni no topo da montanha, e o tipo resultante tem um coração que anseia por toda a humanidade, sobrecarregado e enervado por um senso de propósito e responsabilidade que beira o complexo do

²² 1 Corinthians 3:2, KJV

²³ *Beyond Good and Evil*, §6

Messias. Eles vêem a solução para *todos* os problemas do mundo e, portanto, sentem, com “amor insaciável pela humanidade”²⁴ e “da mais pura benevolência, para imprimir esta verdade sobre [ela].”²⁵

Oh, se eu fosse um anjo, e pudesse ter o desejo de meu coração, que eu pudesse sair e falar com a trombeta de Deus, com uma voz para abalar a terra e clamar arrependimento a todos os povos! Sim, gostaria de declarar a todas as almas, como com a voz do trovão, arrependimento e o plano de redenção, que se arrependam e venham a nosso Deus, para que não haja mais tristeza em toda a face da Terra.²⁶

Siddhartha Gautama é o arquétipo aqui: profundamente perturbado pelo sofrimento do mundo, ele se retirou para si mesmo, sua mente em pousio, até que a Iluminação brotou como se semeada por um deus; e, a partir desse momento, ele se tornou o Buda, ensinando a seus seguidores a verdadeira natureza quádrupla da realidade e o Caminho Óctuplo da salvação.

Assim escreveu Platão,

...Fiquei enojado [com a política corrupta ao meu redor] e me afastei da maldade predominante... a corrupção da lei escrita e do costume estabelecido estava ocorrendo em um ritmo surpreendente, de modo que eu... [fiquei] tonto com o espetáculo da confusão universal. Não deixei de considerar como uma melhoria poderia ser efetuada nesta situação particular e na política em geral... finalmente cheguei à conclusão de que a condição de todos os estados existentes é ruim... [e] que os problemas da humanidade nunca cessarão até que filósofos verdadeiros e genuínos alcancem o poder político ou os governantes de estados por alguma dispensação da providência se tornem filósofos genuínos.²⁷

²⁴ Gandhi, “The Message of Mahatma Gandhi,” *Harijan*, 2 de março de 1934, p. 23; a citação completa diz: “Minha vida é um todo indivisível, e todas as minhas atividades se cruzam; e todos eles têm sua origem em meu amor insaciável pela humanidade.”

²⁵ Wollstonecraft, *A Vindication of the Rights of Woman*, chap. IX (p. 154)

²⁶ Discurso de Alma, o filho, no Livro de Mórmon, Alma 29:1-2

²⁷ The Seventh Letter, 325a – 326b (p. 113-14)

Mas, como nunca deve ser esquecido, assim também escreveu aquele arquétipo vivo do mal moderno, Adolf Hitler,

Comecei a ver através do significado de toda uma série de eventos que estavam ocorrendo... Tudo isso foi inspirado por um conceito geral de costumes e moral que foi colocado em prática abertamente por uma grande parte dos Judeus e poderia ser estabelecido como atribuível a eles.... Eu não tinha mais hesitação em trazer à luz o problema Judaico em todos os seus detalhes... Agora percebi que os Judeus eram os líderes da Democracia Social. Diante dessa revelação as cascas caíram dos meus olhos. Minha longa luta interior estava no fim... Assim eu finalmente descobri quem eram os espíritos malignos que levaram nosso povo ao erro... As grandes massas podem ser resgatadas, mas muito tempo e grande parte da paciência humana devem ser dedicados a tal trabalho.²⁸

Hitler era movido por uma visão profundamente pessoal, mas também “[respondia] às vibrações do coração humano com a delicadeza de um sismógrafo,”²⁹ e, portanto, tinha o potencial de agitar as massas sob uma bandeira espiritual. Que tal bandeira possa simbolizar um tremendo mal (ou, no mínimo, uma tremenda tolice) não requer mais elaboração, pois já se mostrou muito claramente para nós modernos.

Platão demonstra outra característica do Hierofante, aludida no parágrafo inicial desta descrição: eles não encontram, como o Alquimista, sua solução em alguma nova combinação dos materiais existentes do mundo (por exemplo, o materialismo dialético de Marx); antes, sua solução está no reino dos ideais, que, como tal, só podem ser plenamente apreciados pela mente individual. Assim, o Hierofante assume que a mudança real e

²⁸ *Mein Kampf*, vol. I, chap. II

²⁹ Otto Strasser, *Hitler and I*, p. 62; o restante de seus comentários são de interesse: “[ele faz discursos] com uma certeza com que nenhum dom consciente poderia dotá-lo, para atuar como um alto-falante proclamando os desejos mais secretos, os instintos menos admissíveis, os sofrimentos e revoltas pessoais de uma nação inteira. Mas seu próprio princípio é negativo. Ele só sabe o que quer destruir. Ele derruba muros sem ter ideia do que vai construir no lugar deles.”

duradoura só acontecerá quando *os indivíduos enxergarem a Verdade por si mesmos* e ordenarem suas vidas de acordo (em outras palavras, quando as pessoas se arrependem de seus pecados e se submetem ao único deus verdadeiro). A otimização de sistemas é totalmente secundária à transformação das mentes dos otimizadores e operadores do sistema. Enquanto Marx assume que uma mudança nas condições materiais resultará em mudanças da consciência, Platão insiste que somente uma mudança da consciência pode assegurar mudanças nas condições materiais. Para o Hierofante, isso resulta em uma fé notável (e eventualmente absurda) na mente como mais importante que a matéria. Como Epicteto dramatiza,

“Conte-nos seus segredos.”

“Eu me recuso, pois isso depende de mim.”

“Eu vou colocar você acorrentado.”

“O que você diz, amigo? É só minha perna que você vai acorrentar, *nem mesmo Deus pode conquistar a minha vontade.*”

“Eu vou te jogar na prisão.”

“Correção — é o meu corpo que você vai jogar lá.”

“Eu vou decapitar você.”

“Bem, quando eu afirmei que o meu era o único pescoço que não podia ser cortado?”³⁰

Nisto, vemos que o Hierofante tem uma relação peculiar com o presente. Pois, por um lado, enquadram a Verdade como algo

³⁰ *Discourses*, Book 1, chap. 1, §23-24; ênfase do autor. Uma situação notavelmente semelhante ocorreu durante a aparição de Jordan Peterson em um painel discutindo o projeto de lei C-16 do Canadá, que prescrevia multas por “errar o gênero da pessoa” em discurso. Quando confrontado com o fato de que a punição do projeto de lei não envolvia prisão, Peterson simplesmente respondeu: “E se eu não pagar a multa?” Mais tarde, ele elaborou: “Se eles me multarem, não pagarei. Se me colocarem na cadeia, farei greve de fome. Não vou fazer isso, e é isso,” (em *The Agenda with Steve Paikin*, “Genders, Rights and Freedom of Speech,” timestamps 26:50 e 51:30). Peterson, assim, mudou a questão de “Esta lei é realmente tão ruim assim?” para “Você está disposto a tornar esta lei tão ruim assim?” O outro lado é *testado em submissão*, pressionado sob um peso gradual, mas infinitamente crescente. “Você seguirá seus princípios até o fim? Porque eu vou. Vou seguir isso até o amargo fim.”

transcendente e universal, algo independente de contingências e condições, um númeno; e, no entanto, eles também sentem que podem ver essa Verdade com os olhos da mente, tornando-a um fenômeno. Assim, a Verdade é encontrada na interseção do eterno e do imediato.³¹ O Hierofante vê claramente o dodecaedro transcendente, mas apenas o lado que está de frente para eles. Eles são como os Flatlanders de Abbott, observando algo tridimensional passar por seu plano bidimensional.³² O resultado é que, como Gandhi admitiu livremente (mas muitos Hierofantes não),

...Estou longe de reivindicar qualquer finalidade ou infalibilidade sobre minhas conclusões... [ainda que] Para mim elas parecem estar absolutamente corretas, e parecem, por enquanto, ser definitivas. Pois se não fossem, eu não deveria basear nenhuma ação nelas.

...Eu adoro a Deus como Verdade somente. Ainda não o encontrei, mas procuro-o... enquanto eu não tiver realizado esta Verdade Absoluta, por tanto tempo devo manter a verdade relativa como eu a concebi.³³

O confronto do Hierofante com *Wakinyan* é essencialmente o mesmo que o do Alquimista: seu espírito está sujeito a “flutuar para longe” de seu corpo. No caso do Hierofante, seu senso de responsabilidade quase cósmica pode progredir para o que Jung descreveu como “inflação psíquica”, ou “...uma extensão da personalidade além dos limites individuais, em outras palavras, um estado de estar inchado. Em tal estado um homem preenche um espaço que normalmente ele não pode preencher...

³¹ Wittgenstein raciocinou: “Se por eternidade não se entende a duração temporal infinita, mas a atemporalidade, então vive eternamente aquele que vive no presente,” (*Tractatus Logico-Philosophicus*, 6.4311).

³² Diz uma esfera para um flatlander: “Você me chama de Círculo; mas na realidade não sou um Círculo, mas um número infinito de Círculos, de tamanho variando de um ponto a um Círculo de treze polegadas de diâmetro, um sobre o outro. Quando eu corto seu plano como estou fazendo agora, faço em seu plano uma seção que você, muito corretamente, chama de Círculo”. (*Flatland*, chap. 16; p. 85).

³³ *Autobiography*, Introduction (p. viii-ix)

apropriando-se de conteúdos e qualidades que existem propriamente para si...” Em outras palavras, o Hierofante pode superidentificar-se com suas visões extraordinárias, esquecendo-se de que está preso a um corpo muito comum com limites muito comuns. Como os reis-filósofos de Platão, eles detestam o mundo empírico mundano, chato e cotidiano, “imaginando que eles já estão morando separados nas ilhas dos abençoados.”³⁴ Tal atitude escapista os tenta à arrogância, um senso de superioridade e diferença, narcisismo ou simplesmente uma ruptura esquizotípica com a realidade. O desafio, portanto, é encontrar valor e até alegria precisamente no que é mais oposto à sua natureza e, portanto, mais necessário para eles: uma base na vida real, nas responsabilidades comuns, nas condições que compartilham com as próprias pessoas que desejam ensinar. Se a Consciência deve aprender a pensar grande, o Hierofante deve aprender a pensar pequeno.

Alguém me perguntará por que diabos tenho relatado todas essas pequenas coisas que geralmente são consideradas questões de completa indiferença: eu só me prejudico, ainda mais se estou destinado a representar grandes tarefas. A resposta: essas pequenas coisas — nutrição, lugar, clima, lazer, toda a casuística do egoísmo — são inconcebivelmente mais importantes do que tudo o que se considerou importante até agora. Precisamente aqui se deve começar a *reaprender*. O que a humanidade até agora considerou seriamente não foram nem realidades, mas meras imaginações... aprendemos a desprezar as “pequenas” coisas, o que significa as preocupações básicas da própria vida.³⁵

³⁴ *Republic*, 519c (p. 229)

³⁵ *Ecce Homo*, “Why I Am So Clever,” §10 (p. 712)

Fe (— Si)³⁶

O Diplomata

...ninguém que se preocupa com seus próprios negócios
tem negócios aqui.³⁷

O Diplomata une o comunalismo do Pastor com o imediatismo do Movedor de Montanhas. Como o Pastor, eles se movem de Fi → Fe, e acreditam, como Erasmo, que “Verdadeiro amor visa principalmente o benefício de outro”, e que “nenhum cristão [deveria] pensar que nasceu para si mesmo, nem deseja viver para si mesmo”. Um é julgado, não de acordo com seu próprio contexto, mas de acordo com um código transcontextual, isto é, o movimento primitivo Te → Ti: “Atreva-se também a fixar as regras de sua própria seita no fundo. Atreva-se a adotar completa e firmemente as opiniões *de seu criador*.”³⁸ A pessoa deve submeter-se a uma lei mais elevada e racional conhecida pela mente (Fe-Ti). Por isso, “acho que é um grande erro, de fato, chamar virtuosas as ações que procedem inteiramente de inclinações naturais. Essas são ainda certas paixões que alguns confundem com virtude... Podemos falar de virtude a esse respeito apenas na superação de uma inclinação para o mal.”³⁹

Por outro lado, como o Movedor de Montanhas, o Diplomata muda de Si para Se, da percepção pensativa para a percepção imediata; assim, raciocina Erasmo, “Se nossa primeira regra exige que não duvidemos de nada nas promessas divinas, a segunda é que ajamos de acordo com essas promessas *sem demora e hesitação*.”⁴⁰ Sobre um assunto diferente, mas no mesmo espírito, ele diz: “Trate cada batalha [contra a tentação] como se fosse a última, e você terminará, no final, vitorioso.”⁴¹ O Diplomata quer se conectar com o momento presente, juntar-se à dança da Se, causar *um impacto de sentimento* sobre a única e

³⁶ MBTI: “ENFJ”, Socionics: “ENFj” ou “EIE”

³⁷ Pericles, quoted by Thucydides in his *History*, Book II, §40 (trans. mine)

³⁸ *The Handbook of a Militant Christian*, chap. II, sixth rule (p. 72-73; ênfase do autor)

³⁹ Ibid. chap. I, §7 (p. 50-51); compare com o conceito de dever de Kant.

⁴⁰ Ibid. chap. II, second rule (p. 53; ênfase do autor)

⁴¹ Ibid. thirteenth rule (p. 78)

verdadeira realidade externa. Assim, quando Erasmo insiste na dimensão simbólica das escrituras e do mundo, ele também insiste que os símbolos têm interpretações fixas e mutuamente consistentes:

Devemos considerar tudo o que percebemos através de nossos sentidos em termos de sua relação com o mundo inteligível. O sol, por exemplo, no mundo visível pode ser comparado à mente divina. A lua pode ser pensada em termos de toda a assembléia das hostes angélicas e dos eleitos que chamamos de Igreja Triunfante. Esses corpos celestes operam em relação à terra como Deus faz em relação à nossa alma.⁴²

Ao contrário do Pastor, o Diplomata é menos inclusivo de diferentes interpretações ou perspectivas. Eles são mais motivados a falar do que a ouvir, porque têm algo muito importante a dizer. *Em um esforço para unir as massas (Fe), eles esmagam todas as experiências alternativas da realidade (Si).* Assim, enquanto o Pastor superdilue sua comunidade, o Diplomata a supersatura. O Pastor é muito passivo em relação a diferentes pontos de vista; sua própria identidade torna-se sem sentido, sem fronteiras. O Diplomata, por outro lado, é muito *ativo* em relação a diferentes pontos de vista, convertendo-os e redirecionando-os para alinhar com seu próprio contexto e objetivos. Eles assimilam e colonizam: têm uma mensagem e uma missão. Eles aplicam a mesma fórmula que o Hierofante: A e B são realmente ambos C. Mas enquanto o Hierofante usa isso para descrever o mundo, o Diplomata está mais no negócio de reconciliação social ou política, mostrando que ambas as partes estão realmente na equipe do Diplomata. Assim, o Papa João Paulo II sugeriu, “A ciência pode purificar a religião do erro e da superstição; a religião pode purificar a ciência da idolatria e dos falsos absolutos. Cada um pode atrair o outro para um mundo mais amplo, um mundo no qual ambos podem florescer.”⁴³ Isso dá ao Diplomata um senso de visão cósmica e responsabilidade resultante semelhante ao Hierofante, exceto que

⁴² Ibid. fifth rule (p. 62); contraste essas tendências com a crítica de Derrida ao “centro ausente” em “Structure, Sign and Play in the Discourse of the Human Sciences.”

⁴³ Carta ao Reverendo George V. Coyne, 1 de junho de 1988.

seu foco está mais nas pessoas envolvidas do que nas ideias que as unem.

Como disse Martin Luther King Jr.,

Estou ciente da inter-relação de todas as comunidades e estados. Não posso ficar de braços cruzados em Atlanta e não me preocupar com o que acontece em Birmingham. A injustiça em qualquer lugar é uma ameaça à justiça em todo lugar. Estamos presos em uma rede entrelaçada e inescapável de mutualidade, amarrados em uma única roupa de destino. Qualquer coisa que afeta um diretamente, afeta todos indiretamente. Nunca mais podemos nos dar ao luxo de viver com a idéia estreita e provinciana de "agitador externo". Quem mora nos Estados Unidos nunca pode ser considerado um estranho.⁴⁴

Esse senso de entrelaçamento da humanidade e a necessidade de harmonia e acordo entre todos os seus membros ameaça os iconoclastos, para o bem ou para o mal.

Por um lado, temos o trabalho e a estratégia do referido Dr. King, que insistiu que “há um tipo de tensão construtiva não-violenta que é necessária para o crescimento... [e] ajudará os homens a subir das profundezas sombrias do preconceito e do racismo às alturas majestosas de compreensão e fraternidade.”⁴⁵ Além disso,

Trazemos [a injustiça] à tona, onde ela pode ser vista e tratada. Como um tumor que nunca pode ser curado enquanto estiver coberto, mas deve ser aberto com toda a sua feiúra purulenta aos remédios naturais do ar e da luz, a injustiça também deve ser exposta, com toda a tensão que sua exposição cria, à luz da consciência humana e ao ar da opinião nacional antes que possa ser curada.⁴⁶

Aqui, a iconoclastia é as “profundezas sombrias do preconceito” e “um tumor... coberto.” Vários grupos estão isolados de seus irmãos por tradições, que mantêm entre si e os

⁴⁴ *Letter from a Birmingham Jail*, ¶4 (p. 264)

⁴⁵ *Ibid.* ¶10 (p. 265)

⁴⁶ *Ibid.* ¶23 (p. 269)

outros. O Diplomata está determinado a quebrar tais barreiras, filtros e interposições: *para colocar todos na mesma página iluminada*. Mas é preciso ter cuidado para que seus esforços não joguem todos no *mesmo* poço escuro, como foi o trabalho e a estratégia de Joseph Goebbels, que declarou: “A Alemanha só será livre quando os trinta milhões de esquerda e os trinta milhões de direita poderem chegar a um entendimento.”⁴⁷ Tal unidade vem *via* “propaganda”:

Conquistar as pessoas para algo que reconheço como certo, isso é o que chamamos de propaganda... Embora eu deva me ater inabalável e inalterável à ideia, a propaganda se ajusta às condições prevalecentes. A propaganda é sempre flexível. Diz coisas diferentes aqui do que lá... Converso de maneira diferente no bonde com o condutor do que com um empresário. Se não o fizesse, o empresário pensaria que eu estava louco e o condutor do bonde não me entenderia.⁴⁸

Enquanto o Movedor de Montanhas mede seu sucesso em termos de quanto eles implementam seu sonho Fi na realidade Te, o Diplomata mede seu sucesso em termos de quantas pessoas persuadiram (Fe) para sua realidade Ti. O assentimento popular, embora não seja uma condição suficiente para a validade, continua sendo uma condição *necessária* para isso, simplesmente porque a validade é universal: deve ser possível para *todos* entender suas provas. Como Adler disse sobre a psicanálise: “É uma ciência que não pode ser desenvolvida com o único propósito de desenvolver especialistas ocasionais. Somente a compreensão da natureza humana *por cada ser humano* pode ser seu objetivo adequado.”⁴⁹ Assim, o Diplomata reconhece uma dimensão de dependência que escapa (ou é escapada) pelo Movedor de Montanhas. Adler chega a dizer que,

Podemos julgar um personagem como mau ou bom apenas do ponto de vista da sociedade. O caráter, assim como

⁴⁷ Discurso, “Lênin ou Hitler?” entregue em 17 de setembro de 1925 (em *Nazi Propaganda* de Zeman, p. 200)

⁴⁸ Discurso no *Hochschule für Politik*, 9 de Janeiro de 1928.

⁴⁹ Adler, *Understanding Human Nature*, Introduction (p. 15)

qualquer conquista na ciência, na política ou na arte, só se torna notável quando prova seu valor universal. Os critérios pelos quais podemos medir um indivíduo são determinados pelo seu valor para a humanidade em geral... um homem que supera as tarefas e dificuldades que estão diante dele de uma maneira que é útil para a sociedade em geral⁵⁰

O Diplomata é apenas isso: um diplomata, um negociador, um estadista. Enquanto o Movedor de Montanhas pode colidir com a sociedade em termos de condições externas e factuais, o choque do Diplomata com a sociedade é internalizado: torna-se semelhante a um choque entre filho e pai, pois lutar contra o pai (sociedade) é ameaçar a origem e base da própria existência. O Diplomata sente sua própria contingência sobre os outros: sem eles, seria um Péricles sem Atenas, um Cícero sem Roma. Nisto reside seu confronto com a Te, pois a Te representa a capacidade e a disposição de *recusar negociações* por causa de fatos claros. Desconsiderar toda opinião contrária e ficar sozinho em sua própria cabeça é para eles uma prova tão terrível quanto foi para Jó, cuja coroa de miséria não foi a perda de sua saúde, mas a perda do apoio de seus amigos.

E, no entanto, é isso que, em última análise, requer uma plenitude de vida. “Se alguém vem a mim e não odeia seu pai, e mãe, e mulher, e filhos, e irmãos e irmãs, sim, e também a sua própria vida, não pode ser meu discípulo.” Ou, como ensinou Kierkegaard, não basta permanecer no ventre nutridor da vida “ética” (isto é, o mundo social, universalmente inteligível); deve-se nascer de novo como um indivíduo para a vida “religiosa”, onde se desfruta da comunhão pessoal, e necessariamente *privada*, com a divindade. Elias, o profeta, foi expulso de sua comunidade pela vingativa Jezabel; ali, sozinho no deserto, debaixo do zimbros, ele orou pela morte. Em vez disso, o próprio Deus providenciou sua nutrição, mesmo por quarenta dias e quarenta noites.⁵¹ Simbolicamente, podemos dizer que sua carne se tornou os fatos da Te.

⁵⁰ Ibid., Book 1, chap. 2, §IV (p. 38)

⁵¹ Kings 19:1-8, KJV

Ti (— Ne)⁵²

O Monge

Nossa vida é desperdiçada por detalhes...

Simplifique, simplifique.⁵³

O Monge combina a racionalidade imparcial do Pensador com o gênio reservado do Artista. Como o Pensador, eles procuram os princípios por trás das coisas e, como o Artista, eles se concentram em uma visão pessoal, sem distrações do resto do mundo. O Monge corta a gordura até o osso; isso eles tomam como sua Verdade: não adulterada, não enlameada, limpa e pura. Eles compartilham o mantra de Steve Jobs: “foco e simplicidade”. Jobs explicou: “O simples pode ser mais difícil do que o complexo: você precisa trabalhar duro para deixar seu pensamento limpo para torná-lo simples. Mas no final vale a pena porque uma vez que você chega lá, você pode mover montanhas.”⁵⁴ Na sabedoria de Miyamoto Musashi, “...quando você bate em um homem livremente, você bate em qualquer homem no mundo. O espírito de derrotar um homem é o mesmo para dez milhões de homens. O estrategista transforma pequenas coisas em grandes coisas, como construir um grande Buda a partir de um modelo de um pé.”⁵⁵ O Monge é caracterizado por sua fé em *um segredo único e simples*, um grande princípio subjacente, a palavra sagrada de poder. Quando esta palavra é conhecida, tudo o mais segue: é o ritmo do universo. “Marta, Marta”, disse Jesus, “estás ansiosa e afadogada com muitas coisas, mas uma só é necessária; E Maria escolheu a boa parte, a qual não lhe será tirada.”⁵⁶ Ou, nas palavras de um poeta,

Dos caminhos felizes da virtude distante
Os de língua dupla com certeza se perderão;

⁵² MBTI: “ISTP”, Socionics: “ISTj” ou “LSI”

⁵³ Thoreau, *Walden*, “Where I Lived, and What I Lived For” (p. 135-36)

⁵⁴ Entrevista com Andy Reinhardt, em *Business Week*, “There’s Sanity Returning,” 25 de Maio de 1998.

⁵⁵ *A Book of Five Rings*, p. 43-44

⁵⁶ Luke 10:41-42 (trad. do autor)

O bem ainda é uma jornada direta,
E caminhos labirintos só levam ao mal.⁵⁷

O Monge obedece ao princípio (Ti) apesar de toda distração (Ne). Eles conhecem seu amor, Tam Lin, e se ele aparece como um tritão, cobra ou leão, eles nunca o deixarão ir. Assim, por um lado, eles se submetem a um princípio que transcende seu contexto imediato (por exemplo, a salamandra, a cobra ou o leão é realmente Tam Lin); mas, por outro lado, sua submissão a esse princípio é isolada de alternativas “mente-justa” (por exemplo, eu só e sempre mantereí Tam Lin). Seu objetivo é ser totalmente *destemido*: andar sobre as águas na tempestade, seu foco nunca se desviando do Salvador.⁵⁸ Eles “não tem medo de nada nem de ninguém.”⁵⁹ Assim, quando questionado sobre as ameaças de morte dos rebeldes, Vladimir Putin respondeu:

Nunca se deve temer tais ameaças. É como com um cão, sabe. Um cão sente quando alguém está com medo dele e morde. O mesmo se aplica aqui. Se você ficar nervoso, eles pensarão que são mais fortes. Apenas uma coisa funciona em tais circunstâncias — ir para a ofensiva. Você deve bater primeiro e bater com tanta força que seu oponente não se levantará.⁶⁰

Tal destemor é obtido através da *autodisciplina*, isto é, a encarnação de uma Verdade desencarnada, a contextualização do universal. “Ensine sua estratégia *corporal*”, disse Miyamoto Musashi; “...através da luta com os inimigos, você gradualmente conhecerá o princípio do Caminho.”⁶¹ Não basta formular a lei; deve-se decretá-la; mas também não é suficiente meramente agir; é preciso ter regras de ação, de acordo com a Natureza. Essa posição teocrática do Monge é antecipada em *Critique of*

⁵⁷ Poema prefaciário para *Wieland* de Charles Brown.

⁵⁸ Veja Matthew 14:29-31

⁵⁹ Miles Davis, entrevista com Alex Haley em *Playboy*, Setembro de 1962.

⁶⁰ Entrevista em *First Person*, p. 168

⁶¹ *A Book of Five Rings*, 66 (ênfase do autor)

Judgement de Kant, onde “Julgamento em geral é a capacidade de pensar o particular como contido sob o universal,”⁶² e, portanto,

O problema... é fazer uma experiência conectada a partir de dadas percepções de uma natureza que contém, em todos os eventos, uma infinita variedade de leis empíricas. O entendimento está, sem dúvida, de posse *a priori* de leis universais da natureza, sem as quais a natureza não poderia ser um objeto da experiência, mas precisa, além disso, de uma certa ordem da natureza em suas regras particulares, que só podem ser empiricamente conhecidas e que são, quanto ao entendimento, contingentes.⁶³

Em outras palavras, conhecer as regras do xadrez (“leis universais da natureza”) não é condição suficiente para *vencer* no xadrez; deve-se também discernir cada metajogo em particular gerado dentro de cada partida em particular (“as regras particulares”). Trata-se de intuir a melhor aplicação do princípio universal dentro de um dado contexto. É uma temporalização do atemporal, a vivência de um arquétipo, um mistério teocrático, que não pode ser resolvido linguisticamente, mas deve ser vivido contextualmente. Como Musashi insistiu, “A linguagem não se estende a explicar o Caminho em detalhes, mas pode ser entendido intuitivamente... Se você apenas ler este livro, não alcançará o Caminho da estratégia. *Absorva* as coisas escritas neste livro.”⁶⁴ Apenas traços largos da caneta são adequados para registrar a Verdade; os detalhes devem ser descobertos por conta própria. O princípio brilha como a lua atrás de um castelo no topo de uma colina, mostrando o destino e o caminho geral, mas não os buracos, os arbustos de espinheiro, os lobos ao longo do caminho. Assim, aconselha Musashi, “você deve treinar dia e noite para tomar decisões rápidas.”⁶⁵ Além disso,

Há tempo em tudo... Você deve ser capaz de discernir isso... Desde o início você deve saber o tempo aplicável e o

⁶² Introduction, §IV (p. 15)

⁶³ Ibid. §V (p. 21)

⁶⁴ *A Book of Five Rings*, p. 53 (ênfase do autor)

⁶⁵ Ibid. p. 44

tempo inaplicável, e das coisas grandes e pequenas e os tempos rápidos e lentos encontrar *o tempo relevante*... Você vence em batalhas... conhecendo o tempo dos inimigos e, assim, usando um tempo que o inimigo não espera.⁶⁶

O conceito de “tempo” é outro ponto de interseção entre o princípio atemporal, universal, e o corpo temporal, contextual. É preciso aprender a *ver*, em tempo real, o andaime invisível da realidade; deve-se conformar o corpo ao princípio não encarnado. Isso é *autodisciplina*. Como Diógenes de Sinope teria dito: “Nada na vida... tem qualquer chance de sucesso sem autodisciplina. Com ela, porém, tudo [é] possível. Então, por que não escolher ser feliz evitando esforços vãos e concentrando-se apenas no que a natureza exige, em vez de nos tornarmos miseráveis com esforços desnecessários?”⁶⁷ O próprio apelido “Monge” implica essa ideia de autodisciplina: o juramento ascético, o claustro nu, a meditação em cima de um poste. A Ti eleva o corpo contextual a um plano superior. Mas isso leva a várias complicações relacionadas ao seu sentimento primitivo. Ao contrário do Diplomata ou Hierofante, que tentam mitigar suas verdades para o bem de seu público, o Monge serve seus remédios sem açúcar. Eles se tornam primitivos em seu senso de união Fe, de modo que, embora sua racionalidade seja universal, eles sabotarão esse objetivo ofendendo abertamente seu público, destemidamente “dizendo como é” ou “fazendo como é”.

Por exemplo, “Era o hábito [de Diógenes] fazer tudo em público... Pego regularmente se masturbando em público, ele dizia: ‘Se esfregar meu estômago pudesse aliviar as dores da fome tão facilmente.’ Muitas outras palhaçadas são atribuídas a ele, muitas para serem contadas individualmente.”⁶⁸ Fi → Fe representa uma expansão em seus valores do pessoal para o impessoal (universal). Quando este movimento é primitivo, o calor natural da Fe esfria em um cálculo utilitário. Então o Monge pode se tornar um tirano, exigindo um alinhamento cada vez mais estrito com o Caminho, ignorando as diferenças da Fi em favor da

⁶⁶ Ibid. p. 48-49 (ênfase do autor)

⁶⁷ Diogenes Laertius’ *Lives*, 6.71; em *The Cynic Philosophers*, p. 30

⁶⁸ Ibid. 6.69; em *ibid.* p. 42

união da Fe para uma verdade da Ti supostamente universal,⁶⁹ cortando o dedo do pé ou o calcanhar das meias-irmãs para encaixar o sapatinho de cristal.⁷⁰

O remédio para isso não é a Fe, mas a Fi. Eles devem ser reconciliados com a não universalização da humanidade — a perigosa ideia Kierkegaardiana de que a justiça não é redutível ao alinhamento com leis transcontextuais, mas tem um componente subjetivo irredutível. Isto é simplesmente para dizer que um tamanho não serve para todos; a existência monástica não é adequada para cada indivíduo; *a palavra secreta de poder não funciona em todos*. Para tais exceções, deve-se aprender a ter *empatia* com sua situação, e isso só é possível quando o Monge pode traçar paralelos da Fi com sua própria vida. E isso, por sua vez, só é possível se o Monge estiver disposto a deixar seu mosteiro e seus juramentos, mesmo que apenas por um tempo, e experimentar *outros modos de vida*, não apenas como versões imperfeitas do único princípio do Monge, mas como princípios legítimos em si. O Monge deve entender o verdadeiro significado do pluralismo. Como disse Joseph Smith: “Se considero que a humanidade está em erro, devo derrubá-la? Não! Vou levantá-la — *e à sua maneira*, se não posso persuadi-lo que meu caminho é melhor. Não pedirei a nenhum homem que acredite como eu.”⁷¹

⁶⁹ Lembramos a imagem sombriamente cômica de Wittgenstein como professor primário. Veja especialmente *Ludwig Wittgenstein: The Duty of Genius*, Free Press de Ray Monk, 1990, p. 232.

⁷⁰ Na versão de Cinderela dos irmãos Grimm, o sapatinho identificaria a noiva escolhida do príncipe; assim, a malvada madrasta raciocinou: “Corte fora seu dedo do pé [ou calcanhar], pois se você é rainha, não precisa mais andar a pé,” (*Grimm’s Fairy Tales*, “Cinderella”; p. 92).

⁷¹ Entrada de 9 de julho de 1843, em *The Joseph Smith Papers, Journal for December 1842 para junho de 1844*, Book 2, p. 302

7D: Tipos Anárquicos

Si (— Fe)¹

O Veterano

...o Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça.²

O Veterano é a interseção da Consciência e do Alquimista: sua percepção é receptiva e seu julgamento é projetivo. Thomas Hobbes descreve a psicologia resultante:

A causa do sentido é o corpo externo, ou objeto, que pressiona o órgão adequado de cada sentido.... cuja pressão, pela mediação dos nervos e outras cordas e membranas do corpo, continua para dentro do cérebro e do coração, [e] causa ali uma resistência, ou contrapressão, ou esforço do coração para entregar-se, cujo esforço [é] para fora...³

Nesse modelo vibratório de percepção, já vemos a diferença entre a Consciência e o Veterano: enquanto a Consciência (como tipo democrático) busca *harmonizar-se* com essas vibrações externas, deixando-as informar plenamente o cérebro e o coração, que por sua vez respondem, o Veterano (como um tipo anárquico), sente que suas entranhas são de alguma forma *incomensuráveis* com o mundo exterior, de modo que a harmonização, mesmo que desejável, não é estritamente possível. O mundo, como um objeto de percepção, representa um impacto contínuo sobre o Veterano, uma grande pedra de tropeço colocada no caminho de seus desejos da Fi. Freud afirmou que “seu programa está em desacordo com o mundo inteiro... todos os regulamentos do universo vão contra ele... a intenção de que o homem seja ‘feliz’ não está incluída no plano da ‘Criação.’”⁴ Aqui também vemos a diferença do Veterano em relação ao Alquimista, que vê o mundo em termos de oportunidades e utilidades, ao invés de obstáculos e inimigos.

¹ MBTI: “ISTJ”, Socionics: “ISTp” ou “SLI”

² Matthew 8:20, KJV

³ *Leviathan*, chap. 1 (p. 1; Eu modernizei a ortografia e a gramática)

⁴ *Civilization and its Discontents*, p. 23

Pois, o Veterano não projeta seus próprios objetivos nos objetos, nem dá como certo que a cooperação desses objetos pode ser negociada; em vez disso, eles vêem objetos (e pessoas) como entidades em si mesmos e, portanto, como fundamentalmente imprevisíveis, incertas, não confiáveis. A atitude do Dissidente é assim virada de dentro pra fora: enquanto o Dissidente vê o mundo exterior como previsível e a si mesmo como imprevisível, o Veterano vê a si mesmo como previsível e o mundo como imprevisível.

O mundo dos Veteranos é inerentemente perigoso, e a palavra mais antitética para eles é “ingenuidade”. Não se pode precipitar-se em uma situação, meramente reagindo a estímulos do agora; é preciso ser *cauteloso* e, portanto, paciente, escrupuloso, e meticuloso: a tartaruga em vez da lebre. O Veterano pode ser resumido: *cautela (Si) nascida da incomensurabilidade* (— *Fe*). Ao contrário da Consciência ou do Alquimista, eles sentem que eles mesmos e seus desejos estão “fora de sintonia” com a forma como o mundo de fato *é*.⁵ Por exemplo, o modelo psíquico de Sigmund Freud, que postulou o ego como o mediador entre a luxúria amor al do id e as realidades do mundo externo:

...em cada ser humano existe... duas forças psíquicas (tendências ou sistemas), uma das quais forma o desejo expresso pelo sonho, enquanto a outra exerce uma censura sobre esse desejo onírico, impondo-lhe assim uma distorção.⁶

...o ego é aquela parte do id que foi modificada pela influência direta do mundo externo... o ego parece exercer a influência do mundo externo sobre o id e suas tendências, e se esforça para substituir o princípio de realidade pelo princípio de prazer que reina irrestritamente no id.⁷

⁵ É revelador que Freud, no capítulo de abertura de *Civilization and Its Discontents*, admite: “A ideia de os homens receberem uma intimação de sua conexão com o mundo ao seu redor... soa tão estranho e se encaixa tão mal com o tecido da nossa psicologia... Normalmente, não há nada de que tenhamos mais certeza do que o sentimento de nosso eu, de nosso próprio ego. Esse ego nos aparece como algo... marcado distintamente de todo o resto,” (p. 12-13).

⁶ *The Interpretation of Dreams*, chap. IV (p. 191)

⁷ *The Ego and the Id*, chap. II (p. 15)

O mundo não está interessado nem projetado para a felicidade do Veterano. Eles se sentem como um rato caçando queijo em uma casa determinada a exterminá-los. Assim, eles devem distinguir mussarela de ratoeira, provolone de veneno; eles devem manter em mente o que está atualmente ausente, mas eternamente presente, e nunca se distrair com o glamour do momento. “[Não] fique viciado no brilhante,” disse Jeff Bezos, “porque o brilhante não dura.”⁸ Sua vulnerabilidade lhes confere incredulidade; eles se orgulham de não serem enganados ou “tomados por tolos”. Através da Si eles são sensíveis a disfarces de superfície, e através da Fi eles têm amplas razões para testá-los, usando a Te para fazer buracos nas paredes de papel em seu caminho. Eles carregam um diapasão mágico que testa a integridade dos materiais de construção e a autenticidade das joias. O que eles procuram é uma *solidez* total. Eisenhower, ao assumir o comando de seu exército, escreveu, “Este é um caminho longo e difícil que temos que percorrer... Reputações falsas, hábitos de fala loquaz e inteligente e desempenhos superficiais brilhantes serão descobertos e chutados ao mar.”⁹

Mas o que distingue o falso do real aqui nada mais é do que os resultados objetivos que algo produz à luz dos objetivos do Veterano. Aquilo que *realmente, objetivamente e confiavelmente* ajuda o Veterano em direção a Fi é considerado real e sólido, e é valorizado como tal. Eles não são como o Pensador, aspirando além de seu corpo e seu ego; o Veterano permanece ligado ao corpo e às suas vontades, a sua Fi inspiradora, e se contenta em servir ao seu templo ctônico. Sua exploração do universal é fundamentalmente estratégica. Muito disso é capturado no existencialismo de Martin Heidegger, que diz: “... a interpretação do *tempo* [é] o horizonte possível para qualquer compreensão do ser.”¹⁰ O tempo é o horizonte porque rege os limites últimos do próprio ser humano: a saber, *a morte*. A morte torna-se assim o contexto universalmente compartilhado do ser humano (ou

⁸ Entrevista com Steven Levy, em *Wired*, “Jeff Bezos Owns the Web in More Ways Than You Think,” 13 de Novembro de 2011.

⁹ Citado em Ambrose’s *The Supreme Commander*, p. 62

¹⁰ *Being and Time*, p. 1 (p. 19)

“Dasein”). “O Dasein 'se esgota'. Ao se esgotar, o Dasein se usa — ou seja, seu tempo. Ao usar o tempo, o Dasein conta com ele... Contar com o tempo é constitutivo do ser-no-mundo.”¹¹

Esse horizonte de morte demarca para o Veterano um espaço de *maneiras possíveis de ser*, antes que o horizonte se feche e a cortina caia. Essas possibilidades são apreendidas pela Ne primitiva do Veterano, e muitas vezes têm para eles um caráter nebuloso, distante ou meramente teórico. A habilidade da Si de ver o que não está presente no momento depende da habilidade da Ne de farejar o que *possivelmente* está presente. O contrário disso é farejar o que está *realmente implícito* (Ni), pois para que tal percepção seja feita, é preciso introduzir um contexto (isto é, um sujeito), de cuja perspectiva certas possibilidades são mais reais do que outras. Assim, o confronto do Veterano com a Ni é semelhante ao da Consciência: ambos os tipos são solicitados a experimentarem-se como “grandes”, como proporcionais ao ambiente e como tendo algum direito ou privilégio em perceber sua Verdade.

Para o Veterano, esse é realmente o problema de *superar sua ansiedade existencial*. A Ne primitiva pode sobrecarregar o Veterano com opções. Sua fertilidade e seu horror residem em não descartar possibilidades; e, como o Veterano é orientado-a-objetivos, estar saturado de possibilidades é ser *sobrecarregado pelo pensamento de que tudo está dando errado com seus planos*. A Si se defende contra isso apelando ao “experimentado e verdadeiro”, mas a ansiedade existencial permanece abaixo da superfície, esperando o momento de crise para surgir.

A ansiedade se manifesta no Dasein... a liberdade de escolher-se e de se apoderar de si. A ansiedade traz Dasein [isto é, nós] cara a cara com seu Ser-livre pela autenticidade de seu Ser [isto é, o cumprimento do objetivo da Fi]...

Na ansiedade, a pessoa se sente ‘*estranha*’... aqui a “estranheza” também significa “não-estar-em-casa”... nós fugimos *diante do* “não-em-casa”; isto é, fugimos diante da estranheza que repousa no Dasein no Dasein como lançado

¹¹ Ibid. II.3, ¶ 66, p. 333 (p. 381-82)

Ser-no-mundo... Essa estranheza persegue de forma constante o Dasein e é uma ameaça à sua perda cotidiana no “eles”...¹²

O *Wakinyan* do Veterano é esse sentimento de “não estar em casa”. Casa é onde as coisas estão seguras, onde a proteção pode ser dada como certa, onde as coisas realmente podem ser confiáveis. O Veterano, em vez de apenas receber luz através de seus olhos, deve tentar gerar sua própria luz para o mundo. A Ni envolve uma confiança de que, de alguma forma, o mundo é proporcional a nós, pois temos raízes na própria natureza da existência. O Veterano (Freud) está frequentemente em desacordo com o Hierofante (Jung) porque o Hierofante coloca fé nas profundezas de seu sujeito (Ni), alegando que ele pode oferecer mais do que apenas desejos infundados: ou seja, um conjunto mais profundo de raízes sobre as quais nossa existência realmente depende, e pela qual nossa descendência e herança ao mundo é afirmada.

Freud acreditava que o mito fundamental do ser humano era o mito Edipiano. O mito Edipiano, de uma perspectiva mais ampla, é uma história de herói fracassada... Jung tinha uma ideia diferente. A ideia dele era que não era a história do herói fracassado que era o mito humano universal: era a história do herói bem-sucedido.

...Freud pensava nos fenômenos religiosos como parte de uma maré oculta que afogaria a racionalidade... Jung pensou, não, esse não é o caso. Há algo profundo e central no mito do herói. O trabalho clínico junguiano é essencialmente o despertar do mito do herói no... paciente.¹³

¹² Ibid. I.6, ¶ 40, p. 189 (p. 233-34)

¹³ Jordan Peterson, “Biblical Series VIII: The Phenomenology of the Divine,” transcript, §IV

Ne (— Ti)¹⁴ O Explorador

Consistência é o último refúgio do sem imaginação.¹⁵

No Explorador combina-se o Fanfarrão e o Advogado do Diabo: o resultado é um tipo *que multiplica possibilidades e conexões (Ne) livre de quaisquer restrições de coerência lógica (Ti)*. “Demasiada consistência”, disse Aldous Huxley, “é tão ruim para a mente quanto para o corpo. A consistência é contrária à natureza, contrária à vida. As únicas pessoas completamente consistentes são os mortos.”¹⁶ Essa aversão é tão forte para o Explorador porque seu brainstorming da Ne é orientado-a-objetivos — linear, em vez de lateral — ou seja, não tem um raio definido para vinculá-lo dentro de uma circunferência de “movimentos válidos”; em vez disso, é um vetor tangencial contornando as fronteiras de infinitas outras esferas, a caminho de algum destino autodeterminado. Assim, enquanto o Advogado do Diabo explora tudo dentro dos limites da razão, o Explorador explora tudo fora desses limites.

A Ti é sentida como uma imposição arbitrária sobre a Fi, como um fio amarrado em volta de uma crisálida madura. Assim, com um cajado mágico, o Explorador separa A e não-A, para saquear o tesouro infinito do meio excluído, “libertar o homem da tirania do ‘mundo prático e racional.’”¹⁷ Como Umberto Eco disse ironicamente: “Sou fascinado pela estupidez porque ela é infinita. A pessoa normal acredita que dois e dois são quatro e isso é tudo. Não há outra possibilidade. O estúpido tem infinitos números à sua disposição.”¹⁸ O problema é que o vetor do Explorador — seu foguete, se preferir — tem combustível limitado para cobrir o espaço infinito; assim, eles enfrentam o mesmo dilema anárquico do Veterano: *infinitas possibilidades, tempo finito*. Enquanto o

¹⁴ MBTI: “ENFP”, Socionics: “ENFp” ou “IEE”

¹⁵ Oscar Wilde, “The Relation of Dress to Art” (p. 84)

¹⁶ “Wordsworth in the Tropics” (p. 7)

¹⁷ Salvador Dali, *Diary of a Genius*, p. 9; ele estava falando do potencial não realizado do surrealismo como um movimento artístico.

¹⁸ Entrevista com Matt Medley, *National Post*, “Fascinated with Stupidity: Umberto Eco conspires in the Prague Cemetery,” 18 de Novembro de 2011

lado infinito desta equação permanece subterrâneo no Veterano, com o Explorador ele irrompe à superfície com uma fanfarra extraordinária, de modo que sua versão do problema se torna estranhamente remanescente do Hierofante: uma frustração com as limitações mortais do corpo — que só pode canalizar tanto do universo sem limites sobre o qual seu lado etéreo se banqueteia todos os dias. Onde o Hierofante se esforça para traduzir suas visões, o Explorador fica frustrado porque eles não podem dizer duas coisas ao mesmo tempo, ou que não podem escrever tão rápido quanto seus pensamentos, ou que outros não podem segui-los enquanto voam, como um beija-flor, de flor em flor, ideia a ideia.

O Explorador, como o Advogado do Diabo, não se contenta em deixar pedras não viradas, portanto, encontra-se advogando e defendendo tudo o que a sociedade fechou os olhos; mas, ao contrário do Advogado do Diabo, o Explorador é movido, não por uma necessidade lógica de consistência, mas por um sentimento ilógico, caprichoso e altamente pessoal, que tem verdadeira alegria em descobrir coisas ignoradas pela sociedade e simpatizar com sua situação. Enquanto o Advogado do Diabo apresenta friamente uma defesa ou acusação lógica, o Explorador distribui panfletos apaixonados do lado de fora do tribunal. Eles são muito impacientes para canais oficiais de lógica. Há coisas na vida muito importantes para isso; lógica simplesmente terá que alcançá-los mais tarde. A vida e o mundo não são redutíveis a alguns princípios ou formas abstratas e incolores; isso é confundir o modelo com a coisa modelada, a palavra para a imagem.

No lugar da Ti, o Explorador defende a Te: a tradução da Fi em mudança objetiva e mensurável. Che Guevara insistiu que “o verdadeiro revolucionário é guiado por um grande sentimento de amor... Devemos nos esforçar todos os dias para que esse amor pela humanidade viva se transforme em atos concretos, em atos que sirvam de exemplo, como força uma motriz.”¹⁹ A ideia de que se pode realmente mudar estados de coisas excita muito o Explorador, e eles sentem isso como um chamado moral *para*

¹⁹ “From Algiers, for *Marcha: The Cuban Revolution Today*,” 12 de Março de 1965

fazer, e não apenas sonhar: formar planos diretivos para seus objetivos e racionalmente racionar seu tempo limitado na terra.

Mas, como acontece com todos os tipos, eles são frequentemente frustrados nessa aspiração pela superexuberância de sua função mais dominante. O Explorador pode ficar tão animado com seu novo projeto que adicionará mais e mais ideias para ele na pilha, até que ele desmorone sob o peso. Eles são, neste sentido, o oposto do Monge: eles tem problemas para simplificar e agilizar, para saber quais ideias são mais relevantes para eles do que outras, e para codificar essas ideias em fundamentos abstratos. Tal procedimento não é apenas estreito e plano, mas também intolerante, na medida em que trata a própria parte como o todo, isto é, o próprio sujeito como o centro racional de um sistema objetivo. Isso equivale a um flagrante desrespeito pela própria existência dos outros, reduzindo-os a um objeto ou categoria mental, em vez de ouvi-los como um sujeito. Para citar Guevara novamente,

Não devemos ir ao povo e dizer: “Aqui estamos. Viemos para lhe dar a caridade de nossa presença, para lhe ensinar nossa ciência, para lhe mostrar seus erros, sua falta de cultura, sua ignorância das coisas elementares”. Devemos ir com uma mente inquiridora e um espírito humilde para aprender naquela grande fonte de sabedoria que é o povo.²⁰

Grande parte da psicologia do Explorador está encapsulada na filosofia de Jacques Derrida, e particularmente em seu famoso / infame discurso, “Estrutura, Signo e Jogo no discurso das ciências humanas”. Ele começa descrevendo a “estrutura” (isto é, sistemas de conhecimento logicamente coerentes) como exigindo um “centro” para estabilizá-la e torná-la inteligível.

[“Jogo” dentro de uma determinada estrutura] sempre foi neutralizado ou reduzido... por um processo de dar-lhe um centro ou de remetê-lo a um ponto de presença, uma origem fixa. A função deste centro não era apenas orientar, equilibrar e organizar a estrutura... mas sobretudo garantir que o

²⁰ Che Guevara, “On Revolutionary Medicine,” discurso proferido em 19 de agosto de 1960

princípio organizador da estrutura limitasse o que poderíamos chamar de *jogo* da estrutura.²¹

No entanto, Derrida aponta que, na realidade, “o centro não é o centro,”²² porque não pode, e de fato não pode, jogar pelas mesmas regras estabelecidas por sua estrutura circundante. É uma singularidade, um buraco negro, onde as leis da física que lhe deram origem se desfazem — ou, para usar uma metáfora mais pungente: um ditador não sujeito às suas próprias leis. Pois, não é permitido que outros pontos da estrutura se tornem centros de suas próprias estruturas, pois isso deixaria a estrutura original em colapso. Assim, toda estrutura racional deve ter uma *origem irracional*, que posteriormente (e hipocritamente) nega à sua posteridade racional o mesmo direito, como uma mãe advertindo suas filhas contra os males do sexo, ou Cronos comendo seus filhos por medo de que um dia o derrube.²³

O conceito de estrutura centrada... é contraditoriamente coerente. E como sempre, a coerência na contradição expressa a força de um desejo. O conceito de estrutura centrada é, de fato, o conceito de um jogo baseado em uma base fundamental, um jogo constituído a partir de uma imobilidade fundamental e de uma certeza tranquilizadora, que está fora do alcance do jogo. E com base nessa certeza a angústia pode

²¹ p. 278-79

²² Ibid. p. 279

²³ Este é o mesmo ponto básico feito pelo “teorema da incompletude” de Gödel, (e 1.500 anos antes pelo “problema do critério” de Sexto Empírico) que mostra que os sistemas axiomáticos não podem ser auto-suficientes: um ou mais dos axiomas permanecerão sempre improváveis pelos outros axiomas. Outro paralelo notável é com a noção de Marx de “acumulação primitiva”, isto é, a aquisição sangrenta original da propriedade capitalista, como com as várias colônias europeias instaladas nas chamadas terras selvagens. Além disso, seu apelo à socialização dos meios de produção (isto é, a dissolução da autoridade da burguesia sobre o proletariado) corre paralelamente à esperança de Derrida de uma “democracia por vir”, onde o fanatismo rígido de vários centrismos dá lugar a uma era de centros de intercâmbio livre. É presumivelmente por paralelos tão marcantes que Derrida afirmou: “A desconstrução nunca teve qualquer sentido ou interesse, pelo menos na minha opinião, exceto como uma radicalização... num certo espírito de Marxismo,” (*Specters of Marx*, p. 115).

ser dominada, pois a angústia é de forma invariada o resultado de um certo modo de estar... em jogo desde o início.²⁴

Assim, vemos a relação do Explorador com o Veterano (Derrida a Heidegger), bem como sua oposição ao temperamento teocrático (Derrida *versus* Platão). O Explorador acusa o teocrata de covardia, porque, em vez de *explorar* os infinitos pontos de centro possíveis, o teocrata declara que há apenas um centro que vale a pena explorar: o único centro “verdadeiro” — assim, eles fogem de sua ansiedade existencial e do *dever* associado de explorar. O teocrata mantém o autoexílio tornando seu centro sagrado, intocável, seu santo dos santos (a Forma do Bem de Platão é o principal exemplo). Pois, o segredo do teocrata é que seu centro escolhido nada mais é do que seu próprio sujeito, codificado em um ídolo perfeito, imóvel e, portanto, incapaz. O Explorador, ao contrário, é um colecionador de tais ídolos, isto é, de diferentes modos de vida, de perspectivas e *identidades*. Por conseguinte, não é incomum para o Explorador se perguntar se eles realmente têm uma identidade *própria*. Pois, eles estão sempre experimentando máscaras (identificando-se com outras pessoas ou explorando outros modos de vida) a ponto de se perguntarem se eles mesmos realmente têm um rosto sob as máscaras — e se eles mesmo querem vê-lo. Assim, fugir *para* um centro ou para *longe* de um centro ainda é fugir — de *si mesmo*.

Derrida continua,

...era preciso começar a pensar que não havia centro, que o centro não podia ser pensado na forma de um ser presente, que o centro não tinha lugar natural, que não era um lugar fixo, mas uma função, uma espécie de nonlocus em que um número infinito de substituições de sinais entrou em jogo... na ausência de um centro ou origem, tudo se tornou discurso... isto é, um sistema em que o significado central, o significado original ou transcendental, nunca está presente de forma absoluta... A ausência do significado transcendental estende infinitamente o domínio e o jogo da significação.²⁵

²⁴ Derrida, “Structure, Sign and Play...” (p. 279)

²⁵ Ibid. p. 280

Embora Derrida insista na necessidade de *usar* centros fixos — isto é, pontos de referência objetivos e incontestáveis, a substância última ou fundamento da existência; em suma, a realidade pública da Se — ele recusa qualquer validade adicional a eles (assim como um ateu pode admitir que as religiões são necessárias). A Se, como a Ti, representa para ele uma infeliz limitação da criatividade. Assim, para proteger a criatividade, Derrida insiste que a *verdadeira* realidade, sob a certeza reconfortante da Se, é realmente o caos alegre da Ne. Tudo se torna “discurso”, ou seja, linguagem pura sem referência física: infinitas oportunidades para trocadilhos e jogos de palavras, um dossel de conexões da Ne para o Explorador braquiar. De repente, as ideias não precisam estar de acordo com objetos físicos inertes, imponentes e secos; podem referir-se diretamente a outras ideias, a outras palavras, a outras possibilidades; nunca mais é preciso colocar as patas no chão da selva.

O problema com isso (o desafio de *Wakinyan*) se manifesta quando as ideias do Explorador atingem o concreto duro da realidade externa — e quebram. Jordan Peterson²⁶ disse,

Existem regras que governam interações éticas iteradas, [e que] são propriedades emergentes. E essas propriedades emergentes são, até onde posso dizer, descritas nas grandes histórias mitológicas que contamos, nas grandes narrativas que fundamentam nossa cultura. E não se baseiam em suposições arbitrárias; eles são baseados em observações do

²⁶ Tenho um enorme respeito por Peterson. Muitos de seus insights estão entrelaçados no tecido deste livro. Mas não posso, por tudo isso, ignorar sua embaraçosa simplificação de Derrida em seu discurso público. O constrangimento poderia ter sido facilmente mitigado se Peterson fosse mais franco sobre seu analfabetismo compreensível dos escritos obscurantistas de Derrida; além disso, se ele tivesse limitado sua crítica a professores modernos específicos, pois conheci professores cujo entendimento de Derrida me pareceu um pouco mais sofisticado que o de Peterson e a quem, conseqüentemente, grande parte da crítica de Peterson se aplicava. Parece-me que a posição de Peterson teria sido dez vezes mais forte se ele tivesse *recrutado* Derrida como um consultor, embora falho, filósofo morto (como fez com Heidegger). Não é a crítica de Peterson *em si*, mas sua determinada *vilania* de Derrida que prejudicou sua reputação intelectual.

que promoveu a sobrevivência e a reprodução (para falar de uma maneira puramente Darwiniana), ao longo de enormes períodos de tempo.

...há um número indefinido de maneiras de construir o mundo... Mas há um número muito restrito de maneiras pelas quais você pode operar *com sucesso* no mundo — um número *muito* restrito de maneiras.²⁷

Uma criança que afirma que os porcos devem voar é fofo, mas um homem infantil que arremessa porcos do telhado do seu celeiro para efetuar o voo deles *não* é fofo. É claro que o típico Explorador nunca é tão extremo; mas de maneiras menores e sutis ao longo da vida, eles descobrem suas grandes esperanças em certas possibilidades despedaçadas contra Se. “...achamos que encontramos uma solução”, escreveu Anne Frank, “mas a solução não parece capaz de resistir aos fatos que a reduzem a nada novamente... ideais, sonhos e esperanças amadas surgem dentro de nós, apenas para encontrar a verdade horrível e serem despedaçadas.”²⁸ Alguns reagem a isso com um otimismo determinado (por exemplo, Anne Frank²⁹) e outros com um cinismo amargo (por exemplo, Mark Twain³⁰), mas todos

²⁷ Discurso na Oxford Union, 28 de junho de 2018; “Jordan Peterson | Full Address and Q&A | Oxford Union,” no YouTube, timestamp 24:00

²⁸ *Diary of a Young Girl*, 15 Julho de 1944 (p. 263)

²⁹ “É realmente uma maravilha que eu não tenha abandonado todos os meus ideais, porque eles parecem tão absurdos e impossíveis de realizar. No entanto, eu os mantenho porque, apesar de tudo, ainda acredito que as pessoas são realmente boas de coração. Eu simplesmente não posso construir minhas esperanças em uma base que consiste em confusão, miséria e morte. Eu vejo o mundo se transformando gradualmente em um deserto, ouço o trovão sempre se aproximando, que também nos destruirá, posso sentir o sofrimento de milhões e, no entanto, se eu olhar para o céu, acho que tudo vai dar certo, que essa crueldade também terminará e que a paz e a tranquilidade retornarão novamente. Enquanto isso, devo defender meus ideais, pois talvez chegue o momento em que eu possa realizá-los”. (Ibid. p. 263-64).

³⁰ “Você percebe, *agora*, que essas coisas [a história sangrenta da raça humana] são todas impossíveis, exceto em um sonho. Você percebe que são insanidades puras e pueris, criações tolas de uma imaginação que não tem consciência de

desenvolvem um interior mais sombrio, mais sábio e mais triste para seu exterior muitas vezes enganosamente flutuante, dando a impressão de alguém idoso e recém-nascido. Como Nietzsche disse sobre Empédocles, “Os mortais parecem-lhe... como deuses caídos e punidos!”³¹

Seja como for, o desafio de *Wakinyan* permanece: o Explorador está exilado nesta terra, não importa o quão bem eles possam ver as estrelas. Eles devem aprender a estar em casa aqui, nesta terra, mesmo com suas decepções — esse nó feio e oleoso da realidade, que só pode ser desatado com uma astúcia cuidadosa e paciente, não apenas com um coração cheio de paixão. Cabe a eles lidar com o estranho grito de guerra de Nietzsche: “Rogo a vocês, meus irmãos, *permaneçam fiéis à terra*, e não acreditem naqueles que falam com vocês de esperanças sobrenaturais!”³²

suas aberrações — em uma palavra, que eles são um sonho, e você o criador dele. As marcas do sonho estão todas presentes; você deveria tê-los reconhecido antes. É verdade, o que eu revelei a você; não há Deus, nem universo, nem raça humana, nem vida terrena, nem céu, nem inferno. É tudo um sonho — um sonho grotesco e tolo. Nada existe além de você. E você é apenas um pensamento — um pensamento vagabundo, um pensamento inútil, um pensamento sem lar, vagando abandonado entre as eternidades vazias!” (*The Mysterious Stranger*, chap. 11; p. 679).

³¹ *The Pre-Platonic Philosophers*, p. 114

³² *Thus Spoke Zarathustra*, Prologue, §3 (p. 10)

Fi (— Se)³³ O Idealista

É somente com o coração que se pode ver corretamente...³⁴

O Idealista, como o Veterano, sente que seu próprio ser está ameaçado. Enquanto o Hierofante suspeita que sua visão de mundo (Ni) ofenderá a sociedade, o Idealista suspeita que a própria raiz de seu ser (Fi) constitui a ofensa. Seus desejos, e o misterioso “Self” ou ego do qual esses desejos surgem, são incompatíveis tanto com a sociedade quanto com o universo em geral. Esta é a história de amor não correspondido, de sonhos impossíveis, de aspirações trágicas — o corcunda Quasimodo não pode vencer a bela Esmeralda, assim como o deformado Fantasma da Ópera não pode vencer Christine. Mas “É melhor ter amado e perdido / Do que nunca ter amado.”³⁵ Camus filosofou tais sentimentos trágicos em seu ensaio, *The Myth of Sisyphus*:

Os deuses condenaram Sísifo a rolar incessantemente uma pedra até o topo de uma montanha, de onde a pedra cairia de volta com seu próprio peso. Eles pensaram com alguma razão que não há punição mais terrível do que o trabalho fútil e indefeso... [Sísifo venceu] aquela penalidade indescritível em que todo o ser se esforça para não realizar nada. Este é o preço que deve ser pago pelas paixões desta terra... A própria luta em direção às alturas é suficiente para encher o coração de um homem. É preciso imaginar Sísifo feliz.³⁶

Para Camus, os seres humanos precisam de significado e propósito, mas nenhum significado ou propósito é inerente ao universo. É como se não estivéssemos destinados a estar aqui. Consequentemente, a salvação não pode estar em nenhum destino real (Te), mas na jornada, na emoção e na paixão que nos impulsiona em direção ao nosso destino — mesmo que esse

³³ MBTI: “INFP”, Socionics: “INFj” ou “EII.”

³⁴ Antoine de Saint-Exupéry, *The Little Prince*, chap. 21 (p. 87)

³⁵ Tennyson, *In Memoriam A. H. H.*, §XXVII, lines 15-16 (p. 116)

³⁶ p. 119-23

destino não seja lugar nenhum. Como Climacus de Kierkegaard explicou,

O acento objetivo recai sobre O QUE se diz, o acento subjetivo sobre COMO se diz... isso não deve ser entendido como se referindo ao comportamento, expressão ou afins; antes, refere-se ao relacionamento sustentado pelo indivíduo existente... ao conteúdo de sua fala. Objetivamente o interesse está focado apenas no conteúdo do pensamento, subjetivamente na interioridade. No máximo, esse “como” interior é a paixão do infinito, e... é a paixão do infinito que é o fator decisivo e não seu conteúdo, pois seu conteúdo é precisamente ele mesmo. Dessa maneira, a subjetividade e o “como” subjetivo constituem a verdade.³⁷

...Uma incerteza objetiva mantida firme... na interioridade mais apaixonada está a verdade... o sujeito apenas tem, objetivamente, a incerteza; mas é isso que aumenta precisamente a tensão dessa paixão infinita que constitui sua interioridade... é por isso mesmo [incerteza objetiva] que a interioridade se torna tão intensa quanto ela é...³⁸

Quando o sonho ou desejo do Idealista é incompatível com a realidade, em vez de alterar o sonho em negociação com a realidade, eles *intensificam sua crença no sonho* e seus esforços correspondentes para realizá-lo. Assim, quanto maior a incompatibilidade com a realidade, mais intenso e puro deve ser o sonhar, e é essa pureza resultante que se celebra — essa lealdade aos próprios desejos, essa recusa de *desistir de suas aspirações divinas*, de vender seu direito de primogenitura por um prato de sopa, embora fraco e “a ponto de morrer.”³⁹ Então, sempre que eles vislumbram um sonho impossível lutando para cima na alma de alguém, como uma flor no deserto, ou uma muda na rachadura da calçada, suas vísceras aspiram por isso, e sua simpatia chuta como um bebê no útero. E, quando aquela flor é derrubada pelo sol, eles choram como por um mártir, e quando a muda é arrancada por trabalhadores urbanos indiferentes, eles ficam furiosos.

³⁷ *Concluding Unscientific Postscript*, p. 181

³⁸ *Ibid.* p. 182

³⁹ Genesis 25:32, KJV

O Idealista simpatiza com qualquer coisa que seja desejada *autenticamente*, porque vê tais desejos como manifestações do *mesmo* princípio divino. Como Blake escreveu: “A adoração a Deus é honrar seus dons em outros homens... aqueles que invejam ou caluniam os grandes odeiam a Deus, pois não há outro Deus.”⁴⁰ Os sonhos são todos dádivas de Deus e são corrompidos apenas na medida em que o vinho celestial original é misturado com as águas mundanas. “Aqueles que restringem o desejo, o fazem porque o deles é fraco o suficiente para ser contido; e o limitador ou razão usurpa seu lugar e governa o relutante. E sendo restringido por graus torna-se passivo até que seja apenas a sombra do desejo.”⁴¹ Este é um motivo proeminente na literatura da Fi: a morte do indivíduo e sua assimilação em um todo genérico. Por exemplo, Winston Smith submetendo-se ao Big Brother em *1984* de Orwell, a homogeneidade radical de One State em *We* de Zamyatin, o destino de Camazotz em *A Wrinkle in Time* de L'Engle, ou o literalmente incolor *The Giver* de Community of Lowry.

O Idealista procura separar-se da “multidão” e de todas as suas condições objetivas para a verdade e a moralidade (Fe → Fi). Assim, enquanto o Pensador insiste em verdades racionais que estão presentes apenas na mente, o Idealista insiste em verdades *emocionais* presentes apenas no coração, ou seja, sentimentos sem *presença objetiva*, (Se → Si). Isso é lindamente capturado em uma conversa entre Hamlet e sua mãe:

Queen. Tu sabes que é comum; tudo o que vive deve morrer,

Passando pela natureza para a eternidade.

Hamlet. Sim, senhora, é comum.

Queen. Sendo assim,

Por que parece tão particular contigo?

Hamlet. Parece, senhora? Não: é! Não sei “parecer”!

Não é somente meu negro manto, bondosa mãe,

Nem meus costumeiros trajes de luto,

Nem os vaporosos suspiros de um peito ofegante,

Não, nem o caudal transbordante dos olhos,

⁴⁰ *The Marriage of Heaven and Hell*, “A Memorable Fancy” no. 5 (p. 263)

⁴¹ Blake, *The Marriage of Heaven and Hell*, “The Voice of the Devil,” (p. 251); compare com as primeiras páginas de *Emile* de Rousseau.

Nem a expressão abatida do semblante,
Junto com todas as formas, modos e exteriores de dor
Que podem me indicar meu estado de ânimo!
Realmente, tudo isto é aparência,
Pois são ações que um homem pode representar,
Porém, o que dentro de mim sinto,
Supera todas as exterioridades que
Nada mais são do que os atavios e as galas da dor!⁴²

Hamlet se ofende com a sugestão de que o rico *conteúdo* interno de seu ser é redutível às *formas* e *sinais* superficiais e externos desse ser. O Idealista experimenta sua própria alma como uma caverna profunda e labiríntica das Noites Árabes, repleta de tesouros antigos dos quatro cantos da terra: ela serve, assim, ao mesmo tempo, como refúgio, entretenimento e educador. E Deus ajude o tolo que se atreve a saquear esses cofres e colocar até mesmo uma moeda de ouro em circulação no mercado. Assim como o Hierofante teme a profanação de seus mistérios, o Idealista teme a prostituição de seus tesouros.

E, no entanto, o Idealista também deseja compartilhar seus tesouros com o mundo. Assim, eles enfrentam um dilema. Eles estão na posição de uma mulher que ama um homem, mas tem apenas uma compreensão rudimentar de sua linguagem e, portanto, é forçada a significar todo o arco-íris de seus sentimentos com uma palavra e uma cor turvas. No entanto, este problema não é tão agudo para eles como para o Artista, que tantas vezes é reduzido ao silêncio; o Idealista, por outro lado, está mais na posição do Explorador: eles podem ver milhares de combinações de palavras possíveis e objetivas, mas nenhuma corresponde perfeitamente à singularidade de seus próprios sentimentos: eles estão tentando pegar uma sardinha que escorrega com uma rede de atum. Assim, eles têm que inovar e experimentar suas expressões, combinando diferentes gêneros e motivos e estilos juntos até que possam aproximar seu significado. Assim, enquanto o Artista geralmente tem uma sublime união de estilo (Ni), o Idealista demonstra um ecletismo marcante de estilos (Ne), ultrajante e engenhoso por turnos. O Idealista *busca um desejo*

⁴² Act 1, scene 2, lines 72-86

(Fi) *que não pode ser realizado diretamente ou mesmo visto na realidade (Se)*. Enquanto o Artista *imagina* ou *vislumbra* um mundo melhor (Ni), o Idealista quase “*lembra*” de um mundo melhor (Si).

Houve um tempo em que os homens eram gentis
 Suas vozes eram suaves, e suas palavras acolhedoras
 Houve um tempo em que o amor era cego
 E o mundo uma canção, e a canção emocionante...
 Mas há sonhos que não podem haver
 E há tempestades que não podemos enfrentar
 Eu tive um sonho que minha vida seria
 Tão diferente deste inferno que estou vivendo
 Tão diferente agora do que parecia
 Agora a vida matou o sonho que sonhei⁴³

O Idealista encara a Si com a reverência típica da função inspiradora: valoriza-se o que é *ideal*, o que é *melhor* do que a realidade presente — embora possa não parecer assim ao vulgar. O Idealista tem uma afinidade com o diamante bruto ou com o verdadeiro oprimido: o menino magricelo enfiado debaixo da escada é realmente um mago, o menino que não pode comprar uma barra de chocolate está destinado a se tornar o substituto de Willy Wonka, um punhado de feijões de aparência comum tornam-se mágicos e levam a riquezas no céu, uma semente de mostarda se transforma no reino de Deus. De fato, foi dito do maior dos homens que,

...ele crescerá diante de Deus como uma planta tenra, e como uma raiz de terra seca; não tem forma nem formosura; e quando o virmos, não há beleza para desejá-lo. Ele é desprezado e rejeitado pelos homens; homem de dores e que sabe o que é padecer; ele era desprezado, e não o demos em conta.⁴⁴

Até agora, nos concentramos na admiração do Idealista pela Fi. Mas isso é esquecer a complexa relação do Idealista com a Ti sub-primitiva. A Ti representa para eles as leis universais da lógica que

⁴³ Schönberg and Boublil, *Les Misérables: a Musical*, “I Dreamed a Dream”

⁴⁴ Isaiah 53:2-3, KJV

excluem muitos de seus sonhos da realização (a “circunferência limitada ou externa da energia” descrita por Blake⁴⁵). Enquanto concordam com a utilidade de Ti para estruturar o universo, eles também insistem que a Ti é impotente ao lidar com a vontade humana. Quando Sócrates afirma que ninguém faz o mal voluntariamente, mas apenas por confusão, o Idealista se irrita e adverte sobre:

...o espírito da PERVERSIDADE. Deste espírito, a filosofia não leva em conta. No entanto, não estou mais certo de que minha alma vive, do que estou de que a perversidade é um dos impulsos primitivos do coração humano... Quem não se viu, uma centena de vezes, cometendo uma ação má ou estúpida, apenas porque sabe que *não* deveria? Não temos nós uma inclinação perpétua, nos dentes de nosso melhor julgamento, para violar o que é a *Lei*, simplesmente porque entendemos que é tal.⁴⁶

Como os sentimentos pessoais raramente concordam com as leis impessoais, o tipo Fi, e de forma particular, o Idealista, desenvolve a sensação de que são rebeldes ou pecadores *por natureza*. Na verdade, eles consideram sua capacidade para o mal sem sentido como um sinal de seu livre arbítrio: uma garantia, embora amarga, de que pelo menos não são um robô, mas um ser humano. Portanto, temos a doutrina do “pecado original” de Agostinho: da vontade caída ou desejo naturalmente corrupto, que a cada passo resiste à reconciliação natural com a lei pura e impessoal da Ti e, portanto, requer uma interpolação sobrenatural, isto é, a graça salvadora de Deus.⁴⁷ Quando o pessoal é

⁴⁵ *The Marriage of Heaven and Hell*, “The Voice of the Devil” (p. 250-51)

⁴⁶ Poe, *The Black Cat* (p. 185)

⁴⁷ É particularmente revelador que Agostinho se recusa a desculpar até mesmo bebês e crianças dessa corrupção do desejo: “...esse comportamento é permitido em termos de idade do bebê — exigir com lágrimas o que o prejudicaria; fazer birra quando não obedecido por servos e adultos, por seus próprios pais, por quaisquer espectadores (por mais sábios que sejam) que não se submetem ao seu capricho; se debatendo para ferir (se pudesse) aqueles que se atrevem a desobedecer seu próprio ucasse de auto flagelação? A inocuidade dos bebês está

considerado incomensurável com o impessoal, só se pode tornar-se puritano ou libertino; e, como Kierkegaard mostrou,⁴⁸ ambas as posições são tão insustentáveis quanto a pura extroversão ou a pura introversão. Por um lado, auto-aversão e, por outro, irresponsabilidade; e, em ambas as mãos: frustração. Mas como Hamlet disse a Horácio,

...benditos são aqueles
Cujo sangue e julgamento são tão bem misturados
Que eles não são um cachimbo para o dedo da Fortune
Para soar o que ela bem quiser. Me mostre aquele homem
Que não é escravo da paixão, e eu porei
No fundo do meu coração, sim, no coração do meu
coração...⁴⁹

O Idealista deve reconhecer a nobreza genuína do dever impessoal: que há de fato nobreza humana em Kant. Se as ações podem ser corretas *independentemente* dos sentimentos do ator, então, por sua vez, um ator pode estar certo ao realizar uma ação, mesmo que seus sentimentos ainda não tenham “alcançado” com eles. Admitindo-se que a vontade pessoal não está naturalmente alinhada com o Bem: a mudança dessa vontade deve ser realizada por meio de uma faculdade diferente, a saber, a Ti. E isso requer que o Idealista aja apenas com base em um princípio, isto é, liderar com a ação, tendo fé que, *se a ação for correta, a crença genuína seguirá*, tão certamente quanto uma semente verdadeira crescerá quando regada.⁵⁰ A legitimidade moral de uma ação nem sempre depende da sinceridade de seu executor, pela mesma razão que o vasto reino de Deus emerge do nada de um grão de mostarda. Os desejos devem ser cultivados e, portanto, devem ser cultivados sobre algo diferente de mais desejo (ou pelo menos um desejo de um tipo diferente).

no efeito de seu corpo, não na intenção de sua mente... ninguém vai tolerar tal comportamento em um adulto,” (*Confessions*, p. 9-10).

⁴⁸ Com *Either / Or* criticando a vida estética (libertina) por meio da vida ética (puritana), e com *Fear and Trembling* criticando a vida ética por meio da vida religiosa, ou “libertina santificada”.

⁴⁹ Shakespeare, *Hamlet*, act 3, scene 2, lines 68-75

⁵⁰ Veja O Livro de Mórmon, Alma 32:26-27

Te (— Ni)⁵¹

O Capitão

...podemos esperar uma melhora
se as fundações são seguras.⁵²

Como o Movedor de Montanhas o Capitão reduz as coisas em quantidades, juntamente de uma ou duas dimensões de análise. Essas dimensões são escolhidas pela vantagem que conferem ao Capitão (por exemplo, se eles precisam de alguém para levantar caixas pesadas, eles não medem a alfabetização de seus candidatos). Dessa forma, até mesmo os maiores problemas podem ser resolvidos: um elefante é devorado um pedaço discreto de cada vez. Mas, enquanto o Movedor de Montanhas usa esse método para avançar em suas ousadas visões da Ni, o Capitão o usa para *se defender* de um mundo perigoso.⁵³ O Capitão impõe ordem, não para trazer algum estado de coisas novo e imaginado, mas para evitar que o estado de coisas atual desmorone. Assim, enquanto o Movedor de Montanhas propõe melhorias de cima para baixo (à maneira de um profeta Ni), o Capitão faz inovações de baixo para cima.

Como o Pastor, eles suspeitam profundamente das tendências monárquicas da Ni. Inovações devem ser ditadas pela situação externa; a pessoa está apenas encontrando maneiras diferentes de “ligar os pontos” (Ne). Mas a Ni opera *apesar* dos pontos, extraindo inteiramente de sua imaginação, impondo sua própria imagem original *por cima* dos pontos. O Capitão acha esse tipo de coisa perigosa, porque não há garantia de que a visão da Ni tenha

⁵¹ MBTI: “ESTJ”, Socionics: “ESTj” ou “LSE”

⁵² Henry Ford, *My Life and Work*, p. 7

⁵³ Eu digo “usar” por conveniência e fluxo. Tecnicamente, é o Alquimista e o Veterano que “usam” a Te (sendo sua função auxiliar), enquanto o Movedor de Montanhas e o Capitão o praticam mais por si mesmo. Mas, como a Te é em si uma função altamente “útil”, é difícil fugir de termos como “uso” ao falar sobre isso. *A Te usa a si mesma*, e também usa a Ni ou a Si para conceituar seus fins.

algo a ver com a realidade externa. Em vez de um projeto técnico, o tipo Ni produz um esboço fantasioso. Mas o Capitão *quer causar um impacto realista no mundo (Te)*, *não propor fantasias ambiciosas em vão (Ni)*. Como Henry Ford colocou tão maravilhosamente,

Não tenho nada contra a atitude geral de zombar de novas ideias. É melhor ser cético em relação a todas as novas ideias e insistir em ser mostrado, em vez de se apressar em um brainstorming contínuo após cada nova ideia. O ceticismo, se com isso queremos dizer cautela, é a roda de equilíbrio da civilização. A maioria dos problemas agudos do mundo surge quando se adota novas ideias sem antes investigar cuidadosamente para descobrir se são boas ideias. Uma ideia não é boa necessariamente porque é velha, ou ruim necessariamente porque é nova, mas se uma velha ideia funciona, então o peso da evidência está a seu favor. Ideias são por si mesmas extraordinariamente valiosas, mas uma ideia é apenas uma ideia. *Quase qualquer um pode pensar em uma idéia. O que conta é transformá-lo em um produto prático.*⁵⁴

Assim, o Capitão tem uma inclinação conservadora: só mantendo o que já temos é que ganhamos o direito de melhorá-lo. “Quem é fiel no pouco também é fiel no muito; e quem é injusto no pouco também é injusto no muito. Se, pois, não fostes fiéis no dinheiro injusto, quem vos confiará as verdadeiras riquezas?”⁵⁵ Um tema central para eles é *responsabilidade individual*. Deve-se *conquistar* o direito às coisas boas do mundo, demonstrando externamente sua capacidade de lidar com elas. Deve-se aceitar humildemente a lei e o fardo do universo; e esse fardo não é aliviado nem um pouco por reclamações e desculpas. “Os fatos não se importam com seus sentimentos.”⁵⁶ Então, “disse o SENHOR a Caim, Por que estás irado? e por que o teu semblante está caído? Se fizeres bem, não serás aceito?”⁵⁷ Se você quer algo,

⁵⁴ *My Life and Work*, p. 2-3 (ênfase do autor)

⁵⁵ Luke 16:10-11, KJV

⁵⁶ Slogan comum de Ben Shapiro.

⁵⁷ Genesis 4:6-7, KJV

você tem que trabalhar para isso, *assim como todo mundo*. Assim, o Capitão pressupõe a imparcialidade ou justiça final do universo.

Essa atitude representa um híbrido entre a afirmação masculina e a recepção feminina: submetendo-se às leis, torna-se poderoso. Como os *hadiths* leram, “Um verdadeiro guerreiro luta contra seus impulsos para obedecer a Deus” e “O homem inteligente refreia seus impulsos e se prepara para a vida após a morte. O homem incompetente segue todos os caprichos e impulsos, mas ainda espera que Deus cumpra seus desejos.”⁵⁸ Nisto, o Capitão espelha o Monge. Enquanto o Monge enfatiza uma autodisciplina pessoal, o Capitão enfatiza a disciplina dentro do mundo. O Capitão está tentando reorganizar o mundo exterior de acordo com suas tradições Si; eles são, portanto, mais agressivos externamente do que o Monge. Se certos padrões não forem mantidos em um navio, a vida de todos pode estar em risco. O Capitão dirige um navio apertado para se manter à tona. Assim, ao contrário do Movedor de Montanhas, que está sempre empurrando *para fora* em um movimento de dominação, o Capitão é metade empurrando *para dentro*, numa obediência prudente. O resultado é que o Capitão prefere se *manter ocupado*, ter sempre *algo urgente para fazer*. “Na minha mente”, declarou Henry Ford, “nada é mais abominável do que uma vida tranquila. Nenhum de nós tem o direito de facilitar. Não há lugar na civilização para o preguiçoso.”⁵⁹ Ou, como Billy Graham relatou,

Aprendi a obedecer sem questionar... Ensinaaram-me que a preguiça era um dos piores males, e que havia dignidade e honra no trabalho. Eu poderia me entregar com entusiasmo a ordenhar as vacas, limpar as latrinas e remover o esterco, não porque fossem trabalhos agradáveis, certamente, mas porque o trabalho suado trazia sua própria satisfação.⁶⁰

Mãos inativas são oficina do diabo. Se nada está pressionando contra você, se nada exige o gasto de sua mente e sua força, então essa energia não gasta começa a apodrecer e se tornar rebelde,

⁵⁸ *Light in the Heavens*, 1.142-43

⁵⁹ *My Life and Work*, p. 13

⁶⁰ *Just As I Am: The Autobiography of Billy Graham*, p. 19

inventando os tipos de imaginações vãs associadas a Ni, como um gramado descuidado brotando ervas daninhas.

Tal atitude em relação ao trabalho é a base de uma sociedade honradamente trabalhadora. Também tem seus perigos. Por um lado, o Capitão tem uma propensão ao vício no trabalho, que na pior das hipóteses beira o masoquista. A dor e o sacrifício do trabalho podem ser viciantes, especialmente quando a dor se torna uma medida de importância ou um sinal de significado. Por outro lado, o Capitão também tem propensão a disciplinar os outros de acordo com seus próprios padrões; na pior das hipóteses, isso beira o sádico. Como um tipo anárquico, eles acreditam em uma natureza humana universal acessível à percepção; consequentemente, eles não concedem aos outros quaisquer condições genuinamente exoneradoras, mas projetarão suas *próprias* condições sobre esse indivíduo e são tão duros com eles quanto são consigo mesmos. Alan Dershowitz queixou: “É praticamente impossível mudar os canais de TV durante o dia sem ver um bando de mulheres e homens soluçando justificando suas vidas fracassadas por referência a algum abuso passado, real ou imaginário.”⁶¹ Ou, como disse Condoleezza Rice, não sem irritação: “Quando vamos parar de dar desculpas aos terroristas e dizer que alguém os está obrigando a fazer isso? Não, são simplesmente pessoas más que querem matar.”⁶²

Por um lado, o Capitão pode ser enobrecedor, pois se recusa a tratar os adultos como crianças. Eles catalisam a maturidade e são respeitados por seus alunos como pilares incorrigíveis da justiça. E é sobre os pilares da justiça que se sustenta uma sociedade pacífica. Por outro lado, o Capitão torna-se tirânico quando trata as crianças (literais ou metafóricas) como adultos; isto é, se eles colocam um peso maior de responsabilidade e prestação de contas sobre uma pessoa do que ela realmente pode suportar. Tornam-se

⁶¹ *The Abuse Excuse*, p. 5

⁶² Entrevista com PBS News Hour, 28 de julho de 2005; Devo acrescentar minha concordância com a posição dela aqui, especialmente com seus comentários posteriores de que os terroristas queriam implicar adeptos pacíficos do Islã em seus crimes. No entanto, à luz do “relatório de tortura” de Daniel Jones e da implicação de Rice na aprovação de “técnicas aprimoradas de interrogatório”, o elemento desumanizante em seus comentários os azedou para mim.

injustos em sua “justiça”, exigindo “tijolos sem palha.”⁶³ Isso se confunde com o sadomasoquismo na medida em que o capitão pode ser tentado a *desfrutar* de tal punição, tanto por sua própria ética de trabalho incessante, quanto por punir a falta dela nos outros. O absoluto extremo dessa atitude está postado sobre o portão de Auschwitz: Arbeit macht frei, “O trabalho liberta.”⁶⁴

Esses problemas não são solucionáveis apenas pela Fi. Com certeza, a Fi estimula a empatia com o núcleo interno de uma pessoa, mas o problema é justamente que o Capitão pode simpatizar *incorretamente* com outra pessoa, administrando-lhe remédios que só foram prescritos ao Capitão. E, como os “dados” da Fi não são objetivos, é difícil contradizer o Capitão nessas conclusões. O que é necessário é uma empatia (ou simpatia) baseada objetivamente, ou seja, a Fe. Às vezes, histórias tristes e demonstrações externas de emoção são motivos legítimos para misericórdia. Há um tipo de humanidade comum subjacente a essas exibições, que o Capitão precisa explorar.

⁶³ Exodus 5:1-14; esta foi a resposta inicial de Faraó à exigência de Moisés pela liberdade dos israelitas.

⁶⁴ Vale a pena notar que este slogan foi tirado do título de um romance de Diefenbach, sobre sair da pobreza e do crime por meio de emprego estável. Arrisco também que, na medida em que Hitler é melhor descrito como um Hierofante, sua sombra, ou o mal inconsciente que o inspirou, assumiu o caráter tipológico oposto do Capitão. Portanto, pessoalmente ele era um guru, mas à distância ele era o disciplinador impiedoso até a morte. A sombra do Capitão, teoricamente, seria uma inversão disso: um disciplinador de perto, mas um misterioso guru de longe.

Capítulo 8:

Apêndices

Apêndice A:

Análise da Carruagem de Ezequiel

A teoria apresentada em *Ciscos e Traves* é binária: tudo é par e simétrico, multiplicando-se de 2 a 4 a 8 a 16. Esta forma geométrica torna a teoria isométrica com muitos outros sistemas, especialmente na alquimia e mitologias mundiais. Portanto, como um resumo do sistema, desejo mostrar como ele mapeia um símbolo particularmente complexo e rico, encontrado no livro visionário de Ezequiel: a saber, a “carruagem” divina. Assim começa o profeta:

E olhei, e eis! uma tempestade de vento vinha do norte: uma grande nuvem, e o fogo se apoderava de si mesmo, e brilho ao redor dela; e, do meio dele, aos meus olhos brilhou electro, do meio do fogo.

E de seu meio: a imagem de quatro criaturas. E esta era a sua aparência: [cada uma] tinha a semelhança de um homem, [mas] cada uma tinha quatro faces, e cada uma tinha quatro asas. E suas pernas e pés eram retos, e as plantas de seus pés eram como as plantas dos pés de bezerros, e eles brilhavam aos meus olhos como bronze polido. As mãos de um homem estavam embaixo de suas asas, em seus quatro quartos; e rostos e asas tinham os quatro. Suas asas uniram a mulher à irmã [uma à outra]; eles não se viraram enquanto iam, mas foram cada homem com a face para a frente.¹

Então: quatro criaturas, cada uma com quatro faces e quatro asas, totalizando dezesseis faces e dezesseis asas. Elas não trocam a destreza manual pelo poder de voo, mas têm mãos e asas — e

¹ Ezequiel 1:4-9 (trad. do autor)

em todas as quatro direções (“em seus quatro quartos”). Além disso, suas pernas e pés não são dobrados na altura do joelho ou com os dedos dos pés em apenas uma direção: eles são potencialmente unilaterais, e podem mover a criatura em qualquer direção cardinal sem que a criatura tenha que virar o resto do corpo, como uma cadeira no gelo. Assim, “eles não se viraram enquanto andavam, mas cada homem estava de frente para a frente”, isto é, eles formam um quadrado itinerante, com cada criatura como um lado.

O verso final é estranho para traduzir: “*Hoberot issah el ahowtah kanpehem*”, “uniu uma [mulher] a outra [irmã] suas asas”. A ambiguidade está com as palavras *issah* e *ahowtah*, que são femininas em hebraico, e que na esmagadora maioria dos contextos são traduzidas como “mulher”, “irmã”, “esposa”, etc.² Nos demais casos, a finalidade da palavra é distributiva ou recíproca: “um para o outro”, “cada um na sua”, etc., mas a conotação de irmandade permanece.³ Isso é particularmente impressionante porque, no mesmo versículo, a contraparte masculina de *issah* também é usada: *is*, significando “homem” ou macho humano.⁴ “...foi cada *homem* [cada *um*] de frente.” Assim, um contraste sexual está implícito entre as asas de irmãs e os corpos masculinos isolados dos quais elas brotam.

E, quanto à semelhança de seus rostos: cada um tinha o rosto de um homem, e o rosto de um leão à direita, e os quatro tinham o rosto de um boi à esquerda, e os quatro tinham o rosto de uma águia; assim tinham os quatro rostos. E suas asas se abriram para cima: um dos pares de cada homem tocou no outro, e dois cobriram seus corpos. E cada homem, de frente, foi para o que ou onde quer que o espírito [isto é, o cocheiro] deveria ir; eles foram, e eles não se viraram quando eles foram.⁵

A palavra para “direita” aqui é *hayyamin*, que pode se referir também à direção cardinal sul, na medida em que o sul está à sua

² Strong’s Exhaustive Concordance, 802 and 269

³ Brown-Driver-Briggs, 775.4

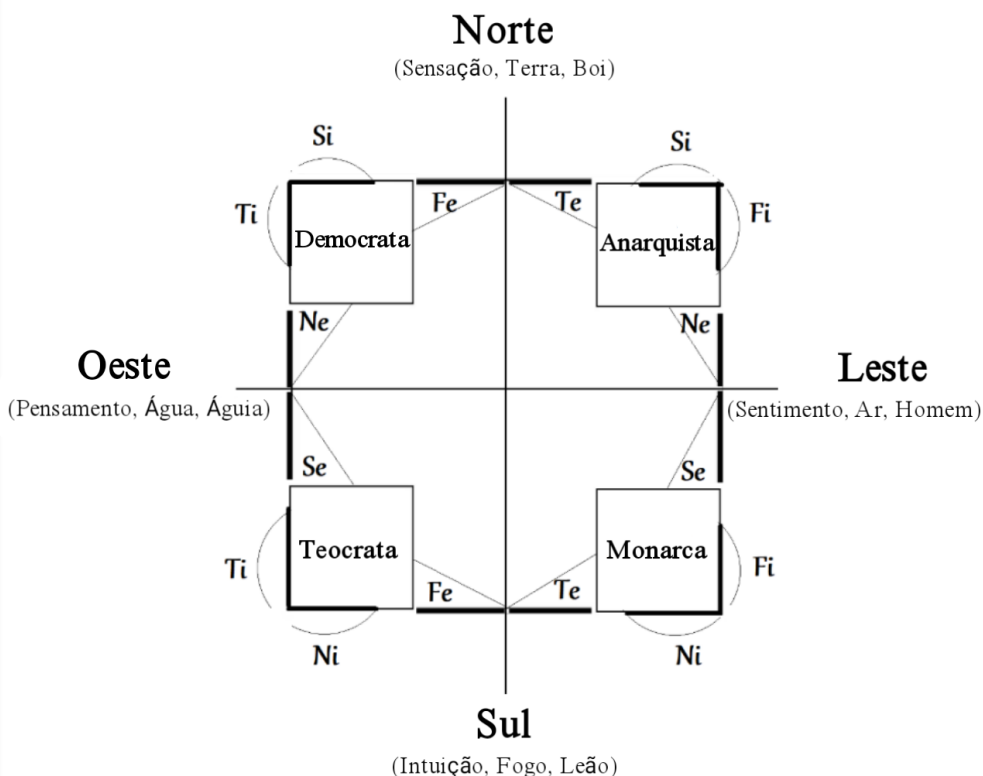
⁴ Strong’s Exhaustive Concordance, 376

⁵ Ezequiel 1:10-12 (trad. do autor)

mão direita quando está voltado para o leste, em direção ao sol nascente.⁶ Assim, tomando o rosto do homem como ponto de referência implícito, descobrimos que o homem está voltado para o leste, o leão para o sul, o boi para o norte e a águia para o oeste. Quanto às quatro asas, um par estava desdobrado como se estivesse em vôo, enquanto o outro par caía em repouso, escondendo o corpo. Essas distinções são fáceis de mapear em nosso próprio sistema: as quatro faces correspondem às quatro funções, e as asas ao binário extroversão/introversão (ou, feminino/masculino, diástole/sístole). Além disso, como as asas são dispostas em quatro, há uma asa por face em uma determinada criatura; e, se os rostos são de fato referentes a direções cardeais absolutas (enquanto as asas devem mudar de posição de criatura para criatura para manter o quadrado vinculado), então cada criatura deve ter uma atribuição diferente de asas levantadas ou abaixadas para cada função. Por exemplo: se a face do leão na criatura “superior direita” estiver mais próxima de uma asa aberta, então o leão no “superior esquerdo” estará necessariamente mais próximo de uma asa fechada e coberta. Assim, não são geradas apenas as oito funções atitudinais, mas também suas combinações nos quatro temperamentos (veja o diagrama na próxima página). É importante notar também que as funções extrovertidas, ligadas às asas abertas, são assim simbolicamente femininas, enquanto as funções introvertidas, ligadas às asas fechadas e abaixadas, são simbolicamente masculinas (porque estão envoltas no corpo masculino solitário da criatura).

No capítulo 1, associei as quatro funções aos quatro elementos por meio do *I Ching*: sensação com terra, intuição com fogo, sensação com ar e pensamento com água. Os quatro animais de Ezequiel podem ser associados da mesma maneira, visto que são temas comuns da Babilônia (a terra onde Ezequiel viveu com seus companheiros judeus conquistados). Na tradição babilônica, encontramos os quatro animais representando as principais constelações do zodíaco: ou seja, aqueles que marcam os equinócios e solstícios (isto é, o início de cada estação, isto é, os quatro “cantos” da órbita da Terra).

⁶ Brown-Driver-Briggs, 3225.4



Há uma afirmação feita, e não parece improvável, que a figura do Querubim em seu caráter quádruplo aparece nas constelações. Foi descrito por Ezequiel como a semelhança de quatro seres viventes... É certamente significativo e dificilmente pode ser uma coincidência que encontramos tais figuras nas quatro posições mais importantes no céu. As constelações foram originalmente projetadas de modo que o sol na época do solstício de verão estivesse no meio da constelação de Leão, na época do equinócio da primavera no meio de Touro e na época do solstício de inverno no meio de Aquário. O quarto ponto, aquele sustentado pelo sol no equinócio de outono, parece já ter sido atribuído ao pé do Portador da Serpente enquanto ele esmaga a cabeça da serpente. Aqui encontramos o Escorpião, a própria constelação que... Abraão conhecia como a Águia... [pois]

parece haver algum fundamento para o argumento de que a constelação de Escorpião foi originalmente considerada para representar a águia.⁷

Parece que na tradição antiga o escorpião e a águia, assim como a cobra, estavam todos enredados na simbolização do equinócio de outono.⁸ O raciocínio pode ter sido que escorpiões e cobras abraçam o chão, enquanto a águia se eleva muito acima dele; assim, juntar seus símbolos é juntar altura e profundidade um ao outro (por exemplo, os símbolos do pássaro-cobra ou Quetzalcoatl Mesoamericanos). Além disso, as águias nos tempos antigos eram frequentemente relacionadas a abutres e outras aves carniceiras, amarrando-as mais ao chão do que nós, modernos, poderíamos esperar. Também é possível que águias, escorpiões e cobras tenham se distinguido por sua capacidade de *picar* um inimigo com garras, bico, cauda ou presas. Seja qual for o motivo, esta é a associação tradicional; através dele, podemos mapear as funções na carruagem de Ezequiel (veja o diagrama, página anterior).

E, enquanto olhava para as criaturas, eis! uma roda estava na terra ao lado de cada criatura com suas quatro faces. A aparência das rodas e suas obras eram, a meu ver, topázio. E a semelhança de um era a dos quatro. E a aparência de suas obras era, por assim dizer, uma roda no meio de uma roda: quando eles iam, era em qualquer uma das quatro direções; eles não se desviaram quando foram. E, quanto às suas bordas,

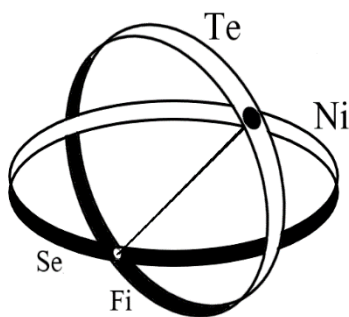
⁷ Olcott, *Star Lore of All Ages*, p. 327

⁸ “Sir William Drummon afirmou que no zodíaco que o patriarca Abraão conhecia, o [Escorpião] era uma águia; e alguns comentaristas localizaram aqui as Câmaras bíblicas do Sul [Job 9:9, KJV]... os Hebreus... inscreveu-o nas bandeiras de Dã como o emblema da tribo cujo fundador era ‘uma serpente, a propósito’, [Genesis 49:17, KJV]. Quando assim mostrado, era como uma Serpente ou Basilisco coroado”, (Allen, *Star-Names and their Meanings*, p. 362); “...Os quatro quadrantes do Zodíaco são os mesmos quatro que formam os Querubins (a Águia, inimiga do Escorpião, substituindo o Escorpião)”, para demonstrar simbolicamente o triunfo da vida ascendente contra a morte fundamentada (Bullinger, *The Witness of the Stars*, p. 19).

eram de tal altura e terror! e suas bordas estavam cheias de olhos, ao redor dos quatro.

E quando as criaturas foram, foram as rodas ao lado delas; e quando as criaturas foram levantadas da terra, foram levantadas as rodas; para onde quer que o espírito fosse, eles iam lá como o espírito ia, e as rodas eram levadas junto com eles, pois o espírito das criaturas estava nas rodas.⁹

As rodas são funcionalmente supérfluas; elas não acrescentam nada de novo aos poderes da carruagem. E, num símbolo, o supérfluo significa identidade: as rodas são uma segunda representação das criaturas; ou melhor, as criaturas e as rodas são perspectivas diferentes sobre a mesma ideia subjacente e inefável. Assim, as rodas possuem dois aros perpendiculares, permitindo que elas (simbolicamente) se movam nas quatro direções cardeais. Além disso, as bordas são “cheias de olhos”, isto é, não têm pontos cegos: como as criaturas, seu campo de visão é um círculo completo. Elas podem se mover e ver em todas as direções, *em todas as quatro funções*. Do ponto de vista de um pássaro, as rodas formam uma cruz; aplicado ao nosso diagrama, vemos as quatro cruzes de temperamento aparecerem. Assim, cada aro representa um eixo de função: dois polos opostos que se encontram continuamente.



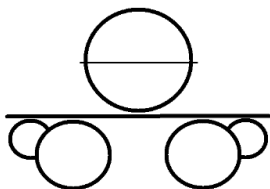
E, acima do firmamento que estava sobre as cabeças [das criaturas], e aos meus olhos como pedra de safira: a semelhança de um trono. E, na semelhança de um trono: uma semelhança, aos meus olhos, de um homem no alto dele. E eu vi, aos meus olhos brilhando eletro, e aos meus olhos, fogo dentro dele, ao redor, da vista de seus lombos para cima; e, da visão de seus lombos e para baixo, vi, aos meus olhos, fogo e brilho ao redor.

⁹ Ezequiel 1:15-20 (trad. do autor)

À minha vista, o arco que está em uma nuvem em dia de chuva: assim foi a visão do brilho ao seu redor, a visão da semelhança da glória de Jeová!¹⁰

Assim, o cenário está montado para Ezequiel receber, diretamente de seu Deus, o chamado para a profecia. O que nos interessa, no entanto, é a aparente posição de Jeová como cocheiro, isto é, o fator inteligente comum sobre as quatro criaturas/rodas. Independentemente de Ele ser identificado com o espírito diretivo mencionado anteriormente, ou se o referido espírito está sob Sua responsabilidade, ou se estou enganado em minha tradução e o espírito meramente se refere ao espírito unido das quatro criaturas — em qualquer caso, Jeová está sentado em uma posição de poder sagrado sobre a carruagem. Ele é representado como o ponto de união das quatro criaturas, das quatro rodas, dos quatro temperamentos: Ele tem domínio absoluto sobre o leste, oeste, norte e sul, sobre os quatro cantos da terra e sobre todos os seus variados habitantes. Isso é ainda representado pelo arco-íris: um símbolo natural posto nos céus, revelado após uma tempestade, onde um círculo ou curva eterna inclui todas as cores naturais em uma tela.

De fato, Sua união divina é separada do mundo quádruplo pelo firmamento: o Um é separado dos muitos. No entanto, não no sentido Parmenidiano, mas no Heraclitano: pois, o próprio Jeová é dividido em duas metades semelhantes, acima e abaixo. A metade superior é como metal amarelo brilhante (por exemplo, eletro), com fogo interno; a metade inferior, entretanto, é inteiramente consumida pelo fogo e pela luz. Assim, a parte superior do corpo é rigidamente formada, enquanto a parte inferior do corpo permanece um caos glorioso: ele é como uma estátua de ouro em uma forja. Em outras palavras, Ele aproveitou os poderes inferiores, as línguas quentes da libido, e com eles esculpiu a Si mesmo em perfeição, assim como arreou a carruagem e fez



¹⁰ Ezekiel 1:26-28 (trad. do autor)

dos mundos inferiores Seu escabelo errante. Esta é uma imagem do *Übermensch*, o grande superador.

Apêndice B:

Modelo Objetivo e Subjetivo

Na introdução, observei dois métodos de abordagem dos fenômenos psicológicos: o objetivo e o subjetivo. A primeira objetifica a realidade, a segunda a subjetifica. A primeira reduz a realidade a um conjunto de objetos em órbitas regulares e relações entre si; enfatiza o papel de fatores externos; portanto, seu fim é sempre o determinismo. A segunda reduz a realidade a um panteão de sujeitos cujos movimentos são inteiramente autogerados a partir do caldeirão de desejos e emoções; enfatiza o papel dos fatores internos; portanto, seu fim é sempre o animismo.

As limitações desses métodos são melhor demonstradas aplicando-os aos domínios uns dos outros. Subjetivizar objetos, por exemplo, é divinizá-los. Eles não podem mais ser coagidos ou controlados, mas apenas negociados. Todas as coisas ficam cheias de deuses: as árvores começam a falar e as nuvens de chuva exigem sacrifícios. De repente, para fazer qualquer coisa, é necessária a permissão do que não pode comunicar claramente a permissão. Isso é superstição: mais é atribuído a um objeto do que realmente existe. Por outro lado, objetivar os sujeitos é atribuir-lhes *menos* do que realmente existe. Todas as coisas e todas as pessoas são drenadas de Deus; assim, *ninguém* tem que ser fundamentado ou respeitado. As coisas são esvaziadas e reenchidas como espantalhos; as coisas são transformadas em fantoches de meia para uma mão animadora. Espero não ter que explicar a hipocrisia e a autocontradição de tal posição: isto é, de um sujeito que se recusa a reconhecer outros sujeitos como tal. Quando perguntado por que Nicolas e Beatriz desejam se casar, o método objetivo detalhará o fluxo de hormônios e a ativação de genes que levaram à união de Nicolas e Beatriz — de fato, o método objetivo sancionará *qualquer* explicação, desde que não envolva livre arbítrio ou escolha. Nicolas e Beatriz foram efetivamente *forçados* a se casar, como água em uma bomba. Qualquer sensação de que eles *escolheram* esse resultado é uma

ilusão e, em qualquer caso, irrelevante. Não importa o que acontece dentro, apenas fora. A abordagem subjetiva é o inverso: as circunstâncias externas são irrelevantes diante da vontade dos sujeitos. Assim, quando perguntado por que Nicolas e Beatriz desejam se casar, o método subjetivo simplesmente *perguntará* a eles e interpretará sua resposta com base na intuição, empatia, experiência pessoal passada etc. Considera sentimentos e experiências como dados legítimos, não meros disfarces para processos mecânicos.

Se neste livro eu alguma vez pareci muito insensível com o método objetivo, não é porque o acredito inferior ao subjetivo, mas porque temo que a crença inversa esteja se tornando muito popular: a saber, que o *subjetivo* é inferior (ou mesmo inexistente). Meus sentimentos são articulados por Marilynne Robinson, que escreveu:

Supondo que haja de fato um mal-estar moderno, um fator contribuinte pode ser a exclusão da vida sentida da mente dos relatos da realidade propostos pela literatura paracientífica estranhamente autoritária e profundamente influente que há muito se associa ao progresso intelectual, e a exclusão da vida sentida das variedades de pensamento e arte que refletem a influência desses relatos... até teologia... tendeu a esquecer a beleza e a estranheza da alma individual, isto é, do mundo como percebido no curso de uma vida humana, da mente como ela existe no tempo. Mas a beleza e a estranheza persistem do mesmo jeito... A subjetividade é o antigo refúgio de piedade, reverência e longos, longos pensamentos. E as literaturas que dissipariam tais coisas se recusam a reconhecer a subjetividade, talvez porque a incapacidade tenha evoluído para princípio e método.

O avanço da ciência não precisa e nem deve impedir o reconhecimento de uma característica tão indubitável da realidade como a subjetividade humana... A dificuldade com que a objetividade pode ser alcançada, na medida em que é alcançada, apenas demonstra a importância penetrante da subjetividade.¹¹

¹¹ *Absence of Mind*, p. 35-36

A objetividade empregada na psicologia moderna e nas ciências biológicas vandaliza tudo o que confere à vida sua beleza e valor. Sexo, por exemplo, é “revelado” como nada mais que propagação de genes. Assim, todas as experiências que acompanham o sexo — exultação do outro mundo, o sabor da antecipação, tornando-se um em carne, bem como profundo desgosto, saudade e a revelação Edipiana de suas falhas; em suma, o testemunho do mundo inteiro em sua literatura — são “revelados” como sendo, de alguma forma, enganos inculcados na mente de alguém pelos *verdadeiros* mestres do jogo: seus genes. Por trás do abraço desavergonhado de namorados comprometidos está, nos dizem, nada melhor do que uma negociação de propriedade genética, do que a prostituição ou o estupro disfarçados e legitimados. E, da mesma forma, espera-se que usemos termos como “estratégia reprodutiva” para descrever um babuíno-gelada macho trepando furiosamente com um membro de seu harém, logo após ameaçar um rival invasor com gritos de gelar o sangue e ferozes brilhos de presas.

Tudo isso é plausível se a experiência e o testemunho da humanidade não forem creditados, se a reflexão e a emoção forem apenas os meios pelos quais os genes que nos colonizaram nos manipulam para seus propósitos. Como “nós” devemos estar localizados em tudo isso? O que somos “nós” se devemos ser subornados e seduzidos por sensações ilusórias que chamamos de amor ou coragem ou benevolência? Por que nossos genes precisam conjurar esses anjos melhores, quando, presumivelmente, as espécies de sapos e borboletas... florescem sem eles? O que somos “nós” se nossas esperanças de nós mesmos são superiores ou contrárias à realidade pela qual somos de fato governados?¹²

Não é irrelevante o que os namorados pensam sobre o que estão fazendo, muito menos os babuínos-geladas. Pois, se seus pensamentos não têm relação com seu comportamento, então o pensamento se torna, de forma inexplicável, supérfluo à existência. De que servem os impulsos instintivos se não há ego para coagir ou persuadir? E se os pensamentos *têm* influência no

¹² *Absence of Mind*, p. 61-62

comportamento das criaturas, então devemos aceitar a possibilidade de que os amantes ou os geladas possam *escolher* resistir a seus impulsos instintivos. Ou, que eles possam interpretar mal seus impulsos, ou seguir um impulso em detrimento de outro (a ciência ainda tem de desenvolver uma teoria da *arbitragem* humana ou animal *entre* os instintos — como se as criaturas experimentassem apenas um desejo instintivo de cada vez). Geladas não podem se explicar, mas os humanos podem e o fazem. No entanto, esse testemunho não pode ser confiável, exceto por meio de uma hermenêutica de suspeita tão terrível quanto as passagens da fronteira de Berlim. Naturalmente, não posso deixar de voltar tal suspeita contra o hermenêutico e me perguntar se sua recusa em aceitar o amor erótico como parece ser é resultado de *inveja* e não de objetividade. De qualquer forma, o problema mais central é o estranhamente não empírico desrespeito pela riqueza de dados oferecidos pelos sujeitos examinados. A experiência consciente do sujeito é um fato tão indubitável quanto podemos descobrir: “não podemos duvidar de nossa existência enquanto dela duvidamos”, e eu acrescentaria a isso, “não podemos duvidar que estamos duvidando de nossa existência enquanto duvidamos dela.”¹³ O desejo de ignorar ou encobrir essa experiência indica uma vontade de controle (como sugeri no capítulo 5).

Mas e o método subjetivo? Na introdução, observei que é suscetível a erros ainda piores do que o objetivo. Quais são esses erros? Centram-se no fato de que a subjetividade é *privada*. Como observou Bertrand Russel,

...se, como insisti, o próprio mundo físico, como é conhecido, está totalmente infectado pela subjetividade... então somos trazidos de volta por esse caminho diferente à necessidade de confiar em observações que são, em um sentido importante, privadas. E é a privacidade dos dados

¹³ “*Non posse nobis dubitari quin existamus dum dubitamus,*” (Descartes, *The Principles of Philosophy*, part 1, article VII; p. 167); e, se minha construção fosse traduzida para o latim, seria, “*non posse nobis dubitari quin dubitandum existit dum id dubitamus.*”

introspectivos que causa grande parte da objeção dos behavioristas a eles.¹⁴

Para o cientista, dados privados não são dados, porque requerem uma epistemologia de *confiança*. Privacidade significa o direito absoluto de enganar. Mesmo se admitirmos que a mentira produz ondas cerebrais detectáveis, tudo o que uma pessoa de fora pode saber é que tais ondas cerebrais ocorreram; a experiência subjetiva da mentira, da contradição consciente da memória, só pode ser *inferida* por quem está de fora. Você nunca pode ver através dos meus olhos. Os sujeitos nunca podem se sobrepor verdadeiramente, mas são substâncias Spinozanas separadas. Assim, quando David Hume afirma que introspecção não descobre nenhum ego, eu simplesmente tenho que contra-afirmar que minha própria introspecção *encontrou* um ego. É impossível me refutar em bases objetivas, porque *minha introspecção não é objetificável*. É pura subjetividade. Deve, portanto, ser tratado com base em princípios totalmente diferentes do objetivo: ou seja, princípios de *confiança*. Hume não pode provar ou refutar minha alegação de experiência do ego, nem mesmo uma alegação de que meu ego me aparece como uma cesta de frutas. O mesmo vale para Schopenhauer: quando ele diz que a introspecção revela apenas um esforço sem propósito como o fundo da existência, posso simplesmente dizer que ele está mentindo, porque, afinal, ele *deve* ter visto uma cesta de frutas, como eu vi. E assim por diante com quase todos os filósofos; pois, seu valor não está em me *forçar* a acreditar, mas em me *persuadir* a acreditar, em ganhar minha *confiança*.

Ao contrário da presença de um pedregulho ou da mudança de cor do papel de tornassol, os dados subjetivos não podem ser examinados diretamente por um grupo de sujeitos; antes, como disse na introdução, ela só pode ser examinada indiretamente, pela feliz coincidência das subjetividades. Quem já deu orientações por telefone entende essa situação: “você quer dizer a *sua* direita, ou a *minha* direita?” “Você vê um grande carvalho por perto?” “Como é um carvalho?” “Esquece; encontre a esquina da Rua Principal com a Quinta.” “Não há Rua Principal por aqui — não,

¹⁴ *The Analysis of Mind*, lecture XI (p. 230)

espere! Tem sim: bem aqui.” “Excelente. Agora encontre a Quinta.” “Não existe a Quinta Rua... tem *certeza* de que já esteve nesta parte da cidade antes? E assim por diante. É um processo de alinhamento de dois olhos da mente, dois mapas mentais, duas experiências subjetivas. Quando eles *de fato* se alinham, é um dia feliz. Mas há também o potencial para erros muito mais profundos do que é possível através do método objetivo. O erro mais simples e superficial é simplesmente a confusão: o desalinhamento das experiências é óbvio para ambas as partes. Você diz que deveria haver uma trilha ramificada à esquerda, mas não vejo nenhuma. Eu digo que todo mundo tem quatro funções mentais, e você diz que só pode ver três. Uma ou ambas as partes devem estar enganadas sobre o que estão vendo, por exemplo, realmente há uma trilha indo para a esquerda, mas está escondida pelo mato; ou, há realmente quatro funções, mas você juntou duas delas em uma só na sua mente, devido à pobreza de minhas descrições.

O perigo mais profundo, porém, é a *coincidência ilusória da experiência*. Por exemplo, você pode me dizer que, a 120 metros da árvore de bordo que cresce no meio da trilha, há uma segunda trilha se ramificando à esquerda. Infelizmente, confundi um sicômoro com sua árvore de bordo; além disso, acontece que a 110 pés deste sicômoro há uma trilha que se bifurca à *direita*. Animado com essa coincidência, e não querendo se sentir perdido novamente, racionalizo que você deve estar confuso sobre a direção que estou olhando, de modo que minha direita é na verdade a sua esquerda; então, eu me aventuro pela trilha do ramo direito. Pode levar horas até percebermos que algo deu errado.

Tal comédia de erros é comum no reino da mente, porque os “marcos” mentais são tão nebulosos e ambíguos. Assim, você pode aplicar erroneamente minha descrição de sentimento à sua própria intuição, ou uma descrição de tipo incorreta ao seu cônjuge. Uma descrição vaga, mas positiva, pode ser interpretada em qualquer mente; isto é, o efeito Forer. Mas uma descrição vagamente negativa também pode ser semeada em uma mente autopunitiva. E em ambos os casos, injunções de ação ou ofertas de cura podem ser anexadas à descrição. Uma pessoa em desespero pode conjurar quase qualquer coisa de uma mancha de Rorschach, e uma mente faminta pode ser convencida a acreditar

e fazer qualquer coisa. Tal manipulação é mais difícil com o método objetivo porque os dados são públicos, o que significa que a parte manipulada pode obter opiniões alternativas das perspectivas de outras pessoas. Mas isso não é possível de verdade com a própria subjetividade. Um é isolado: o alvo ideal para um vigarista ou para um salvador mal orientado.

Naturalmente, estou extremamente preocupado em me encontrar no papel de um salvador ou guru ou único revelador de mistérios. Mas como meu interesse é tão consumido pelo não científico, tento me comprometer tornando-me um curador de museu discreto, embora apaixonado, ou bibliotecário prestativo. Deus me livre do carisma. É por isso que enfatizei na introdução a necessidade de outros livros, de outras perspectivas. Até então, e mesmo assim, o leitor fará bem em seguir o antigo conselho de Jesus,

Cuidado com os falsos profetas, que vêm até vocês disfarçados de ovelhas, mas por dentro são lobos devoradores. Sabereis pelos seus frutos. Os homens colhem uvas de espinheiros ou figos de cardos? Assim também toda boa árvore produz bons frutos; mas a árvore má dá frutos maus... Conhecê-la-eis, pois, pelos seus frutos.¹⁵

Como disse na introdução, o leitor estará convencido de minhas ideias na medida em que vir e experimentar as mesmas coisas que tento descrever aqui; além disso, eles devem encontrar esse conhecimento *continuamente* bem adaptado à sua realidade, isto é, útil para eles, bem como para seus amigos, e de outra forma genuinamente promotor da vida ao longo do tempo. Assim que os insights murcharem ou quebrarem, desejo sinceramente que o leitor tenha maturidade, força e um discernimento *pessoal* para deixar de lado o que agora pode só dificultá-los.

¹⁵ Matthew 7:15-20, KJV

Apêndice C:

Agradecimentos

Fui apresentado pela primeira vez à tipologia Junguiana no verão de 2013. Eu era um calouro da faculdade, preparando-me para servir em uma missão eclesial para A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, de acordo com minha consciência religiosa. Eu deveria me apresentar para o serviço naquele outono; o verão era uma calmaria antes da tempestade.

Uma noite, alguns amigos e eu nos divertimos lendo descrições online de nossas personalidades do zodíaco Chinês. Rendeu uma risada tão boa que contei a outro amigo sobre isso, que sugeriu que eu procurasse o Myers-Briggs Type Indicator, porque era “assustadoramente preciso”. Alguns dias depois, tentei esse novo truque de salão por meio de uma imitação gratuita do MBTI fornecido pelo truity.com. Meus resultados foram “INFJ”. Depois, encontrei uma descrição detalhada do “INFJ” em personalitypage.com.

Percebi muito rapidamente que a análise oferecida pela teoria de Myers-Briggs, mesmo de segunda mão, penetrava muitas camadas mais profundas do que um perfil gratuito do zodíaco Chinês. Por um lado, não me ofereceu apenas um “o quê”, mas um “porquê” correspondente; ele realmente me *ensinou* coisas práticas sobre psicologia. Forneceu-me os rudimentos de uma nova linguagem pela qual eu poderia entender a mim e aos outros. Ajudou a dissipar parte da névoa que turvava as relações humanas. Pares de palavras e conceitos poderiam agora ser aplicados às irritações e confusões que, de outra forma, seriam vagas que surgem entre pessoas que pensam de forma diferente. Eu tinha *ferramentas* que nunca pensei ser possível forjar.

Claro, eu não entendi tudo isso imediatamente. O que eu *sabia* era que o sistema MBTI me libertou de uma cela solitária de individualidade inútil. Eu também logo aprendi que havia *muito* mais a aprender. Por exemplo, quais eram as outras personalidades? Como elas se relacionavam entre si? Quais são *realmente* todas as palavras e conceitos? Responder a essas perguntas tem sido minha busca nos últimos sete anos. E, nessa

busca, fui auxiliado por um elenco incontável de companheiros exploradores nessas colinas desconhecidas.

Antes de descobrir o IDRLabs (então conhecido como “Celebrity Types”), as duas fontes contemporâneas que vale a pena mencionar são A.J. Drenth de *personalityjunkie.com*, e David Keirsey, em seu trabalho *Please Understand Me II*. Poucas ou nenhuma das ideias de Keirsey sobreviveu neste livro; agradeço-lhe como uma escada que desde então me senti obrigado a jogar fora. Por outro lado, de Drenth aprendi pela primeira vez o conceito de eixos das funções. Além de um artigo dos editores do IDRLabs,¹⁶ ele é a única pessoa que conheço a formular esse conceito.

Agora, principalmente entre minhas ajudas estavam os editores acima mencionados do Individual Differences Research Labs (*idrlabs.com*) e, em particular, Ryan Smith. Em uma paisagem abandonada pela academia, portanto empobrecida de rigor intelectual e dominada pelos extremos da comercialização rasa e pelas tocas de coelho dos excêntricos, o IDRLabs foi um missionário inesperado e inexplicável da civilização. Eles forneceram um exemplo muito necessário de pensamento crítico, virtude intelectual e educação cosmopolita. Em suma, *eles mostraram como a tipologia Junguiana poderia ser respeitável*.

Em 2014, eles realizaram um concurso de redação para o qual me inscrevi e ganhei o segundo prêmio. Parte do prêmio seria publicada em seu site. Para mim, isso foi um impulso crucial na confiança. Mais tarde, quando comecei a fazer vídeos no YouTube sobre tipologia, o IDRLabs se ofereceu também para publicar minhas transcrições de vídeo. Isso foi essencial para que eu ganhasse um reconhecimento mais amplo na comunidade de tipologia online, e sou extremamente grato por isso.

A crescente popularidade do meu canal no YouTube me colocou em contato com outros pesquisadores e entusiastas, cujas diferentes percepções e perspectivas foram indispensáveis para mim. É impossível enumerar completamente esses insights ou aqueles que os ofereceram, mas procurarei dar tanto crédito quanto minha memória permitir. Foi John Barnes, por exemplo,

¹⁶ Smith e Gregersen, “Determining Function Axes, Part 1,” *idrlabs.com*

cujas observações sobre os eixos de percepção inspiraram meu conceito de contextual *versus* universal. As notas de Damon Grey sobre sentimento introvertido e pensamento extrovertido ajudaram muito na minha compreensão deles. Trocas com o usuário “Heavy Mole” levaram à minha concepção atual dos quatro temperamentos, e primeiro me inspiraram a seguir Jung em fazer analogias de conceitos tipológicos com alquimia e mitologia. Os insights de Juan Sandoval (desenvolvedor do Cognitive Type), especialmente no que diz respeito à natureza cíclica dos eixos das funções, refinaram ainda mais meu pensamento. E os comentários de Calypso (e antes Alex) no canal do YouTube “Casual Cognition” ajudaram particularmente na minha compreensão da percepção contextual e universal.

Leon Tsao do canal “Type Tips” desempenhou um papel importante no início da vida do meu canal. Ele foi a primeira pessoa a me entrevistar (seguido logo depois por Ben Vaserlan). Além disso, Leon me deu a oportunidade de falar em um encontro de tipologia na cidade de Nova York. Isso foi uma grande honra para mim e me deu mais confiança para continuar minha pesquisa e trabalhar com o YouTube. Este foi o caso de todas as minhas entrevistas até agora, pelas quais tenho que agradecer (além de John Barnes e Damon Grey): Ben Vaserlan, Emily Elizabeth Barnes do canal “pucokie”, o canal “999GreenEyes” e Jack Oliver Aaron da World Socionics Society.

A menção da World Socionics Society me leva a discutir a Socionics em geral. Qualquer um versado nas teorias de Socionics reconhecerá extensas semelhanças com minha própria teoria. Isso se deve em parte à influência direta e em parte à concepção independente. Ambos os casos são um elogio à Socionics: no primeiro, porque imitação é bajulação, e no segundo, porque “imitação” não intencional é evidência. O próprio Socionics foi desenvolvido independente e ainda contemporâneo do MBTI. Eles estavam separados pela cortina de ferro. Quando a cortina se abriu, a literatura de Socionics ainda estava vedada aos olhos da maioria dos ocidentais devido às barreiras linguísticas. Foi apenas nos últimos anos que essas barreiras foram superadas de forma mais completa, e a literatura e as teorias de Socionics tornaram-se mais prontamente disponíveis para falantes de inglês, por meio de

sites como WikiSocion (wikisocion.net) e the16types.info. Talvez mais importante, os defensores de Socionics que falam inglês se tornaram mais proeminentes na comunidade tipológica, como a World Socionics Society, Ben Vaserlan, Leon Tsao (Type Tips) e o canal “Talking with Famous People”. Mas quando ouvi seus gritos no deserto, já havia deduzido por mim mesmo os quatro temperamentos (em Socionics, “quadras”) dos eixos de função. Fiquei genuinamente surpreso (e saudavelmente humilhado) ao saber que Socionics há muito me superava. Após esse ponto, tirei inspiração e sabedoria da pilha de funções do Model A para desenvolver minha abordagem baseada em MBTI. E em tudo isso tenho sido muito auxiliado pelos materiais fornecidos pela World Socionics Society e Jack Aaron em particular.

Por questões de privacidade, não vou detalhar aqui a ajuda, incentivo e atenção incalculáveis que me foram dados por minha família e amigos pessoais, que de outra forma não são afiliados à comunidade tipológica.

As influências restantes são Obras Citadas.

Obras Citadas

- Abbott, Edwin A., *Flatland*, Penguin Classics (1998)
- Acton, J.E.E.D., Letter to Bishop Mandell Creighton, April 5, 1887, in *Essays on Freedom and Power*, ed. Gertrude Himmelfarb, Meridian Books (1960)
- Adler, Alfred, *Understanding Human Nature*, trans. W. Beran Wolfe, Premier Books (1959)
- Aelred of Rievaulx, *Spiritual Friendship*, trans. Mary Eugenia Laker, Cistercian Publications (1974)
- Aeschylus, *Agamemnon*, in *The Oresteian Trilogy*, trans. Philip Vellacott, Penguin Classics (1963)
- Agnus, Samuel, *The Mystery-Religions and Christianity*, Citadel Press Books (1966)
- Alighieri, Dante, *The Divine Comedy: Paradise*, in *The Portable Dante*, ed. & trans. Mark Musa, Penguin Classics (1995)
- Allen, Richard Hinckley, *Star-Names and their Meanings*, G.E. Stechert (1899); digitized to Google Books
- Akinwande, Boye and Ryan Smith, “Determining Function Axes, Part 4,” on *Individual Differences Research Labs* website (idrlabs.com)
- Ambrose, Stephen E., *The Supreme Commander*, UP of Mississippi (1999)
- Arild, Sigurd and Ryan Smith, “4 Little Known Facts About Jung and Types,” on *Individual Differences Research Labs* website (idrlabs.com)
- Aristotle, *Nicomachean Ethics*, trans. W.D. Ross, in *The Basic Works of Aristotle*, ed. Richard McKeon, Modern Library (2001)
- , *On the Soul*, trans. J.A. Smith, in *The Basic Works of Aristotle*, ed. Richard McKeon, Modern Library (2001)

Saint Augustine of Hippo, *Confessions*, trans. Garry Wills, Penguin Books (2006)

Barnes, Jonathan, *The Presocratic Philosophers*, Routledge (1982); accessed *via* Taylor & Francis Group e-Library edition (2005)

de Beauvoir, Simone, *Must We Burn Sade?*, Olympia Press (2015) (ebook)

Bergson, Henri, *Time and Free Will*, trans. F.L. Pogson, Dover Publications (2001)

Bezos, Jeff, interview with Steven Levy, *Wired*, “Jeff Bezos Owns the Web in More Ways Than You Think,” 13 November 2011, on Wired.com

The Bible, King James Version (KJV), on Bible Hub (biblehub.com)

The Bible, original Hebrew and Greek texts on Bible Hub (biblehub.com)

Blake, William, *The Marriage of Heaven and Hell*, in *The Portable Blake*, ed. Alfred Kazin, Penguin Books (1974)

———, “There Is No Natural Religion,” in *The Portable Blake*, ed. Alfred Kazin, Penguin Books (1974)

Bonaparte, Napoleon, *Napoleon: In His Own Words*, ed. Jules Bertaut, trans. Herbert Edward Law and Charles Lincoln Rhodes, A.C. McClurg & Co. (1916); digitized to Internet Archive (archive.org) 25 June 2010

The Book of Abraham, trans. Joseph Smith, Jr., in *The Pearl of Great Price*, The Church of Jesus Christ of Latter-Day Saints (2013)

The Book of Mormon, trans. Joseph Smith, Jr., The Church of Jesus Christ of Latter-Day Saints (2013)

Brown, Charles Brockden, *Wieland*, in *Wieland and Memoirs of Carwin the Biloquist*, ed. Emory Elliott, Oxford World’s Classics (1998)

Brown-Driver-Briggs — *A Hebrew and English Lexicon of the Old Testament*, ed. Francis Brown, Samuel Rolles Driver, Charles Augustus Briggs, on Bible Hub (biblehub.com)

Bullinger, Ethelbert William, *The Witness of the Stars*, Project Gutenberg, (Ebook #49018) (2015)

Burke, Edmund, *Reflections on the Revolution in France*, Dover Publications (2006)

Burroughs, Edgar Rice, *A Princess of Mars*, in *The Martian Tales Trilogy*, The Barnes & Noble Library of Essential Reading (2004)

Calvin, John, *Institutes of the Christian Religion*, vol. I, trans. Henry Beveridge, T. & T. Clark (1863); digitized to Google Books 26 October 2006

Camus, Albert, *The Myth of Sisyphus*, in *The Myth of Sisyphus and Other Essays*, trans. Justin O'Brien, Vintage International (1991)

———, *The Stranger*, trans. Stuart Gilbert, Vintage Books (1946)

Caputo, John D., *The Prayers and Tears of Jacques Derrida*, Indiana UP (1997); digitized to Google Books

Carnegie, Andrew, *The Autobiography of Andrew Carnegie and His Essay: The Gospel of Wealth*, Dover Thrift Editions (2014); digitized to Google Books

Cohen, J.M., Introduction to *The Four Voyages of Christopher Columbus*, trans. & ed. J.M. Cohen, Penguin Classics (1969)

Coleridge, Samuel Taylor, *The Rime of the Ancient Mariner*, in *The Portable Coleridge*, ed. I.A. Richards, Penguin Books (1980)

The Cynic Philosophers, ed. & trans. Robert Dobbin, Penguin Classics (2012)

Dali, Salvador, *Diary of a Genius*, trans. Richard Howard, ed. Michael Deon, Doubleday (1965); digitized to Google Books 15 March 2011

The Dark Knight, Christopher Nolan, Warner Bros. Pictures (2008)

Davis, Miles, interview with Alex Haley, *Playboy*, “*Playboy Interview: Miles Davis — A Candid Conversation with the Jazz World's Premier Iconoclast*,” September 1962

Derrida, Jacques, *Specters of Marx*, trans. Peggy Kamuf, Routledge Classics (2006); digitized to Google Books

———, “Structure, Sign and Play in the Discourse of the Human Sciences,” in *Writing and Difference*, trans. & ed. Alan Bass, University of Chicago Press (1978)

Dershowitz, Alan, *The Abuse Excuse*, Little, Brown & Co. (1994)

Descartes, Rene, *Discourse on Method*, in *A Discourse on Method*, trans. John Veitch, Everyman's Library (1962)

- , *Meditations on the First Philosophy*, in *A Discourse on Method*, trans. John Veitch, Everyman's Library (1962)
- , *The Principles of Philosophy*, in *A Discourse on Method*, trans. John Veitch, Everyman's Library (1962)
- Dickens, Charles, *A Christmas Carol*, Watermill Classics (1980)
- Dirty Harry*, Don Siegel, Warner Bros. Pictures (1971)
- Dostoevsky, Fyodor, *Crime and Punishment*, trans. Constance Garnett, Bantam Classics (2003)
- , *Notes From Underground*, in *Notes From Underground, The Double, and Other Stories*, trans. Constance Garnett, ed. Deborah A. Martinsen, Barnes & Noble Classics (2003)
- , *The Brothers Karamazov*, trans. Constance Garnett, Barnes & Noble Classics (2004)
- , *The Dream of a Ridiculous Man*, in *Notes From Underground, The Double, and Other Stories*, trans. Constance Garnett, ed. Deborah A. Martinsen, Barnes & Noble Classics (2003)
- Doyle, Arthur Conan, "The Adventure of the Copper Breeches," in *The Adventures of Sherlock Holmes*, A&W Visual Library (1975)
- Eco, Umberto, interview with Matt Medley, *National Post*, "Fascinated with Stupidity: Umberto Eco conspires in the Prague Cemetery," 18 November 2011, on National Post (nationalpost.com)
- Emerson, Ralph Waldo, "The American Scholar," in *The Essential Writings of Ralph Waldo Emerson*, ed. Brooks Atkinson, Modern Library (2000)
- Epictetus, *Discourses*, in *Discourses and Selected Writings*, trans. & ed. Robert Dobbin, Penguin Classics (2008)
- The Epic of Gilgamesh*, trans. N.K. Sandars, Penguin Books (1962)
- Erasmus, Desiderius, *The Handbook of the Militant Christian*, in *The Essential Erasmus*, trans. & ed. John P. Dolan, Mentor-Omega Books (1964)
- "Extraversion or Introversion," on *The Myers & Briggs Foundation* website (myersbriggs.org)
- "First Epistle of Clement to the Corinthians," in *Early Christian Writings*, trans. & ed. Maxwell Staniforth and Andrew Louth, Penguin Classics (1987)

- Fischer, Bobby, "Bobby Fischer Speaks Out!" interview with *Ambassador Report*, issue 2 (1977) (hwarmstrong.com)
- Fitzgerald, F. Scott, *The Great Gatsby*, Charles Scribner's Sons (1925)
- Ford, Henry, *My Life and Work*, Doubleday, Page & Co. (1922); digitized to Google Books 14 September 2006
- Foucault, Michel, *The Archeology of Knowledge*, trans. A.M. Sheridan Smith, Pantheon Books (1972)
- Frank, Anne, *The Diary of a Young Girl*, trans. B.M. Mooyart-Doubleday, Bantam Books (1993)
- Freud, Sigmund, *Civilization and Its Discontents*, trans. James Strachey, W.W. Norton & Co. (1961)
- , *The Ego and the Id*, trans. John Rivierie, ed. Terri Ann Geus, Dover Thrift Editions (2018)
- , *The Interpretation of Dreams*, in *The Basic Writings of Sigmund Freud*, trans. & ed. A.A. Brill, Modern Library (1995)
- Galilei, Galileo, *The Assayer*, in *Discoveries and Opinions of Galileo*, ed. & trans. Stillman Drake, Doubleday & Co. (1957); abridged version accessed *via* web.stanford.edu
- Gandhi, Mohandas K., *Autobiography*, trans. Mahadev Desai, Dover Publications (1983)
- , "The Message of Mahatma Gandhi," in *Harijan*, 2 March 1934; accessed on Gandhi Heritage Portal (gandhiheritageportal.org)
- Gray, Thomas, *Elegy Written in a Country Churchyard*, Poetry Foundation (poetryfoundation.org)
- Grimm's Fairy Tales*, ed. Elizabeth Dalton, Barnes & Noble Classics (2003)
- Goebbels, Joseph, Speech at the *Hochschule für Politik*, 9 January 1928, on Calvin University's German Propaganda Archive (research.calvin.edu/german-propaganda-archive)
- Goethe, Johann Wolfgang von, *West-östlicher Diwan*, original German text on Project Gutenberg (EText #2319) (2017)
- The Gospel of Philip*, trans. Wesley W. Isenberg, in *The Nag Hammadi Library in English*, 4th edition, ed. James M. Robinson, trans. members of the Coptic Gnostic Library Project, E.J. Brill (1996)

Graham, Billy, *Just As I Am: The Autobiography of Billy Graham*, Zondervan (2007); digitized to Google Books

Guevara, Che, “From Algiers, for *Marcha*: The Cuban Revolution Today,” 12 March 1965, in *The Che Reader*, Ocean Press (2005); transcribed to Marxists.org by Ocean Press and Brian Baggins (2005)

———, “On Revolutionary Medicine,” speech delivered 19 August 1960, trans. Beth Kurti, in *Obra Revolucionaria*, issue 24 (1960); transcribed to Marxists.org by Brian Baggins (1999)

The Guess Who, “American Woman,” RCA’s Mid-America Recording Center (1970)

Haldane, J.B.S., “When I Am Dead,” in *Possible Worlds*, Faded Page (eBook #20160325) (2016)

Harrod, Roy, *The Life of John Maynard Keynes*, Augustus M. Kelley (1969)

Hayek, F.A., *The Road to Serfdom*, University of Chicago Press (1994)

Hegel, G.W.F., *Phenomenology of Spirit*, trans. A.V. Miller, Oxford UP (1977)

———, *Hegel’s Philosophy of Right*, trans. & ed. T.M. Knox, Oxford UP (1969)

———, *The Spirit of Christianity and Its Fate*, in *Early Theological Writings*, trans. T.M. Knox and Richard Kroner, University of Pennsylvania Press (1996); transcribed to Marxists.org by Kwame Genov (2017)

Heidegger, Martin, *Being and Time*, trans. John Macquarrie and Edward Robinson, Harper Perennial Modern Thought (2008)

Heraclitus, original Greek text on The Fragments of Heraclitus (heraclitusfragments.com), ed. Randy Hoyt

Himmler, Heinrich, “Posen speech,” delivered 4 October 1943, to SS Major-Generals at Posen, on Wikisource (wikisource.org)

Hirshson, Stanley P., *General Patton: A Soldier’s Life*, Harper Perennial (2003)

Hitler, Adolf, *Mein Kampf*, trans. James Murphy, Project Gutenberg of Australia (Ebook #0200601) (2002)

- Hobbes, Thomas, *Leviathan*, Barnes & Noble Library of Essential Reading (2004)
- Homer, *The Iliad*, trans. Robert Fagles, Penguin Classics (1991)
- Hume, David, *A Treatise on Human Nature*, The Barnes and Noble Library of Essential Reading (2005)
- Huxley, Aldous, "Wordsworth in the Tropics," in *Collected Essays*, Bantam Classics (1964)
- Ibsen, Henrik, *An Enemy of the People*, in *Six Plays by Henrik Ibsen*, trans. & ed. Eva Le Gallienne, Modern Library College Editions (1957)
- The I Ching or Book of Changes*, trans. Richard Wilhelm and Cary F. Baynes, Princeton UP (1997)
- Irenaeus, *Against Heresies*, trans. Philip Schaff, *et al.*, in *The Ante-Nicene Fathers* (1925), ed. Alexander Roberts, James Donaldson, Arthur Cleveland Coxe, and Philip Schaff, *et al.*, on Wikisource (en.wikisource.org)
- Jacobs, Joseph, *The Fables of Aesop*, on Wikisource (wikisource.org)
- James, William, *Pragmatism*, The Barnes & Noble Library of Essential Readings (2003)
- , *The Principles of Psychology*, vol. I, Dover Publications (1950)
- Jobs, Steve, interview with Andy Reinhardt, *BusinessWeek*, "There's Sanity Returning," 25 May 1998
- Joynes, Edward S., "General Robert E. Lee as College President," in *General Robert E. Lee After Appomattox*, ed. Franklin L. Riley, Macmillan Co. (1922); digitized to Google Books 10 August 2006
- Jung, Carl Gustav, *Psychological Types*, trans. R.F.C. Hull and H.G. Baynes, Princeton UP (1974)
- , *Symbols of Transformation*, trans. R.F.C. Hull, Princeton UP (1976)
- , *The Red Book: Liber Novus: A Reader's Edition*, ed. & trans. Sonu Shamdasani, John Peck and Mark Kyburz, W.W. Norton & Co. (2012)

- , *The Relations Between the Ego and the Unconscious*, in *Two Essays on Analytical Psychology*, trans. R.F.C. Hull, Meridian Books (1961)
- Kant, Immanuel, *An Answer to the Question: What is Enlightenment?*, in *Perpetual Peace and Other Essays*, trans. Ted Humphrey, Hackett Publishing Co. (1983)
- , *Critique of Judgement*, trans. J.H. Bernard, Hafner Press (1951)
- , *Groundwork of the Metaphysic of Morals*, trans. H.J. Paton, Harper Perennial Modern Thought (2009)
- Kaufmann, Walter, *Nietzsche*, Princeton UP (1974)
- Keynes, John Maynard, “Newton, the Man,” in *The Essential Keynes*, ed. Robert Skidelsky, Penguin Classics (2015)
- Kierkegaard, Soren, *Concluding Unscientific Postscript*, trans. David F. Swenson and Walter Lowrie, Princeton UP (1974)
- , *Either / Or*, vol. I, trans. David F. Swenson and Lillian Marvin Swenson, ed. Howard A. Johnson, Anchor Books (1959)
- , *Fear and Trembling*, in *Fear and Trembling / The Sickness Unto Death*, trans. Walter Lowrie, Princeton UP (2013)
- , Letter from Gilleleie, 1 August 1835, in *The Essential Kierkegaard*, trans. & ed. Howard V. Hong and Edna H. Hong, Princeton UP (1997)
- King, Jr., Martin Luther, “Letter from a Birmingham Jail,” in *American Political Rhetoric: A Reader*, 5th edition, ed. Peter Augustine Lawler and Robert Martin Schaefer, Rowman & Littlefield (2005)
- Kurtz, Gary, “Original Star Wars Producer Gary Kurtz Speaks,” interview with *Film Threat*, 5 March 2000 (filmthreat.com)
- Lawrence, D.H., *The Blind Man*, in *The Portable D.H. Lawrence*, ed. Diana Trilling, The Viking Press (1964)
- Light in the Heavens*, ed. Al-Quadi Al-Quda’i, trans. Tahera Qutbuddin, New York UP (2019)
- Locke, John, *An Essay Concerning Human Understanding*, ed. Alexander Campbell Fraser, The Barnes & Noble Library of Essential Reading (2004)

———, *Of the Conduct of the Understanding, in Some Thoughts Concerning Education and Of the Conduct of the Understanding*, ed. Ruth W. Grant and Nathan Tarcov, Hackett Publishing Co. (1996)

MacArthur, Douglas, *Reminiscences*, Bluejacket Books (2001); digitized to Google Books

Marx, Karl, *Capital*, vol. 1, trans. Ben Fowkes, Penguin Classics (1990)

———, *Theses on Feuerbach*, in *The Portable Karl Marx*, ed. Eugene Kamenka, Penguin Books (1983)

Marx, Karl and Friedrich Engels, *The Communist Manifesto*, International Publishers (1982)

“Meet the Sniper,” Valve, YouTube (youtube.com)

Michelangelo, Buonarroti, “*Ora in su l’uno, ora in su l’altro piede*”; original Italian text in Abigail Brudin, *Vittoria Colonna and the Spiritual Poetics of the Italian Reformation*, Ashgate Publishing (2008), p. 75; digitized to Google Books

Mill, John Stuart, *On Liberty*, in *The Six Great Humanistic Essays of John Stuart Mill*, ed. Albert William Levi, Washington Square Press (1970)

Miyamoto Musashi, *A Book of Five Rings*, trans. Victor Harris, Overlook Press (1974)

Moliere, *The Misanthrope*, in *The Misanthrope and Other Plays*, trans. Donald M. Frame, Signet Classics (1968)

Monet, Claude, “Letter to Frédéric Bazille from Etretat, December 1868,” in *Critical Readings in Impressionism and Post-Impressionism*, ed. Mary Tompkins Lewis, University of California Press (2007)

Montesquieu, *Persian Letters*, trans. C.J. Betts, Penguin Classics (1993)

Neumann, Erich, *The Origins and History of Consciousness*, trans. R.F.C. Hull, Princeton UP (1995)

Nietzsche, Friedrich, *Beyond Good and Evil*, in *Basic Writings of Nietzsche*, trans. & ed. Walter Kaufmann, The Modern Library (2000)

———, *The Birth of Tragedy*, in *Basic Writings of Nietzsche*, trans. & ed. Walter Kaufmann, The Modern Library (2000)

- , *The Gay Science*, trans. & ed. Walter Kaufmann, Vintage Books (1974)
- , *Ecce Homo*, in in *Basic Writings of Nietzsche*, trans. & ed. Walter Kaufmann, The Modern Library (2000)
- , *Ecce Homo*, original German text on Project Gutenberg (EBook #7202) (2005)
- , *On the Advantage and Disadvantage of History for Life*, trans. Peter Preuss, Hackett Publishing Co. (1980)
- , *On the Genealogy of Morals*, in *Basic Writings of Nietzsche*, trans. & ed. Walter Kaufmann, The Modern Library (2000)
- , *Philosophy in the Tragic Age of the Greeks*, trans. Marianne Cowan, Regnery Publishing (1998)
- , *The Pre-Platonic Philosophers*, ed. & trans. Greg Whitlock, University of Illinois Press (2001); digitized to Google Books
- , *Thus Spoke Zarathustra*, trans. Clancy Martin, Barnes & Noble Classics (2005)
- , *The Wanderer and His Shadow*, in *Basic Writings of Nietzsche*, trans. & ed. Walter Kaufmann, The Modern Library (2000)
- , *The Will to Power*, trans. Walter Kaufmann and R.J. Hollingdale, Vintage Books (1968)

Olcott, William Tyler, *Star Lore of All Ages*, G.P. Putnam's Sons (1911); digitized to Google Books 28 November 2007

Orwell, George, *1984*, Signet Classics (1977)

Paglia, Camille, *Sexual Personae*, Vintage Books (1991)

———, *Vamps & Tramps*, Vintage Books (1994); digitized to Google Books

Paine, Thomas, *Rights of Man*, Penguin American Library (1984)

Palahniuk, Chuck, *Fight Club*, W.W. Norton & Co. (1996)

Pascal, Blaise, *Pensées*, in *The Essential Pascal*, ed. Robert W. Gleason, Mentor-Omega Books (1966)

Peterson, Jordan, Address at the Oxford Union, 28 June 2018, "Jordan Peterson | Full Address and Q&A | Oxford Union," on YouTube (youtube.com)

- , “Biblical Series I: Introduction to the Idea of God,” transcript, on Jordan Peterson’s website (jordanbpeterson.com)
- , “Biblical Series VIII: The Phenomenology of the Divine,” transcript, on Jordan Peterson’s website (jordanbpeterson.com)
- , “Genders, Rights and Freedom of Speech,” on The Agenda with Steve Paikin, YouTube (youtube.com)
- , Talk to The Speakers Action Group, 22 January 2017, “2017/01/22: Pt 2/3: Freedom of Speech/Political Correctness: Dr. Jordan B. Peterson,” YouTube (youtube.com)
- , *12 Rules for Life*, Random House Canada (2018)
- Pieper, Josef, *Leisure: The Basis of Culture*, trans. Alexander Dru, Mentor Books (1963)
- Plato, *Apology*, trans. Benjamin Jowett, in *Essential Dialogues of Plato*, ed. Pedro de Blas, Barnes and Noble Classics (2005)
- , *Republic*, trans. Benjamin Jowett, ed. Elizabeth Watson Scharffenberger, Barnes and Noble Classics (2004)
- , The Seventh Letter, in *Phaedrus and Letters VII and VIII*, trans. Walter Hamilton, Penguin Classics (1973)
- Plutarch, *Greek Lives* (selection of nine lives), trans. Robin Waterfield, ed. Philip A. Stadter, Oxford World’s Classics (1998)
- Poe, Edgar Allan, *The Black Cat*, in *The Fall of the House of Usher and Other Tales*, Signet Classics (1980)
- Pope John Paul II, Letter to Reverend George V. Coyne, 1 June 1988, on The Holy See website (vatican.va)
- Popper, Karl, *Objective Knowledge: An Evolutionary Approach*, Oxford UP (1972); digitized to Google Books 21 January 2009
- , *The Open Society and Its Enemies: Volume I, The Spell of Plato*, Princeton UP (1966)
- The Presocratics*, ed. Philip Wheelwright, Bobbs-Merrill Educational Publishing (1977)
- Province, Charles M., *The Unknown Patton*, Hippocrene Books (1983); digitized to Google Books 5 December 2006
- “A Prussian Police Report,” in *The Portable Karl Marx*, ed. Eugene Kamenka, Penguin Books (1983)

Putin, Vladimir, interviewed by Nataliya Gevorkyan, Natalya Timakova and Andrei Kolesnikov, in *First Person*, Public Affairs (2000); digitized to Google Books 1 July 2008

Rabinow, Paul, Introduction to *The Foucault Reader*, ed. Paul Rabinow, Vintage Books (2010)

Rand, Ayn, *For the New Intellectual*, Signet Books (1963)

———, *The Virtue of Selfishness*, Signet Books (1964)

Randi, James, “Another New Fan,” in *Swift*, 2 September 2005 (archive.randi.org)

Rice, Condoleezza, interview with PBS News Hour, 28 July 2005 (pbs.org/newshour)

Robinson, Marilynne, *Absence of Mind*, Yale UP (2010)

Rossetti, Christina, *Goblin Market*, in *Goblin Market and Other Poems*, Dover Thrift Editions (1994)

Rousseau, Jean-Jacques, *Emile*, Everyman’s Library (1977)

Ruskin, John, *Unto This Last*, in *Unto This Last and Other Writings*, ed. Clive Wilmer, Penguin Classics (1987)

Russell, Bertrand, *Mysticism and Logic*, Doubleday Anchor Books (1917)

———, *The Analysis of Mind*, Macmillan (1921); digitized to Google Books

The Marquis de Sade, *Letters from Prison*, trans. & ed. Richard Seaver, Arcade Publishing (1999)

de Saint-Exupéry, Antoine, *The Little Prince*, Harvest/HBJ Books (1971)

Sartre, Jean-Paul, *Nausea*, trans. Lloyd Alexander, New Directions Publishing (1964)

Schiller, Friedrich, *Die Philosophen*, in *Gedichte Von Friedrich Von Schiller*, Stuttgart (1867); digitized to Google Books 26 February 2010

———, *On the Aesthetic Education of Man*, trans. Keith Tribe, Penguin Classics (2016)

Schönberg, Claude-Michel and Alain Boubil, *Les Misérables: a Musical*, H. Leonard (1998)

- Schopenhauer, Arthur, *The World as Will and Representation*, vol. I, trans. E.F.J. Payne, Dover Publications (1969)
- , *Two Fundamental Problems of Ethics*, trans. David E. Cartwright and Edward E. Erdmann, Oxford World's Classics (2010)
- Seng-ts'an, "On Trust in the Heart," in *Buddhist Texts Through the Ages*, ed. Edward Conze, Bruno Cassirer (1954); digitized to Internet Archive (archive.org) 4 November 2017
- Shakespeare, *Hamlet*, ed. Sylvan Barnet, in *Four Great Tragedies*, Signet Classics (1998)
- Siculus, Diodorus, *Library of History*, vol. XI, trans. Francis R. Walton, Loeb Classical Library, Harvard UP (1957); digitized to Loeb Classics (loebclassics.com)
- Smith, Adam, *Wealth of Nations*, Prometheus Books (1991)
- Smith, Joseph, in *History of the Church*, vol. 4, on BYU Studies (byustudies.byu.edu)
- , Joseph Smith — History, in *The Pearl of Great Price*, The Church of Jesus Christ of Latter-Day Saints (2013)
- , The Joseph Smith Papers, on The Joseph Smith Papers website (josephsmithpapers.org)
- Smith, Ryan, "The Context of Pauli's Typings," on *Individual Differences Research Labs* website (idrlabs.com)
- Smith, Ryan and Eva Gregersen, "Determining Function Axes, Part 1," on *Individual Differences Research Labs* website (idrlabs.com)
- Spinoza, Baruch, *On the Improvement of the Understanding*, in *On the Improvement of the Understanding, The Ethics, Correspondence*, trans. & ed. R.H.M. Elwes, Dover Publications (1955)
- Sophocles, *Antigone*, in *The Three Theban Plays*, trans. Robert Fagles, Penguin Classics (1984)
- Stagner, Ross, *Psychology of Personality*, 3rd edition, McGraw-Hill Book Co. (1965)
- Stevenson, Robert Louis, *Treasure Island*, Penguin Classics (1999)
- Strasser, Otto, *Hitler and I*, trans. Gwenda David, Houghton Mifflin (1940); digitized to Google Books 20 June 2008
- Strong's Exhaustive Concordance, Bible Hub (biblehub.com)

- Tennyson, Alfred, *In Memoriam A.H.H.*, in *Selected Poems*, ed. Christopher Ricks, Penguin Classics (2007)
- , *The Charge of the Light Brigade*, in *Selected Poems*, ed. Christopher Ricks, Penguin Classics (2007)
- Tesla, Nikola, “Making Your Imagination Work for You,” interview with *The American Magazine*, April 1921, on Tesla Universe (teslauniverse.com)
- Thich Nhất Hạnh, *The Heart of the Buddha’s Teaching*, Broadway Books (1999)
- Thoreau, Henry David, *Walden*, in *Walden and Civil Disobedience*, Penguin Classics (1987)
- Thucydides, *The History of the Peloponnesian War*, trans. Richard Crawley and Donald Lateiner, Barnes & Noble Classics (2006)
- , *The Peloponnesian War*, original Greek text on Tuft University’s Perseus Digital Library (perseus.tufts.edu)
- Truman, Harry S., 1947 Diary, Truman Papers, President’s Secretary’s Files, Truman Library (trumanlibrary.org)
- Tolkien, J.R.R., *The Lord of the Rings*, 50th anniversary one-volume edition, Houghton Mifflin Harcourt (2004)
- Twain, Mark, *The Autobiography of Mark Twain*, ed. Benjamin Griffin and Harriet Elinor Smith, University of California Press (2015)
- , *The Mysterious Stranger*, in *The Complete Short Stories of Mark Twain*, ed. Charles Neider, Bantam Books (1964)
- da Vinci, Leonardo, Notebook MS. 2038, *Bib. Nat.* 26 r., in *Leonardo Da Vinci’s Note-books*, trans. & ed. Edward McCurdy, Charles Scribner’s Sons (1906); digitized to Google Books 13 May 2008
- Voltaire, *Candide*, in *Candide, Zadig, and Selected Stories*, trans. Donald M. Frame, Signet Classics (1961)
- Walker, James R., *Lakota Myth*, ed. Elaine A. Jahner, University of Nebraska Press (1983)
- Waters, Frank, *Book of the Hopi*, Penguin Books (1977)
- Waters, Roger, *The Wall*, Harvest Records (1979)
- Wilde, Oscar, “The Relation of Dress to Art,” in *The Wisdom of Oscar Wilde*, Citadel Press (2002)

- Wilhelm, Hellmut and Richard Wilhelm, *Understanding the I Ching*, trans. Cary F. Baynes and Irene Eber, Princeton UP (1995)
- Wittgenstein, Ludwig, *Philosophical Investigations*, 4th edition, trans. G.E.M. Anscombe, P.M.S. Hacker and Joachim Schulte, ed. P.M.S. Hacker and Joachim Schulte, Wiley-Blackwell (2009)
- , *Tractatus Logico-Philosophicus*, trans. C.K. Ogden, Dover Publications (1999)
- Wollstonecraft, Mary, *A Vindication of the Rights of Woman*, Dover Thrift Editions (1996)
- World of the Buddha*, ed. Lucien Stryk, Grove Weidenfeld (1982)
- X, Malcolm and Alex Haley, *The Autobiography of Malcolm X*, Ballantine Books (1999); digitized to Google Books
- X, Malcolm, “Message to the Grass Roots,” in *Malcolm X Speaks*, ed. George Breitman, Grove Press (1990); digitized to Google Books
- Yeats, W.B., *The Collected Poems of W.B. Yeats*, 2nd edition, ed. Richard J. Finneran, Scribner Paperback Poetry (1996)
- Young, Brigham, in *Journal of Discourses*, vol. 13, on Wikisource (wikisource.org)
- Zeman, Zbyněk A. B., *Nazi Propaganda*, Oxford UP (1973); digitized to Google Books
- Zizek, Slavoj and Glyn Daly, *Conversations with Zizek*, Polity Press (2008)*
- , “Slavoj Zizek: Don’t Act. Just Think. | Big Think,” Big Think, YouTube (youtube.com)
- , *The Parallax View*, The MIT Press (2006)
- , *The Sublime Object of Ideology*, 2nd edition, Verso (2009); Preface to the 2nd edition, accessed via zizek.uk



His robes are red, His tunic white,
He holds aloft the sacred light.
Before Him on the table lie
the cup, the coin, the staff and sword;
therefore, to Job, God gave reply:
“All things are in My power’s Word.
See how the bounteous roses grow?
And sunflowers up from the snow?
To Him I gave My power: even
behemoth and leviathan.
He drained the bitter cup alone;
therefore, I give to Him My throne.
The hour is late, the dusk grows dim;
to ye four corners: Hear ye Him!”

